

UM ROMANCE EM
HOPE FALLS

cherish
BOOKS

01

DOCE
Reencontro

autora best-seller do New York Times & USA Today

Melanie Shawn



autora best-seller do New York Times & USA Today

Melanie Shawn

DOCE
Reencontro

UM ROMANCE EM HOPE FALLS 01

cherish
BOOKS

Título original: Sweet Reunion
Copyright © 2017 por Melanie Shawn
Copyright da tradução © 2019 por Cherish Books
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: AJ Ventura
Revisão: Evelyn Santana
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Letícia Kartalian

Shawn, Melanie

Doce Reencontro / Melanie Shawn; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish
Books, 2019.

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Sobre a Autora

Notas

Capítulo

1

*E*le não vai voltar. Nunca mais.

Lágrimas mais uma vez saltaram dos olhos de Amanda quando ela enfrentou a esmagadora realidade de que seu pai, o indomável Parker Jacobs, havia realmente partido. Morto. Ainda era tão difícil para a sua mente aceitar aquela verdade insondável.

Dez dias.

Esse era o tempo que havia se passado desde que ela ouvira sua risada, vira o seu sorriso contagiante, sentira o conforto único que só os seus famosos abraços de urso podiam dar. As horas vazias sem ele tinham passado em uma névoa. Ela só estava vagamente ciente do fluxo aparentemente constante de visitantes que tentavam oferecer palavras e sentimentos reconfortantes.

— Ele está em um lugar melhor.

— Você vai superar isso.

— Você vai ficar bem.

— Não se preocupe, querida. Vai ficar mais fácil com o tempo.

Não. Eles podiam ter boas intenções, mas estavam todos errados. Para a consciência aflita e de luto de Amanda, não parecia possível que qualquer quantidade de tempo decorrido pudesse alterar a dor absurda que a perda do seu pai trouxera. Ela não acreditava que fosse diferente dez *anos* depois do fato do que parecia agora, dez *dias* depois. Ela não estava bem. Ela não podia imaginar como iria passar por isso. E ela não queria que ele estivesse em um “lugar melhor”. Ela o queria ali. *Com ela*.

Agora, sentada no chão de madeira fria do quarto de seu pai, suas mãos

tremiam enquanto seus dedos apertavam, agarrando o algodão macio da camisa de flanela xadrez vermelha e preta de mangas compridas, à qual ela se agarrava como uma tábua de salvação. O lábio inferior de Amanda estremeceu quando lágrimas rolaram por suas bochechas. Fechando os olhos, ela respirou instável enquanto trazia o tecido gasto para o rosto. Inalando profundamente, concentrando-se no aroma doce e picante de canela, no aroma reconfortante de baunilha e cedro e no toque fresco de limão. A combinação apimentada de especiarias com cheiro de madeira e frutas cítricas era a coisa mais próxima que ela tinha de uma memória tangível de seu pai.

Até onde ela podia se lembrar, seu pai usava *Old Spice*. O cheiro sempre lhe dava uma sensação de paz, segurança e conforto. De alguma forma, ainda assim, ela nunca tinha se sentido mais assustada, incerta e sozinha.

Nada seria o mesmo sem Parker Jacobs neste mundo.

Amanda sabia que havia muitas coisas pelas quais seu pai seria lembrado.

Amado prefeito de sua pequena cidade, Hope Falls. Proprietário do Mountain Ridge Outdoor Adventures. Amigo de confiança. Sábio confidente. Pai amoroso. Mas esse cheiro... Esse cheiro parecia mais real, mais substancial do que qualquer uma dessas coisas. Seu perfume, que ainda trazia paz de espírito a Amanda, era real naquele momento em que ela se sentia tão triste. Tão perdida. Tão vazia. Tão só. Ela não tinha certeza de como sobreviveria a isso.

Ao lado dela, Teddy se mexeu, suas unhas arranhando o chão de madeira enquanto ele esticava as pernas dianteiras e traseiras antes de rolar e cair de lado. Abaixando-se, Amanda passou os dedos pelo pelo macio e preto dele.

— Somos só você e eu, garoto — ela fungou, sua voz vacilante.

Olhando para seu labrador de onze anos, Amanda se lembrou do dia em que pegara Teddy em seu décimo sexto aniversário. Foi como um momento saído de um filme; seu pai carregando o filhote de cachorro exuberante para ela em uma cesta, o arco de seda vermelho-brilhante amarrado em volta do pescoço, um contraste gritante e amável com o seu pelo negro igualmente sedoso. Amanda pegou o embrulho e o segurou perto de seu peito enquanto ele lambia cada centímetro de seu rosto risonho, e eles tinham sido inseparáveis desde então.

Agora, onze anos depois, seu pelo não era tão sedoso nem tão escuro quanto o preto brilhante de quando chegara. Na verdade, estava absolutamente cinza em torno do focinho. A exuberância juvenil que ele

exibira naquele primeiro dia também tinha desaparecido ao longo dos anos, muito parecido com o matiz de seu pelo. Nos dias de hoje, sua atividade favorita não era mexer exuberante em seus braços, mas, sim, dormir contente aos seus pés.

Mas ele ainda estava ali. Ela ainda tinha seu ursinho.

A campainha soou, interrompendo suas reflexões melancólicas. Amanda saltou, assustada. Embora não fosse uma campainha particularmente alta, os sinos soaram positivamente penetrantes no silêncio cavernoso da casa solitária.

Se dependesse de Amanda, ela teria ignorado. Ignoraria o mundo inteiro. Mas Teddy tinha outras ideias. Ele já estava na metade da porta do quarto, latindo para quem quer que tivesse parado para compartilhar suas condolências e, muito provavelmente, comida.

Relutantemente, Amanda se levantou, colocando a flanela de volta na pilha de roupas que ela estava separando para doação. Seu corpo doía em protesto por ficar sentado na mesma posição por tanto tempo, fazendo com que ela se sentisse muito mais velha que seus vinte e sete anos.

Através da lente de seus olhos turvos, ela examinou o cômodo, avaliando seu progresso. Seus ombros caíram quando ela soltou um suspiro de derrota e exaustão. Tudo era exatamente o mesmo de quando ela entrou no quarto do pai, horas antes. Duas calças jeans estavam no encosto da cadeira ao lado da janela. Vários romances ocidentais de Louis L'Amour estavam empilhados em seu criado-mudo ao lado de um pequeno despertador digital preto em formato de bota de cowboy, que tinha sido um presente do melhor amigo do pai e padrinho de Amanda, Henry. Havia duas fotografias emolduradas ao lado de uma grande garrafa de água de colônia, branca com escrita vermelha, na cômoda. Uma das fotos era do dia do casamento de seus pais. A outra foi tirada na formatura de Amanda. Ela usava o capelo e o vestido, os braços ao redor do pai. Sua estatura de um metro e cinquenta e sete parecia tão pequena ao lado da figura de quase dois metros e meio.

Deixando cair a cabeça enquanto seus olhos se encheram mais uma vez com a umidade, ela sentiu seu coração apertar como se estivesse sendo esmagado quando ela roçou os dedos sobre a colcha de retalhos que cobria a cama *queen size* do pai dela. A colcha que ela costurou cuidadosamente durante seu último ano do ensino médio na aula de serviços domésticos. Ela tinha visto dias melhores, mas ainda conseguia distinguir um pequeno quadrado de seu vestido de bolinhas brancas e amarelas favorito do jardim de

infância, um pedaço de renda do véu de noiva de sua falecida mãe, uma condecoração que seu pai recebeu no Exército e um fragmento rasgado e esfarrapado de seu cobertor de bebê.

O toque da campainha soou novamente e Amanda fez o melhor para se livrar da nuvem de tristeza que a envolvia. Endireitando os ombros, enxugou as lágrimas do rosto enquanto saía do quarto do pai. Com a cabeça erguida, ela respirou fundo e se forçou a colocar um pé na frente do outro, esforçando-se para parecer valente ao encarar a pessoa que dedicara parte do seu tempo para passar ali e ver como ela estava.

Por mais de uma semana, ela foi inundada de visitantes trazendo condolências e, é claro, as caçarolas onipresentes. Sua geladeira estava atualmente cheia até a borda com pratos de vidro retangulares, cada um contendo combinações de alimentos saudáveis que simplesmente precisavam ser assados a 200 graus por quarenta minutos, ou quaisquer variações daquelas instruções, que estavam nas notas de post-it coloridas presas ao plástico filme que as cobria.

Infelizmente, Amanda receava que todos fossem estragar, já que ela não tinha apetite e não via uma mudança tão cedo. Teddy, no entanto, parecia ter ido para o outro lado e estava compensando seus sentimentos com comida e definitivamente ganhara alguns quilos.

Descendo as escadas, ela encontrou seu labrador preto abanando o rabo, choramingando enquanto alegremente cheirava a pequena rachadura sob a porta. Amanda sabia que ele estava mais animado com a comida, que ele agora esperava, do outro lado da porta da frente, do que com a pessoa que a trazia.

Teddy amava três pessoas em todo o mundo. O pai dela, que tinha ido embora. Amanda, que estava ali. E... Justin... que nunca voltaria.

Justin.

Ela teria pensado que não havia como seu coração partir em mais pedaços do que já se partira, mas apenas o pensamento do nome de Justin fez os pedaços quebrados se partirem ainda mais, causando uma dor em seu peito tão forte que ela respirou assustada.

A campainha soou novamente e ela sabia que tinha que empurrar todas as memórias dele de volta para as profundezas escuras de seu subconsciente, se tivesse alguma esperança de se recompor. Ela descobriu, na semana anterior, que havia uma correlação direta entre o tempo que cada visitante ficava e o quão chateada ela parecia.

Ela ergueu os braços pesados, passou os dedos pelos cabelos longos, loiros e ondulados, tentando alisar os fios soltos e enxugar os olhos novamente, enquanto olhava para o reflexo no espelho retangular que ficava acima dos ganchos dos casacos... A garota olhando para ela era uma causa perdida. O azul de sua íris parecia brilhante em contraste com o vermelho de seus olhos, e havia círculos escuros sob as pálpebras inchadas.

Ela parecia... terrível.

Ah, bem. Nada que ela pudesse fazer sobre isso. Sua única esperança era continuar a história que ela estava seguindo e reivindicar exaustão, o que não era mentira, e esperar que o visitante entendesse a dica e mantivesse a visita curta.

Com uma respiração profunda, ela instruiu a si mesma enquanto se preparava para saudar gentil e graciosamente o visitante que estivesse parado ali. Alcançando a porta, sorrindo no lugar, ela começou sua saudação de praxe, onde explicava que estava descansando, para que quem estivesse passando por lá não ficasse muito tempo.

— Oi, eu estava só deitada... — foi tudo o que saiu antes que ela fosse incapaz de falar ou processar a informação que seus olhos estavam enviando para seu cérebro. Era totalmente impossível.

Os olhos de Amanda se arregalaram, sua boca congelada no meio da palavra enquanto ela ficava paralisada na porta.

Estou sonhando?

Estou alucinando?

Estou tendo um colapso nervoso?

— Eu disse que deveríamos ligar — brincou Lauren sabiamente. Karina calmamente respondeu:

— Apenas... dê-lhe um minuto.

Ouvir as vozes de suas amigas cortando a névoa de ilusão que se instalou sobre sua consciência aflita foi como um tapa na cara.

Ela não estava sonhando.

Ela não estava alucinando.

Ela não estava tendo um colapso nervoso.

Ainda.

O queixo de Amanda caiu quando a percepção do que estava vendo chegou lentamente.

Na varanda estavam três das amigas de infância mais próximas de Amanda. Karina, Samantha e Lauren. As quatro tinham sido inseparáveis na

infância, mas Amanda não as tinha visto todas juntas desde o verão após a formatura do ensino médio. Todas mantiveram contato por telefone e em mídias sociais, e até mesmo se encontraram individualmente algumas vezes, em diferentes locais, ao longo dos anos. Mas elas não estavam todas juntas há uma década.

A percepção de que as garotas que eram a coisa mais próxima que ela já tivera de irmãs estavam realmente de pé na frente dela fez com que as lágrimas caíssem pelo seu rosto enquanto uma enorme sensação de choque tomou conta dela.

— Vocês estão realmente aqui. E a conferência, o concerto e a competição?

Ela falou com cada uma delas na semana anterior. Lauren, uma agente imobiliária de alta potência em Manhattan, estava programada para palestrar em uma conferência na Suécia. Karina, uma artista contratada por gravadora, também deveria estar no exterior nas duas últimas datas de sua turnê na Ásia. E Samantha, uma snowboarder olímpica, estava programada para estar na Alemanha em uma competição.

— Cancelada, cancelada e cancelada — declarou Lauren de forma eficiente. — Uma vez que ouvi que Kar e Sam não poderiam vir devido a problemas de agendamento, cancelei minha conferência. E no verdadeiro estilo Quarteto Fabuloso, Karina e Sam fizeram a mesma coisa sem que nenhuma de nós soubesse. E *voilà*, aqui estamos nós.

O Quarteto Fabuloso. Ouvir o nome que elas inventaram para si imediatamente inundou Amanda com um senso absoluto de confiança e segurança que ela sempre sentia com essas garotas. Elas costumavam ser destemidas, as quatro. Elas até criaram um lema que costumavam gritar juntas quando queriam comemorar ou elevar seu nível de confiança coletiva.

“Quarteto Fabuloso. Nada está fora do nosso alcance!”

Seus olhos saltaram como uma bolinha branca sobre a letra de um karaokê, alternando-se entre cada uma delas em total descrença.

Lauren não mudou nada. Seu cabelo loiro platinado estava varrido de seu rosto — sem um fio fora de lugar — e seus olhos verde-esmeralda brilhavam com uma translucidez hipnotizante. Com um metro e setenta e oito, ela permaneceu alta — a mais alta das quatro — e elegante, como uma linda e enigmática estátua da deusa grega depois de ganhar vida. Ela sempre foi a mais pragmática das quatro amigas. Sempre se portava com uma sofisticação majestosa que era evidente em seu apoio de costas retas e na maneira

confiante de segurar os ombros para trás quando estava de pé, mesmo na mais casual das situações. Na adolescência, Amanda costumava sonhar que Lauren era realmente uma princesa, nascida da nobreza, que de alguma forma acabou na pequena comunidade da montanha.

Ao lado de Lauren estava Samantha, ou Sam, como a chamavam. A primeira coisa que Amanda notou foi que o cabelo de Sam havia escurecido consideravelmente. Na escola, o cabelo dela era mais claro, mais para um louro escuro. Agora a cor aprofundava-se em um tom mais escuro e rico de ruivo, Sam parecia mais adulta. Madura. Mas ela ainda era baixa e fofa como um botão com o mais fraco borribo de sardas pontilhadas em seu nariz e bochechas. Mesmo parecendo forte o suficiente, Amanda ainda podia ver a mesma fada adorável que Sam tinha sido quando as meninas se tornaram amigas na escola, mas agora era apenas uma camada da mulher capaz e atlética em que ela se transformara.

Por último, havia a esbelta e incrivelmente impressionante Karina. Ela era a única beleza negra entre o grupo. Seu cabelo comprido e lustroso pendia das costas em ondas, caindo quase até a cintura, e seus olhos de ônix brilhavam à luz do sol, destacando os tons dourados em sua pele morena. Karina sempre possuiu uma graça inata que era aparente em todas as suas posturas e movimentos. Ela sempre teve uma formação de dançarina natural e não surpreendeu Amanda tudo o que sua amiga tinha ganhado em fama e fortuna quando explodiu na cena musical e se tornou a “princesa pop” queridinha da América. O que surpreendeu Amanda foi o título com o qual o público coroou sua amiga. Havia muitas palavras incríveis que Amanda usaria para descrever Karina, mas “queridinha” nunca seria uma delas. Leal, sim. Honesta, com certeza. Direta, claro. Sarcástica, absolutamente. Queridinha... nem tanto.

— Entãooooo? — Os lábios de Karina se levantaram em um pequeno meio sorriso que sugeria diversão afetuosa. — Você vai nos convidar para entrar ou o plano é ficar aí boquiaberta para que possamos admirar suas obturações?

Amanda nem notou que sua boca estava aberta em estado de choque. Ela tentou fechá-la quando começou a rir em voz alta.

— Sim, entrem. Desculpe. Eu simplesmente não posso acreditar que vocês estão realmente aqui. Quando abri a porta, achei que estava ficando louca.

Por alguma razão, essa admissão fez as lágrimas começarem a fluir por

suas bochechas novamente. Com a visão de suas lágrimas, suas três amigas a cercaram e a empurraram para o sofá.

— Você provavelmente está — Karina entou de forma seca, sua marca registrada. — Mas olhe pelo lado bom. Pelo menos estamos aqui para ajudá-la a encontrar a sanidade.

Amanda riu enquanto se deixava absorver a sensação de estar cercada por suas amigas ao longo da vida.

— Bom argumento. — Então, sem qualquer instigação, o sistema hidráulico retornou com força total, lágrimas escorrendo pelo rosto. Enxugando os olhos, ela fungou enquanto se desculpava. — Eu sinto muito. Eu estive assim a semana toda. Parece que as lágrimas nunca secam. Estou surpresa por não estar desidratada agora.

— Não se desculpe. Eu não posso nem imaginar o que você deve estar passando — Lauren, sempre a mais séria, acrescentou. — Chorar é natural. É o jeito do seu corpo lidar com o trauma. É exatamente o que você deveria estar fazendo.

Amanda sacudiu a cabeça, surpresa.

— Eu não posso acreditar que vocês estão realmente aqui.

Outra rodada de abraços se seguiu. Amanda notou que não era a única emotiva. Cada uma de suas amigas estava com os olhos enevoados.

— Bem — Sam disse entusiasmada quando as meninas finalmente se separaram. — Eu acho que isso resolve tudo. Se o fato de não haver um olho seco no grupo é uma indicação do quanto sentimos falta uma da outra, não podemos deixar passar dez anos antes de nos reunirmos novamente.

— Talvez seja uma indicação de que precisamos de um pouco de vinho — acrescentou Karina, e as outras três garotas concordaram com entusiasmo.

Amanda assentiu com a cabeça, sentindo-se tão sobrecarregada que ficou paralisada quando se dirigiu para a cozinha.

— Mand. — Lauren a parou. — Você se senta e relaxa. Eu posso não ter estado em sua casa desde que tinha menos de 21 anos, mas você acha que isso significa que eu não me lembro onde o álcool é guardado?

Sentindo a nuvem escura de peso sombrio que pairava sobre ela começar a se dissipar graças aos raios de amor que suas amigas traziam consigo, Amanda meio sentada desabou no sofá. Ela respirou profundamente pela primeira vez em dez dias enquanto seus pulmões se encheram de ar, e seu corpo, de alívio.

Ela não estava sozinha.

Suas amigas estavam aqui. Elas ajudariam. Tudo ficaria bem. O Quarteto Fabuloso. Nada estava fora do seu alcance. Nada.

Ver as meninas ali, em sua casa, trouxe de volta tantas memórias adolescentes.

Aqueles realmente foram os melhores anos de sua vida. Ela tinha seu pai. Tinha suas melhores amigas. E ela tinha... Seus pensamentos se arrastaram em silêncio.

Amanda suspirou. Todos esses anos depois, ainda era doloroso pensar no nome dele.

Ela precisava reconhecê-lo, para diminuir seu poder. O poder dele.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

Justin, ela pensou para si mesma. Ela tinha Justin.



Justin Barnes baixou a aba do boné enquanto se recostava no banco, as longas pernas esticadas diante dele estavam cruzadas nos tornozelos. Ele estava tentado a fechar as pálpebras pesadas, só por um minuto, mas o medo de que adormecesse e perdesse o ônibus mantinha os olhos abertos. Em vez disso, ele tirou o iPhone e colocou seus fones de ouvido. Depois de percorrer as playlists, ele selecionou exatamente o que precisava ouvir. Motown.

Olhando pela janela de vidro da estação de ônibus da Greyhound para a noite escura, enquanto as melodias suaves dos clássicos tocavam em seu ouvido, ele observou os pingos de chuva caindo no chão. O dia com o qual, durante uma década, ele sonhara e temia em partes iguais, finalmente chegou e ele não sentia nada a respeito. Justin não tinha certeza se era porque estava cansado de uma total falta de sono nas últimas setenta e duas horas, ou se era porque ele tinha reprimido seus sentimentos por tanto tempo que eles realmente se dissiparam completamente. Ou se a realidade da situação não tivesse acabado de acontecer. Seja qual fosse o motivo, permanecia o fato de que tudo o que ele sentia era entorpecimento.

Hope Falls.

Droga. Fazia muito tempo desde que ele se atreveu a pronunciar essas palavras, mesmo em sua própria mente. Pensando na pitoresca fachada da Rua Principal, a aparência caseira de sua cidade natal era exatamente isso, uma *fachada*. Uma cobertura para a dor e o sofrimento que lá viviam. Bem,

pelo menos foi o que ele experimentou enquanto crescia por lá. Sem esperança alguma.

Havia apenas uma coisa boa que lhe acontecera ali e o nome dela era Amanda Jacobs. Seu primeiro amor. Seu único amor, na verdade. Claro, ele sentiu luxúria por outras mulheres. Afeição até. Mas nada como o que ele sentia por Amanda; a garota que era sua melhor amiga quando criança e o objeto de sua paixão ardente quando jovem.

Ela tinha um metro e cinquenta e sete centímetros de malícia loira. Cabelo que parecia seda sob seus dedos e olhos azuis mais hipnóticos do que os os de um encantador de cobra. Combine isso com quadris curvilíneos, uma pequena cintura fina e seios fartos e macios e caramba... Ela parecia ter sido feita para pegar e pressionar contra uma parede enquanto era beijada apaixonadamente. Um cenário com o qual, entre muitos outros, ele fantasiou repetidamente ao longo dos anos.

Ele amava aquela garota.

Mas, assim como todos os outros aspectos de sua vida, o curso de seu amor verdadeiro não tinha corrido bem.

Um grande ônibus estacionou em frente à estação, e o decalque no parabrisa dianteiro dizia “South Lake Tahoe”. Abaixando-se, Justin pegou a alça de sua mochila e pendurou-a no ombro. Ele seguiu várias pessoas pelas portas duplas. No segundo em que pisou na calçada, a chuva pesada assaltou-o, encharcando-o em segundos.

O clima de Seattle não era brincadeira. Não que ele se importasse. Ele não conseguia sentir nada. Era como se estivesse completamente separado de seu corpo. Enquanto permanecia na curta fila que se formou ao lado do ônibus e esperou sua vez de embarcar, sua mente permaneceu na loira de olhos azuis e na beleza que o assombrava até hoje.

Ela tinha quinze anos e ele tinha vinte quando “o momento” aconteceu. O mesmo instante no tempo em que ele deixou de olhar para Amanda como uma criança fofa que era sua constante sombra desde que tinha cinco anos e passou a vê-la como uma garota linda de morrer pela qual ele estava completamente apaixonado.

Sua memória do “momento” que mudou sua vida em um piscar de olhos era tão clara como se tivesse acontecido ontem. Não foi uma ocasião especial. Foi exatamente a mesma de milhares de outros momentos que eles passaram juntos.

Apenas uma manhã comum. Pouco depois do nascer do sol, antes que

Justin começasse a tarefa diária de verificar o perímetro da propriedade de Mountain Ridge para garantir que nenhuma cerca havia caído, ele entrou na cozinha da casa principal e viu Amanda sentada à mesa, tomando o café da manhã.

Por alguma razão que ele nunca seria capaz de identificar, ele realmente a viu naquele dia como se fosse a primeira vez que colocava os olhos nela. Algo sobre a forma como o cabelo dela brilhava ao sol da manhã que entrava através da janela quase lançava um halo ao redor dela enquanto angelicalmente se inclinava sobre seu cereal. A maneira graciosa que sua mão movia a colher da tigela para a boca e a curva quase sensual de seus dedos enquanto ela a segurava. A maneira como seus ombros se inclinavam. A forma de seu pescoço longo e sexy. O brilho em seus olhos azuis quando ela olhou para cima e o viu. A forma flexível de seus lábios quando eles se curvaram em um largo sorriso ao vê-lo.

Todas essas coisas que ele tinha visto todos os dias centenas e centenas de vezes, mas que nunca havia notado antes, conspiraram como uma só para criar uma imagem de Amanda que ele nunca havia se dado conta. Uma foto que não era da ajudante fofa, mas de uma jovem mulher de tirar o fôlego.

O mais louco é que era muito parecido com um daqueles quebra-cabeças 3D, onde seus olhos têm que ler uma palavra no meio do que, a princípio, parece uma massa sem sentido de rabiscos. Uma vez vista, é impossível ficar invisível em meio aos rabiscos que a cercam.

Justin sabia que isso era verdade porque ele tentou e não conseguiu fazer isso muitas vezes. A última coisa que ele queria era se apaixonar por Amanda. Ele estava perfeitamente satisfeito com seu relacionamento platônico anterior; a provocação, as brincadeiras, ser capaz de falar um com o outro sobre qualquer coisa, sempre tendo um ao outro de volta. Tudo isso tinha sido perfeito. Mas num piscar de olhos estava arruinado. Arruinado pela beleza dela ou possivelmente arruinado por sua incapacidade de controlar sua reação à tal beleza. De qualquer maneira, arruinado.

Claro, ele não fez nada a respeito. Isso seria indesculpável. Não só teria sido um crime, teria sido uma traição. O que, na cabeça de Justin, era um crime em si. Havia uma coisa que Justin sabia, mesmo naquela tenra idade. Ele preferia morrer do que trair as duas únicas pessoas no mundo que acreditavam nele, que lhe haviam dado uma chance, que viam bem nele quando outras pessoas só viam suas circunstâncias de merda. Amanda e Parker Jacobs.

Então, todos os dias, ele manteve suas emoções bloqueadas. Ele monitorou meticulosamente todas as expressões faciais. Cada palavra. Cada tom. Cada gesto. Ele fez tudo isso para mascarar seus verdadeiros sentimentos. *Nem uma vez*, quando ele morava em Mountain Ridge ele se permitiu fantasiar sobre a época em que ambos seriam adultos. Adultos legalmente consentidos.

Seria desrespeitoso e... perigoso.

Você não pode manter o controle de ferro sobre um desejo tão feroz em intensidade quanto o de Justin quando deixa sua dedicação à tarefa escorregar por um milésimo de segundo. A única maneira de Justin sobreviver dia após dia de intensa exigência emocional e física na presença de Amanda era fazer-se acreditar, com todo o seu coração, alma e mente, que eles nunca poderiam estar juntos.

Levou apenas um segundo para Justin se apaixonar por Amanda. Isso foi uma dúzia de anos atrás, e ele sabia agora mais do que nunca, com absoluta certeza, que nada mudaria aquilo. Não havia como voltar atrás.

Só que agora ele estava fazendo isso.

Justin Barnes estava indo para casa.



Capítulo

2

Amanda olhou ao redor da sala quando Lauren assumiu os deveres de anfitriã e serviu a cada uma das meninas uma taça de vinho.

— Onde estão as suas malas?

Não olhando para cima, de sua tarefa, Lauren respondeu:

— Ainda no carro. Nós não as deixamos na Sue Ann ainda, queríamos vir direto para cá e ver você primeiro.

— Boa! Fico feliz que tenham feito isso, porque vocês não vão ficar na Sue Ann. Vão ficar aqui.

A última coisa no mundo que Amanda queria era que suas amigas estivessem do outro lado da cidade, até mesmo uma cidade tão pequena quanto Hope Falls.

— Você tem certeza disso? Você está em condições de ter convidados em casa, Mand? — Lauren levantou uma sobrancelha perfeitamente cuidada.

— Ummm... — Amanda olhou para o teto como se estivesse em séria contemplação antes de responder definitivamente. — Sim! Eu tenho estado tão na minha cabeça, vagando por aqui sozinha nesta casa. Vocês não têm ideia. Vocês salvariam minha sanidade, sério.

— Perfeito. Está resolvido — disse Karina decisivamente. — Nós vamos ficar aqui. Pegaremos nossas coisas depois desse copo de vinho ou garrafa, dependendo de aonde o humor nos levar.

— Parece bom — Sam disse entusiasticamente antes de Amanda sentir os olhos de sua amiga de cabelos ruivos se moverem para ela enquanto se enchiam de preocupação. — Então, como você está, Amanda? De verdade?

Respirando fundo, ela lutou contra o ataque de mágoa angustiante quando

as memórias de seu pai a inundaram. Não adiantava, sua tentativa era tão fútil quanto colocar um único saco de areia no jardim da frente para proteger sua casa do rompimento de uma represa. Essa semana inteira tinha sido assim. Ela pensava que estava bem por um segundo e então se lembrava do seu pai e se afogava em pesar. Era inescapável. Seu mundo inteiro foi construído e centrado na única âncora e segurança que ela já teve. Era como se ela estivesse vivendo em uma balança equilibrada e, em um instante, perder seu pai a levou ao chão. Ela perdeu completamente o equilíbrio.

Seu pai tinha sido uma figura maior que a vida. Sua presença enchia uma sala. Na verdade, enchia toda a casa. Sem ele, a vida era... vazia.

— Eu nem mesmo... eu não posso nem...

Amanda tentou empurrar para baixo a onda aparentemente interminável de tristeza que parecia que ia subir e sufocá-la. Sabendo que não havia nenhuma maneira de explicar as profundidades do que estava sentindo, ela decidiu que o que queria era não pensar em sua vida por um tempo.

— Na verdade, sabem o que seria bom? Distração. Falem sobre vocês. É estranho estar em casa depois de todo esse tempo?

— Sim. É meio bizarro. — Sam assentiu com a cabeça, a preocupação ainda evidente em seus olhos, mas Amanda podia dizer que sua amiga estava tentando fazer o que ela pediu. — Principalmente porque não mudou nada. Nem um pouquinho. Eu meio que senti como se tivesse entrado em um episódio de *Twilight Zone*.

— Não é? É incrível! — A mão de Karina voou no ar. — Não é como se eu esperasse voltar para casa e encontrar subdivisões cheias de casas de aluguel ou um McDonald's em cada esquina, mas eu também nunca imaginei que voltaria e seria exatamente o mesmo. Quero dizer, literalmente a mesma coisa.

— Eu meio que sinto que é o *Brigadoon*¹ de Serra Nevada. — Lauren assentiu em concordância antes de levar a taça aos lábios e beber o rico líquido vermelho contido nela.

Karina reagiu com sua própria versão do que estar de volta à cidade a fazia lembrar, que era uma música. Claro.

O exemplo de Sam tinha sido da TV. Lauren era da variedade literária. E Karina era a musical. Elas podiam estar todas mais velhas, mas nada parecia ter mudado na sua dinâmica.

Amanda sentiu o canto de seus lábios se elevar enquanto um zumbido de felicidade vibrava através dela. Ela sabia que a sensação não significava que

a dor fora deixada para trás, apenas que a alegria estava começando a brotar das sementes do amor que suas amigas tinham plantado ao aparecerem ali e trazerem a luz do sol para seus dias mais sombrios.

Enquanto ouvia o debate acalorado de suas três amigas mais próximas sobre qual analogia mais representava a realidade, outra memória de seu pai emergiu das águas profundas de sua alma.

Sempre que as garotas faziam uma festa do pijama ali, o que acontecia com frequência até o ensino médio, seu pai costumava dizer que as quatro tinham a sua própria língua. Ele as provocava sobre “falar tanto que um dia todas perderiam a voz”. Ela e as garotas apenas riam e diziam que elas encaravam isso como um desafio. Então ele fazia um grande show ao retirar o que disse, como se isso significasse que elas iriam manter o silêncio.

Lágrimas encheram suas pálpebras quando ela observou discretamente suas três BFFs e pensou em quanto seu pai adoraria ver todas elas ali. Juntas. A dor líquida que tinha se acumulado agora escorregou em sua bochecha, ao perceber que se ele ainda estivesse ali, então as três garotas sentadas ao redor dela não estariam.

Ela duplicou seus esforços para se concentrar na conversa animada entre as garotas enquanto elas descreviam sua cidade natal sob as novas lentes de serem cidadãos do mundo, mas até isso a fez pensar em seu pai.

Parker Jacobs amava a pitoresca aldeia montanhesa de cinco mil habitantes que ele chamara de lar durante toda a sua vida, e ele transmitiu esse amor para Amanda. Hope Falls era um lugar idílico, exuberante, com pinheiros verde-escuro e pontilhada de álamos coloridos em tons de amarelo brilhante e vermelho chocante. O coração da cidade era o centro, na Rua Principal, um trecho de cinco quarteirões de pequenas lojas de frente para a rua, ladeadas por calçadas de madeira que lembravam o piso das varandas.

A rua principal do centro da cidade era o lugar onde muitos dos lugares favoritos de Amanda ficavam. O café da Sue Ann estava lá e era o principal restaurante da cidade, de propriedade de Sue Ann Perkins, que se sentia como uma tia ou avó, não só para Amanda, mas para toda a cidade.

Ela esteve perto de Sue Ann a vida toda, mas o relacionamento delas se solidificou com o status de “família” quando ela se hospedou lá durante a faculdade.

Depois havia o Leia Entre as Linhas, o sebo, onde ela passava longas tardes folheando os livros e simplesmente apreciando o cheiro das páginas e a sensação do papel sob seus dedos.

Havia também o Hope Falls Twin Cinemas, o pequeno cinema de dois teatros, o Pista do pinheiro solitário, a pista de boliche, o Golf e etc, um campo de minigolfe e o Duas Bolas, que era uma sorveteria antiquada.

Quando pensava em Hope Falls, sempre pensava no centro da cidade, a parte que fazia os cartões postais. Mas a verdade era que era a parte da cidade que se espalhava além do centro que era a verdadeira Hope Falls. A parte que continha a Prefeitura, a biblioteca, as escolas, as igrejas, os parques, o centro comunitário e, acima de tudo, os bairros cheios de casas que continham o verdadeiro coração de Hope Falls, seu povo.

Eles eram a verdadeira razão pela qual seu pai tinha sido tão apaixonado por liderar a cidade como seu prefeito e mais do que apenas prefeito, na verdade. Ele tinha sido o conselheiro não oficial da cidade, conhecido em toda ela por sua sabedoria e compaixão. Seu apelido era o rei Salomão de Hope Falls.

Um telefone tocou, tirando Amanda de suas reflexões internas. Lauren e Karina pegaram seus telefones enquanto Sam e Amanda apenas assistiam.

— É o meu — anunciou Karina ao tirar o dispositivo da bolsa e olhar para a tela.

— Você vai atender? — perguntaram Sam e Amanda em uníssono.

— Não. — Karina balançou a cabeça e colocou o aparelho de volta em sua grande bolsa preta. — É apenas minha gravadora tentando fazer com que eu concorde em voar para Los Angeles para fazer alguma publicidade.

— Ah, sim. — Samantha limpou a garganta e endireitou-se, anunciando em voz alta: — Senhoras, esqueci-me de que estamos na presença de Karina Black, extraordinária sensação de sucesso no topo das paradas. Deveríamos ter pedido o seu autógrafo? Qual é o protocolo?

— Bem — Lauren ofereceu —, eu acho que os autógrafos realmente acontecem após o meet and greet. Isso está correto? Isto é oficialmente o meet and greet?

Karina franziu os lábios e sorriu, um leve rubor subindo em sua tonalidade dourada de pele.

— Whoa. — Amanda tomou uma respiração instável, feliz pela distração de suas amigas. Ela fungou, mas esperou que as meninas não notassem quando brincou: — Olhe para essas bochechas. Isso é...? Poderia ser? Karina está corando? Não é possível! Ou pelo menos eu nunca vi isso.

— Sim, sim. Riam. — Karina sacudiu a cabeça e revirou os olhos. — Vocês sabem que eu odeio todo o *hype* da “princesa pop”. Tudo que eu quero

fazer é estar no palco, só eu e meu violão ou piano, com uma pequena multidão de pessoas que estão realmente ali por causa da música. Ser o centro do palco de uma produção gigante com luzes e dançarinas de vídeo e backup e faixas eletrônicas envelhece. Rápido.

Sam sorriu com simpatia, mas, fiel à sua forma de garota que sempre vê o copo meio cheio, apontou:

— Mas você é famosa. Todo mundo conhece você. Isso é o que você sempre quis. É tudo o que você costumava falar.

Karina suspirou e seus ombros se abriram um pouco.

— Eu sei. Eu pensei que era o que eu queria. Mas agora percebo que o que eu realmente queria era que o mundo conhecesse minha música. Eu queria que estranhos cantassem junto com minhas músicas. Mas as versões atenuadas das minhas músicas que a gravadora lança são dificilmente reconhecíveis como minhas. Sem mencionar o fato de que a maioria das pessoas está mais interessada em saber quem eu estou namorando ou o que estou usando. E quando eu assino o meu nome em um poster de vinte por vinte e cinco que é tão falso e retocado que mal se parece comigo, não é o meu nome que estou assinando.

— Sim, eu achei que isso foi estranho. Por que eles fizeram você mudar seu nome? — perguntou Lauren. — Eu acho que Karina Blackstone é um nome bonito.

Era óbvio para Amanda que Lauren tinha atingido um ponto dolorido enquanto observava a mandíbula de Karina se apertar antes de explicar a imitação da voz grave de um executivo, “soa muito nativo americano.” Suas mãos voaram e sua voz voltou ao normal.

— Quero dizer, esqueça o fato de eu ser nativa americana. Eles não queriam que houvesse algo sobre mim que não fosse genérico, do meu nome ao meu rosto, à minha música. E é exatamente isso que eles têm. Mas chega de mim. Até eu estou cansada de me ouvir reclamando de ser uma estrela pop de sucesso — Karina terminou com tristeza. — Fiel à minha herança, vou passar o bastão da fala. O que está acontecendo com sua carreira de snowboard, Sam?

Um sorriso triste se espalhou no rosto de Sam.

— Bem, querer transformá-la em algo que você não é deve ser uma doença que está por aí, com as únicas pessoas suscetíveis a ela serem executivos de gravadoras e agentes esportivos.

Amanda ficou imediatamente preocupada. Ela já sabia que Karina não

estava feliz com a direção que sua carreira estava tomando, mas pensou que Sam estava no topo do mundo em sua profissão.

— No que eles querem transformar você, Sammi?

— Oh, eles querem que eu seja a snowboarding Anna Kournikova. Eles querem usar meu sex appeal, o que eu não tenho. Sou esportiva, não sexy. Eles querem que eu pose para capas de revistas em um biquíni ao lado do meu snowboard. Essa não sou eu. Quando eu pego uma prancha de snowboard, é para chutar alguns traseiros, não para mostrar o meu.

Os olhos de Lauren se estreitaram de forma protetora quando ela perguntou:

— Como você está lidando com isso?

— Bem, por enquanto, eu estou me concentrando o máximo que posso em meu treinamento e abafando o zumbido deles com o melhor da minha capacidade. Eles estão aumentando a pressão de forma lenta, mas constante, e eu estou quase com medo que eles me desgastem. Aviso justo: não se surpreendam se me virem competindo de biquíni até o ano que vem, meninas. Mas eu estou com a Karina. Chega de mim. Laur, você é a próxima. Como o mundo dos imóveis de luxo na glamourosa ilha de Manhattan tem te tratado?

— Oh, você sabe como é o setor imobiliário — Lauren respondeu. — Altos e baixos. Você é tão bom quanto seu último negócio. Tudo é cíclico.

O radar estimulante de Amanda foi colocado em alerta máximo pela não-resposta de Lauren, mas antes que ela pudesse se aprofundar e descobrir o que realmente estava acontecendo com sua amiga, a porta da frente se abriu.

— Estou atrasado? — Uma voz profunda soou no corredor da frente.

— Trent. — Amanda olhou para ver seu namorado há um ano, de cabeça baixa, digitando algo em seu telefone. Depois de ficar de pé e se mover para o lado dele, ela apresentou a todos. — Trent, olha quem está aqui. Essas são as garotas sobre as quais eu tenho falado, minhas melhores amigas desde a escola primária. Lauren Harrison, Karina Blackstone e Samantha Holt. Garotas, este é Trent Preston.

Amanda vinha contando às garotas sobre Trent desde o ano passado que ela e Trent estavam se encontrando, nunca achando que elas realmente o conheceriam. Agora que isso estava acontecendo, por algum motivo, Amanda se sentia... estranha.

Lauren se levantou.

— Prazer em conhecê-lo.

— Oi — disse Sam brilhantemente.

— Ei. — Karina acenou com a mão.

Amanda olhou ao seu lado para ver que Trent ainda estava digitando, parecendo não ter consciência da apresentação que acabara de fazer.

— Trent. — Amanda cutucou seu braço.

— O quê? — Ele olhou, seus olhos parecendo mais do que um pouco tensos.

— Minhas amigas. — Amanda fez um gesto em direção às suas três amigas, que ficaram olhando para os dois.

— Oh, certo. Desculpa. — Trent balançou a cabeça e adiantou-se antes de apertar cada uma das mãos das garotas, sorrindo amplamente enquanto o fazia. — Desculpem. Estou bem no meio de uma crise em uma nova fusão que estou administrando.

Cada garota assentiu em compreensão, mas Amanda podia sentir a tensão na sala. Ela olhou para ele, tentando vê-lo através de novos olhos. Ele era alto e magro e tinha um bronzado dourado e saudável. Suas feições eram uniformes e bonitas, como um garoto rico da Costa Leste por excelência. Seu cabelo loiro caía perfeitamente no lugar, como se ele fosse capaz de manter um controle firme de cada fio individual como fazia com seu porte e emoções. Observando por baixo daquele cabelo de estilo perfeito havia um par de grandes olhos castanhos que, apesar de toda a sua perfeição física objetiva, às vezes deixavam Amanda nervosa porque não conseguia ler muito sobre o que estava acontecendo por trás deles.

Trent não morava em Hope Falls. Na verdade, ele nem gostava de Hope Falls. Ele morava na costa leste. Amanda o via uma ou duas vezes por mês quando ele voava para Lake Tahoe ou Sacramento para negócios. Ambas as cidades estavam a cerca de uma hora de distância. Ela sempre fazia a viagem para onde ele estava para vê-lo. Na verdade, era uma experiência um pouco estranha para ela vê-lo aqui em Hope Falls, onde ele passava um bom tempo desde a morte de seu pai para ajudá-la a organizar seus negócios. Ele não estava hospedado na cidade, mas dirigia por horas todos os dias.

— Então, vocês estão todas aqui para a leitura do testamento? — perguntou Trent.

— Oh, não! — As mãos de Amanda voaram para sua cabeça quando ela se virou para Trent. — Eu esqueci de te contar. Tio Henry teve que adiar até amanhã de manhã. Ele ligou mais cedo, mas eu estava apenas... Eu estava limpando o quarto do meu pai e meio que me perdi em...

— A que horas amanhã de manhã? — Trent interrompeu bruscamente.

— Uhm... dez — disse Amanda quando, de repente, ela percebeu que nunca, nos últimos dez dias, ele perguntara como ela estava ou se queria ou precisava conversar. Ela realmente não notou porque quase parecia que estava vivendo em um pesadelo. Ver as meninas a tinha acordado.

Ela balançou a cabeça, rapidamente descartando o comportamento dele enquanto olhava para ele digitando em seu iPhone. Trent estava realmente distraído com o trabalho. Ainda assim, um pouco de voz mesquinha dentro dela se pronunciou:

“Eu gostaria de ter tido alguém para conversar.”

Talvez ela tivesse sido mimada pela preocupação constante de seu pai por ela. Não havia nada tão importante que Parker Jacobs não tivesse descartado a qualquer momento se visse sua única filha chorando. Ela dependera de seu pai toda a sua vida e o relacionamento se solidificou depois que eles perderam a mãe de Amanda para o câncer, quando ela tinha oito anos. Seu pai tornou-se tudo o que ela tinha, a única figura estável em sua vida. Quando ela chorava, não tinha mais ninguém a quem recorrer e não precisava de mais ninguém.

Ele a pegava em seus braços e pronunciava a frase que tinha sido eficaz desde que ela tinha dois anos.

— Conte-me o que aconteceu, baby — ele diria.

E ela faria. Não havia nada que ela pudesse esconder de seu pai.

Isso foi provavelmente a causa. Ela tinha sido mimada. Outros homens simplesmente não eram como o pai dela, tão carinhosos, puros de coração e tão preocupados com ela. Afinal, ela nunca conheceu outro homem como ele. Nenhum outro homem que ela conheceu a fazia se sentir tão segura, tão amada, tão completamente compreendida quanto seu pai.

Exceto, claro... Justin. Não. Amanda se conteve. Ela não ia nessa direção. Havia o suficiente em seu prato sem adicioná-lo na mistura. Sem mencionar que ela era uma adolescente, então. Amor de criança. Paixão. Irreal.

Isso era real, Trent era real e o amor adulto não era como contos de fadas. O Príncipe Encantado não ia aparecer, embrulhá-la nos braços e dizer:

— Conte-me o que aconteceu, querida.

Não. Ele aparentemente digitaria em seu telefone o horário das obrigações que teria de comparecer como namorado dela, mas tudo bem. Talvez um choque de realidade fosse exatamente o que ela precisava agora.

— Ok. — Ele se inclinou e deu-lhe o mais breve dos beijos. — Eu te vejo

lá, então. — Você não quer ficar e... — Amanda fez um gesto para suas amigas.

— Oh, não, eu não quero me intrometer no seu tempo com as meninas. Foi bom conhecer todas vocês. Amanda me contou muito sobre todas. — Ele acenou ao sair.

Trent já estava a meio caminho da porta quando todas as garotas se despediram.

Amanda voltou para seu assento no sofá e afundou no tecido gasto. Agarrando uma almofada ao lado dela, ela embalou-a, sentindo-se mais do que um pouco envergonhada. Sabendo que estava dando desculpas para um homem que nem perguntava como ela estava, ela ainda se viu dizendo:

— Tenho certeza que ele queria ficar. Ele está muito ocupado com o trabalho.

Todas elas a olhavam silenciosamente, incrédulas.

Ela sabia que Trent tinha sido um pouco rude, mas não achava que isso justificasse a falta de palavras. O foco de autoconsciência estava em chamas enquanto todas as suas três amigas olhavam para ela. Amanda perguntou hesitante:

— Que foi?

Quando ninguém disse nada por vários momentos, a expressão de Karina mudou de descrença para “você só pode estar brincando comigo”. Seus olhos se arregalaram quando ela falou:

— Eu acho que eu não estava preparada para conhecer Zack Morris² hoje.

— Não é!? — Sam exclamou, dando a Karina um high-five quando Lauren declarou:

— Exatamente o meu pensamento.

— O quê? — Amanda sabia que ela estava um pouco fora disso, mas ela não tinha ideia do que suas amigas estavam falando. Sua testa franziu quando ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Qual é — disse Karina exageradamente quando se jogou ao lado de Amanda no sofá. — Você nunca notou que seu namorado é a cópia perfeita de Zack Morris?

— Mais como um clone — Lauren interveio.

Amanda nunca tinha pensado sobre isso, mas agora que o fez, ela discordou.

— Ele não se parece com Mark-Paul Gosselaar.

— Você está certa — Karina assentiu. — Ele não se parece com Mark-

Paul Gosselaar, o ator. Ele parece muito com o Zack Morris, o personagem de *Saved by the Bell*, como um homem adulto.

Amanda estreitou os olhos ao pensar nisso, ainda não convencida.

— Ah, vamos. Seu quarto era, de parede a parede, pôsteres do cara. Você disse que ia se casar com ele e seria mãe de seus filhos.

Sam bateu palmas animadamente.

— Verdade. Ela tinha mesmo. — Então, virando o sofá para Amanda, ela disse: — Eu lembro que você sempre dizia que havia apenas uma pessoa neste mundo que você amaria tanto quanto Zack Morris. Justi...

Karina e Lauren cortaram Sam com um olhar. Amanda apreciou que elas estivessem pisando em ovos, mas realmente não era necessário.

— Não, pessoal. Está tudo bem. — Amanda então admitiu algo que só podia dizer às suas melhores amigas. — Eu realmente estive pensando muito sobre ele e o que aconteceu. Eu amava Justin. Ele partiu meu coração. Foi há dez anos. Hora de seguir em frente.

Amanda observou os olhos escuros de Karina cortarem as três garotas antes de dizer rapidamente:

— Isso significa que você finalmente nos dirá o que aconteceu? Quer dizer, vamos lá. Você está apaixonada por Justin Barnes, residente de Hope Falls, desde a escola primária. Quando ele tem dezesseis anos, ele realmente vem morar aqui no barracão e vai de apenas trabalhar em Mountain Ridge para ser o braço direito do seu pai. Seu amor por ele continua a crescer e o maior romance que Serra Nevada já conheceu parece estar escrito nas estrelas. Então, boom! Logo após o seu décimo sétimo aniversário... whooosh. Ele desaparece. Nunca se ouve falar dele de novo. E você fica como? Com o coração partido demais para falar sobre isso? Ok, eu totalmente mordi minha língua porque eu estava... — Karina acenou com a mão para Lauren e Sam — ... todas nós estávamos... tão preocupadas com você, mas eu morro de curiosidade há dez anos inteiros.

Amanda riu tristemente.

— Bem, Kar, você basicamente contou a história. Exceto por um detalhe pequeno, minúsculo, gigantesco, significativo e humilhante: no meu décimo sétimo aniversário, eu me ofereci a ele.

As outras três olhavam para ela espantadas, e se Amanda ainda conhecia suas amigas tão bem quanto antes, descrentes.

— Sério. Ele tinha vinte e dois anos. Eu tinha dezessete anos. Aos meus

olhos, eu era uma mulher. Eu pensei que ele finalmente me veria assim. Eu fui ao barracão. Eu derramei meu coração. Eu disse a ele que o amava, que sempre o amara e que achava que ele se sentia da mesma maneira. Então eu o beijei. De verdade. Ele agarrou meus braços e me empurrou para longe. Ele disse que não, que eu era muito jovem. — Amanda suspirou e olhou para o chão. — Então vem a parte humilhante.

— Essa não foi a parte humilhante? — Karina deixou escapar, e Sam e Lauren bateram nela com as almofadas do sofá.

Amanda soltou uma risada forçada.

— Não, embora você ache que isso se qualifica. Não, o que fiz em seguida foi muito pior. Quer dizer, você se lembra de como eu era romântica? Todos aqueles romances que eu leio? O fluxo constante de novelas e comédias românticas que assisti? Eu realmente acreditei que com um vislumbre do meu corpo ele encontraria a razão. Ele deixaria de pensar em como isso é errado e seria dominado pelo desejo. Então tirei minha camisa e, em seguida, usando apenas meu sutiã, acreditem, pulei em seus braços, envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura e comecei a beijá-lo. Novamente.

— Tem certeza de que você não estava assistindo pornografia? — Karina perguntou, enquanto ela novamente foi agredida com almofadas. — Que foi? Estou apenas dizendo. Isso soa mais como pornografia do que como comédia romântica.

Amanda sacudiu a cabeça enquanto ria.

— Bem, aqui é onde a história começa a divergir de ambas as... hum... formas de arte. Em vez de ser conquistado pela minha amabilidade, ele agiu como se estivesse sendo envolvido por uma cobra venenosa. Ele não conseguia me tirar dele rápido o suficiente. Ele agarrou meus braços, me empurrou para longe e gritou. Gritou para mim com todas as suas forças. Quer dizer, eu tenho certeza que eu o tinha incomodado ao segui-lo o tempo todo, mas ele nunca tinha levantado a voz para mim antes.

— O que ele gritou? — perguntou Sam, fascinada.

— Que eu era muito jovem e que isso nunca aconteceria. *Nunca*. Eu estava tão humilhada. Eu agarrei minha camisa, a segurei contra o peito e comecei a chorar. Eu corri todo o caminho de volta para casa assim, chorando e segurando minha camisa.

— O que aconteceu depois? — Lauren perguntou gentilmente.

— Bem, na manhã seguinte, eu recuperei meus sentidos. Eu percebi que

Justin era o único garoto que eu amava. Na minha mente ingênua, ele parecia o único garoto que eu amaria. Percebi que, se pudéssemos ser apenas os melhores amigos, isso seria suficiente. Eu não podia perdê-lo. — Amanda sentiu que ia começar a chorar, mas continuou. — Eu fui até o barracão para me desculpar. Para dizer a ele que eu era uma idiota e implorar para ele esquecer que a noite anterior havia acontecido.

Amanda ficou sentada em silêncio, olhando para Teddy, que dormia a seus pés. Ela se perdeu na memória daquele dia quando ouviu três amigas perguntando:

— E? O que aconteceu?

— Nada. — Deixando escapar uma expiração audível, ela respondeu uniformemente: — Nada aconteceu, porque ele se foi. Todas as suas coisas foram embora. O barracão estava limpo, como se ninguém tivesse estado lá. Exceto por um pequeno quadrado de papel no meio da cama, no qual ele escreveu: “Amanda. Esqueça de mim. Justin.” E foi a última vez que eu ouvi falar dele.

— Uau — Sam respirou.

— Talvez ele esteja no Facebook — disse Karina, razoavelmente, e desta vez seus braços já estavam prontos para bloquear os travesseiros voadores. — Estou apenas dizendo. Você já tentou procurar por ele lá? Quer dizer, minha avó está lá.

— Renata está no Facebook? — Sam perguntou em choque.

Karina encolheu os ombros.

— Sim. Ela diz que é a maneira mais fácil de me acompanhar, já que eu estou em uma cidade diferente quase todos os dias.

— Então, você tentou? — Lauren perguntou, direcionando a conversa de volta para Amanda.

— Não — suspirou Amanda com tristeza, enquanto as lágrimas começavam a brilhar em seus olhos. — Eu nunca procurei por ele. Mas eu penso nele o tempo todo. — Suas lágrimas se derramaram. — É irônico, sabe? Nós éramos amigos desde que eu tinha cinco anos de idade, e desde o primeiro instante em que nos conhecemos eu teria feito qualquer coisa por ele. Ele poderia ter me dito para andar através do fogo e eu teria feito isso sem questionar. Ele devia saber disso. E nunca se aproveitou. Ele nunca me pediu para fazer nada por ele, nada em todos os anos em que nos conhecemos. Exceto por aquela coisa simples. Eu tentei respeitar seus desejos.

Como todas as suas amigas tentaram mudar rapidamente de assunto, as palavras que Justin havia escrito encheram sua mente.

“Amanda. Esqueça de mim.”

A única coisa que ele já havia pedido a ela era a única coisa que ela nunca foi capaz de fazer.



Justin foi acordado pelo pneu do ônibus batendo em um buraco. Quando ele se firmou e tentou se orientar, olhou ao redor e observou, distraído, que o homem ao lado dele devia ter um bom sono, porque estava roncando alto.

Estendendo a mão para esfregar o rosto enquanto bocejava, percebeu que ainda segurava o equivalente adulto a um cobertor de segurança. Ele devia ter adormecido olhando para ele, assim como fazia quase todas as noites.

Quando ele tirou sua passagem ao embarcar no ônibus, a única foto que ele guardava na carteira tinha saído com ela. Justin segurou em sua mão quando encontrou seu lugar e, ao sentar-se, e ele olhou para a imagem até que seus olhos se fecharam de pura exaustão.

Seu polegar roçou as bordas enrugadas da fotografia. A foto era dele e Amanda sentados em frente à árvore de Natal durante seu último inverno em Hope Falls. Ele tinha acabado de dar a Amanda o presente dela, uma tornozeleira de prata pela qual ela tinha se apaixonado quando eles foram para o Lago Tahoe pegar suprimentos para Mountain Ridge, na semana antes do Natal. Justin voltou para Tahoe no dia seguinte, durante uma tempestade de neve para comprar para ela.

Parker havia tirado a foto no momento perfeito para pegar a reação de Amanda. Ela estava segurando a corrente delicada em suas mãos e olhava para Justin como se ele fosse seu herói. Adoração de herói pura e inalterada brilhava através dos grandes olhos azuis de Amanda. A expressão do próprio Justin era reservada, como sempre foi, mas ele ainda se lembrava do sentimento de orgulho que ele tinha quando as lágrimas se acumularam nos olhos de safira dela, superados pela emoção de seu presente. Ele queria estufar o peito e bater nele. Toda a sua vida, ele tinha dito que nunca fazia nada certo, mas naquele momento Justin sentiu como se tivesse feito.

Virando a cabeça para observar o cenário escuro passar enquanto o ônibus descia a estrada, ele viu seu próprio reflexo olhando de volta para ele

na janela. Ele não era mais aquele garoto. Ele era um homem. Justin lembrou-se de se sentir tão velho, tão adulto quando aquela foto foi tirada. Mas olhando para trás agora, ele percebeu que ele era apenas uma criança na época.

Ele tinha preenchido o saco esquelético de ossos que havia sido, e não era só que ele tinha uma cara cheia de barba por fazer em vez de tufo de cabelo que mais pareciam manchas. A diferença real entre ele e o garoto na foto vinha da profundidade da maturidade em seus olhos castanho-escuros.

Outra lembrança brilhou em sua mente. Estar em um ônibus não diferente deste quando ele deixou Hope Falls todos aqueles anos atrás. Vinte e dois anos de idade. Ele pensou que sabia tudo, tinha visto tudo. Dizer que sua infância não fora fácil era como dizer que Michael Jordan era um bom jogador de basquete.

Ainda assim, mesmo crescendo do jeito que tinha crescido — antes de Parker tê-lo levado — não o preparou para a feiura que esse mundo era capaz de mostrar. As pessoas eram cruéis. Sem coração. Pior do que qualquer coisa a que ele tivesse sido exposto na casa de seu pai.

O que provavelmente era parte da razão pela qual ele mantinha tão firme a memória de Amanda. Ela era leve. Ela era pura. Ela era amor.

No entanto, Justin não tinha ilusões de que isso seria uma alegre reunião de amigos de infância. Não. Ela provavelmente o odiava. Ela deveria odiá-lo.

Se ele fosse um homem de apostas, apostaria que ela não tinha ficado muito feliz quando Henry lhe disse que ele estava indo para o testamento de seu pai. Não que ele a culpasse. Ele mereceu.

Ela era tão jovem, mal tinha dezessete anos, quando, sem fôlego, confessou sua paixão adolescente por ele. O que ele deveria ter feito era explicar calmamente que sua diferença de idade e situação de vida tornavam isso impossível, que ela era incrível e não tinha nada a ver com ela, e ele poderia tê-la mandado embora com sua dignidade intacta. Basicamente, ele deveria ter lidado com a situação com alguma maturidade.

Mas ele tinha feito isso? Não. De modo nenhum. Claro que era por causa de seus próprios sentimentos poderosos por ela que ele não tinha conseguido, mas isso não era desculpa para como a tratara. Ele gritou com ela. Gritou. Gritou a plenos pulmões. Com Amanda. A única pessoa que ele nunca gostaria de machucar. Ele a fez fugir dele em lágrimas. Não lágrimas de felicidade como ela tinha derramado ao receber a torção de tornozelo que ele tinha lhe dado apenas alguns meses antes. Não, as lágrimas caindo em seu rosto

naquele dia foram lágrimas de devastação.

Sentado no ônibus, Justin tentou imaginar o que faria quando se encontrassem cara a cara. Desde que descobriu sobre Parker, tudo o que Justin queria fazer era puxar Amanda em seus braços e segurá-la. Ele queria dizer a ela que tudo ficaria bem. Parker era o mundo inteiro de Amanda e Justin não podia ver essa mudança, não importando quanto tempo tivesse passado. Mas, por mais que ele quisesse estar lá para ela no que tinha que ser o pior momento da sua vida, ele tinha certeza de que ela não iria querer o conforto dele. Se ele tentasse dar, ele não tinha ideia de qual seria a resposta.

Ela o afastaria? Ela endureceria ao toque dele? Ele poderia lidar com ela ignorando-o. Ele não iria culpá-la. Ela gritaria? Expulsaria-o de casa? Diria a ele que nunca queria vê-lo novamente? Ele não estava ansioso para qualquer um desses cenários, mas sentiu que seria totalmente justificado se isso acontecesse.

Mas a coisa que Justin mais temia, a coisa com a qual ele não tinha certeza de que poderia lidar era se, quando ele olhasse em seus olhos azuis safira pela primeira vez depois de todos esses anos, ele visse a pior verdade imaginável — que ele era apenas uma memória esquecida há muito tempo. Alguém de quem ela foi próxima uma vez, mas com quem agora não tinha conexão emocional alguma. E se, quando tudo estivesse terminado, realmente não importasse para ela se ele estava de volta ou não? E se, quando chegasse a hora, ela não se importasse? Como diabos ele lidaria com isso?





Capítulo

3

A manhã do testamento de seu pai chegou muito mais brilhante do que Amanda considerava apropriada para uma ocasião tão sóbria, que alteraria sua vida. Se dependesse dela, o sol nunca mais iria brilhar da mesma maneira.

Sentada à mesa da cozinha, bebendo sua primeira caneca de café quente, Amanda observou o sol que lentamente começou a se destacar no horizonte. Essa sempre foi a sua hora favorita do dia, testemunhar o mundo acordar. As árvores, as plantas, os pássaros, os animais. Sempre lhe pareceu que o desdobramento da manhã, em seu pequeno canto do paraíso das montanhas, era ainda mais majestoso do que em outras partes do mundo.

Enquanto ouvia os pássaros cantando suas canções matinais e observava a claridade branca e cristalina começar a espiar através dos galhos arrepiados dos pinheiros do lado de fora de sua janela, ela ficou maravilhada com a forma como a bela dança do nascer do sol da natureza ainda estava se desenrolando da mesma maneira que acontecia antes de seu pai ter morrido.

Era tão incrível para ela como o resto do mundo continuava girando como se nada tivesse acontecido. Eles não sabiam? Eles não conseguiam sentir isso? Não podiam sentir a mudança tectônica que ocorrera no minuto em que uma das maiores almas que já enfeitaram a Terra a deixara?

Amanda suspirou para si mesma. Ela sabia que estava sendo auto-indulgente. Ela não se importava. Afinal de contas, essa parte não era auto-indulgente? Não se pode desfrutar de uma comiseração própria e sentir-se culpada por isso ao mesmo tempo. Isso era apenas um desperdício de uma boa festa de autopiedade.

Isso soa como algo que Karina diria, pensou Amanda, com um sorriso no rosto.

Como se magicamente convocada pelos pensamentos afetuosos de Amanda sobre ela, Karina entrou na cozinha como um gato de rua elegante e flexível. Ela esticou os braços sobre a cabeça e bocejou com graça felina antes de se dobrar na cadeira em frente a Amanda e afastar o cabelo macio e escuro do rosto sonolento.

— Você acordou cedo — comentou Amanda. — Eu não esperava ver nenhuma de vocês três por várias horas ainda.

— Acredite em mim, isso é incomum — resmungou Karina, pegando a caneca de Amanda e tomando um generoso gole. — Normalmente, se eu vejo o nascer do sol, é porque eu não fui para a cama ainda.

Sorrindo, Amanda observou Karina reabastecer a caneca, em seguida, deslizou-a para o meio da mesa para que pudessem compartilhar. Puxando o joelho para cima na cadeira de madeira, Amanda abraçou-o e respirou fundo.

— Esta é a minha hora favorita do dia. Está quieto e brilhante, e o ar parece limpo. Toda manhã eu sento aqui e o absorvo. Pronta para começar o dia. Mas esta manhã... — Os lábios de Amanda se retorceram quando ela sacudiu a cabeça e a umidade transbordou em suas pálpebras — Não sei se estou pronta para hoje.

Karina fechou os dedos longos e graciosos sobre a mão pequena e delicada de Amanda e deu-lhe um aperto reconfortante.

— Estamos aqui para você, querida. Qualquer coisa que você precisar. Nós somos o Quarteto Fabuloso novamente. Nada está fora do nosso alcance. E isso inclui segurar você quando não puder fazer isso sozinha.

As palavras confortaram Amanda de uma forma que a beleza da manhã não conseguira.

— No seu mundo, acho que eles se referem a esse tipo de coisa como “reunir a banda”, certo?

Karina riu.

— Eu não acho que alguém realmente diga isso fora dos filmes extravagantes dos anos 80, mas, sim, eu acho que é exatamente esse o sentimento que eu estava buscando.

Amanda assentiu, com a mesma sensação de paz e conforto dentro de si que seu pai sempre suprira para ela e para os outros. Recostando-se à cadeira da cozinha, ela fechou os olhos e lembrou-se de quantas noites em sua infância acordara ao som de sua voz e subira na ponta dos pés até o topo da

escada. Ela sempre encontrava seu pai sentado nessa mesma mesa, conversando com alguém daquele jeito baixo e até razoável que ele tinha. Às vezes era uma mãe chorando com uma criança no colo.

Às vezes era um fazendeiro, com o rosto pálido, o chapéu no colo.

Quem quer que fosse, todos eles tinham uma coisa em comum — o estresse de qualquer situação que os trouxesse aqui estava claramente evidente em seus rostos. Mas Amanda se lembrava de ver algo mais lá também. A mesma coisa que via em todos que vieram ao seu pai em busca de conselhos — alívio. Segurança. Clareza.

A viagem de Amanda pela estrada da memória foi interrompida pelo som da porta da frente se abrindo. Karina e Amanda trocaram olhares assustados. Assim que Amanda estava empurrando a cadeira para ver quem estava lá, Sam, suada e sem fôlego, entrou na cozinha, o corpo envolto em uma malha elástica e as bochechas cheias de um brilho saudável.

— Bom dia — ela disse enquanto abria a geladeira e tirava uma garrafa de água.

— Eu pensei que era a única acordada tão cedo — disse Amanda.

— Por favor — brincou Sam, acenando com a mão com desdém. — Eu já fiz dez quilômetros. Estou em treinamento. Vocês duas são pesos leves.

— Bem, então — Karina retornou no mesmo tom de provocação. — Eu acho que Lauren é a única dorminhoca.

— Quem é a única o quê? — Lauren perguntou quando entrou na cozinha do corredor do escritório, digitando furiosamente em seu telefone.

Ela estava completamente vestida; sua maquiagem, impecavelmente aplicada; e seu cabelo, preso.

Amanda e Karina olharam as aparências uma da outra, Amanda em sua calça de pijama de flanela e camiseta de grandes dimensões e Karina na bermuda de regata masculina, e começaram a rir.

Amanda conseguiu soltar sem fôlego:

— Você. Você é a dorminhoca.

Lauren olhou para cima distraidamente e logo começou a bater seus polegares contra a tela de seu dispositivo móvel.

— Não, eu estou acordada há horas. O início dos negócios na Costa Leste é às cinco da manhã aqui... — Ela parou quando sua atenção voltou a ser completamente consumida pelo que estava digitando.

Amanda suspirou satisfeita. Claro, talvez agora, depois de perder seu pai, ela nunca seria capaz de desfrutar de sua antiga rotina matinal solitária da

mesma maneira. Talvez aquele ritual em particular fosse para sempre tingido de melancolia. Mas essa reunião maluca e improvisada do Nascer do Sol do Quarteto Fabuloso mostrou a ela que, enquanto algumas coisas podem nunca mais ser as mesmas, elas poderiam ser substituídas por coisas que eram incríveis... de sua própria maneira.

Pela primeira vez, Amanda se abriu para a possibilidade de que, mesmo que tudo tivesse mudado, um dia ela voltaria a ser completa.



Descendo dos degraus de aço do ônibus para as calçadas de madeira da Rua Principal, Justin sentiu que, em vez de viajar do Alasca, ele viajou de volta no tempo vinte anos para sua infância. Enquanto seus olhos examinavam o ambiente com cautela, ele não pôde deixar de sentir que estava na representação de realidade virtual da cidade onírica de Hope Falls; um universo alternativo. Era surreal.

Tudo parecia ter sido hermeticamente fechado em uma cápsula do tempo para preservação. Na esquina, ele viu o Café da Sue Ann. O brilhante e alegre toldo amarelo que ficava acima da porta ainda parecia tão acolhedor quanto antes. Do outro lado da rua, havia a livraria que ele teve que pintar como um castigo quando foi pego vandalizando o tijolo lateral exterior quando tinha dez anos. Justin fora apenas o vigia, mas ele tinha sido o único que Reed, o proprietário, pegara pelo colarinho e arrastara para sua loja para dar um exemplo.

Esse dia estava permanentemente impresso em sua memória. Não por causa do pânico que tomou Justin quando ele sentiu o algodão de sua camisa apertar em torno de seu pescoço, sufocando-o enquanto tentava escapar. Ele não tinha medo do que o Sr. Reed faria com ele. Mesmo que ele decidisse chamar a polícia, isso não perturbara Justin nem um pouco. Seu medo se originou do que seu pai faria com ele quando descobrisse. Que, como se viu, era um medo totalmente racional; Justin teve que faltar a escola por três dias, alegando doença, depois da surra que recebeu do pai por aquele incidente.

Mas nada disso era a razão pela qual Justin sempre se lembraria daquele dia. Não. A razão pela qual ele nunca esqueceria aquele dia ensolarado em maio foi porque esse foi o dia em que ele conheceu uma menina de cinco anos, Amanda Jacobs. Ela estava sentada na livraria, lendo em silêncio no

canto, quando o Sr. Reed arrastou Justin para a pequena loja pela camisa.

Ele ainda podia ver seus grandes olhos azuis cristalinos olhando para ele com tanta inocência, tanta confiança. Justin lembrou-se de pensar no momento que ele nunca havia sentido o que ele viu irradiando de seus olhos. Mesmo aos dez anos, Justin nunca tinha experimentado esse tipo de fé ingênua em alguém ou em qualquer coisa.

Saindo do meio-fio, ele atravessou a rua tranquila. Quando fez a curta caminhada, ele respirou profundamente, sentindo o ar fresco e limpo da manhã. Justin tinha estado em todo o mundo, incluindo áreas que eram tão densamente arborizadas quanto a sua cidade natal, mas nenhum outro lugar a que ele viajou tinha esse aroma único de pinho. Apenas Hope Falls.

Justin moveu-se para a janela da Leia entre as linhas e levantou a mão na testa, bloqueando os raios fortes do sol da manhã para que ele pudesse olhar através da vitrine de vidro. Assim como o resto da cidade, parecia a mesma. Apenas menor.

O balcão onde ele ficou de pé e esperou enquanto Reed chamava a polícia parecia grande e intimidante na época, mas agora parecia pequeno e inexpressivo. O Sr. Reed nunca acabou de fazer essa ligação. Parker Jacobs, que estava sentado com a filha, lendo no canto, levantou-se e perguntou o que estava acontecendo.

Quando Justin era menino, Parker era o homem mais importante da cidade. Ele o via na maioria de seus jogos de beisebol e vários festivais da cidade. Nos dez anos anteriores a esse dia, Justin nunca havia falado com ele. Ele tinha ouvido a voz dele, claro — você não deixaria de ouvir se estivesse a uma milha do homem — e ele estava em grupos de crianças que Parker havia abordado. Mas o seu timbre de tom integral nunca foi dirigido exclusivamente a ele.

O coração de Justin bateu forte quando Parker falou baixinho com o irado Sr. Reed. Ele não podia ouvir o que eles estavam dizendo, mas tentou desesperadamente. Finalmente, o lojista ergueu as mãos frustrado e disse:

— Tudo bem. Nós faremos do seu jeito. Mas você é responsável pelo encrenqueiro.

Parker acenou com a cabeça e caminhou até o balcão onde Justin estava parado como uma estátua. Ele pediu a Justin para dizer o que ele tinha feito. Justin assumiu a responsabilidade por suas ações, explicando que ele era um vigia. Então ele perguntou a Justin quem eram os outros garotos. Justin permaneceu em silêncio. Ele pode ter sido um encrenqueiro, mas não era um

dedo-duro.

O silêncio dele enfureceu o Sr. Reed, mas Parker acalmou o homem mais velho mais uma vez, explicando que tudo o que Justin queria dizer era que ele não teria companhia quando colocasse uma nova camada de tinta, não apenas no exterior do prédio, mas no interior também. O Sr. Reed cruzou os braços e bufou, mas concordou com a sentença de Justin. Então foi assim que Justin passou o verão antes do ensino médio. Pintura. Só que Parker estava errado sobre uma coisa, ele não estava sozinho. Ele tinha uma sombra na forma de uma fada loira de olhos azuis. Amanda vinha à livraria todos os dias. Todos os dias ela perguntava se podia ajudar. Ele lhe dava uma pequena tarefa como “guardar” latas de tinta ou certificar-se de que nenhum inseto rastejou para o meio do pano de chão.

Eles passavam seus dias rindo e conversando. Ela sempre trazia o suficiente de seu almoço para poder compartilhar com Justin, o que ele apreciava porque, enquanto ele estava crescendo, a geladeira em sua casa estava cheia de latas altas e não muito mais. Os verões eram os piores, porque pelo menos quando estava na escola, ele geralmente conseguia arranjar um sanduíche ou dois de crianças que torciam o nariz paraatum ou salada de ovos. Nos bons dias, ele até conseguia um de geleia e pasta de amendoim.

No final do verão, Parker inspecionou seu trabalho e disse que ele o havia feito muito bem. Algo que ninguém nunca dissera a Justin, a menos que fosse relacionado a esportes. O próximo choque foi que Parker lhe ofereceu um emprego em Mountain Ridge Outdoor Adventures, o resort que ele possuía e onde morava.

Daquele dia em diante, Justin passou cada minuto que podia em Mountain Ridge. Se ele não estava na escola ou no treino para qualquer esporte na temporada, ele estava trabalhando na terra com Parker — com sua sombra seguindo de perto. Isso durou seis anos até que ele se mudou para o barracão em tempo integral, onde passou mais seis anos.

Um nó se formou na garganta de Justin quando começou a tentar aceitar a verdade de que Parker havia partido. Ele sabia há dias e pensava que havia processado. Mas estar de volta ali, àquela cidade, sem o homem a quem ele devia tanto de sua vida, parecia inconcebível. Justin não sabia como Hope Falls poderia ser Hope Falls sem Parker Jacobs.

— Eles não abrem até as onze — uma voz autoritária soou atrás de Justin.

Justin puxou a mochila para cima de seu ombro e se virou para encontrar um policial a cerca de um metro de distância, com os pés na largura dos

ombros, usando óculos escuros de aviador com uma expressão severa no rosto.

Espere um minuto. Essa expressão parecia familiar.

— Maguire? — Justin deu um passo mais perto. — Eric Maguire?

Depois que ele tirou os óculos, um grande sorriso apareceu no rosto do velho amigo.

— Droga, você é Barnes?

Os dois amigos apertaram as mãos enquanto se abraçavam.

— Uau, cara. Eu não posso acreditar que você está de volta. — Eric pareceu tão surpreso pelo reaparecimento quanto Justin estava.

— Eu também não — admitiu Justin.

— Você ouviu falar sobre Parker? — Eric perguntou, tristeza tingindo sua voz.

Justin assentiu com a cabeça quando o nó se formou mais uma vez em sua garganta. — Sim. É por isso que eu estou aqui.

Eric levantou as mãos, impotente.

— Foi tão repentino. Ele estava andando na linha da propriedade e um dos caras o viu agarrar o braço e cair. Quando os paramédicos chegaram lá, ele se foi.

Justin balançou a cabeça, ainda tendo dificuldade em acreditar que Parker não estava mais com eles.

— Jake foi o primeiro a chegar. Ele está muito abalado com isso — explicou Eric sombriamente.

Jake, o irmão mais novo de Eric, era o único que rivalizava com Justin no beisebol e no basquete. Eles sempre tinham uma dose bastante saudável de rivalidade competitiva, mas isso só acontecia quando eles estavam em campo ou nos tribunais.

— Jake é um paramédico? — Justin perguntou.

Eric sorriu, obviamente orgulhoso de seu irmãozinho.

— Bombeiro paramédico, sim.

— E como estão Nikki e Amy? Elas ainda estão na cidade também? — Justin perguntou, referindo-se às duas irmãs mais novas de Eric.

— Amy está bem. Sim, ela é professora na escola. E Nikki ainda mora aqui, mas ela é comissária de bordo, então está sempre em uma cidade, estado ou país diferente.

Nada disso surpreendeu Justin. Amy sempre foi quieta e reservada com a cabeça em um livro, e Nikki sempre foi exatamente o oposto. Pelo que Justin

podia lembrar, aquela garota escreveu o livro sobre a criança selvagem.

— E você é policial. — Justin acenou com a cabeça, afirmando o óbvio.

— Sim, eu sou policial. — Eric apontou para seu uniforme. — E você? Onde você esteve nos últimos dez anos?

Onde ele não esteve era uma pergunta melhor.

Antes que Justin tivesse a chance de responder ao amigo, o rádio tocou o ombro de Eric. Primeiro, houve estática, e, em seguida, uma voz chamou, falando em números codificados e frases que Justin não entendeu. Eric empurrou o polegar e o indicador contra os lados do pequeno dispositivo preto, falando nele enquanto o fazia.

Ele já estava voltando para sua viatura enquanto dizia a Justin:

— Desculpe, cara. Eu tenho que ir. Mas vamos tomar uma cerveja enquanto você está aqui. Eu sei que Jake adoraria ver sua carranca feia.

Justin levantou a mão.

— Beleza, cara. Se cuida.

Enquanto a poeira voava sob os pneus da polícia, à medida que descia pela Rua Principal, Justin olhou para o relógio no pulso esquerdo.

Ele só tinha quinze minutos. Era a hora de ir.





Capítulo

4

— Ursinha? — Veio uma voz profunda e retumbante da porta da frente da casa de Amanda. — Você está aqui?

— Na sala de estar, tio Henry — gritou Amanda.

Enquanto Henry entrava na porta usando sua indumentária completa de vaqueiro — chapéu, botas e tudo mais — Trent se inclinou e sussurrou zombeteiramente no ouvido de Amanda:

— Olha, é hora de Howdy Doody no curral OK. — Antes de se levantar e ir até Henry, balançando a mão em uma saudação calorosa.

Amanda de repente teve uma sensação desconfortável na boca do estômago. Quando conheceu Trent há um ano, em uma conferência de pequenas empresas, em São Francisco, onde ele foi apresentador, ela gostou das piadas internas que ele contou a ela. Olhando para trás, ela percebeu que elas tinham sido feitas à custa de outras pessoas, mas na época não parecia assim.

Tinha soado inclusivo, como se fossem apenas os dois e depois todos os outros. Como se eles estivessem em uma bolha construída para dois, flutuando pelo resto do mundo. Agora que suas “observações espirituosas” foram dirigidas a pessoas que ela amava, Amanda viu o que era. Era cruel.

Henry apertou a mão de Trent, dizendo olá, mas quando Henry viu Karina, Lauren e Sam, seu rosto inteiro se iluminou. O coração de Amanda se inchou com a reação do padrinho.

— Bem, aí estão minhas garotas! — ele trovejou. — Eu não vi todas vocês há algum tempo. É tão bom ver todas vocês juntas de novo, do jeito que tem que ser. Do que vocês costumavam se chamar? O Quarteto

Fantástico?

Sam riu.

— Eu não posso acreditar que você se lembra disso. Mas é Quarteto Fabuloso. O Quarteto Fantástico é de super-heróis.

— Bem — Henry disse —, parece-me que qualquer um que possa fazer minha doce ursinha sorrir com tudo o que ela está passando se qualifica como um super-herói. Eu, por exemplo, acho que todas vocês são super-heroínas.

Trent ocupou-se digitando em seu telefone. Sem olhar para cima, ele perguntou:

— Ótimo, todo mundo está aqui. Então, estamos prontos para começar?

Henry fingiu não o ouvir.

— Ooh rapaz, tenho certeza que estou com sede depois que sair de casa. Será que uma de vocês, senhoras amáveis, acha que poderia me trazer um pouco daquele bom e velho chá gelado de “Mountain Ridge”?

Amanda se levantou e entrou na cozinha antes que Henry terminasse a frase ou as outras meninas tivessem uma chance de responder. Ela precisava de um momento para si mesma antes da leitura. A cerimônia não estava marcada para mais dois dias, e Amanda sabia que isso seria quando ela realmente teria que dizer adeus ao pai.

A leitura do testamento, no entanto, trouxe consigo algo quase tão assustador quanto perder seu pai. Hoje marcaria o dia que Amanda temia desde que ela era uma menininha... o dia em que ela seria completamente responsável por Mountain Ridge.

Agora cabia a ela continuar. Ela tinha que colocar um rosto corajoso, mesmo que a verdade fosse que todos, incluindo ela mesma — especialmente ela mesma —, sabiam que ninguém seria capaz de calçar os sapatos do pai. Alguém realmente precisava preencher suas responsabilidades. Isso era um fato frio e difícil. Alguém tinha que dirigir a Mountain Ridge Outdoor Adventures, e como era e sempre fora uma empresa familiar e ela era a única sobrevivente da família, essa responsabilidade recaía sobre seus ombros.

Era um empreendimento tão grande. Havia tantas atividades acontecendo no resort em qualquer dia. Caminhadas, passeios a cavalo, tirolesa, rafting, caiaque — a lista continuava e continuava. E essas eram apenas as atividades que ofereciam na temporada de verão, o que, graças a Deus, estava chegando ao fim desde o final de setembro.

Respire, ela disse a si mesma enquanto colocava o chá em copos e colocava os copos em uma bandeja. Amanda lembrou-se de que ela teria

quase seis semanas para conseguir organizar tudo antes de voltar a abrir para a temporada de inverno. Ela só precisava elaborar um plano e se familiarizar com as responsabilidades do dia a dia de administrar o local.

Realmente administrá-lo.

Não era que ela não quisesse fazer isso. Era só que ela não tinha certeza se podia.

Amanda sempre foi uma sonhadora. Ela poderia se perder por horas em um livro ou mesmo apenas olhando para o céu. Quando ela era pequena, antes de ir para a escola e fazer amizades duradouras, ela teve um mundo de fantasia em que viveu. Incluía cavaleiros com armaduras brilhantes, dragões, bruxas más, duendes amistosos e, é claro, princesas — das quais ela era uma.

Sua mente não foi projetada para administrar um grande negócio como o Mountain Ridge. Nos últimos anos, ela tentou fazer cursos on-line e participar de seminários, como aquele em que conheceu Trent, mas Amanda ainda não se sentia preparada para toda essa responsabilidade. E a última coisa que ela queria fazer era estragar tudo e arruinar o legado de seu pai. Ela nunca se perdoaria.

Colocando as mãos sobre o estômago, que agora parecia ter dois de seus cavaleiros justos de mentirinha, Amanda respirou fundo. Ela poderia fazer isso. Olhando com sua camiseta de algodão azul-claro e jeans, ela ficou feliz ao notar que estavam limpos e que, pela primeira vez em dez dias, tomara banho naquela manhã.

Roupas limpas e um chuveiro podem até não fazer a lista de realizações orgulhosas da maioria das pessoas durante o dia, mas ela estava contando-as como vitórias para si mesma. Passos de bebê. Foi nisso que ela decidiu que precisava se concentrar se tivesse alguma esperança de sobreviver a essa perda trágica.

Endireitando os ombros, Amanda voltou para a sala carregando uma bandeja contendo várias canecas de vidro cheias de chá gelado dourado, cubos de gelo e raminhos de hortelã descansando perto dos canudos coloridos que saíam de cima.

Trent, que estava encostado na parede ao lado da porta, inclinou-se e perguntou baixinho:

— Estamos em Mayberry?¹

— Eles são decorativos — Karina defendeu ferozmente, acrescentando baixinho: — babaca.

Amanda queria morrer de vergonha.

Trent, por outro lado, não parecia nem um pouco incomodado. Encolhendo os ombros, ele se empurrou da parede.

— Tanto faz. Então podemos começar agora?

Henry deu a Trent um tapa exasperado no ombro.

— Filho — Henry entoou. — Eu não sei por que você está tão ansioso para começar, já que você nem sequer tem um cavalo nesta corrida, mas a verdade é que nós precisamos esperar que todos estejam aqui. Ainda falta uma pessoa.

Trent parecia tão confuso com aquela afirmação quanto Amanda se sentia. Tomando a liderança, Lauren perguntou:

— E quem seria?

— Eu acho que seria eu — uma voz rouca soou do arco que levava à sala de estar.

Amanda olhou para cima e congelou. Ela não podia acreditar no que ou quem ela viu. Estava imaginando isso? Será que a tristeza tornara seu cérebro tão confuso que ela sofria de alucinações? Ela estava finalmente tendo o colapso nervoso que vinha ameaçando na última semana e meia?

Seus olhos examinaram a grande figura parada na frente dela, tentando absorver o máximo possível antes que a miragem desaparecesse como um copo de água no deserto que um lobo de desenho animado agarrava apenas para cair de cara no chão.

Com um metro e noventa, ele se elevava sobre ela por mais de trinta centímetros. Seu cabelo espesso e castanho-escuro estava arrepiado e despenteado pelo vento, e sua pele e mãos pareciam enrugadas pelo trabalho. Ambas as coisas só adicionaram à sua beleza robusta, que era solidificada por seus ombros largos e braços musculosos. O homem à sua frente claramente não se esquivava do trabalho duro e físico e parecia fazer bem para ele.

Ele sorriu e acendeu todas as sinapses em seu corpo. Não. Isso não era possível. Ela estava em choque. Descrença total. Pelo menos esse era o estado em que sua mente estava; seu corpo, no entanto, estava em um estado totalmente diferente, enquanto uma sensação de formigamento explodia de seu núcleo e inundava seu corpo como um rio furioso.

— Oi, Amanda.

Ela mal registrou as palavras suavemente faladas. Tudo em que ela podia se concentrar era no fato de que ela estava olhando para os olhos castanho-escuros incrivelmente sexy, os quais ela nunca pensou que veria novamente. Olhos com os quais ela sonhava todas as noites (e dias!). Olhos que, com

uma mirada, fizeram com que ela sentisse algo que acreditava honestamente ser impossível... completa.

Em um instante, ela sabia que era verdade. Ele estava realmente ali. Ela sentiu como um raio antes de seu corpo inteiro ficar completamente entorpecido. A bandeja de potes de chá gelado escorregou de seus dedos e caiu no chão. Em algum canto remoto de sua mente, ela sentiu que ficava repentinamente desajeitada, ouviu o barulho quando caíram no chão e sentiu o líquido gelado espirrar em suas panturrilhas. Mas tudo parecia longe o suficiente para estar acontecendo em um filme ou em um sonho. Sua realidade encolheu para o par de olhos magnéticos que pareciam chegar à alma dela.

Em uma voz minúscula e trêmula que era tudo o que ela conseguia reunir, Amanda respondeu:

— Oi, Justin.



Justin tinha pensado estar preparado para como se sentiria naquele momento. Agora que ele o estava experimentando, sabia que estava delirando ao pensar que poderia estar pronto para isso. Uma coisa era certa. Ele não estava mais dormente. Seu corpo inteiro vibrava com consciência intensificada. Enquanto olhava fixamente para as majestosas piscinas azuis dos olhos de Amanda, ele sentiu a realidade elétrica de sua intensa conexão chiar através de cada célula de seu ser.

Sua consciência não acabava aí, no entanto. Ele também estava muito consciente de que a sala inteira tinha ficado tão silenciosa que você podia ouvir um alfinete cair. Era como se a presença dele tivesse sugado todo o som do espaço. O único som que Justin podia ouvir era o do coração batendo forte contra as costelas. Tão poderosamente, de fato, que parecia que os ossos eram a única coisa impedindo esse órgão que batia tão rapidamente de sair do seu corpo.

Embora ele estivesse ciente das outras pessoas na sala, a única que podia ver era Amanda. Ninguém mais existia além do anjo de cabelos loiros e olhos azuis parado na frente dele. Justin teve que se lembrar de respirar enquanto olhava para sua beleza etérea.

Ao crescer, ele perdeu o fôlego mais vezes do que poderia contar, fosse

por brigar com seus amigos, por praticar esportes, ou nas mãos de seu pai. Mas ele nunca experimentou aquela sensação tão familiar e única quando adulto. E ele com certeza nunca sentiu isso sem qualquer contato físico.

Mas, enquanto ele estava na frente da garota que roubou seu coração há mais de uma década e nunca o devolveu, foi exatamente como ele se sentiu. Sem fôlego.

Nos últimos dias desde que ele soube que veria Amanda novamente, uma parte pequena, cínica ou talvez autoconservadora de Justin tinha raciocinado que ele poderia tê-la feito algo que ela não era. Que a perfeição, a beleza e a inocência de que ele se lembrava eram, na verdade, mais uma fantasia construída a cada segundo, a cada minuto, a cada hora, a cada dia, a cada ano que se separaram até chegar às proporções do Monte Everest.

Agora, enquanto ele mergulhava em seus grandes olhos de safira emoldurados por cílios grossos e escuros, a pele macia e cremosa de suas bochechas fazia suas mãos coçarem para alcançar e tocá-la, e seus lábios — seus lábios rosados e cheios que faziam o corpo de Justin doer com uma necessidade palpitante — ele sabia que não exagerara em seu sedutor e inocente fascínio ou em sua reação a ele.

A única coisa maior do que a reação física de Justin — que era mais forte do que um trem de carga descontrolado — era sua resposta emocional crua. Todos os sentimentos que ele reprimiu, empurrou e esmagou entraram em erupção dentro dele como um vulcão de emoções quentes no momento em que seus olhos encontraram os dela. Ele sentia tanto sua falta que sua alma doía.

Seu corpo parecia estar entrando em choque. Amanda dominou seus pensamentos por tanto tempo que ele não sabia como era uma existência sem sentir sua falta. Sim, Justin tinha criado uma vida para si mesmo. Ele tinha amigos, um emprego e até relacionamentos. Mas ela estava sempre em sua mente, em seu coração, em sua alma. Ela era tão parte dele quanto seu DNA.

Tanto que Justin sinceramente não sabia como tinha vivido tanto tempo sem vê-la. Olhando nos olhos dela agora, ele sentiu como se precisasse dela mais do que precisava de sua próxima respiração. Ela era mais vital para ele do que oxigênio, comida ou água. Ele não podia entender como havia sobrevivido sem ela. Então o atingiu. Nos últimos dez anos, foi exatamente isso que ele fez. Ele sobreviveu. Não viveu.

Olhando nos olhos de Amanda, Justin estava vivo.



Capítulo

5

Amanda percebeu seus sentidos voltando para ela. Não devagar ou pouco a pouco, mas, sim, em uma onda de pelos frenética voando por ela. Ela sentiu um volume quente e peludo bater em suas pernas quando uma forma escura e distintamente canina passou por ela para dentro do cômodo, quase derrubando-lhe. Ela deu uma segunda olhada.

Era... Isso poderia ser... Teddy?

Seu labrador preto não se movia de uma maneira que poderia ser descrita como mais rápida do que “passear” em provavelmente dois anos. Este poderia ser o mesmo cachorro? A pergunta sobre o que poderia ter inspirado essa súbita explosão de energia frenética não foi difícil para Amanda responder. Justin. Claro, Justin.

Se havia alguém no mundo que amava Justin tanto quanto Amanda, seria seu doce menino, Teddy. Durante todo o primeiro ano de sua vida de filhote, ele seguiu Justin o dia todo, como um patinho atrás de sua mãe. Enquanto Justin cuidava de suas tarefas diárias, executando tarefas que o levavam a todos os cantos da imensa propriedade, Teddy nunca estaria a mais do que alguns metros de distância. Amanda costumava brincar que ele era mais cachorro de Justin do que dela. Mas ela não se importava. Parecia apenas mais um fio no laço que os unia.

Mas Amanda nunca teria adivinhado que a devoção do filhote, ou mesmo sua memória, se estenderia ao longo de uma década. No entanto, ali estava ele, o focinho grisalho e tudo, pulando pelas pernas de Justin como se ele fosse um filhote novamente. Amanda não se lembrava da última vez em que tinha visto tanta alegria nos olhos de seu filho idoso.

No show canino que Teddy exibia ao se comportar como um filhote, ela se viu rindo com as meninas e Henry, e, assim, a tensão foi magicamente quebrada.

Henry se aproximou de Justin, deu-lhe um caloroso aperto de mão e disse:

— Bem-vindo ao lar, filho. Já faz muito tempo. Você não é um homem fácil de rastrear. E estou feliz em vê-lo, embora talvez não tão feliz quanto algumas pessoas na sala. — Ele se abaixou e coçou a cabeça de Teddy enquanto dava o último salto, mas a piscada clandestina que ele deu, que apenas Amanda pôde ver, a deixou alerta. Ela sabia que suas palavras não estavam se referindo só a Teddy.

Amanda, corando, inclinou-se e começou a pegar as canecas, agora vazias de chá gelado, antes de colocá-las de volta na bandeja. No segundo que ela o fez, Lauren, Karina e Sam entraram e pegaram trapos, a bandeja e as outras xícaras, dizendo que cuidariam de tudo e que ela não se preocupasse com aquilo.

Amanda ficou de pé, segurando uma xícara solitária na mão, enquanto tentava recuperar o equilíbrio, física e emocionalmente.

Perder seu pai havia virado seu mundo de cabeça para baixo. Justin retornando tinha virado do avesso. Ela não sabia o que fazer. O que dizer. Para onde olhar.

Totalmente perdida, ela se virou, voltando para a cozinha, usando a rápida viagem para colocar o copo na pia como uma oportunidade de recuperar o controle — tão sob controle quanto ela poderia estar, pelo menos. Ela jurou para si mesma que, mesmo que ela fosse uma bagunça abalada por dentro, seu rosto, voz e gestos não a trairiam. Ela precisava ser forte para que, pelo que Justin ou qualquer outra pessoa na sala fosse capaz de dizer, o retorno de sua alma gêmea de infância não fosse nada além de um pontinho em seu radar.

Ela poderia fazer isso... certo?

Depois de algumas respirações profundas e limpas, ela sabia que não podia evitar o inevitável e, quando voltou para a sala de estar, sorriu para todos os rostos felizes que viu e vozes risonhas que enchiam o ar. Karina, em particular, parecia especialmente animada ao ver Justin. Amanda lembrou que Karina e Justin sempre se deram bem. Eles sempre apreciaram o senso de humor um do outro e desfrutaram de uma rivalidade lúdica. Amanda esperava que essa dinâmica entre eles, ainda obviamente em pleno vigor,

servisse como um amortecedor para suas próprias interações com Justin até que ela pudesse controlar melhor a turbulência interna que estava tendo um desfile pela rua principal de seu coração e mente.

Trent, parecendo totalmente indiferente ao fato de que Amanda tivesse alguma reação à chegada de Justin, levantou a mão e apontou para os sofás, dizendo, em vez de perguntar:

— Tenho certeza de que todos temos lugares para estar. Devemos todos nos sentar e começar isso?

Henry balançou a cabeça e riu com tristeza.

— Sim, meu filho, por qualquer que seja o motivo do seu desespero, ficará feliz em saber que agora podemos colocar esse show na estrada.

Enquanto se encaminhavam para os sofás, Trent passou o braço pela cintura de Amanda e se inclinou, sussurrando em seu ouvido do modo como, até uma hora atrás, fazia com que ela se sentisse especial:

— Você parece abalada. Mas não se preocupe. Depois de ouvirmos os termos do testamento e falarmos sobre os valores concretos da propriedade e do negócio, teremos uma ideia muito mais clara do que precisamos fazer.

Amanda notou que Karina, Sam e Lauren trocaram um olhar desconfiado quando se sentaram.

— Nós? — Karina murmurou para Lauren, incrédula, e Lauren deu de ombros.

Há alguns minutos, Amanda ficaria constrangida com a reação de suas amigas. Ela se sentiria responsável por Trent e não queria que eles pensassem mal dele. Mas isso foi antes do retorno de Justin. Agora, cada célula do corpo dela estava muito ocupada por estar em sobrecarga mental, emocional e física para deixar qualquer espaço para o constrangimento se infiltrar. Neste momento, tudo o que ela estava tentando fazer era lembrar de respirar.

Quando Justin se acomodou na poltrona reclinável em frente ao sofá, Teddy pulou no seu colo e se enrolou em uma bola. Ele bufou satisfeito enquanto colocava o queixo no braço da cadeira como se nem notasse que sua forma enrolada tinha quase o dobro do tamanho do colo de Justin. Amanda sentiu o coração se expandir com a visão.

Samantha sorriu.

— É como se ele achasse que é um chihuahua.

Amanda sorriu tristemente.

— Eu acho que ele pensa que é um filhote de cachorro novamente. — Ela olhou para cima, e seu olhar se fixou nas poças de chocolate de Justin em que

ela poderia facilmente se afogar.

Suas mãos tremiam no colo. Na verdade, parecia que todo o seu corpo tremia como uma folha ao vento. Amanda ainda não conseguia acreditar que Justin estava ali. Na sala dela. Ela ainda estava com medo de que ele desaparecesse se ela piscasse como o copo de água no deserto. Justin continuou a coçar a cabeça de Teddy enquanto eles olhavam nos olhos um do outro, e um sorriso melancólico percorreu seu rosto até combinar com o que Amanda estava usando.

Henry pigarreou e abriu a pasta.

— Tudo certo. Que tal começarmos, então?

Quase como uma entidade, cada cabeça na sala girou para enfrentar Trent. Amanda olhou ao seu lado para ver que ele não parecia afetado pela nova atenção. Ele parecia ansioso para ouvir o que Henry tinha a dizer.

Henry pegou um punhado de papéis da pasta maltratada e colocou-os na mesinha de centro à sua frente. Ele passou por eles e tirou um pacote grosso, parecendo oficial. Ele olhou em volta para os rostos esperançosos na sala, e Amanda podia jurar que realmente viu um brilho em seus olhos.

— Bem, ursinha, vamos direto ao ponto. Existem basicamente dois ativos principais que seu pai deixou para você. Um delas é esta casa e a propriedade em que se encontra, e uma delas é a Mountain Ridge Outdoor Adventures. A casa é direta. Ele deixou diretamente para você. O parque de aventura é um pouco mais... interessante.

— Interessante? — Trent estava definitivamente prestando atenção agora. Ele não olhou para o celular uma vez desde que Henry começou o processo.

— Eu acho que é interessante — disse Henry com um pequeno sorriso. — Veja, seu pai deixou para você oitenta por cento do parque e vinte por cento para o Justin aqui.

— O quê?! — Essa exclamação de surpresa surgiu dos lábios de ambos Justin e Trent simultaneamente, embora com diferentes tons. Amanda notou que, enquanto Trent e Justin pareciam realmente chocados e surpresos, havia uma irritação definitiva subjacente à exclamação de Trent.

— Eu não entendo. — A voz de Justin parecia tensa. — Henry, quando você me disse que Parker deixou algo para mim, eu estava esperando uma... lembrança, um sinal. Algo pequeno, mas significativo.

— Bem, filho. — Henry sorriu, claramente divertido. — Você estava meio certo. Você estava esperando algo pequeno e significativo, e o que você conseguiu foi algo grande e significativo. Eu diria que é melhor, no fim das

contas.

— Me desculpe. Quem é você? — perguntou Trent em um tom falsamente amigável.

— Justin morava aqui — interpôs Amanda imediatamente, sem dar a Justin a chance de responder. Seu tom protetor surpreendeu até a si mesma. — Ele foi o braço direito do meu pai por muitos anos. Ele era como um filho para ele.

Um arrepio desceu pela espinha de Amanda quando seus olhos se voltaram para Justin e viram o olhar de pedra fria que gritava macho alfa sendo direcionado para Trent. O poder de seu apelo sexual acima do normal acelerou as batidas do coração já agitado de Amanda para o triplo da velocidade.

O olhar duro de Justin nunca deixou Trent quando ele perguntou com um tom baixo e autoritário

— E quem é você?

— Sou o namorado de Amanda — disse Trent territorialmente, passando o braço pelo ombro dela.

O toque de Trent enviou um tipo totalmente diferente de frio pelas costas dela. Era da variedade desconfortável. Os dois homens se encararam por um momento, claramente avaliando um ao outro. A atmosfera na sala parecia que era uma panela de pressão prestes a explodir. Amanda queria mais do que qualquer outra coisa se afastar do abraço de Trent. Ela odiava confronto de qualquer forma.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Karina fez o que fazia melhor.

— Ok, pessoal. Olha, se vocês realmente vão fazer isso, por que não pular a conversa e podemos resolver isso de uma vez por todas? Coloquem pra fora e podemos ver quem tem o maior pa...

— Karina! — Amanda interrompeu.

— O quê? — Sua amiga de cabelos escuros encolheu-se sem pedir desculpas. — Estou falando sério. Se este é um concurso de mijo, então vamos. Caso contrário, vamos apenas continuar com a leitura, não é? Amanda não precisa dessa porcaria. Ela já passou o suficiente.

Amanda sempre apreciara o fato de que sua amiga era ousada, e alguns até diriam que ela era uma espertinha, mas ela nunca quis beijá-la como queria agora.



Este era um concurso de mijo, e de jeito nenhum Justin iria recuar e desviar o olhar primeiro. A última coisa no mundo que ele queria fazer era perturbar Amanda, mas ele estava a cerca de dois segundos de nocautear o aspirante a “Saved by the bell” que tinha o braço ao redor dela.

— Tudo bem — Justin concordou, mas seu olhar não vacilou.

Trent, no entanto, não se dirigiu a Justin, em vez disso, dirigiu sua pergunta a Henry.

— Eu não entendo como essa pessoa de quem eu nunca ouvi falar antes poderia receber vinte por cento dos negócios de Amanda, quando ele não fez nada para isso.

— Trent, pare. Eu não tenho problema com isso. Na verdade, acho que é exatamente assim que deve ser. — Amanda olhou para o namorado enquanto se afastava dele. No segundo que o idiota não a estava mais tocando, Justin sentiu como se o bloco de cimento que havia sido encaixado em torno de seu peito quebrasse e ele pudesse respirar novamente.

Justin sabia que não tinha o direito de se sentir assim. Que ele não tinha o direito de sentir algo sobre Amanda. Ele não tinha o direito de se sentir tão feliz quando parecia que havia problemas no paraíso entre esses dois, mas isso não mudava o fato de que ele estava feliz.

— Bem, é uma coisa boa você se sentir assim, ursinha. Porque tem mais uma condição — continuou Henry, erguendo as sobrancelhas espessas e olhando entre Justin e Amanda.

— Que condição? — perguntou Amanda.

Foi a pergunta que Justin não conseguiu formar em seu cérebro em estado de choque.

— Simplesmente isto: embora você, Manda, possua oitenta por cento e Justin apenas vinte por cento, ambos precisam concordar com grandes decisões sobre a propriedade. Por exemplo, vendê-la. Vocês dois precisariam assinar. Em segundo lugar, nenhuma decisão sobre o futuro do parque pode ser tomada até que você e Justin tenham trabalhado juntos por pelo menos um mês inteiro. Depois desse tempo, se ambos concordarem em vender, vocês podem seguir esse caminho. Mas vocês vão ter que administrá-la juntos por um mês inteiro antes disso.

Justin não podia acreditar no que estava ouvindo. Isso tinha que ser um erro. Depois da maneira como as coisas terminaram entre ele e Parker, não

havia como ele lhe dar uma porcentagem do negócio.

— Quando isso foi elaborado? — Justin perguntou, certo de que deveria ter sido há pelo menos dez anos.

— Cinco anos atrás. — Henry olhou Justin bem nos olhos enquanto falava.

Cinco anos?

— Cinco anos — Henry repetiu como se estivesse lendo a mente de Justin. — Logo depois que ele desistiu de tentar encontrar você. Aquele homem esgotou todas as possibilidades de procurar por você, filho. Por anos.

Parker estava procurando por mim?

Trent olhou entre Henry, Amanda e Justin.

— Eu não me importo quando o testamento foi elaborado. Isso nunca vai se sustentar no tribunal. Henry, acho que beira a negligência que você mesmo tenha elaborado esse documento.

Henry olhou para Trent.

— Bem, filho, seu conhecimento legal à parte, o fato é que, para ver se o testamento se sustentaria no tribunal, você realmente teria que contestá-lo no tribunal.

Trent parecia não se incomodar.

— Não temos nenhum problema com isso.

Henry olhou para Amanda, que parecia tão chocada quanto Justin.

— Ursinha, é isso que você realmente quer? Esqueça por um momento se isso está em terreno legal que é tão instável quanto areia movediça ou sólido como granito. O que sabemos com certeza é que este documento representa os desejos do seu pai de como ele queria ver as coisas acontecerem. Você realmente quer ir ao tribunal e pedir ajuda para deixar seus desejos de lado, como se eles nem importassem?

Amanda piscou, parecendo que alguém acabara de lhe dar um tapa no rosto.

— O quê? Não. Oh, meu Deus. Trent, eu nunca levaria isso ao tribunal. Eu acho ótimo que o Justin possua vinte por cento. Papai amava Justin. Eu não me importaria se ele tivesse metade.

Trent se aproximou de Amanda com um olhar “preocupado” em seus olhos e escovou um fio de cabelo que havia caído sobre a testa dela atrás da orelha. Pode ter parecido um gesto doce para todos os outros, mas para Justin parecia condescendente demais. Justin teve que fechar as mãos ao seu lado para evitar arrancar com um soco o olhar presunçoso do rosto do menino

bonito.

O maxilar de Justin ficou tenso quando Trent pousou a mão na coxa de Amanda e falou com um tom tranquilizador:

— Amanda, acho que você não entende. Se você não contestar esse testamento, isso atrasa nossa capacidade de vender esse lugar e tirar você daqui, pra longe de todo esse estresse, por um mês.

— O quê? — Amanda franziu a testa enquanto levantava as mãos e balançava a cabeça enfaticamente. — Trent, não sei de onde você tirou a ideia de que eu queria vender o Mountain Ridge. É a minha casa. É onde eu cresci. É o legado do papai. Eu não quero vendê-lo. Eu nunca quis vender. Eu não vou a lugar nenhum.

— E se Justin partir antes do mês acabar? — Lauren perguntou rigidamente.

— Lauren! — Amanda virou a cabeça para a amiga, os olhos arregalados.

— O quê? — Lauren disparou de volta. — É uma pergunta justa se ele mantiver o histórico.

— Eu mereço isso — Justin concordou, porque era verdade. Ele também queria tentar difundir essa situação antes que Amanda ficasse mais chateada.

— Você merece mais do que isso. — Lauren olhou para ele com um brilho não tão agradável em seus olhos.

— Lauren, pare com isso. — O tom de Amanda estava soando mais e mais irritado.

Henry levantou as mãos.

— Ok, pessoal. Vamos resolver isso. Os ânimos estão exaltados agora. Foi um dia cheio de emoções. Por que não fazemos uma parada por enquanto? Amanda tem o serviço memorial para se preparar, e todos esses detalhes podem esperar até a próxima semana. Eu vou até o prédio principal da administração e então Manda, Justin e eu podemos ter uma reunião. Vamos esclarecer todos os detalhes.

Henry olhou para Trent quando deixou claro quem seriam os participantes daquela reunião.

Amanda assentiu com a cabeça.

— OK. Isso soa bem. Isso soa muito bem. Eu acho que preciso me deitar.

O coração de Justin se partiu quando ele viu como ela parecia abalada. Ele queria confortá-la. Abraçá-la. Como ele não podia fazer nenhuma dessas coisas, simplesmente ficou de pé, torcendo para que todos os outros seguissem sua liderança.

— Tudo certo. Bem, vou sair do seu caminho para que você possa descansar.

— Onde você está hospedado, Justin? — Amanda olhou para ele, sua voz soando insegura.

— Eu vim direto pra cá depois que desci do ônibus e deixei minha bolsa no corredor da frente. Eu imaginei que eu andaria pela cidade e veria se Sue Ann ainda aluga o quarto em cima do café — Justin respondeu.

— Ah... tudo bem. — A voz de Amanda tremeu um pouco quando ela assentiu. Justin notou que suas mãos também estavam tremendo quando ela as torceu na frente dela. — Bem, se você não quiser voltar para a cidade, pode ficar no seu... ou, um... no alojamento dos fundos. Está vazio.

Os olhos de Justin olhavam para ela como eram desde crianças e ele queria ver se ela estava mentindo sobre quanto chiclete ela havia deixado ou se ela estava bem (ela não estava!) Quando caiu da bicicleta. Se ela o queria aqui, então este era o lugar onde ele iria ficar; mas, se ela estava apenas tentando ser hospitaleira ou se se sentia obrigada, então não havia como aceitar a oferta.

— Você tem certeza?

Amanda assentiu, e ele viu lá nos olhos dela — ela não queria que ele partisse, assim como ele não queria ir.

— Ok — Justin concordou.

Foi quando ele foi recompensado com a única coisa que sempre corrigiu seu mundo louco, doloroso e confuso — o sorriso de Amanda Jacobs.



Capítulo

6

Lençóis e cobertores torcidos estavam embrulhados desajeitadamente em torno dos membros de Amanda das horas gastas se virando em sua cama. Ela tinha certeza de que estava tendo um pesadelo, exceto pelo fato de ainda estar acordada. Calor percorreu seu corpo, alternando com flashes congelantes, até que ela honestamente tinha certeza de que estava ficando louca. Ela se perguntou vagamente se tinha sido acometida por alguma doença física debilitante, se estava sofrendo de algum tipo de gripe rara, talvez, ou da peste bubônica. Nada estava fora de questão. Todas as suas articulações doíam e seu estômago parecia enjoado. Ela não conseguia recuperar o fôlego e, quando colocou a mão na testa, poderia jurar que se sentia febril.

Ainda assim, a grande diferença entre o que ela estava sentindo e uma verdadeira doença física que ela não podia deixar de notar era que, alternando com os sentimentos instáveis e doentios, havia sensações de satisfação e pura alegria. Suas articulações e músculos trocaram a dor pelo formigamento.

Não, se fosse sincera, teria que admitir para si mesma que se tratava de uma doença do amor antiquada. Toda sensação percorrendo seu corpo aquela noite, tanto positiva quanto negativa, poderia ser atribuída ao retorno de um certo Sr. Justin Barnes.

Porra, Justin.

Foi só recentemente que ela o superou, e então ele tinha que voltar para valer para sua vida, parecendo mais sexy do que qualquer ser humano tinha o direito de conseguir.

Bem, ok, talvez a parte “finalmente o superou” tenha sido um pouco

exagerada. Mas pelo menos agora havia alguns dias em que ela podia passar uma hora inteira sem pensar nele a cada minuto. E Deus sabe que nem sempre foi o caso. Ela estava em um espaço mental muito melhor agora, no que se referia a ele, do que costumava estar e tinha trabalhado muito duro para chegar lá.

No entanto, em uma fração de segundo — sim, um minúsculo segundo foi o suficiente para destruir completamente anos de trabalho duro para tentar fazer o que ele havia pedido: esquecê-lo. Naquele instante, quando passou pela porta, ele quebrou toda aquela paz de espírito em pedaços.

Agora ela tinha que admitir para si mesma que não o havia superado. Se ela tentasse negar isso, seu estômago enjoado e a dor nas articulações lhe diriam outra coisa.

Amanda se afastou do colchão, desembaraçando-se quando se sentou e suspirou. Ficou claro que o sono não estava na agenda naquela noite. Ela estava tentando há horas e não tinha conseguido nada perto de se aproximar do estado relaxado e lânguido que permitiria que ela dormisse. Não, se alguma coisa, ela estava em tal estado de espírito sobrecarregado que sentia como se seus nervos tivessem fios vivos ligados a eles. Ela pulou com cada pequeno barulho. Nesse ritmo, não sabia se voltaria a dormir.

Sim, estava sendo dramática. Não, ela não se importava. O maldito Justin Barnes estava de volta em sua vida. Ser dramática era lidar bem com as coisas, na opinião dela.

Amanda se perguntou se vê-la novamente estava afetando Justin da mesma forma que vê-lo novamente a afetara. Decidindo fazer um pequeno trabalho de detetive para responder a essa pergunta, ela foi até a janela do quarto — a que tinha uma visão clara da varanda da frente do barracão.

Uma sensação de *déjà vu* correu através dela. Isso estava longe de ser a primeira noite sem dormir que ela passara, seus olhos fixos na varanda da frente do alojamento, sua mente, corpo e alma completamente consumidos com a consciência alternadamente feliz e torturante de que Justin estava por perto.

Mas como os anos se passaram na ausência de Justin, ela se convenceu de que era uma afetação adolescente. No entanto, ali estava ela, uma mulher adulta, ainda se revirando e lançando olhares furtivos para a pequena cabana onde Justin dormia. Ela estava tão afetada por sua presença, agora, quanto tinha ficado quando era uma adolescente boba.

Ela seriamente precisava se controlar.

Enquanto Amanda tentava de tudo em seu poder para retardar sua respiração, acalmar sua frequência cardíaca, tornar-se novamente a adulta racional que lutara tanto para ser, o pensamento persistente do qual ela não conseguia se livrar era:

Será que Justin está passando pelas mesmas coisas que eu agora? A agonia e o êxtase? Ele está sendo atormentado, como eu estou, com flashes alternados de dor e felicidade?

Depois do fracasso que foi a leitura do testamento, Justin perguntou a Amanda se ela precisava de alguma coisa. Perguntou se ela estava comendo. E depois que ela o convenceu de que não precisava de nada e que estava se alimentando, ele foi direto para o barracão e Amanda não o viu novamente. Ela pensou que, talvez, depois que Trent e Henry saíssem, ele voltaria para a casa principal, verificaria, ou talvez, oh, você sabe... apenas ver como ela tinha passado *os últimos dez anos*.

Mas ele não tinha feito isso.

Mudando o peso de um pé para o outro, Amanda mordeu o lábio. Não importava o quanto tentasse, ela não conseguia parar de imaginar o que ele poderia estar passando ali. Então, a inspiração a atingiu como um caminhar. Ela poderia simplesmente descer e verificar. Em vez de ficar obcecada com o que poderia ou não estar ocorrendo por trás daquelas quatro paredes de madeira, ela podia ver por si mesma.

Ela era uma adulta, não uma adolescente se esgueirando para espionar seu amor não correspondido. Era hora de falar e andar de cabeça erguida. Literalmente. Ela só iria vestir a calcinha de moça adulta. Metaforicamente. E depois colocar um suéter, calçar seus tênis, descer até o barracão e bater na porta. Literalmente.

Qual era o pior que poderia acontecer?

Ele foi embora, a resposta a atingiu como um golpe de caratê em seu peito.

Bem, se isso fosse o pior que poderia acontecer, então não havia razão para não tentar. Ela já tinha tropeçado nessa pedra, caído e tinha a cicatriz para provar.

Suavemente ela girou a maçaneta dourada da sua porta, entrou no corredor e fechou-a atrás dela com um toque suave e silencioso. Seu ritmo cardíaco acelerou a cada passo enquanto ela andava pelo corredor e pelas escadas o mais leve possível, para não acordar as meninas. Ela não queria companhia nessa viagem, e olhos curiosos também não eram bem-vindos.

Ela se sentiu como um ninja quando saiu para a missão da meia-noite.

Quando chegou à porta dos fundos, ela novamente fez todos os esforços para ser tão furtiva quanto um gatuno ao abrir e fechar a porta externa. Este encontro noturno era entre Amanda e Justin, ninguém mais.

No momento em que seus pés deixaram o último degrau da varanda coberta dos fundos, o ar fresco foi como agulha contra a sua pele, fazendo-a sentir-se ainda mais alerta enquanto descia a trilha desgastada do caminho para o barracão. Embora, na última década, ela tenha feito tudo o que estava ao seu alcance para evitar ter que percorrer este caminho, passando por ele agora, ela não podia negar que ainda se sentia incrivelmente familiar. Cada passo era um amigo velho e conhecido, e o formigamento de antecipação que ela sentia toda vez que passava por esse caminho, no passado, retornou com força total. Ele levava a um lugar e a um lugar apenas... o barracão. Se ela estava nele, estava a caminho de Justin. Esse era seu único propósito, e esse conhecimento sempre foi — *sempre* — delicioso em algum aspecto, não importando quanta trepidação também colorisse essa excitação.

Quando ela se aproximou da varanda da frente do barracão, ouviu um som que a cortou até o núcleo.

Ronco.

Sério?

Aproximando-se, ela colocou as mãos em volta dos olhos e os pressionou contra a janela, esforçando-se para enxergar.

O luar brilhando através da janela desafogada iluminando a visão de Justin, totalmente vestido, esparramado na cama de solteiro no canto do pequeno espaço, espertamente usando sua mochila como travesseiro.

Incrível!

Não só ele era capaz de dormir, ele estava tão ansioso para conseguir dormir que nem se dera ao trabalho de se despir. Pelo que Amanda podia ver, parecia que ele estava em um sono tranquilo, não um sono intermitente. Não houve febres e movimentos noturnos, vulneráveis a serem despertados pela menor perturbação. Não. Ele estava frio, imóvel e roncando sonoramente sem preocupação alguma.

Então lá estava. Ali estava a prova. Ele podia estar de volta, mas esta era uma prova irrefutável de como vê-la novamente o afetava. De modo nenhum.

Bem, isso é ótimo, ela pensou enquanto girou sobre os calcanhares e se preparou para voltar no mesmo pé que tinha vindo, sentindo-se como uma idiota por pensar que ele estaria passando por algum conflito ou atormentado

por este reencontro agridoce.
Pelo menos eu sei o que esperar.



Capítulo

7

— Ouça, Amanda. Meu ponto é que, quando éramos crianças, não era só que Justin falasse sobre sair de Hope Falls; é que ele falava *muito* sobre isso. Honestamente, fiquei chocada por ele não ter pegado um ônibus em seu décimo oitavo aniversário. No entanto, isso não é o que me incomoda. Quero dizer, todas nós saímos também. A diferença é que deixamos a cidade, não as pessoas. Justin deixou os dois. Proteja seu coração — Lauren advertiu sabiamente enquanto guiava o carrinho de compras pelo corredor. — Tudo o que eu estou dizendo é... apenas... proteja seu coração.

O quarteto fabuloso havia feito uma viagem especial ao Lago Tahoe pela manhã. A primeira parada foi o café da manhã na Heidi's na Highway 50 — porque era tradição e todos que já viram *Flores de Aço* sabem que não se brinca com tradição — e agora eles estavam enchendo seus carrinhos no Grocery Outlet Bargain Market com suprimentos para a recepção que seria na casa de Amanda após o serviço memorial.

— Eu tenho que discordar de você, minha querida Lauren. Justin era jovem quando partiu. Ele tinha menos de 25 anos na época. — Karina pegou uma uva da bolsa que segurava na mão e a colocou na boca.

As sobrancelhas de Lauren se franziram quando ela olhou para Karina como se ela tivesse alguns parafusos soltos.

— E o que exatamente ter menos de vinte e cinco anos tem a ver com isso?

— Você sabe. — Karina dobrou a esquina, pegou algumas batatas fritas e jogou-as na pilha que estava se acumulando no carrinho. — Ele tinha a doença de menos de vinte e cinco.

Lauren sorriu.

— Doença de menos de vinte e cinco? Enquanto suspeito que a Associação Médica Americana ainda precise definir isso como um distúrbio legítimo, por favor, compartilhe conosco os sintomas, Dra. Blackstone.

Um largo sorriso apareceu no rosto de Karina.

— Com prazer. Os sintomas mais comuns da doença de menos de vinte e cinco anos são: você acredita em seu namorado quando ele diz que estava “apenas conversando” com sua ex até as três da manhã. Você dá a ele os últimos dois mil dólares em sua conta bancária “até a próxima quinta-feira”. Você o deixa dormir no seu sofá por dois dias que se transformam em dois meses, et cetera, et cetera, et cetera.

— E não se limita apenas ao que você permite que seu parceiro faça sem punição. É uma condição que se espalha para relacionamentos não-românticos, por exemplo: você vai ao cinema sozinha e depois mente onde estava só para ver se ele sabe quando você está mentindo. Você honestamente acha que o flerte sexy que está acontecendo com o seu colega de trabalho é totalmente inofensivo, e sim, é quando você foge das coisas quando elas ficam muito intensas, em vez de correr em direção a elas. Você aprende com todas essas coisas terríveis e cresce. Geralmente por volta dos vinte e cinco anos, descobri. Por isso, o nome da doença.

Samantha não parecia convencida.

— Eu conheço pessoas que já passaram dos vinte e cinco anos e ainda estão fazendo todas essas coisas, talvez até coisas mais idiotas.

— Bom argumento. — Lauren acenou para Samantha.

Karina acenou como se isso como insignificante.

— Bem, sim, obviamente. É uma doença. Nem todo mundo vai se recuperar dela. Mas meu ponto é: acho que você deve a Justin pelo menos o benefício da dúvida. Veja se ele a tem. Eu acho que, os últimos dez anos à parte, ele é um cara legal.

Amanda sorriu, lembrando-se de inúmeras vezes em que os dois a fizeram rir tanto que ela ficava com medo de fazer xixi nas calças. Eles eram uma dupla bastante cômica.

— Vocês sempre se deram bem.

— Sim, nós nos demos — afirmou Karina. — Porque eu tenho bom gosto, e ele também, obviamente. Ele gosta de mim, ele ama você. É praticamente oficial. Gosto impecável.

Uma gargalhada explodiu de Amanda pelo absoluto absurdo da

declaração de Karina.

— Ele não me ama, Kar. Isso é ridículo.

Karina sacudiu a cabeça.

— Isso não é o que seu olhar ardente estava me dizendo ontem.

— O quê? — Amanda sentiu um pequeno lampejo de esperança acender em seu peito. É claro que ela pensou que ela e Justin estavam trocando algumas vibrações bem significativas no dia anterior, mas depois de sua pequena expedição no estilo ninja na noite passada, ela atribuiu sua avaliação inicial ao pensamento positivo, como ela obviamente fizera quando adolescente. Ainda assim, conseguir uma segunda opinião nunca faria mal a ninguém.

— O que você quer dizer?

Karina subiu e desceu as sobrancelhas sugestivamente.

— Eu quero dizer que Justin estava enviando sinais sérios mais ou menos como: “Amanda, eu quero você. Amanda, eu quero te ter, agora mesmo, no meio da leitura do testamento.”

Lauren olhou para Karina com algo perto de pena.

— Quanta classe, Karina. Classuda de verdade.

Sam concordou:

— Ele definitivamente estava emanando essas vibrações. Eu não sabia o que você estava sentindo, Mand. Você parecia estar em estado de choque. Como se tivesse visto um fantasma. — Ao se aproximar, Sam passou o braço por Amanda como elas faziam quando eram jovens e tinham feito a abertura de Laverne e Shirley com Schlemiel-Schlimazel-Hasenpfeffer-Incorporated. — Então, como se sente agora que ele está de volta? Você acha que vocês dois finalmente...?

Todas as três mulheres olharam para Amanda com expectativa. Nada como ser pressionada no corredor de alimentos congelados do supermercado.

Por razões que Amanda não conseguia explicar, seu coração disparou em seu peito.

— Honestamente, não sei o que sentir. Estou chocada. Quando o vi, foi como ver um fantasma. Eu acho que eu realmente acreditava que Justin tinha ido embora. Para sempre. — Suspirando profundamente, os dedos de Amanda se abriram e fecharam enquanto seus ombros caíam. — Tanta coisa aconteceu nas últimas duas semanas que eu sinto que estou tendo uma crise nervosa.

Não querendo ceder à onda de tristeza que estava caindo sobre ela,

Amanda se levantou e desejou que as lágrimas que ameaçavam se afastassem.

— De qualquer forma, essa conversa nem deveria estar acontecendo. Eu tenho um namorado.

Karina e Lauren trocaram um olhar com “O” maiúsculo.

Ao lado dela, Sam inclinou a cabeça, perguntando com sinceridade:

— Você ama Trent?

— Sim. — A resposta caiu de sua boca coberta em um tom defensivo. Mesmo depois do comportamento dele nos últimos dias, ela não tinha tanta certeza.

— Sério? — Todas as três meninas questionaram em uníssono.

Os olhos de Amanda se arregalaram com a resposta imediata e em coro de suas amigas. Franzindo os lábios, ela respirou profundamente pelo nariz enquanto o calor subia por suas bochechas, envergonhada pela surpresa sincronizada de suas amigas. Limpando a garganta, ela tentou explicar:

— Bem, quero dizer, estamos juntos há um ano e...

Antes que ela pudesse terminar seu sentimento, o dedo de Karina voou para o rosto dela.

— Isso não é uma resposta.

Amanda deu um passo atrás, sentindo-se oprimida e emocionalmente encurralada. Ela sabia que suas amigas estavam apenas tentando chegar ao cerne da questão, que, neste caso, era literalmente o coração dela. Ela tinha muito a processar, mas não tinha certeza se poderia respondê-las. Mas ela tentou.

— Eu não sei. Se vocês tivessem me perguntado há duas semanas se eu amo Trent, eu teria sinceramente dito sim. Quero dizer, ele é tão diferente de qualquer pessoa que eu já conheci. Ele é encantador, bonito e eu me sentia diferente, especial, quando estava com ele. Mas essa coisa toda me fez ver um lado totalmente diferente dele que eu nunca tinha visto antes. É quase como se ele tivesse capacidade zero para emoção ou empatia. Acho que nunca percebi isso antes, porque todo o nosso relacionamento consistiu em jantares sofisticados, suítes de hotéis de luxo e presentes caros. Eu sinceramente acho que passei todo o nosso relacionamento sendo mimada. Como num conto de fadas.

— Agora que a realidade caiu em nossas vidas, estou vendo por trás do conto de fadas. Eu não sei, parece tão desleal estar dizendo isso sobre ele, mas eu não gosto do que vejo.

— Isso faz sentido. — Os olhos de Karina brilharam quando ela se afastou. — E Justin?

Ao som do nome de Justin, alívio e conforto tomaram conta dela como uma brisa fresca em um dia quente. Seu corpo inteiro relaxou, pensando na pessoa que a conhecia melhor do que qualquer outro ser humano no planeta.

— Quero dizer, é Justin. Você está perguntando se eu amo Justin? Sim. Eu amo. Sempre amei. Sempre amarei. Posso responder isso em um nanossegundo sem qualquer hesitação, porque sei que nunca parei de amá-lo. Ele tem meu coração desde que eu tinha cinco anos de idade, e não importa o que aconteça, se ele for embora, se ele ficar, não importa... ele ainda é o dono. Eu vou amá-lo para sempre. Mas ele não sente o mesmo. E mesmo se ele sentisse... — Ela parou quando lágrimas encheram seus olhos.

— Mesmo que ele a ame, no fundo da sua mente, você estará sempre esperando que ele vá embora no meio da noite. Desapareça da sua vida em um flash — Lauren terminou por ela.

— Sim — Amanda confirmou miseravelmente. — Isso.



Justin rolou a cabeça de um lado para o outro para tentar esticar o pescoço duro enquanto olhava ao redor do barracão. Ele teve que admitir que estava feliz com o progresso que tinha feito.

Ontem, quando ele entrou e viu as camadas de poeira, as teias de aranha e o colchão nu sem roupa de cama, ele estava exausto demais para se preocupar com isso. Ele tinha se virado com acomodações mais primitivas do que isso no passado. Ele sabia que não o mataria passar uma noite empoeirada com as aranhas. Então ele jogou sua mochila no colchão, usou-a como um travesseiro improvisado e desmaiou. Ele caiu em um sono profundo que durou 14 horas e resultou em uma imitação de Frankenstein muito convincente quando se sentou em sua cama improvisada com as costas e o pescoço duros.

Ele realmente não deveria ter ficado surpreso com a rapidez com que apagou. Desde que recebera o chamado de Henry, o sono era esporádico e mínimo. Entre as notícias devastadoras de que Parker havia falecido e depois que ele tinha sido incluído em seu testamento, combinado com a ansiedade de

saber que ele veria Amanda novamente, Justin não tinha realmente um momento de paz.

Até que ele viu Amanda sorrir. No segundo que os lábios da garota apareceram nas bordas, tudo no mundo de Justin voltou para o lugar. O sorriso dela não trouxe apenas paz a ele, lhe deu esperança. Não sobre nada em particular. Só que ainda havia boa luz neste mundo sombrio. Henry não lhe contara o que Parker lhe deixara, mas não era a promessa de uma herança monetária que atraía Justin às montanhas do norte da Califórnia. Foi a promessa de Amanda, de uma chance de consertar as coisas.

O fato de que ele não tinha ouvido absolutamente nenhuma palavra dela depois do contato de Henry estava deixando-o louco. Sua imaginação inventara um milhão de diferentes cenários possíveis sobre o que aquele silêncio significava. Era uma retaliação por seus anos de ausência? Ela ainda estava com raiva dele e sem vontade ou incapaz de falar com ele? Era simplesmente indiferença?

A única possibilidade que nunca lhe passou pela cabeça foi que Henry não dissesse a ela que ele voltaria. O que acabou sendo exatamente o que aconteceu. No segundo em que seus olhos se encontraram, todo o sangue pareceu drenar de seu rosto. Era como se ela tivesse visto um fantasma. Então a maneira como ela agiu durante o resto da reunião — nervosa e instável, como se o chão sob seus pés não fosse sólido. Seus olhos azul-celeste continuaram a encontrá-lo enquanto ela olhava incrédula para ele. Era como se ela precisasse de confirmação visual de que ele estava realmente ali, ao vivo e real.

Ela não estava agindo como quem estava se adaptando à ideia de ver alguém que sabia que encontraria há dias. Ela estava agindo como alguém que foi completamente pega de surpresa.

Pensando nisso agora, Justin se perguntou por que Henry teria mantido algo tão significativo quanto Amanda perder vinte por cento de sua herança em segredo dela até a leitura oficial do testamento.

Essa informação não pareceu incomodá-la nem um pouco. Ela mal olhou para o arranjo financeiro. Estar vendo seu rosto era o que parecia ter sacudido seu núcleo.

A reação dela consumira a mente de Justin enquanto ele varria o alojamento, desempacotava o pouco que tinha em seu nome, pegava os lençóis limpos do armário da despensa e os colocava no catre. Basicamente, enquanto ele arrumava o barracão.

Esse não era o seu plano inicial para o dia. No segundo que ele acordou, ele foi ver Amanda, para ter certeza de que ela estava bem, mesmo sob as circunstâncias atuais. Justin esperava que pudesse ficar alguns momentos a sós com ela para conversar. Ele ficou desapontado ao encontrar uma casa vazia, mas se sentiu melhor sabendo que provavelmente ela estava com Karina, Lauren e Sam. Ele sabia que aquelas garotas amavam Amanda e elas se certificariam de que ela estivesse bem.

Ao contrário do idiota que ela estava namorando. Justin podia admitir que parte de sua intensa antipatia, que beirava o ódio pelo babaca, poderia ter algo a ver com ciúmes. Mas o monstro de olhos verdes não era o único culpado. Era óbvio para Justin que o aspirante de *Saved by the Bell* não tinha o melhor interesse de Amanda no coração.

Depois de sair em busca de Amanda, Justin andou na linha da propriedade pelos velhos tempos. Enquanto fazia isso, mais memórias do que ele conseguia lidar jorraram de volta para ele. Ele cresceu em Mountain Ridge. Os anos ali foram os melhores anos de sua vida. E agora ele era proprietário de parte dele. Justin ainda não podia acreditar que Parker o nomeara em seu testamento. A última vez que eles falaram foi...

Justin não queria nem pensar nisso.

Sacudindo a memória, ele ficou no meio da sala enquanto o sol da tarde passava pela janela e examinava os resultados do trabalho do dia. Não era ruim. Ele não conseguia entender como esse espaço parecia exatamente igual ao dia em que o deixou. Quase como se ninguém mais tivesse passado por ele em uma década.

Seu estômago roncou enquanto deliciosos cheiros chegavam ao barracão vindo da casa principal. Só então se deu conta de que ele se esquecera de comer o dia todo.

Ele começou a pegar sua carteira para ir para a cidade para um jantar rápido no Café da Sue Ann, mas depois reconsiderou. Amanda estava obviamente em casa agora. Ele precisava vê-la. E se o idiota do Trent estivesse lá, ele poderia justificar uma parada porque precisava descobrir os detalhes do serviço memorial de amanhã. Irritava Justin que ele tivesse que inventar razões para ver Amanda, mas muita coisa mudou na década em que ele esteve fora.

Exceto por uma coisa, seu coração ainda pertencia à garota de olhos azuis que o roubara numa manhã qualquer, todos aqueles anos atrás na mesma casa, exatamente no mesmo cômodo para o qual ele estava indo.





Capítulo

8

Quando Amanda moveu os pedaços de frango e os legumes picados ao redor da frigideira à sua frente, sua cabeça nadou com emoções conflitantes. Sempre seria assim? Se Justin decidisse ficar e administrar Mountain Ridge com ela, sua consciência iria existir para sempre em tal estado de desequilíbrio?

Depois que voltaram da viagem para Lake Tahoe, Karina, Sam e Lauren foram visitar a avó de Karina, embora com relutância. Eles não queriam deixar Amanda sozinha, mas ela insistira, chegando perto de fisicamente empurrá-las porta afora.

— Eu preciso entender direito — ela dissera a elas. — A única maneira de eu conseguir isso é com uma séria busca de alma e contemplação. E, para isso, preciso de uma pequena reunião no estilo “aceite Jesus” comigo mesma. Confie em mim. Uma hora sozinha me fará incrivelmente bem. Eu vou fazer o jantar e serei uma mulher totalmente nova quando vocês voltarem.

Então o resto do Quarteto Fabuloso partiu em meio a expressões céticas e admoestações para ligar se ela precisasse de alguma coisa.

Agora, Amanda estava sozinha, cozinhando e contemplando, e não parecia estar seguindo em frente. Ela começou sua auto-imposta reflexão solo, sentindo-se confusa e vulnerável, e isso era exatamente onde ela ainda se encontrava. Não ajudava que ela tivesse zero horas de sono na noite anterior. Talvez fosse hora de tentar a reunião “Aceite Jesus”.

Uma batida na porta dos fundos que levava à cozinha interrompeu o turbilhão de agitação interna que a atravessava. Virando-se, ela viu a própria fonte de sua confusão e o angustiante furacão em pé na varanda, seu belo

rosto emoldurado na vidraça da porta externa como um retrato finamente forjado.

Um tremor percorreu-a do alto da cabeça às pontas dos dedos dos pés. Ela fez o melhor que pôde para disfarçar sua reação, porque a última coisa que Amanda queria fazer era mostrar ao Sr. Rip Van Winkle¹ sexy as suas fraquezas. Hoje ela estava ostentando círculos escuros sob os olhos, como resultado de sua noite sem dormir. Justin, por outro lado, parecia muito bem descansado. Seus olhos percorreram o material macio de algodão que estava esticado em seu bíceps e sua boca se encheu de água.

Justin parecia bem descansado e extremamente sexy. Mas esse não era o ponto. Ela não podia deixá-lo ver que ela estava desmoronando por dentro.

Não, a única coisa que ele ia ver era uma fachada completamente forte e composta. Ela rapidamente colocou um sorriso no rosto, buscando a expressão mais natural possível, mas, na verdade, nem mesmo se importando se fosse um pouco artificial. Contanto que o rosto dela não traísse as emoções agitadas logo abaixo da superfície, poderia parecer tão plástico quanto um manequim que ela não se importava.

Em três passos ela foi até a porta dos fundos, abriu-a e ficou de lado, silenciosamente convidando-o a entrar.

— É um momento ruim? — ele perguntou.

— Nem um pouco — ela assegurou, esperando que ele não notasse a pegada em sua voz. — As meninas desceram para ver a avó de Karina e eu só estou cozinhando o jantar.

— Como está Renata? — Justin perguntou.

— Ah, você conhece Renata; tão infatigável como sempre. Eu acho que ela vai sobreviver a todos nós e trabalhar em doze projetos comunitários diferentes, como ela faz.

— Ela é uma rocha — Justin concordou. Quando ele entrou na cozinha, seu antebraço roçou o dela. — Karina tem sorte de tê-la.

— Verdade. Todos em Hope Falls têm sorte de tê-la, quando você pensa sobre isso.

Afastando-se rapidamente do perigo de contatos acidentais, a porta de tela se fechou com uma batida que fez Amanda pular. Ela engoliu em seco enquanto tentava firmar a respiração. De alguma forma, nos últimos trinta segundos, a cozinha diminuiu consideravelmente de tamanho. Justin preencheu o espaço completamente.

Tentando não parecesse afetada, Amanda balançou-se sobre os

calcanhares quando casualmente perguntou:

— Então, o que você fez hoje?

— Eu andei na propriedade e passei a maior parte do dia limpando o barracão. Trouxe de volta muitas lembranças.

— Eu acredito — Amanda concordou sem fôlego, seu olhar encontrando o dele.

Grande erro.

Ela tentou afastar os olhos das profundezas escuras de seu olhar cor de café, mas ela estava impotente para fazê-lo. Era como se estivesse em transe. Havia tanta emoção furiosa logo abaixo da superfície daquelas poças de chocolate escuro, que ela sentia como se fosse uma corrente forte que a estava puxando para baixo. Entre eles, tornando o ar elétrico, estava a memória não dita da última vez em que eles estiveram juntos no barracão. A última vez que eles tinham se visto, antes do dia anterior. Pelo menos era assim que ela interpretava a situação.

Sentindo que iria entrar em combustão espontânea se continuasse sob o olhar quente de Justin, Amanda piscou, quebrando o feitiço, e rapidamente voltou para o fogão e focou sua atenção no frango chiando na panela.

Suas orelhas estavam zumbindo e suas mãos estavam formigando quando ela pegou a colher para mexer a panela. Ela sentiu, mais do que ouviu, Justin se movendo atrás dela. Para perto. Tão perto que ela podia sentir sua respiração irregular em seu pescoço e em seu cabelo que estava puxado para cima, em um rabo de cavalo bagunçado. A proximidade dele a paralisou. Sua visão nublou e seu corpo parecia estar em chamas. E ele nem sequer a tocava.

— Amanda... — ele disse, sua voz rouca de emoção, com arrependimento, com... desejo? Isso era apenas um desejo da parte dela? Ela estava projetando? Ela não conseguia pensar diretamente com ele estando tão perto dela.

— Amanda... — ele começou de novo, e então sua voz sumiu.

Lentamente, tão lentamente que ela quase não podia dizer se estava mesmo fazendo isso ou se era apenas sua imaginação, ela virou o rosto para ele. Quando seus olhos encontraram os dela, ela parou de respirar. Suas bocas estavam a menos de uma polegada de distância, e seus olhos estavam trancados um no outro. Ela sentiu como se pudesse derreter no local.

— Sim — ela sussurrou.

Com o pequeno fragmento de consciência que tinha sobrado, ela percebeu que começara a respirar de novo, mas suas respirações eram irregulares e

curtas.

— Eu... — ele começou, depois respirou fundo e tentou recomeçar. — Eu só...

— Justin. — Seu nome caiu de seus lábios em um apelo.

Antes que ele pudesse responder, sons de risos e conversas de repente invadiram seu espaço, enquanto a voz alta de Karina chamou da porta da frente:

— Yoo-hoo! Estamos em casa!

Amanda prendeu a respiração bruscamente quando Justin recuou pela cozinha e passou as mãos pelos cabelos castanhos e grossos. Eles se encararam. Amanda sabia que o *momento* que eles haviam partilhado tinha passado. O que ela não sabia era se estava aliviada ou desapontada.

A voz de Karina encheu a sala novamente quando ela desceu o corredor.

— Me ouviu? Lucy, eu estou em casa! — ela gritou em sua melhor imitação de Desi Arnaz.

Amanda olhou para cima quando Karina entrou na cozinha e sacudiu a cabeça para limpá-la. Ela tentou desacelerar seu coração acelerado e acalmar seus hormônios em fúria. No mínimo, ela queria conseguir uma expressão facial neutra e misteriosa. Amanda rapidamente percebeu que ela não devia ter feito um ótimo trabalho quando viu um sorriso malicioso no rosto de Karina enquanto olhava entre Amanda e Justin.

— Lucy, você tem algum *explicación* para dar? — sua amiga sorriu, continuando com a imitação.

— O quê? — Amanda fez o melhor que pôde para manter uma expressão inocente quando Lauren e Samantha entraram na cozinha, atrás de Karina.

Assim que Lauren pôs os olhos no rosto de Amanda, ela rápida e eficientemente atravessou a sala, pegou a colher de pau de sua mão e seguiu com o trabalho de refogar o frango e os vegetais.

— Eu sabia que não devíamos ter deixado você preparar o jantar para todos nós agora. Sério, vá pegar uma água, sente-se e relaxe. Seu rosto inteiro está corado. Você está ficando superaquecida.

Karina continuou a sorrir maliciosamente, acrescentando uma sobrancelha para enfatizar.

— Oh, sim, está muito quente aqui, não é? Muito muito quente. Em uma nota completamente diferente, como você está hoje, Justin?

A cabeça de Lauren levantou e Amanda a observou seguir o olhar de Karina para o lado oposto da cozinha, onde Justin estava encostado no

balcão.

— Olá — ela entou sem rodeios. — Eu não vi você aí. — Com aquela saudação não tão calorosa, ela voltou sua atenção para o movimento de mexer a comida ao redor da panela, com um grau claramente visível de agressividade.

— Ooookay — disse Samantha alegremente, levando a colher para longe de Lauren. — Talvez eu devesse fazer isso. Na verdade, acho que está pronto — anunciou ela, abrindo um dos pedaços de frango e examinando o interior. — E o cheiro é delicioso.

— Obrigada — respondeu Amanda, depois fazendo o que sempre fazia quando estava nervosa, divagava. — Na verdade, existem três partes. Eu não sabia quais são as restrições alimentícias de todos, vegetariano, baixo teor de carboidratos etc. Então sintam-se à vontade para misturar e combinar qualquer um ou todos. Macarrão de trigo integral na panela, frango e legumes na frigideira e molho a base de vodka na outra panela — ela terminou, apontando para cada um deles.

— E vodka no congelador — acrescentou Karina, puxando a garrafa com um floreio. — Justin, você vai se juntar a nós para o jantar?

— Sim! Você tem que ficar — disse Sam entusiasmada, seu olhar oscilando entre Amanda e Justin. — Você realmente deveria. Vai ser divertido, como nos velhos tempos.

Karina e Samantha então olharam para Lauren até que ela finalmente deu de ombros e disse:

— É um país livre.

Amanda estava observando as trocas visuais de suas amigas, mas a consciência se eriçou quando os pêlos na sua nuca se ergueram. Justin, ao que parecia, tinha olhos para apenas uma pessoa na sala. Amanda sentiu seu olhar aquecido antes mesmo de fixar o olhar dela no dele. O olhar em seus olhos de chocolate ao leite deixou claro que o convite ou aprovação de outra pessoa não significavam nada para ele.

Ele inclinou a cabeça para o lado, levantando as sobrancelhas em questão. Ela sabia que ele estava perguntando se ela queria que ele ficasse. Não houve confusão, nenhuma hesitação em qualquer lugar dela enquanto ela balançava a cabeça com firmeza.



Justin se encontrou no centro das atenções na mesa cheia do Quarteto Fabuloso. Ele gostava de conversar com todo mundo, mas a única coisa que ele realmente queria fazer era pegar Amanda sozinha de novo e continuar o que diabos havia acontecido antes que as outras meninas voltassem para casa.

Antes de ver Amanda, ele sabia exatamente o que queria dizer a ela — começando primeiro por ter certeza de que ela estava bem, oferecer suas condolências e, é claro, um pedido de desculpas. Mas no momento em que ele entrou na cozinha, ela olhou para ele — da mesma forma que fizera quando tinha cinco anos, sentada no canto de leitura de Leia Entre as Linhas, como se ele fosse seu herói, como se tivesse total e completa fé nele. Somente com esse olhar teria sido difícil manter sua linha de pensamento. Mas acrescenta a isso o fato de que ele também viu suas pupilas se dilatarem e seus lábios se separarem quando sua respiração ficou agitada, e ele se perdeu completamente. A única coisa que ele conseguiu processar foi seu desejo, sua necessidade de tocar seus lábios nos dela.

— Então, onde você está morando? — Samantha perguntou, puxando-o para fora de seus próprios pensamentos.

— Bem — Justin começou —, em todo o lugar, no início, mas acabei por finalmente me estabelecer no Alasca. Se você pode chamar assim.

— Bem, eu sempre ouvi que se chama Alasca — observou Karina secamente.

— Se você pode chamar de *estabelecer*, espertinha — Justin retribuiu bem-humorado. — Eu originalmente fui até lá pra liderar uma operação de trabalho em equipe de oleodutos, mas depois eu simplesmente não saí mais. As pessoas estavam sempre indo e vindo e eu meio que gostava disso. A mudança constante foi um ritmo ao qual me acostumei. Era confiável.

— Quando você aceita que não há nada com que você possa contar, pelo menos você pode, ironicamente, contar com isso — Sam disse solícita.

— Exatamente — Justin concordou.

— Então você subiu para um trabalho no pipeline, é isso que você ainda está fazendo? — Sam seguiu em frente.

— Bem. — Justin sentou-se em sua cadeira. — Acontece que as habilidades que aprendi aqui em Mountain Ridge me serviram bem. Consegui vários empregos diferentes trabalhando com turistas; levando-os em excursões, levando-os em pequenas expedições. E eu tive um período bastante longo, pelo menos para mim, trabalhando em um lugar semelhante ao Mountain Ridge. Embora nunca tenha tido o mesmo apelo ou sentimento

que esse lugar tem.

Seus olhos caíram automaticamente sobre Amanda. Quando isso aconteceu, ele notou um rubor nas suas bochechas claras.

Com o canto do olho, ele viu um sorriso no rosto de Karina e sabia que as coisas estavam prestes a ficar interessantes.

— Chega de toda essa conversa chata sobre sua vida profissional, Justin. Vamos todos parar de fingir que nos importamos, não é? Passando para o que realmente queremos saber. Como anda sua vida amorosa? Alguém especial?

— Não. — Justin balançou a cabeça. — Não no Alasca.

Seu olhar nunca deixou Amanda enquanto ele observava suas bochechas corarem um tom mais profundo de vermelho. Justin não sabia por que ele fez essa admissão ou o que ele estava fazendo. Era como se seu subconsciente estivesse tentando ignorar seu cérebro, que estava dizendo a Justin para ter certeza de que Amanda estava bem e depois dar o fora de Hope Falls. Entre quase beijá-la no fogão e fazer declarações não tão sutis sobre o que ela significava para ele, Justin se sentia como se seus hormônios e seu coração o conduzissem por uma via expressa; e ele não tinha certeza se sua mente era forte o suficiente para pisar no freio antes que ele capotasse e explodisse.

Sim, ele amava Amanda. Sim, ele sempre a amaria. Mas esta era a vida dela. Hope Falls era sua vida. Não de Justin. Mas essa não foi a única razão pela qual ele não podia agir de acordo com o que sentia. Ele devia sua vida a Parker Jacobs, e Parker deixara claro como se sentia sobre Justin e Amanda. Que tipo de homem seria Justin se contasse a Amanda como ele se sentia e algo acontecesse entre eles quando Justin estivesse ali para o funeral de Parker?

Isso faria dele o tipo de homem que seu pai sempre o acusara de ser. Um perdedor e um fracassado sem valor.

Os olhos azuis de Amanda ainda estavam travados nele quando ela perguntou com dificuldade:

— Por quanto tempo você conseguiu se afastar do trabalho, Justin?

A incerteza nervosa em seu tom, rosto e linguagem corporal fez com que todos os instintos de proteção em Justin ganhassem vida. Ele se impediu de puxar Amanda para os braços, dizendo que a amava, que tudo ficaria bem e que ele nunca a deixaria. Ele costumava ser muito melhor em controlar seus impulsos quando estava perto dela, mas desde que havia voltado parecia estar seriamente fora de prática. Sua voz estava cheia de emoção reprimida quando ele prometeu:

— Eu estarei aqui enquanto você precisar que eu esteja aqui.

Se não fosse pelo olhar de morte que Lauren lhe dirigia e o olhar de “eu te disse” que Karina e Samantha estavam lançando de uma para a outra, ele poderia ter esquecido que elas estavam na sala.

Ele não se importava com o que as amigas de Amanda pensavam sobre sua resposta. Era a verdade. Enquanto Amanda precisasse dele ali, aquele seria o lugar onde ele estaria. Ele só tinha que descobrir como recuperar um pouco do controle que tinha quando era mais jovem. Porque se ele não tivesse, não tinha certeza de quanto tempo mais demoraria antes que o fino fio de força de vontade com o qual ele estava trabalhando atualmente se partisse em dois.



Capítulo

9

As mãos de Justin se fecharam ao seu lado enquanto ele respirava fundo pelo nariz. Ele vinha segurando a língua pela última meia hora enquanto esperavam o serviço memorial de Parker começar e estava prestes a se descontrolar. Trent estava ignorando Amanda desde que chegara. Ele mal olhou para cima de seu telefone desde que deslizou para o banco da frente ao lado dela. Justin estava sentado diretamente atrás deles e o matava vê-la parecer tão frágil e pequena e estar impossibilitado de envolver seu braço ao redor dela, dizer-lhe que poderia se apoiar nele e que ele estava lá por ela. Especialmente desde que seu namorado idiota com certeza não estava.

Forçando as mãos, Justin revirou os ombros enquanto tentava manter a calma, mas quando viu Trent ignorar o pedido de Amanda por um lenço de papel para enxugar os olhos, acabou deixando de se importar se estava ou não passando por cima de uma linha invisível. Essa foi a última gota.

Ele e Trent iriam sair e conversar um pouco.

Antes de Justin ter a chance de arrebatá-la *Saved by the Bell* pelo colarinho e arrastá-la para fora da igreja, o pastor correu para o lado de Amanda. Em todos os anos passados sentado nesses bancos, Justin nunca tinha visto o homem parecer nem perto de estar abalado, mas agora ele olhava para baixo, em pânico.

— Pastor Harrison, o que há de errado? — Ele ouviu a voz doce de Amanda perguntar com preocupação quando se aproximou dela.

— Bem, Amanda, é realmente... Bem, venha comigo. Acho que é melhor que veja com seus próprios olhos.

O pastor Harrison pegou-a pelo braço e começou a guiá-la pelo corredor lateral da igreja lotada.

Justin deu um pulo e rapidamente os seguiu.

O pastor conduziu Amanda apressadamente pelas portas do santuário, pelo vestíbulo e pelos degraus. Justin estava bem atrás deles.

— Oh, meu Deus. — Ele ouviu Amanda ofegar.

— Puta merda. — As palavras saíram da boca de Justin antes que ele pudesse bloqueá-las quando parou logo atrás da moldura de cinco metros de altura de Amanda. Diante do olhar que o pastor Harrison deu a ele, ele emendou sua declaração. — Ou... hum... quero dizer, meu Deus... uau.

Diante deles havia mais pessoas do que Justin já havia visto em um lugar em Hope Falls. A multidão estava densamente sobre o gramado da igreja e continuava pela rua, que estava lotada até onde Justin podia ver em ambas as direções.

Amanda levantou a cabeça para o pastor.

— Quantas pessoas o senhor acha que estão aqui?

O pastor Harrison sacudiu a cabeça.

— O melhor que posso fazer é arriscar um palpite. Possivelmente alguns milhares. Pode ser mais. Eu não posso ver as bordas da multidão. O que sei é que nosso santuário abriga 150 pessoas, e há muito mais que isso aqui. Eu não quero afastar todas essas pessoas que vieram para honrar seu pai, mas certamente não podemos acomodá-las aqui. Não sei como proceder.

— Justin. — Os olhos de Amanda voaram para os dele, procurando por respostas que ele não tinha certeza se tinha. — O que nós fazemos?

Não passou despercebido para Justin que, mesmo com toda a desconfiança que Amanda pudesse sentir em relação a ele, seu primeiro instinto foi olhar para ele quando teve um problema. Assim como quando eram crianças. Ela sempre olhou para ele para consertar as coisas, para fazer as coisas darem certo. Agora tudo o que ele precisava fazer era não estragar tudo. Seu cérebro estava girando, tentando chegar a uma solução quando seus olhos varreram a multidão e ele avistou seu antigo diretor de escola, o que o inspirou.

— Sr. Jenkins! — ele gritou, acenando para o homem agora calvo.

O Sr. Jenkins abriu caminho pelo mar de pessoas e subiu as escadas para ficar ao lado deles.

— Sr. Jenkins, acho que pode ver qual é o nosso problema aqui — Justin começou.

O Sr. Jenkins assentiu solenemente:

— Amanda, seu pai era tão amado por essa comunidade, e todos nós estamos sentindo a perda dele, embora eu saiba que não deve ser nada comparado ao que você está passando. Mas eu espero que todas essas pessoas tenham a chance de se despedir de Parker, para conseguir alguma sensação de encerramento, mesmo que todas elas não possam caber dentro da igreja.

Justin continuou:

— É onde eu espero que possa nos ajudar, Sr. Jenkins. Poderíamos usar o ginásio para realizar o serviço memorial?

Trent soltou uma risada forçada.

— Um ginásio para um serviço memorial? Sério?

As mãos de Justin mais uma vez se fecharam ao lado do corpo, coçando para nocautear o idiota ao seu lado. Aquela não era a hora nem o lugar, mas Justin decidiu então que, se Trent ainda estivesse por perto quando Justin deixasse Hope Falls, eles conversariam sobre exatamente como Amanda merecia ser tratada. E ele tinha certeza de que seus punhos fariam a maior parte do discurso.

O Sr. Jenkins sacudiu a cabeça, com pesar gravado em seu rosto.

— Bem, Justin, eu não acho que isso vá funcionar. Eu não acho que nem o ginásio seria grande o suficiente para receber todas essas pessoas.

Okay, isso não iria funcionar. Ele precisava criar um Plano B e precisava fazê-lo rapidamente.

Pense.

A mente de Justin começou a disparar rapidamente, da mesma maneira de quando ele era o quarterback do time de futebol e tinha que decidir a jogada. Mais uma vez ele examinou a multidão da mesma forma que fazia no campo, e como um raio a inspiração chegou.

— E o campo de futebol? Está um lindo dia. O tempo não seria um problema. E as arquibancadas do campo de futebol foram construídas para receber praticamente toda a cidade, além do lado do visitante.

Sr. Jenkins começou vigorosamente acenando com a cabeça:

— Sim, perfeito — disse ele. — Vou abrir os portões e ligar o sistema de som. Vou reunir alguns alunos para puxar a plataforma portátil que usamos para a formatura e montá-la no meio do campo. Justin, você e o pastor Harrison cuidam de levar a multidão para o campo. Nos dê uma vantagem de dez minutos. O bom é que a escola fica a apenas três quarteirões de distância.

Justin parou o diretor quando viu lágrimas escorrendo pelo rosto de

Amanda.

— Amanda, não precisamos fazer isso. Se você quiser ter o memorial aqui, nós fazemos aqui. Nós faremos o que você quiser.

Os lábios de Amanda se separaram e apareceram enquanto ela sorria através das lágrimas.

— Não. Não, não é nada disso. É perfeito. — Ela acenou com as mãos na frente do rosto. — Isso é porque... é tão perfeito. — Ela fungou. — Há duas coisas nesta vida que meu pai realmente amava, e eram essas montanhas e as pessoas que vivem nelas. Então, ter um memorial ao ar livre, cheio de praticamente todos na cidade, você não poderia criar um cenário mais perfeito.

Justin queria tanto estender a mão e envolver os braços em Amanda. Abraçá-la e deixá-la chorar em seu ombro. Antes que ele pudesse fazer isso, Trent deu um passo ao lado dela e sussurrou algo em seu ouvido. Justin não podia ouvir o que ele disse, mas pela expressão infeliz no rosto bonito de Amanda, ele poderia dizer que não era bom.

Ah, sim, ele e Trent definitivamente iriam ter uma conversinha.



A transição da igreja para o campo de futebol foi mais rápida e suave do que Amanda jamais poderia ter imaginado. Às onze da manhã, apenas uma hora após o horário marcado para o início da cerimônia, o pastor Harrison subiu os degraus até a plataforma portátil que ficava no meio do campo de futebol e pegou o microfone de seu estande para dar início ao serviço. Amanda olhou em volta e não acreditou no que via. O estádio estava cheio. Isso significa que quase toda a cidade de cinco mil habitantes havia saído para se despedir de Parker Jacobs. Ela ficou surpresa.

Claro, ela sabia que as pessoas da cidade o amavam. Ele foi eleito prefeito toda vez que se candidatou e por uma grande maioria também. Era impossível sair para uma refeição em qualquer restaurante em Hope Falls sem que as pessoas constantemente parassem na mesa para agradecer-lhe por alguma coisa, compartilhar algumas notícias ou mostrar fotos de um novo neto. Sim, ela sabia que a cidade o amava. Ela simplesmente não sabia o quanto.

Quando o pastor Harrison abriu o culto memorial com uma oração, ela

ouviu sua voz engatando. Ela sabia que este dia devia ser muito difícil para ele também. Ele e o pai dela tinham sido muito próximos. Ela se perguntou se havia uma pessoa na cidade que a bondade, a generosidade e a sabedoria de seu pai não houvessem tocado.

Depois que o pastor Harrison encerrou a bela oração, ele disse:

— Parker amava essa cidade e todos os que nela moravam. Havia alguns, porém, de quem ele era especialmente próximo. Um desses indivíduos foi seu melhor amigo por mais de quarenta anos, e ele está aqui para falar sobre isso. Henry?

Amanda sorriu encorajadoramente para seu amado tio e padrinho adotivo quando ele se aproximou e pegou o microfone. Debaixo da fachada caseira de Henry, ele era um homem poderosamente inteligente. No entanto, havia uma coisa que o assustava, e isso era falar em público. Até falar em sua posição oficial como conselheiro legal de Hope Falls nas reuniões da Câmara Municipal era um desafio para ele, e essas reuniões raramente atraíam mais do que trinta ou quarenta pessoas. No entanto, aqui estava ele, prestes a falar sobre um assunto emocional na frente de uma multidão que chegava a quase cinco mil pessoas.

Ele deve estar apavorado, ela pensou consigo mesma.

Enquanto Henry permanecia segurando o microfone, ela pôde ver o tremor em sua mão. Ainda assim, ele respirou fundo e começou a falar. Amanda nunca esteve mais orgulhosa dele em sua vida.

— Parker Jacobs e eu, como a maioria das crianças que crescem em Hope Falls, nos conhecemos a vida inteira. Mas eu conheci Parker Jacobs, realmente o conheci, no colégio — ele começou. — Eu não era o que você chamaria de uma das crianças populares. Eu era estudioso. Eu adorava aprender e sempre tinha meu nariz enterrado em um livro. Eu lia até enquanto estava andando.

Ele fez uma pausa para deixar as risadas no meio da multidão morrerem.

— Agora, eu não posso culpar meu amor por livros. Em parte, tinha a ver com o medo das pessoas. Eu não sabia como falar com as pessoas ou até mesmo como olhá-las nos olhos. Isso era o que os livros me davam. Uma fuga das pessoas; algo para ficar entre mim e eles.

“Bem, um dia eu estava andando pelo corredor, o nariz enterrado em um livro, e eu bati direto em uma parede de tijolos. Pelo menos foi o que pareceu. No fim das contas, era nosso quarterback. Ele era chamado, apropriadamente, Brick¹.

“Bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa. O velho Brick, ele era tão mau e mal-humorado quanto grande e forte. Desculpe, Brick, se você estiver na multidão hoje. Eu sei que você amadureceu consideravelmente desde então.”

— Está tudo bem! — veio um grito de longe nas arquibancadas.

Henry fez outra pausa para deixar o riso morrer.

— Bem, eu te digo. Brick me agarrou pela frente da minha camisa e me jogou direto do chão. Eu não sabia o que estava reservado para mim, mas sabia que não era nada bom. Comecei a gaguejar, tentando pedir desculpas, mas era como eu disse, eu não era bom em falar com as pessoas. E isso em circunstâncias normais. Pessoal, eu estava apavorado.

“Brick me perguntou se eu estava... Como você disse mesmo, Brick?”

— Cutucando a onça com vara curta! — Brick gritou.

— Isso mesmo, está certo. Bem, eu vou te dizer, tenho certeza que não estava. Mas eu não sabia como explicar. Foi quando Parker apareceu. Você vê, Parker era, o que costumávamos chamar naqueles dias, o grande homem no campus. Ele era popular com as outras crianças. Ele era bom com seus estudos e bom no atletismo. Todos os professores o amavam e ele era muito apreciado pelas garotas.

Uma risada se levantou novamente da multidão.

— Então ele veio até mim, e Brick ainda me erguia no ar pela frente da minha camisa, lembre-se, e colocou o braço por cima do meu ombro tão casual quanto possível. E disse: “Ei, Henry, como você está?” Como se fôssemos apenas bons amigos encontrando o outro no corredor, fazendo planos para ir ao cinema ou comer um hambúrguer mais tarde.

“Então ele olha para Brick e ele diz: ‘Brick, qual é o problema que você tem com meu bom amigo Henry aqui?’ E assim, Brick me pôs no chão. Eu consegui me desculpar por ter esbarrado nele, e a coisa toda terminou mais rápido do que tinha começado.

“Bem, eu não tenho que te dizer que esse é o tipo de homem que Parker era. Ele nunca encontrou um estranho. Cada pessoa no mundo, para ele, era apenas um amigo que ele ainda não conhecia. Ele sempre viu o bem nas pessoas. Às vezes, isso era tudo o que ele via, mesmo que ninguém mais pudesse ver.

“Ele amava sua família mais do que qualquer homem que eu já conheci. Sua linda esposa, Claire, a quem ele agora está se juntando no céu, e sua linda filha, Amanda, minha ursinha. Parker viveu por suas garotas.

“E ele sempre soube exatamente a coisa certa a dizer em uma situação

embaraçosa. Esse era apenas o jeito de Parker. Ele trazia o melhor das pessoas e ajudou a conectá-las. Mesmo em sua morte, ele está reunindo as pessoas.”

Lágrimas escorriam pelo rosto de Amanda quando Henry piscou para ela do pódio.

— Eu tive a sorte de conhecer Parker Jacobs, e é algo que todas as pessoas neste estádio têm em comum. Estamos todos juntos hoje para prestar nossos respeitos a um grande homem, um homem que nos uniu e acho que é o melhor tributo que podemos prestar a ele.

Henry recuou e recolocou o microfone no suporte, enxugando os olhos com a bandana vermelha que ele sempre carregava consigo.

O pastor Harrison voltou ao pódio e apresentou o próximo orador, um membro do conselho da cidade que trabalhou com o pai de Amanda por anos. As próximas pessoas que apareceram e prestaram homenagens foram mais do mesmo grupo, parceiros e associados políticos de Parker e de pessoas que Amanda conhecia, embora não muito bem.

Então, em um movimento que foi uma surpresa total para Amanda, o pastor Harrison disse:

— E agora temos uma homenagem muito especial de uma das histórias de sucesso da cidade. Aqui, para compartilhar uma música especial, está Karina Black, que todos nós conhecemos como a nossa Karina Blackstone, de Hope Falls.

Karina se levantou e foi até a plataforma, apertando o ombro de Amanda quando passou por ela. Ela então caminhou até o centro do palco, e o pastor Harrison lhe deu um violão. Amanda não tinha ideia de que isso fora planejado, mas seu coração se encheu de amor por sua amiga pensar em fazer isso.

Andando até o microfone, Karina levantou a alça do violão sobre a cabeça e colocou-a sobre o ombro. Ela ajustou o suporte e falou no microfone, fazendo contato visual com a multidão. Ficou claro que, sem sequer tentar, ela estava absolutamente confortável em um palco com um microfone, na frente de milhares de pessoas. Ela não estava se esforçando, nem um pouco. Era apenas o habitat natural dela. Era o lugar ao qual ela pertencia.

— Pensei muito nos últimos dias sobre qual música eu deveria tocar hoje. Eu sabia que queria que fosse especial e que refletisse com precisão Parker e como me sentia a respeito dele. Eu sabia, por causa disso, que não deveria ser

a típica balada emocional de memorial, como *Tears in Heaven* ou *Candle in the Wind*. Mas o que deveria ser, então? Eu pensei em escrever uma música para Parker, mas, honestamente, ainda parece um pouco difícil de colocar em palavras.

“Mas então a música perfeita me ocorreu. Quando eu era criança, passei muito tempo em Mountain Ridge e Parker costumava tocar essa música em casa o tempo todo, e Amanda e eu cantávamos e dançávamos juntas. Talvez tenham sido essas experiências que influenciaram minha vontade de ser uma artista, no fim das contas — Karina olhou para o céu. — Isto é para você, Parker.”

Com isso, ela fechou os olhos e começou a solenemente dedilhar uma melodia familiar em seu violão. Aproximando-se do microfone, ela começou a cantar *The Joker*, de The Steve Miller Band.

Karina recuou enquanto toda a multidão imitava o som eletrônico de alta frequência, gritando algo parecido com “fiu fiu”. Então ela retornou ao microfone e continuou cantando.

Quando alcançou o refrão, ela gesticulou grandemente com as duas mãos para a multidão, encorajando-os a cantar a música com ela.

Pareceu a Amanda que toda a multidão de cinco mil pessoas cantou em voz alta, em uníssono, e a captou novamente, toda vez que o refrão se aproximava. Amanda estava rindo e chorando e cantando ao mesmo tempo, e ela sabia que Karina não poderia ter escolhido uma música mais perfeita.

Enquanto Karina passava por ela no caminho de volta para seu assento, Amanda se levantou e lhe deu um longo abraço, que durou muito depois que o pastor Harrison começou a falar novamente.

No final dos oradores marcados, o pastor Harrison retornou ao pódio.

— Antes que o programa termine, a filha de Parker, Amanda, vai compartilhar algumas palavras. Mas antes disso, eu gostaria de abrir a palavra para qualquer um que tenha algo que gostaria de compartilhar sobre Parker, como uma história ou uma homenagem.

Para surpresa de Amanda, Justin saltou de seu assento e caminhou propositalmente para o pódio. Como ele estava sentado nas cadeiras dobráveis em frente às arquibancadas com Amanda, Trent, as garotas e o resto dos amigos próximos de Parker, ele chegou lá antes de qualquer outra pessoa e pegou o microfone sem hesitação.

A menos que muita coisa tivesse mudado em dez anos, Justin era outra pessoa que não era muito bom em falar na frente de multidões ou falar sobre

seus sentimentos, de qualquer forma. No entanto, ali estava ele, voluntariamente, não só fazendo as duas coisas, mas correndo ansiosamente para fazê-las, resoluto e corajoso. Orgulho e amor cresceram nela por ele.

Justin levou o microfone até a boca e a abriu para falar. No entanto, em um movimento que era muito característico dele, ele ficou muito irritado para continuar e teve que limpar os olhos e ter suas emoções sob controle antes de iniciar seu discurso. O coração de Amanda apertou seu peito.

Depois de limpar a garganta, ele respirou fundo e começou.

— Todos aqui na cidade conhecem meu pai. Eu não tenho que lhes dizer como foi crescer com ele.

Ao contrário das risadas da multidão que pontuaram o discurso de Henry, as palavras de Justin foram recebidas com um silêncio tenso e desconfortável.

— Certa noite, quando eu tinha dezesseis anos, recebi um telefonema do garçom do JT's Roadhouse para ir buscar meu pai porque ele estava bêbado demais e estava fazendo uma cena. Acredite, estava longe de ser o primeiro telefonema que recebi.

“Eu dirigi até lá para buscá-lo, o medo revirando meu estômago, apenas rezando para que ele tivesse desmaiado quando eu chegasse lá. Era muito mais fácil colocá-lo no caminhão quando ele estava desmaiado. Se ele ainda estivesse em condições de andar, ele geralmente lutava contra mim nesses momentos, e às vezes era complicado. Copos quebrados, mesas viradas. As pessoas sempre me encaravam, olhavam para mim com desgosto e gritavam comigo como se fosse eu que estava fazendo aquilo. Eu era apenas uma criança.

“Pelo menos, aos dezesseis anos, eu tinha uma caminhonete para enfiá-lo e levá-lo para casa. Antes disso, eu tive que levá-lo por mais de um quilômetro de volta para nossa casa a pé. Imagine fazer isso aos dez anos de idade, aos oito anos de idade ou aos seis anos de idade.

“E o lance era que ninguém nunca se ofereceu para me ajudar. Ninguém nunca me deu um olhar simpático, mesmo. Toda vez que alguém me via com o meu pai enquanto ele estava em um de seus momentos ruins, eles me tratavam como se eu tivesse algum tipo de doença contagiosa. Como se eu fosse um leproso.

“Mas Parker não era assim. Naquela noite, quando eu tinha dezesseis anos, foi a última noite em que recebi um telefonema sobre meu pai. Parker estava no quarto dos fundos do JT's Roadhouse, discutindo alguns negócios da cidade ou algo parecido com JT. Ele deve ter ouvido a comoção que meu

pai estava fazendo quando eu tentei levá-lo para fora comigo. Ele estava gritando comigo, me empurrando e tropeçando nas próprias pernas enquanto eu tentava tirá-lo do bar. Quando eu o agarrei pelo braço para ajudá-lo a se erguer, ele usou seu punho oposto para me socar bem no queixo.

“Foi quando Parker interveio. Ele agarrou meu pai no chão, em seguida, puxou-o pela frente de sua camisa, sentou-o em um banquinho e disse-lhe que era melhor que ele não movesse um músculo. Ele pediu a JT que chamasse o xerife para ir buscá-lo por agressão.”

Limpando sua garganta novamente, Justin inalou pelo nariz antes de continuar

— E então ele se inclinou perto dele e em uma voz baixa e ameaçadora que eu nunca ouvi Parker usar antes ou depois disso, ele ameaçou meu pai. Ele disse que se ele pensasse em colocar a mão em mim novamente, ele o mataria. Parker não era um homem violento, mas naquele momento eu acreditei nele. Eu também sabia que meu pai sabia, e que ele se lembraria disso. Eu podia ver em seus olhos que o medo o tinha deixado sóbrio.

“Naquela noite, depois que o xerife partiu com o meu pai algemado na traseira do carro, Parker colocou o braço em volta do meu ombro e disse: ‘Filho, você vem para casa comigo.’ E eu fui. Eu já trabalhava em Mountain Ridge desde que tinha dez anos, mas daquela noite em diante eu também morava lá, no barracão.

“Meu pai nunca colocou a mão em mim novamente. Na verdade, nunca mais o vi novamente. Isso não é fácil em uma cidade tão pequena. Mas acho que ele estava me evitando porque estava com muito medo de cruzar com Parker.

“Eu nunca vou poder agradecer a Parker Jacobs por me salvar ou colocar em palavras o quanto isso significou para mim. Ele foi um pai para mim, dez vezes mais do que meu pai foi. Vou sentir falta dele para sempre.”

Justin abriu a boca como se ele tivesse algo mais a dizer, mas depois pensou melhor. Ele entregou o microfone e desceu os degraus, as lágrimas rolando pelo rosto, a cabeça erguida.

Amanda ficou sem fala enquanto o observava, empatia e compaixão lutando com o choque pelo espaço em seu coração. Ela nunca ouvira essa história, nunca soube que essa era a razão pela qual Justin tinha vindo morar e trabalhar em Mountain Ridge Outdoor Adventures.

É claro que ela sabia que seu pai alcoólatra podia ser hostil e abusivo. Mas ela nunca soube que seu próprio pai tinha entrado em uma briga física

com o homem, e até mesmo o ameaçara. Era tão diferente do pai dela que era difícil conciliar aquela cena com o homem que ela mesma conhecera.

Mas é verdade que ele tinha um fraco por Justin, e ele tinha um ódio esmagador por valentões, então ela supôs que fazia sentido. Ainda assim, era difícil para ela imaginar.

Ela só podia imaginar que o fato de que nem seu pai nem Justin haviam mencionado isso para ela era um indicador significativo de quão profundo e sagrado esse evento era para os dois. Aconteceu, e nenhum deles sentiu a necessidade de contar a alguém ou discuti-lo. Era o suficiente que tudo tivesse acontecido.





Capítulo

10

A medida que a tarde avançava, começou a ficar claro que a cerimônia duraria muito mais horas se o fluxo constante de pessoas que desejavam compartilhar uma lembrança final de Parker continuasse sem ser interrompido.

Quando o pastor Harrison se ajoelhou ao lado da cadeira de Amanda durante uma das homenagens, sua opinião foi — e Amanda concordou — que o desejo de Parker teria sido dar a qualquer um que tivesse algo a dizer a oportunidade de falar e deixar o evento naturalmente se desenhar até o fim, quando as pessoas se cansassem.

Trent, que estava sentado ao lado dela, ouviu toda a conversa e se inclinou para Amanda e sussurrou:

— Vou perder meu voo se não sair agora.

Amanda olhou para ele, sentindo-se entorpecida.

— Então vá.

— Eu ainda quero falar com você sobre os números que meu contador enviou sobre a propriedade.

Amanda não podia acreditar que ele estava falando sobre isso no funeral do pai dela. Ela não tinha ideia do que a expressão em seu rosto era, mas funcionou. Trent pareceu entender a mensagem.

Balançando a cabeça em aborrecimento, ele cortou:

— Eu te ligo hoje à noite de Boston.

E com isso, ele se levantou e caminhou a passos largos para fora do estádio, sem olhar para trás ou fazer contato visual com Amanda.

Justin, que estava sentado na fileira imediatamente atrás de Amanda, foi

testemunha de toda a cena. Antes mesmo que Trent saísse pela porta do estádio, Justin saiu de seu assento e se enfiou no outro ao lado de Amanda, pegando sua mão e apertando-a. No segundo em que se sentou, Amanda respirou fundo, pela primeira vez durante todo o dia.

Ela tentou não pensar muito sobre isso ou sobre o fato de que ele disse que ficaria enquanto ela precisasse dele. Esse era o Justin que ela conhecia desde os cinco anos de idade. Mas ela tentou lembrar que o mesmo Justin desapareceu da face da Terra e ficou fora por uma década.

Quantas noites Amanda chorou até dormir com saudade de Justin? Quantas noites ela tinha se virado, inquieta, em sua cama, sua mente em turbilhão com a possibilidade de que nunca veria seus gentis olhos castanhos, ouvir sua voz forte e profunda, ou ver uma de suas centenas de sorrisos — ela os havia catalogado pessoalmente — que faziam seu coração explodir de amor?

Incontáveis noites. Essa era a quantidade. Ainda assim, foi bom ter sua grande mão protetora envolvendo a dela. Foi bom ter sua força sólida ao lado dela enquanto ouvia inúmeras histórias sobre seu pai. Foi bom ter Justin de volta ao seu lado. Estar perto dele apenas parecia... bom. Muito bom.

O processo de deixar as pessoas fazerem homenagens voluntárias a Parker levou, como se viu, perto de cinco horas. Amanda ficou maravilhada com as pessoas sentadas sem comida, sem água e sem sombra. Foi uma homenagem incrível e amorosa de toda uma comunidade a um homem altruísta e generoso.

Quando o céu estava começando a girar em tons brilhantes de laranja e roxo e a última pessoa finalmente falou, o pastor Harrison chamou Amanda para fechar o culto. Justin, que ainda estava segurando a mão dela, apertou-a e deu-lhe uma piscadela encorajadora. Respirando fundo, ela se levantou e caminhou até o pódio, seus joelhos tremendo.

O coração de Amanda acelerou e se partiu ao mesmo tempo em que ela pegou o microfone na mão.

— Oi, pessoal. Muito obrigada por terem vindo. Obrigada às pessoas que viam meu pai todos os dias, morando aqui na cidade, e obrigada àqueles que não viam meu pai há anos e viajaram grandes distâncias para se despedir dele. Eu sei que ele levou cada um de vocês em seu coração.

“Muito foi dito aqui hoje sobre o quão grande meu pai era, o quanto ele me amava e também a minha mãe, o quanto ele amava essa cidade e o quanto ele dava a ela. Eu acho que meramente o fato de que muitos de vocês tenham

coisas maravilhosas a dizer sobre ele, e que muitos de vocês esperaram pacientemente pelas muitas horas que foram necessárias para que todas essas coisas fossem ditas, é a melhor ilustração de quão grande ele era.

“Mas quando se trata de mim, eu era filha dele. Ouvindo as coisas ditas aqui hoje, você pensaria que ele era perfeito, e estou feliz que, para muitos de vocês, ele era. Mas para mim, bem, eu cresci com ele. Como adulta, eu o via todos os dias porque trabalhava no negócio da família. Eu provavelmente o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa, com suas falhas e tudo mais.”

Ela sorriu.

— E sim, ele tinha falhas. Por exemplo, ele era teimoso. Meu Deus, ele era teimoso. — Ela parou por um momento quando uma risada leve atravessou a multidão. — Mas no final, é assim que eu realmente sei que ele foi ótimo. Eu o vi em seus melhores momentos e seus piores momentos. Eu vi seus pontos fortes e vi suas fraquezas. E estou aqui para lhes dizer que, aos meus olhos, ele foi a maior pessoa que já viveu.

Amanda parou, enxugou os olhos e suspirou.

— Nunca haverá um dia que passe, a partir de agora até o dia da minha morte, que eu não sinta falta dele. Mas ficar chorosa e ser piegas sobre ele não seria o que ele queria. Na verdade, a próxima parte seria a favorita dele. A parte em que vamos comer e rir.

“Eu tinha planejado fazer uma recepção em minha casa imediatamente após o funeral, mas agora está bem claro para mim que, não só na minha casa não caberia todos vocês, mas eu nem sequer chego perto de ter salada de batata suficiente.”

Isso provocou uma risada da multidão.

— Mas em vez de esquecer o que, como eu disse, teria sido a parte favorita do meu pai no dia de hoje, meus amigos maravilhosos e eu bolamos um plano. Vou carregar toda a comida da minha casa e vou trazê-la para a Área de Recreação de Riverside. É iluminado e é o único espaço público grande o suficiente para realizar um encontro deste tamanho.

“Vocês também podem trazer o que quiserem, e vamos fazer disso um memorial de junta prato. Um festival da cidade. Eu acho que meu pai teria gostado disso. Acho que ele gostaria muito disso.”

Enquanto a multidão aplaudia, Amanda exibiu um rosto corajoso, mas seus ombros caíram. Ela estava exausta e sentiu o peso das últimas duas semanas arrastando-a para baixo. Hoje foi uma maratona e ela só queria cruzar a linha de chegada.



Amanda estava colocando as chaves na porta da caminhonete quando sentiu que elas eram arrancadas de sua mão.

— Ei! O que...

Amanda olhou para cima e viu Justin ao lado dela. Ela estendeu a mão para tentar recuperá-la.

No caos de deixar o estádio, ela foi afastada por tantas pessoas que queriam oferecer suas condolências que perdeu as amigas de vista. Seu plano era alcançá-las no rio, porque ela precisava sair de lá e recuperar o fôlego.

Justin balançou a cabeça e segurou-a fora de seu alcance.

— De jeito nenhum, senhorita. De forma alguma eu vou deixar você dirigir. Você vem de um esgotamento emocional de horas e horas. Tenho certeza de que precisou usar todas as suas forças só para suportar estar ali. Eu vou dirigir.

Amanda suspirou, com os ombros caídos.

— Justin, estou bem. Mesmo. Eu posso dirigir.

Dando um passo à frente, Justin levantou a mão, tirando um fio de cabelo do rosto dela e colocando-o atrás da orelha. As pontas ásperas de seus dedos, enquanto roçavam sua bochecha, enviaram um arrepio que percorreu sua espinha. Erguendo a cabeça, ela viu seus olhos quentes e castanhos olhando para ela e suas defesas foram quebradas quando ela se derreteu em seu olhar.

Um pequeno sorriso inclinou seus lábios enquanto ele falava.

— Eu sei que você pode dirigir. Mas só porque você é capaz de algo não significa que deva fazê-lo. Você sempre cuida de todos. Deixe-me cuidar de você para variar.

Amanda respirou fundo e sentiu toda a tensão do dia se infiltrar em seus músculos. Alguém para cuidar dela. Aí sim. Isso soava muito bem. Alguém para se preocupar com os detalhes para que ela não precisasse. Alguém para manter constantemente o controle de seu bem-estar físico e mental da mesma forma que ela mantinha em mente o bem-estar dos outros. Alguém que perguntaria como ela estava, alguém com quem pudesse conversar, alguém que assegurasse que tudo ficaria bem. Sim. Ela definitivamente poderia relaxar ante a ideia de que alguém cuidaria dela. Ela podia deleitar-se com isso. Era tão tentador.

Mas era Justin. Ela precisava ter cuidado. Afinal, quando você está de pé por muitas horas, a tentação de se apoiar em algo que parece forte e sólido

pode ser esmagadora. Mas o que acontece quando você transfere seu peso, mesmo parcialmente, dos seus próprios pés para a coisa aparentemente estável em que você está se apoiando e a coisa de repente desaparece? Isso mesmo. Você cai de bunda.

Então, sim. Embora possa ser cansativo ficar de pé sozinha, era mais seguro. Havia uma chance muito menor de encontrar-se repentina e inesperadamente caindo de bunda, possivelmente descendo uma colina, indo em direção a uma pedra ou a uma árvore.

Amanda se sacudiu. Ela poderia mentalmente esticar essa analogia em qualquer número de conclusões letais, mas de que servia?

A coisa mais importante que ela tinha que lembrar em todos os momentos era que, sob nenhuma circunstância, ela poderia começar a acreditar que Justin estaria em seu futuro como alguém que cuidaria de suas necessidades, fossem físicas ou emocionais, não importava o que ele dissesse. Lauren estava certa. Tudo o que Justin tinha falado enquanto crescia era sobre ir embora de Hope Falls.

Ele iria embora de novo. Amanda tinha tanta certeza disso quanto do sol nascendo no leste e se pondo no oeste. Quando o inevitável acontecesse, ela teria que passar pela dor insuportável de perdê-lo novamente.

Mantê-lo a uma distância segura era a única chance que ela tinha de compensar a dor que sabia que estava chegando.

Mas do lado prático das coisas, não havia realmente nenhuma razão para não aceitar uma carona dele. Ela estava exausta — totalmente drenada, na verdade — e seria divino sentar e relaxar enquanto ele se sentava no banco do motorista, literal e metaforicamente. Isso não poderia causar nenhum dano. Poderia?



Justin ficou muito aliviado por Amanda ter cedido e deixado que ele a levasse. Ela podia ser incrivelmente teimosa quando estava cansada ou se sentindo sobrecarregada, e ele sabia que ela deveria estar as duas coisas. Parker uma vez disse a ele que a primeira palavra de Amanda era “eu” e que, quando ela estava aprendendo a amarrar seus sapatos, ela se sentava por horas e trabalhava meticulosamente nos cadarços, não deixando ninguém mais ajudá-la. Ela não gostava de pedir ou receber ajuda.

Felizmente, ela deixou isso de lado hoje. Quando voltaram para casa, Amanda e Justin trabalharam juntos, fazendo uma viagem após a outra entre a cozinha e a caminhonete, carregando pratos bem fechados contendo aperitivos, ensopados e sobremesas.

Agora, quando pararam do lado de fora da Riverside Recreation Area e viram uma multidão agitada circulando e conversando, Amanda soltou um longo suspiro antes de se virar para Justin.

— Eu meio que esperava que as pessoas não tivessem me ouvido. Eu tive uma fantasia onde nós iríamos até o estacionamento totalmente vazio e eu poderia simplesmente deixar essa comida na cozinha e ir para casa e subir para um banho quente de espuma. Estou sendo egoísta?

Justin abriu a boca para responder, mas só conseguiu abanar a cabeça. Ele ficou sem palavras pela imagem de seu corpo nu escorregando lentamente na água quente, cercado por bolhas transparentes.

Amanda olhou para ele estranhamente.

— Você está bem? — ela perguntou, o olhar em seu rosto lhe dizendo que ela achava que ele poderia estar perdendo um pouco do controle.

Justin fez o seu melhor para rir, embora a risada soasse rouca e fina, mesmo para seus próprios ouvidos.

— Eu estou bem. Foi apenas um longo dia. E não. Não há um osso egoísta em seu corpo. Claro que você gostaria de poder relaxar. Eu queria que você também pudesse. Tudo bem, que tal isso? Vamos ter um sinal. Podemos ir com o clássico toque na orelha. Se eu vir você puxar a orelha, a qualquer momento, mesmo que tenhamos ficado aqui por apenas dez minutos, eu vou dar uma desculpa e tirá-la daqui. Combinado?

Amanda assentiu com gratidão e, pela primeira vez naquele dia, Justin notou os círculos escuros sob seus olhos azuis cristalinos enquanto eles brilhavam com facilidade.

— Sim. Combinado. Isso parece incrível.

Foi isso. Era o que ele precisava. Aquele olhar em seus olhos, o jeito que seu rosto se iluminou, o jeito que ela relaxou quando concordou com seus planos, tudo em seu mundo estava certo naquele momento. Parecia certo ser quem cuidava de Amanda, certificando-se de que ela estava bem. Justin sabia que não deveria, não poderia se acostumar com esse sentimento, mas ele estava com medo de ser tão viciante quanto crack.



Capítulo

11

O coração de Amanda pulou quando Justin deu-lhe um meio sorriso arrogante que ela reconheceu como seu sorriso característico # 321, o sorriso de eu-posso-conquistar-o-mundo-se-eu-me-concentrar-nisso. E assim ela sentiu sua própria confiança crescer. Por mais que ela estivesse tentando evitar se apoiar em Justin emocionalmente, ela podia sentir-se mais forte só por estar perto dele. Estava acontecendo sem a permissão dela, mas ela honestamente não tinha forças para lutar contra isso. Que se danassem as consequências, ela ia se sentar e se divertir.

Ei, ela raciocinou, já que parecia que seus melhores esforços não seriam suficientes para controlá-lo de qualquer maneira, ela poderia muito bem se deleitar com o fato de que a força da presença de Justin a ajudava a passar por um dos dias mais difíceis da sua vida.

Seus lábios se voltaram para cima em um pequeno sorriso indiferente que quase espelhava o dele.

— Vamos fazer isso — ela respondeu quando os dois saíram da caminhonete juntos e começaram a descarregar a comida.

Mesmo estando esgotada emocional e fisicamente, era bom ter uma tarefa para ocupar as mãos, algo concreto e sem sentido, algo que parecia quase automático. Fazer viagens de um lado para outro entre a caminhonete e as mesas, desembulhar a comida, se encaixava perfeitamente em sua natureza de cuidar das pessoas, alimentá-las.

Para a surpresa de Amanda, depois de estar lá por algum tempo, ela realmente se viu começando a gostar do evento ao testemunhar o quão importante seu pai tinha sido para essas pessoas. Dar-lhes um lugar onde

pudessem falar um com o outro sobre ele, onde poderiam conversar com ela, contar suas histórias, começar a se curar, parecia significativo. Parecia real. E ter Justin ao lado dela durante tudo isso? Bem, isso parecia... certo. Não havia outra palavra para isso. Parecia perfeito, natural e exatamente como deveria ser.

Depois de algumas horas de evento, Amanda se viu com um raro momento sozinha. Deixando a cabeça cair para trás, ela olhou para o cobertor de estrelas e suspirou. O dia não tinha saído do jeito que ela planejou, mas foi exatamente como deveria.

Abaixando a cabeça, viu Sue Ann Perkins, dona do Café da Sue Ann, caminhando em sua direção. Sue Ann estava vestida com a mesma roupa básica que usara todos os dias da vida de Amanda — uma saia longa e floral com uma camisa de botão e cardigã combinando. O conjunto de hoje estava em tons suaves de preto e cinza. Sue Ann deu-lhe um abraço e depois começou a recolher pratos e copos vazios.

Sue Ann olhou para Amanda com simpatia.

— Como você está se sentindo, docinho?

Amanda sorriu enquanto seguia o exemplo de Sue Ann e começava a limpar também.

— Oh, tão bem quanto pode ser esperado, eu acho. É difícil. Mas todo mundo na cidade tem sido tão incrível.

— Quero que você saiba que estou aqui, se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa mesmo. Eu estou a apenas um telefonema de distância — Sue Ann falou com óbvia sinceridade.

Sentindo-se mais uma vez sendo sufocada pela emoção, Amanda assentiu.

— Obrigada.

Sue Ann pareceu preocupada, e Amanda a viu examinando a multidão, talvez procurando algo para distrair Amanda da exibição iminente de lágrimas. Quando seus olhos se encontraram com Justin, que estava em pé na praça conversando com Eric e Jake Maguire, Sue Ann inclinou a cabeça em direção a ele.

— Olha, com certeza é ótimo ver Justin de volta à cidade. E que homem bonito ele se tornou. Você não acha?

Amanda teve que rir da tentativa de Sue Ann de sutileza e distração.

— Sim, é verdade.

Sue Ann dirigiu sua atenção diretamente para Amanda.

— Muitas pessoas estão comentando sobre a volta dele para cá.

— Sério? — Amanda tinha certeza de que a cidade também estava falando sobre Karina, Lauren e Sam voltando também, mas ela tinha que admitir que estava um pouco curiosa sobre o que se falava sobre Justin.

— Sim — começou Sue Ann. — Das pessoas que estiveram no café, o resumo básico é esse. Algumas pessoas estão dizendo que Justin só veio para a leitura do testamento para descobrir se Parker deixou algum dinheiro para ele e que, antes que você perceba, ele vai se levantar e ir embora de novo.

— Essa não é uma previsão sem precedentes — disse Amanda com pesar.

— Bem, essa é a opinião da minoria, para dizer a verdade — continuou Sue Ann com firmeza. — Se ouvir a maioria das pessoas, elas acham que Justin ficará por um bom tempo. Elas acham que ele voltou para casa, onde deveria estar.

Ela colocou o braço em volta do ombro de Amanda e disse em voz baixa, como se quisesse manter a observação somente entre as duas:

— E tenho certeza de que as convicções deles foram mais do que fortalecidas depois de observar o modo como ele olhou para você todo o dia. Céus, estou certamente convencida de que ele vai ficar para sempre depois de vê-lo passar o dia babando por você.

Amanda riu ligeiramente.

— De seus lábios aos ouvidos de Deus, Sue Ann.

— Querida, eu posso rezar para que Justin fique com você o dia todo se você quiser, mas escreva o que estou dizendo: essas seriam ações desnecessárias. Ele está fora de si por você e isso não vai mudar. Aquele garoto te ama.

Amanda não pôde deixar de sorrir para si mesma. Talvez Sue Ann estivesse certa. E, ei, talvez Sue Ann estivesse errada. Mas havia uma coisa que ela sabia com certeza — as palavras “aquele garoto te ama” soavam muito doces para seus ouvidos.



Justin estava cuidando de sua própria vida em uma mesa de piquenique carregando um prato com uma enorme pilha de comida quando Karina apareceu de repente ao seu lado, como um gênio pronto para conceder-lhe três desejos. De alguma forma, ele não achava que era por isso que ela havia

aparecido.

Aparentemente, ele não escondeu sua surpresa ao vê-la, porque sorriu de modo aberto quando disse:

— Eu não queria te assustar, eu ia bater no seu ombro, mas estava com medo de que se eu empurrasse seu braço até mesmo um pouquinho, o rosbife suficiente para alimentar uma pequena nação cairia em cascata do seu prato.

Justin concordou.

— Eu sei. Eu culparia o ar da montanha, mas moro nas montanhas, então seria mentira. Estou prestes a comer rosbife suficiente para alimentar uma pequena nação e a única razão é porque não como o rosbife de Sue Ann há muito tempo e estou recuperando o tempo perdido.

Karina riu enquanto pegava um prato e começava a enchê-lo.

— Boa transição e você nem sabia disso.

Justin franziu a testa em uma expressão confusa.

— Transição?

— Sim. — Karina sorriu. — Eu queria falar com você sobre algo, e isso tem a ver com o seu acima mencionado “recuperar o tempo perdido”, embora em um sentido diferente do que você acabou de dizer.

— Deixe-me adivinhar. É o discurso “não machuque a Amanda”?

Karina apontou para ele com a colher que estava usando para pegar salada de batata.

— Pois sim. É ele mesmo. Você sempre foi rápido, Justin.

— É preciso ser para reconhecer.

— É verdade. E com esse espírito, tenho certeza de que essa conversa será rápida e indolor. — Karina olhou para ele bruscamente. — Olha, eu sei que nós dois nos orgulhamos de não levar nada muito a sério, mas vou falar sério sobre isso. Amanda é uma das minhas melhores amigas. Eu a amo até a morte. Eu não estou brincando agora.

Justin devolveu o olhar de Karina solenemente, sabendo que ela estava apenas fazendo o que ele vinha tentando fazer desde que chegara — cuidar de Amanda.

— Tudo certo. Vamos conversar.

Eles se sentaram no banco mais próximo, colocando os pratos no colo. O dia todo Justin foi bombardeado com ameaças veladas, e ele tentou não levar isso para o lado pessoal, mas honestamente não conseguia entender por que estava sendo tratado como se fosse um predador para machucar Amanda.

— Ouça, Kar, eu sei que você está falando sério sobre proteger Amanda.

Eu quero protegê-la também. Eu levo isso a sério. E nós não somos os únicos. Eu não posso te dizer quantas pessoas sutilmente e não tão sutilmente me alertaram sobre a mesma coisa esta noite. “Não machuque a Amanda” tem sido um tema recorrente.

— Bom. Eu apoio esse tema cem por cento — afirmou Karina.

— Acredite em mim. Eu não quero machucá-la. Essa é a última coisa que quero. Eu não entendo por que todo mundo...

Quando teve dificuldade em terminar seu pensamento, Karina perguntou:

— Por que todo mundo o quê?

Na esperança de obter algumas respostas, Justin explicou:

— Quero dizer, eu sei que a cidade ama Amanda. Assim como dizem que fulano é “o queridinho da América”, Amanda é a queridinha de Hope Falls. Então eles são protetores dela. Entendi. Eu também entendo que com o falecimento tão recente de Parker todo mundo sabe que ela está se sentindo vulnerável, então eles estariam mais ansiosos para protegê-la e me avisar se achassem que eu poderia machucá-la. Mais uma vez, eu entendo isso.

Pousando o garfo, Justin balançou a cabeça.

— A coisa que eu não entendo é que eu não fiz nada para Amanda. Eu estou longe daqui há dez anos. E em todos esses anos, a primeira pessoa de quem ouvi falar foi Henry. Quando ele me contou o que aconteceu, larguei tudo e peguei o primeiro ônibus para cá. Então por que eu sou o cara mau?

A sobancelha de Karina se levantou e ela inclinou a cabeça para o lado.

— Bem, não é como se eles achassem que você é o cara mau, por si só. Não é nada pessoal. Mas você partiu o coração dela e isso não faz de você um cara legal.

Justin não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Quando éramos crianças? Sério? Ela tinha uma queda por mim. Quando ela me contou, eu sabia que a chateava que nada pudesse acontecer. Eu acho que ela pode ter ficado envergonhada. Mas um coração partido? Quer dizer... ela tinha apenas dezessete anos. Foi um amor infantil.

Os olhos de Karina se arregalaram de espanto.

— Uau. Macho realmente é ignorante. — Balançando a cabeça para trás e para frente, ela soltou um longo suspiro. — Você não tem ideia do quanto essa garota te ama, não é?

O cérebro de Justin tentou racionalizar a afirmação que Karina acabara de fazer. Ele sabia que Karina não era uma mentirosa, especialmente quando se tratava de uma de suas melhores amigas. Mas em todos os anos que Justin

tinha pensado em Amanda, nunca tinha passado pela sua cabeça que ele pudesse ser mais do que apenas um amigo por quem ela desenvolveu uma paixão colegial. Ela era tudo de bom e certo neste mundo, e ele não era. Como alguém assim poderia realmente amá-lo?

Os olhos de Karina se encheram de pena quando ela disse:

— Olha, se eu não acreditasse realmente que você é um cara legal, eu nunca diria isso a você. Essa informação, nas mãos erradas, poderia ser usada para realmente machucá-la, mas eu sei que não tenho que me preocupar com isso em relação a você. Quando você partiu dez anos atrás, ela não ficou apenas chateada ou envergonhada. Ela ficou arrasada. Destruída. Obliterada. Ela chorou por dias. Semanas. Ela não conseguia, ou talvez não pudesse, comer ou beber. Ela ficou tão doente que Parker quase teve que levá-la ao hospital. Ela estava tão traumatizada que nem sequer contou a mim ou a Sam ou a Lauren o que tinha acontecido com você. Doía demais até mesmo falar sobre isso.

Justin sentiu todo o sangue saindo de seu rosto enquanto Karina continuava.

— Levou quase um ano para ela sair do sofrimento causado pela sua falta, e sei que ela ainda sente, mesmo depois de todos esses anos. Honestamente, se você partir o coração dela agora, não sei se ela sobreviveria a uma segunda rodada. Ela é uma garota forte, mas tem um ponto fraco em seu coração por você, sem mencionar que acabou de perder Parker. Não, repito, não a engane. Senão você terá que lidar comigo, Lauren e provavelmente até com Sam. Estamos mais velhas agora, com mais recursos. Vamos caçar você, se necessário.

Justin balançou a cabeça lentamente, seu peito estava tão apertado que ele mal conseguia respirar. Ele tentou processar as informações que Karina estava lhe passando, mas foi como se tivesse entrado em curto-circuito com sua mente. Não as ameaças. Ele sabia que ela estava falando sério, mas ele não estava preocupado com isso.

Não, ele estava tentando entrar em acordo com o fato de que, durante todos esses anos, ele causou dor a Amanda em sua ausência. Ele pensou que estava fazendo a coisa certa ficando longe dela. Ele queria o melhor para ela e sabia que não era o melhor.

Karina colocou a mão no ombro dele e disse gentilmente:

— Eu só disse a você porque queria que soubesse com o que está lidando, não para se convencer disso. Não há nada que você possa fazer sobre o

passado, mas o presente e o futuro são o que você pode mudar. Se você quiser. E, no caso de eu não estar sendo clara, eu estou torcendo para que vocês finalmente fiquem juntos. Eu acredito que vocês pertencem um ao outro.

— Tomar as chaves dela e fazê-la deixar você dirigir foi um bom começo. Lauren e eu estávamos a caminho dela, mas você chegou primeiro. Eu acho que até Lauren ficou um pouco impressionada. Nós todos sabemos que você a ama, que você quer cuidar dela. Tudo que estou dizendo é: leve a sério. Não brinque com ela.

Justin assentiu novamente.

— Eu não vou brincar — ele prometeu. — Obrigado. Obrigado por me contar tudo isso. É só... é muito para processar.



Quando Justin chegou à casa de Amanda naquela noite, ele desligou o motor e olhou para o rosto angelical, os olhos fechados, dormindo no banco do passageiro.

Quando ele notou que ela tinha apagado antes mesmo de entrar na Rua Principal, seu plano era levá-la até a casa sem acordá-la. Ela teve um dia tão longo, merecia cada minuto de descanso pacífico que pudesse ter.

Mais cedo naquela noite, Amanda disse a Justin que estava preocupada com o fato de que o resto do seu Quarteto Fabuloso estivesse ficando cansado, então ele as mandou para casa. Não foi fácil convencê-las de que ele não sairia do lado de Amanda até que ela estivesse pronta para sair, mas elas finalmente cederam. Amanda estava determinada a permanecer no parque até que pudesse falar com todas as pessoas que quisessem falar com ela para oferecer suas condolências, ou apenas compartilhar memórias preciosas de seu pai. E Justin ficou ao seu lado em cada piada que foi contada e a cada lágrima que foi derramada.

A consequência de suas ações de cuidado, no entanto, era que agora ela estava totalmente exausta. Ele puxou as chaves para fora da ignição e silenciosamente saiu antes de subir os degraus da frente da varanda para destrancar a porta da frente. Então ele voltou para a caminhonete, abriu a porta do passageiro e levantou Amanda em seus braços, tão gentilmente quanto possível, fechando a porta, silenciosamente, atrás dele.

Quando ele entrou na casa, Teddy caminhou sonolento de onde estava enrolado em sua cama quente na cozinha e caminhou até Justin, esfregando a cabeça contra a perna dele para que o topo de sua cabeça também esfregasse contra as costas de Amanda.

Justin sorriu para o lindo e feliz cachorro.

— Vamos levar a nossa menina para a cama sem acordá-la, ok, garoto? — ele sussurrou, e Teddy balançou o rabo de um lado para o outro.

Justin olhou para as escadas e decidiu que seria mais uma oportunidade para ela acordar. Então, em vez disso, ele a deitou no sofá, apoiando as almofadas do sofá debaixo sua cabeça tão suavemente quanto foi capaz, tentando com cada pequeno movimento abalá-la o mínimo possível.

Ele se moveu em silêncio para pegar a manta que lembrava ser uma das favoritas de Amanda do armário, ele estava feliz em encontrá-la ainda guardada no mesmo lugar. Amanda disse a ele que sua mãe a tinha feito antes de ela nascer. Justin levou o cobertor de malha quente para uma Amanda adormecida e o espalhou sobre ela, sentando-se ao seu lado no sofá enquanto o fazia.

Em um movimento que parecia quase fora de seu controle, ele estendeu a mão e tirou uma mecha dourada de cabelo da testa dela, acariciando as pontas dos dedos através dos fios sedosos. Seus olhos se abriram um pouco, e ela inclinou a cabeça ligeiramente para olhar para ele. Ele congelou. Toda a preocupação que ele tinha tido para que não a acordar, e agora isso.

— Oh... Olá. É você — ela disse sonolenta, bocejando, e estava claro para Justin pelo seu tom que ela não estava realmente consciente, apenas falando em um estado meio acordada, meio adormecida. — Você deveria ficar dessa vez. Senti sua falta... — ela sussurrou, e sua cabeça caiu de volta no travesseiro quando seus olhos se fecharam novamente.

Ele olhou para ela, congelado, por mais alguns instantes.

De repente, ele ouviu a voz sussurrada de Karina vindo das escadas. Ele estava tão completamente encantado com a forma adormecida de Amanda e suas palavras inconscientemente murmuradas que ele não tinha ouvido os passos suaves de Karina descendo as escadas.

— Então, se ela é Joey, isso faz você Pacey ou Dawson? — ela sussurrou. Ele se virou e deu a ela um olhar perplexo, não certo de que a ouvira corretamente.

— Dawsons Creek? Da Warner? Show de longa duração? Lançou as carreiras de Joshua Jackson, Katie Holmes e James Van Der Beek? Sério,

pessoas que não têm referências culturais são impossíveis de lidar. — Ela sorriu.

Ele balançou a cabeça. Talvez ele estivesse apenas cansado, mas ele não tinha ideia do que ela estava falando.

— Bem, você é a alma gêmea dela ou é a pessoa com quem ela deve acabar? — Karina perguntou. Depois de dar um momento a ele, ela encolheu os ombros e, com um meio sorriso travesso, subiu as escadas, acrescentando: — Pense sobre isso.

Justin olhou de volta para Amanda, adormecida, e afastou os cabelos dourados de sua testa. A decisão de ficar e lutar por Amanda, não importava o quão forte fosse seu instinto interior de correr e não importava quais obstáculos externos bloqueassem seu caminho, solidificou-se dentro dele, e ele sussurrou decisivamente:

— Por que não posso ser os dois?



Capítulo

12

Justin estava na cozinha de Amanda, preparando-se para fazer café recém-moído. Ele estava contente que aquele era um novo dia, que esperançosamente não seria preenchido com a montanha-russa emocional à qual ele tinha sido amarrado desde o momento em que chegou a Hope Falls.

Não. Este era um novo dia. A manhã parecia clara e brilhante.

Justin estava determinado que este dia seria livre de drama e incidentes.

Justin adorava o ato cotidiano e rotineiro de fazer café porque simbolizava qual era sua intenção para o dia — um dia completamente calmo e normal, como qualquer outro. Bem, não como os que estavam acontecendo ultimamente, mas como a maioria dos dias que passara em Mountain Ridge quando jovem; sem intercorrências, rotineiro, mas reconfortante em sua previsibilidade.

Na verdade, Justin provavelmente diria que um bom dia de trabalho antiquado em Mountain Ridge Outdoor Adventures foi a coisa mais próxima que ele já sentiu de algo que poderia ser chamado de lar.

Enquanto levava a sacola de grãos de café para o moedor, todos os pensamentos de normalidade se despedaçaram quando ele ouviu um grito aterrorizado vindo do andar de cima. Não apenas um pequeno guincho, mas um grito no estilo de filme de terror, de estourar os tímpanos dado a plenos pulmões.

Ele deixou cair a sacola que estava segurando; grãos de café se espalharam pelo chão limpo da cozinha, como se fossem bolas de gude saindo da sacola. Ele subiu as escadas correndo.

Enquanto ele corria para a escada, tentou imaginar o que poderia ter feito Amanda gritar como se sua vida estivesse prestes a terminar. Ela estava ferida? Alguém a tinha machucado? Ela estava presa em algum lugar? Algo tinha caído sobre ela?

Quando Justin chegou à porta do banheiro, ele pegou a maçaneta freneticamente, girou e empurrou, mas a porta não cedia.

— Amanda! — ele chamou urgentemente. — Destranque a porta!

— Eu não consigo — ela gemeu de dentro do banheiro, sua voz aterrorizada enviou o limiar de terror de Justin para a zona vermelha. — Me ajuda, por favor.

Agindo puramente na adrenalina, ele empurrou seu ombro com força contra a pesada porta de madeira de novo e de novo até que ela cedeu. Invadindo o cômodo, ele não sabia o que esperava encontrar, mas definitivamente não era o que estava diante dele.

Sua beleza de olhos azuis, aparentemente sem ferimentos, estava colada ao canto mais distante do chuveiro. Ela estava olhando para baixo, aterrorizada, do outro lado do chuveiro em direção ao ralo, mas essa parte foi momentaneamente perdida por Justin.

Ele ficou mudo e temporariamente paralisado pela visão de Amanda nua. E ela estava nua. Muito nua. Gloriosa e descaradamente nua. Seu corpo luxurioso era rosa do vapor do chuveiro e brilhava úmido pela água.

Mesmo que os riachos de água que abriram caminho pela porta de vidro do box que separava os dois distorcesse levemente a imagem do corpo de Amanda, não havia como negar que a visão de Amanda Jacobs nua era a coisa mais incrível que ele já tinha visto. Perfeita. Seu corpo era seu mais selvagem sonho personificado.

— Justin! — ela gritou enquanto mexeu os pés e pressionou ainda mais contra a parede de azulejos.

— Eu estou aqui. — Justin começou a sair de sua névoa de luxúria.

— Entre. Aqui. Agora — Amanda disse cada palavra com ênfase.

Oookay.

Justin não tinha certeza do que estava acontecendo, mas ele sabia de uma coisa; Amanda o queria no chuveiro. Então ele ia entrar no chuveiro. Ele não precisava que ela pedisse duas vezes.

Enquanto começou a desabotoar a camisa, ele avançou e sorriu.

— Sim, senhora.

Sem nem mesmo olhar para cima e reconhecer seu avanço brincalhão,

Amanda apontou um dedo trêmulo para o ralo e guinchou:

— Aranha.

Justin começou a rir enquanto andava o resto do caminho em direção a ela e tirou a camisa completamente.

— Uma aranha. Você tem alguma ideia do que aquele grito me fez imaginar enquanto subia as escadas? E era apenas uma aranha? Você viveu aqui a vida toda. Você se considera uma garota da montanha e basta uma pequena aranha para fazer você gritar como se estivesse em um filme de... PUTA MERDA!

Este último palavrão explodiu dos lábios de Justin quando ele puxou a porta do box de vidro, enfiou a cabeça para dentro e pôs os olhos na maior e mais peluda aranha que ele já tinha visto.

Ele nunca viu nada assim. Era quase do tamanho de uma bola de beisebol, em tons de marrom e preto. Seu corpo do tamanho de uma bola de golfe pendia pesadamente no centro de oito pernas grossas, semelhantes a tentáculos, cobertas por centenas de minúsculos pelos, de modo que quase dava a impressão de que a aranha estava coberta por uma camada de pelo.

No momento, estava sendo mantida sob controle pelo fluxo constante de água quente deslizando em direção a ela, que parecia querer escapar. No entanto, toda vez que sentia movimento no outro extremo do recinto, tentava enfrentar a corrente para investigar. Justin agora sabia por que Amanda estava encolhida no canto, tremendo e assustada demais para sequer pensar nisso. Ela estava presa.

Justin respirava pesadamente, e não apenas pela sua proximidade com a desagradável fera que era a aranha. Não, ele estava agora ao alcance de uma criatura que poderia ser tão perigosa, na verdade mais, para ele — Amanda nua. Ele precisava se controlar para poder lidar com a situação e tirá-la dali. Ele teve que esquecer, momentaneamente, que podia ver cada centímetro do corpo com o qual ele sonhou por mais de uma década, ou o fato de que excedia todas as fantasias que ele já teve.

Sim, isso deve ser bem fácil.

Usando-se como um bloqueio, Justin passou por ela para encostar a mão contra a parede molhada do chuveiro e, em seguida, entrou cuidadosamente no box, jeans, botas de trabalho e tudo. Ele se posicionou na frente dela, efetivamente protegendo-a do alcance da aranha. Para chegar a Amanda, o horrível aracnídeo teria que passar por Justin primeiro.

— Ok, Amanda — Justin disse suavemente, com uma voz muito mais

calma do que ele pensaria ser capaz de reunir. — Eu preciso que você saia devagar do box. Fique atrás de mim o tempo todo. Nada de movimentos bruscos. Eu não sei se esse cara é um saltador, e eu não quero descobrir. Você pode fazer isso?

Ele sentiu a cabeça dela acenar contra a parte por trás do seu ombro, e seu corpo quente e molhado começou a passar por ele. Seus dedos deslizaram contra o lado de seu pescoço enquanto ela segurava seus ombros em busca de apoio. Ele sentiu seus seios pesados pressionados contra suas costas enquanto ela roçava nele para se proteger. E ele sentiu a barriga dela através de seu jeans, a pele firme enquanto se movia lentamente colada à sua bunda.

A única coisa que o impediu de brotar uma ereção enorme e embaraçosa ali era a presença da aranha super-grande se contorcendo, que continuava a tentar fazer seu caminho se movendo em direção a eles. A visão repugnante das pernas cabeludas e apalpadas do aracnídeo, em constante movimento de busca, tendia a matar um bom zumbido de excitação, mesmo quando a fonte daquela excitação era tão potente quanto a carne nua, macia e flexível de Amanda Jacobs.

Depois que ele ouviu os pés molhados de Amanda cravarem-se no chão de ladrilhos do banheiro e teve certeza de que ela estava do outro lado do pequeno espaço, Justin lentamente retirou-se do box, com os olhos travados na aranha mamute. Ele então firmemente deslizou a porta de vidro, prendendo a aranha dentro dele.

— Eventualmente, vamos precisar de uma solução mais permanente do que isso, mas é um começo — disse ele, virando-se para enfrentar Amanda. Para sua enorme decepção, ele viu que ela tinha enrolado uma toalha em volta de si mesma. Vendo o olhar ainda em pânico em seu rosto, Justin imaginou que deveria aliviar o clima. Ele puxou as bordas da toalha quando se aproximou dela e perguntou:

— Eu também vou me secar?

Amanda recuou decisivamente e apontou para o chuveiro.

— Mate a aranha, Casanova, e depois conversaremos.

Justin se aproximou do chuveiro e estudou o monstro através da porta de vidro.

— Eu sinto que faz sentido desligar a água, mas não tenho certeza se esse é o movimento — ele admitiu.

— Mesmo? Você não sabe como matar uma aranha? E você se considera um garoto da montanha? Chocante — Amanda brincou, seu tom leve.

Olhando por cima do ombro, ele atirou de volta com um sorriso:

— Ei, sua bunda bonitinha está sã e salva graças a este menino da montanha.

Amanda riu, e soou como o som mais doce do mundo. Então, ela estalou os dedos e tirou algo do armário embaixo da pia.

— Tente isso — disse ela.

Justin estreitou seu olhar quando ele pegou a lata vermelha e preta de Raid.

— Eu não acho que isso vá fazer muito. Ela é muito maior que uma formiga ou uma barata.

— Bem, use muito mais — sugeriu Amanda pragmaticamente. — E, além disso, deve pelo menos atordoá-la para que você possa desligar a água e bater nela.

Justin assentiu. Não totalmente convencido, mas como ele não conseguia pensar em algo melhor, abriu a porta do chuveiro apenas o suficiente para encaixar o bocal, mirou e explodiu a criatura horrível, que começou a se contorcer. Com a outra mão, ele desligou o fluxo de água quente.

Como os movimentos da aranha diminuíram e ela parecia estar enfraquecendo, Justin abriu a porta do chuveiro e mirou com o pé.

— Sim! Pegue ela. Esmague com sua bota!

Amanda o aplaudiu.

Justin trouxe o calcanhar de sua grossa bota para caminhar diretamente sobre o corpo da aranha com um baque satisfatório. Ele então ergueu o pé cerca de um centímetro do piso e desceu novamente com força três ou quatro vezes por segurança.

Ao sair do chuveiro, ele abriu a tampa do vaso sanitário e colocou a bota de lado no assento para que ele e Amanda pudessem se assegurar de que a temida criatura estava completa e verdadeiramente morta. Justin desenrolou várias folhas de papel higiênico e raspou o que restou no banheiro. Amanda então deu descarga, e eles observaram os pedaços de seu inimigo serem arrastados em um redemoinho satisfatório.

Colocando o pé de volta no chão, Justin virou seu corpo para enfrentar Amanda, que ainda estava bem perto dele. Agindo puramente no instinto primitivo, Justin passou o braço por trás da cintura e puxou-a para perto dele.

— Então... — Ele respirou roucamente, mas com um sorriso sexy e brincalhão que não representava seus hormônios em fúria ou coração batendo descontroladamente. — A fera está morta e eu acredito que nós falávamos

sobre eu me secar.

Amanda sorriu e abriu a boca para responder, no que Justin tinha certeza de que seria uma de suas observações atrevidas, mas nada saiu. Seus olhos percorreram seu rosto e pescoço, ambos corados. Seus olhos azuis o encaravam através de uma cama grossa de cílios escuros e ele viu como sua língua percorria seus lábios e as curvas suaves de seu corpo derretiam contra ele. Sentiu-se inclinando-se para ela até sentir os tufos quentes de ar de seu hálito aquecido, os lábios a meros milímetros de se tocarem.

— Porra, eu quero beijar você agora — ele sussurrou suavemente.

Amanda soltou um suspiro de necessidade assim que Sam, com os fones de ouvido do iPod firmemente no lugar, saltou para o banheiro, completamente inconsciente de que Amanda e Justin estavam de pé do lado de dentro da porta. Seu impulso, quando ela esbarrou neles, fez todos os três caírem; Justin mal conseguiu pegar as duas garotas e aparar suas quedas.

Quando se deitaram no chão, um mero instante depois de terem caído ali, a cabeça de Karina bateu na porta do banheiro, olhando para eles com consternação.

— Ei — ela protestou —, vocês estão fazendo um ménage e ninguém pensou em me convidar?



Capítulo

13

Amanda e Justin sentaram-se no escritório administrativo principal da Mountain Ridge Outdoor Adventures mais tarde naquela manhã, olhando desconfortavelmente um para o outro por cima da mesa. Bem, ela estava desconfortável, Justin parecia perfeitamente bem. Amanda não tinha certeza se eles deveriam falar sobre o quase beijo ou apenas varrê-lo para debaixo do tapete. Ela estava meio que esperando que Justin mencionasse isso, mas ele parecia imune ao assunto.

Então Amanda quebrou o silêncio.

— Ok, eu acho que é bom para a equipe retornar a um senso de normalidade o mais rápido possível. Eu acho que é realmente o que todos nós precisamos, e eu agradeço que você esteja a bordo com isso.

— Absolutamente — Justin disse suavemente. — Tudo o que você precisar, eu estou aqui.

Ela sabia que ele provavelmente pretendia que essa declaração fosse favorável, mas estava meio irritada por ele estar agindo como se não a tivesse puxado contra ele e dito que queria beijá-la. Então, em vez de confortá-la, sua declaração a irritou.

— Não é sobre o que eu preciso. É sobre o que é melhor para o negócio. Nosso negócio. Aquele que nós dois administramos. Juntos.

Justin não parecia minimamente perturbado por sua atitude. Ele simplesmente a tranquilizou dizendo:

— Eu sei. Mas eu quero que você saiba que não importa o que qualquer papel diga, esse é o bebê do seu pai. É o legado dele e você é quem esteve aqui o tempo todo. Então você tomará as decisões. Estou completamente

preparado para seguir sua liderança em todas as decisões. É tudo o que eu quis dizer com “o que você precisar de mim”. Honestamente.

Amanda respirou fundo e assentiu. Ele estava tentando, pelo menos.

— Tudo bem — ela disse. — Você está certo. Desculpe se fui agressiva. Ainda devo estar um pouco no limite de ontem.

Sem mencionar, ela acrescentou silenciosamente para si mesma, *a tensão de não voltar a amar você novamente, já que sei que você pode desaparecer a qualquer momento. Isso também tem sido um pouco estressante.*

Amanda abriu o planner e colocou-o entre os dois, para que cada um pudesse ler de seu próprio ângulo.

— Temos menos de seis semanas até que o Mountain Ridge seja aberto para a temporada de inverno — começou ela. — É crucial abriremos a tempo para manter nossa linha de fundo saudável. Todos os dias que adiamos a abertura, em um dia em que deveríamos ter receita, mas não temos, não é um dia neutro em termos de receita. Estamos pagando a equipe. Assim, todo dia não só nos custa em perda de receita, mas em despesas reais.

— Um golpe duplo — Justin disse sombriamente.

— Precisamente — concordou Amanda.

— Bem, é melhor descobriremos como abrir dentro do prazo, então — Justin declarou com confiança. — Eu sei que seis semanas parecem muito tempo, especialmente para alguém que não está acostumado a ficar em um lugar por um longo período, mas, na verdade, quando você olha para tudo que precisa ser feito, mal dá tempo.

Justin assentiu agradavelmente, mas Amanda não perdeu o lampejo de dor que cruzou seus olhos. Ela não quis que fosse uma alfinetada. Ela realmente estava apenas afirmando um fato, mas viu como o comentário o afetou.

— Tudo bem — disse ele. — Por que não começamos fazendo uma lista de todas as coisas que precisam ser feitas e aproximadamente quanto tempo cada tarefa vai levar em termos de horas de trabalho? Então, podemos descobrir como alocar o tempo da equipe com mais eficiência. Quando e se tivermos essa informação, também podemos fazer uma programação mestre que expõe tudo ao longo do período de seis semanas, para que possamos saber cada passo do caminho, se estamos mantendo as metas ou não.

Amanda assentiu com gratidão, feliz com a perspectiva de se envolver em uma tarefa quantificável, algo em que poderia se concentrar. Algo que tinha um começo e um fim definidos.

— Parece bom — disse ela, retirando a brochura de inverno do ano anterior para que pudessem passar por todas as atividades oferecidas pelo resort e debater todas as tarefas que precisariam ser concluídas para tornar cada oferta pronta para o inverno. Ela também desdobrou um mapa da propriedade para que eles pudessem examinar as tarefas do ponto de vista geográfico, examinando cada centímetro da propriedade do resort e listando todas as manutenções e reparos que precisariam ser realizados no próximo mês e meio. Mais tarde, eles passaram por todas as tarefas administrativas necessárias e se certificaram de que estavam bem à mão, mas, no momento, a prioridade ainda era abrir a tempo para a temporada de inverno.

Enquanto Amanda e Justin tramavam e planejavam, cabeças debruçadas sobre documentos, conversando, adicionando listas, fazendo sugestões, discutindo, analisando, chegando a conclusões e desenvolvendo um ritmo e relacionamento cada vez mais amigáveis, Amanda realmente relaxou por um momento e baixou sua guarda.

Ela estava tão envolvida na tarefa e tão focada no planejamento que perdeu seu foco em manter a inquebrável vontade de ferro necessária para manter Justin à distância emocionalmente.

Depois de várias horas, eles finalmente tinham o que parecia ser uma solução viável para deixar o parque pronto em tempo suficiente para abrir o cronograma para a temporada de inverno.

Honestamente, Amanda não estava inteiramente certa de que o momento iria dar certo, para tê-lo diante dela em preto e branco, um documento que, se seguido, garantiria a abertura oportuna e, portanto, a lucratividade futura da empresa do pai dela — agora dela. Parecia uma tábua de salvação. Parecia simbólico também — o primeiro grande obstáculo que Amanda precisava superar como dona. Era uma grande sensação.

Ela olhou para Justin. Ela podia sentir o calor de suas bochechas, que estavam coradas com a emoção da realização.

— Eu acho que nós realmente fizemos isso — disse ela, um toque incrédulo.

Justin sorriu de volta igualmente satisfeito.

— Concorde. Eu acho que é um plano forte e viável.

— Parece que é hora de reunir as tropas — Amanda disse, feliz que, quando ela se dirigisse ao pessoal, teria Justin ao seu lado. Por enquanto, pelo menos.



Amanda e Justin ficaram na frente do pequeno grupo — os cinco funcionários que a Mountain Ridge Outdoor Adventures tinha atualmente na equipe. Eles eram um bando desorganizado, Amanda refletiu, mas eles eram a família de Mountain Ridge Outdoor Adventures, e ela não os trocaria por nada no mundo.

Havia Bertha Hodge, uma mulher gorda de sessenta e poucos anos que supervisionava toda a cozinha, limpeza e manutenção dos alojamentos e do prédio administrativo. Em seguida, havia Jane Gonzales, uma mulher mimada que cuidava do trabalho administrativo no escritório, além de agendar todas as reservas. Em seguida, estava Meredith “A planejadora” Beene, a contadora de meio período que estava em todo lugar, o tempo todo. Por último, os “Garotos Bartollo”, Mikey e Jack, dois irmãos que — da maneira curiosa como as pequenas cidades às vezes operam — ainda eram amplamente chamados de “garotos”, embora estivessem na casa dos cinquenta e ninguém parecia pensar que era estranho. Os Bartollos lidavam com manutenções diversas em torno da propriedade.

É claro que à medida que cada estação começava e os convidados chegavam, havia trabalhadores contratados trazidos — guias especializados nas várias atividades oferecidas no resort. Mas esses cinco eram o núcleo, os únicos empregados assalariados durante todo o ano. Em suma, a família.

— Olá, todo mundo — Amanda começou com um leve tremor em sua voz. O tremor estava vindo da percepção de que o pai dela não estava aqui. Ele não ia liderar esta reunião.

Ela havia tentado novamente limpar o quarto dele esta manhã depois do quase beijo no chuveiro, mas não foi muito além do que no dia em que as meninas apareceram. Amanda sabia que isso precisava ser feito e todas as amigas se ofereceram para ajudá-la, mas era algo que ela tinha que fazer sozinha. Em tempo.

Limpando a garganta, ela começou de novo:

— Então, eu queria aproveitar esta oportunidade para deixar todo mundo saber que, vocês sabem... que tudo está dentro do cronograma para a temporada de inverno... — Ela parou quando um nó se formou em sua garganta. Esta era a primeira temporada sem o pai dela.

Tentando livrar sua mente desse pensamento, ela disse:

— Ok, deixe-me começar de novo. Eu sei que tem havido alguma

conversa sobre as pessoas estarem inseguras sobre o que o futuro reserva para o Mountain Ridge.

Bertha pareceu intrigada.

— Que conversa? — ela perguntou incerta.

Amanda engoliu em seco audivelmente:

— Oh... isso, você sabe... de que algo está errado, ou que podemos estar fechando, ou...

— Podemos estar fechando? — perguntou um dos Garotos Bartollo em tom chocado.

— Não... não, não estamos. Esse é o meu ponto — disse Amanda, tentando reunir seus pensamentos e voltar ao rumo.

— Mas as pessoas estão falando sobre isso, é? — Bertha tentou esclarecer, com cautela: — Quero dizer, é isso que você está tentando nos dizer? Você não teria levantado isso se não fosse uma possibilidade, certo?

— Não — disse Amanda, tentando combater as lágrimas que enchiam seus olhos. — É disso que quero falar — ela tentou novamente. Isso tudo estava saindo de seu controle mais rapidamente do que ela poderia imaginar.

Ela estava fazendo tudo errado. Ela queria reunir todo mundo e informá-los sobre tudo o que ela e Justin tinham planejado, e agora eles estavam com medo de que não tivessem empregos e ela não conseguia falar sobre o enorme nó do tamanho de uma bola de beisebol em sua garganta para garantir a todos que não era esse o caso.

Justin se adiantou suavemente.

— O fechamento está completamente descartado — disse ele, com convicção em sua voz que Amanda só podia sonhar em alcançar. — Ninguém falou sobre isso. Ninguém considera isso.

— Nós chamamos vocês para dizer que Amanda e eu passamos a manhã com um cronograma detalhado de trabalho e tarefas que precisam ser concluídas antes da abertura do inverno. No que depender de nós, o Mountain Ridge Outdoor Adventures vai abrir para a temporada de inverno no horário. É para onde estamos indo, é onde nosso foco está, e é aí que queremos que o foco de todos esteja.

Ele se virou e deu um pequeno sorriso para Amanda.

— É o que Amanda estava tentando dizer. Eu sou apenas melhor em falar do que ela.

Amanda riu e deu-lhe uma pancada no braço. Só assim, a tensão na sala foi quebrada. Os cinco funcionários também riram e, de repente, como

mágica, a sala inteira estava na mesma página.

Justin continuou:

— Estamos planejando abrir a tempo neste inverno, e esperamos que essa abertura seja a primeira de muitas aberturas de inverno que estão por vir. Mas, para conseguir isso, precisamos da sua ajuda.

Amanda sentiu a atmosfera na sala mudar novamente. O interesse dos funcionários foi despertado e o ar estava tingido de algo parecido com excitação. Os sete estavam começando a se unir como um time.

Justin continuou a dirigir-se aos funcionários, apontando como era a oportunidade de todos honrarem a memória de Parker, abordando o trabalho que precisava ser feito do jeito que ele queria que fosse feito, do jeito que ele próprio faria.

No final do discurso de Justin, cada um dos trabalhadores estava pronto, se não ansioso, para aceitar suas atribuições individuais e apressar-se para começar a usá-las. Amanda abriu seu planner e distribuiu as listas de tarefas que ela imprimiu para cada um dos funcionários, incluindo uma lista para ela e outra para Justin.

Depois que todos saíram, Amanda se virou para Justin e disse:

— Isso foi incrível. Sério. Crédito onde o crédito é devido. Eu estava caindo de cara no chão e você me salvou completamente.

— Bem, nós somos uma grande equipe — disse Justin.

— Sim — ela concordou com um pequeno sorriso. — Nós realmente somos.



Capítulo

14

N a tarde seguinte, depois de mais uma noite sem dormir torturada pelo fato de Justin estar dormindo a poucos metros dela, Amanda bocejou enquanto dirigia até a beira da propriedade, onde Justin caminhava pela cerca e reparava lugares onde o tempo ou animais haviam deixado sua marca. Sua mente estava divagando sobre o quanto havia mudado em apenas alguns dias. Realmente parecia com os velhos tempos de muitas maneiras. Eles tinham seu antigo ritmo de volta, sua antiga comunicação silenciosa, em sincronia, cada um pegando onde o outro ficou aquém.

Suas forças e fraquezas individuais se encaixavam perfeitamente, o que era uma das coisas que Amanda sempre tomara como prova de seu encaixe perfeito um com o outro.

A cabeça de Amanda girou em confusão. Seria tão fácil — tão fácil — para os sentimentos dela por ele começarem a ressurgir de uma maneira agressiva se ela permitisse que isso acontecesse. Para ela se acalmar acreditando que poderia depender de sua presença constante. Como ela desejava poder relaxar e deixar isso acontecer.

Mas era tão perigoso.

A otimista yin para aquele yang deprimente estava levando em conta o fato de que, enquanto intencionalmente mantinha sua distância emocional, ela poderia estar realmente deixando passar algo que poderia ser a maior coisa que já aconteceu com ela — a direção que a sua vida estava, de fato, querendo tomar.

Ela desejou ter um sinal, qualquer tipo de sinal, que lhe dissesse a coisa

certa a fazer em relação a Justin. Algo que a deixaria saber se seu retorno estava destinado a ser temporário ou se o destino decidira que aquele era o lugar ao qual ele realmente pertencia.

Sua caminhonete bateu e desceu pelo caminho de terra esburacado, e ela estendeu a mão para firmar a garrafa de limonada gelada que estava trazendo para Justin. Ela determinou que, tanto quanto ela era o tipo de pessoa que gostava de uma vida tranquila e previsível — uma em que ela poderia se envolver facilmente — ela teria que resignar-se com o fato de que ela precisava permanecer aberta a qualquer coisa que o destino trouxesse nesse caso, e não analisar demais ou tentar controlar como tudo acabaria.

Afinal, foi assim que ela estragou as coisas com Justin antes, tentando fazer as coisas acontecerem no seu tempo. Aquela ação de sua parte, aquele gesto apressado entre eles, tinha sido o ímpeto para a separação de dez anos, uma separação que quase a matou.

Ainda assim, ela pensou, seria ótimo ter algum tipo de sinal.

Enquanto a caminhonete de Amanda contornava a curva final e Justin aparecia, ela teve o que achou que poderia ser o sinal que procurava. Lá estava ele, ao longe, sem camisa, exibindo de forma proeminente a magnífica musculatura de seu peito, que brilhava de suor. Seus ombros ondulavam com o esforço quando ele baixou a marreta sobre o poste em que estava trabalhando, prendendo a fiação que estava anexando a ele.

Sua respiração ficou presa na garganta quando o viu. Era uma visão que era tão familiar. Ela voltou às centenas de vezes no passado quando lhe trouxe limonada enquanto ele trabalhava nesses mesmos tipos de tarefas de manutenção em torno da propriedade e, de repente, parecia certo. Parecia absolutamente cem por cento *certo*.

Além disso, cimentando sua crença nessa percepção, havia Teddy. Sim, Teddy, que claramente seguia Justin por toda a manhã como ela costumava fazer. Ele estava agora enrolado e deitado contente aos pés de Justin enquanto ele trabalhava. Realmente era como nos velhos tempos.

Amanda respirou fundo enquanto se aproximava lentamente dele no caminho. Ela estacionou e desceu, segurando a garrafa térmica gelada em sua mão quando saltou para o chão. Justin a olhou e cumprimentou-a com um enorme sorriso, puxando uma bandana do bolso de trás e enxugando o suor do rosto.

— Ah, meu anjo da limonada — ele gritou alegremente enquanto ela fechava o espaço restante entre eles.

— Como você sabe que é limonada? — ela respondeu divertidamente, segurando a garrafa térmica.

Justin sorriu, seu sorriso #164 Lindo-Demais-Para-Seu-Próprio-Bem, e olhou-a de cima a baixo.

— Com limonada ou não, a parte do anjo está certa — brincou ele, e Teddy bateu a cauda animadamente.

Amanda tentou não deixar que o efeito das palavras de Justin aparecesse em seu rosto enquanto ela puxava a cabeça de Teddy em direção a ela e coçava suas orelhas carinhosamente antes de entregar a Justin sua garrafa térmica de limonada.

— Então, vejo que sua sombra não esqueceu a velha rotina nos últimos dez anos — disse ela amigavelmente.

— Oh, sim. Teddy é meu braço direito. Não é, amigo? — ele perguntou ao cachorro, estendendo a palma da mão, com a face para cima. — Cadê meu cumprimento?

Teddy obedientemente bateu na palma de Justin com a pata, deitando-se de volta em seguida.

— Bom menino. Esse é o meu garoto — Justin elogiou enquanto coçava sua cabeça. A cauda de Teddy rapidamente balançou para frente e para trás enquanto ele lambia a mão que o acariciava.

A cena parecia tão normal e, por causa da própria normalidade, era tão insuportavelmente comovente que Amanda, tomada pela emoção, não podia mais ficar lá. Tentando cobrir seus sentimentos intensos, ela virou-se rapidamente e começou a voltar para o caminho.

— Bem, tenho que voltar ao trabalho — disse ela, tentando manter o tom o mais neutro possível através da repentina sensação de aperto em suas cordas vocais.

— Amanda — disse Justin, surpreso —, por que você não fica por alguns minutos? Pelo menos espere eu terminar a limonada. Você pode levar a garrafa térmica de volta com você.

— Fique com ela — ela disse, levantando levemente a mão para acenar com os dedos para trás em um gesto amistoso, mas sem se virar. Ela não queria que Justin visse as lágrimas que estavam começando a se formar em seus olhos. Ela não queria que ele visse como estava afetada pela percepção de que essa cena doméstica e preciosa representava o que poderia ter sido uma ocorrência diária em suas vidas se ele tivesse ficado e tivessem terminado juntos.

Esta poderia ter sido a vida deles — uma vida que ela queria tão desesperadamente que às vezes a paralisava. Essa pequena troca representava para ela o que poderia ter sido e, ainda mais torturantemente, o que poderia ser. Ela queria tanto, mas ela não tinha absolutamente nenhum controle se realmente iria ou não acontecer.

Deus, como ela ia fazer isso? Ela não sabia se poderia suportar.



Quando Amanda se preparou para sair para jantar com Karina, Lauren e Sam naquela noite, ela se esforçou para se concentrar nas roupas que estava colocando sobre seu corpo, enquanto o som muito distinto do chuveiro atravessando o corredor fazia o possível para distraí-la.

Normalmente, o som simples de um chuveiro ligado não a deixava alerta, ou tinha algum efeito nela. Era apenas um ruído genérico. Mas neste caso, a parte atraente era o ocupante do referido chuveiro. Justin. Era Justin no chuveiro.

Quando Justin e Amanda entraram na casa mais cedo naquela noite, após um longo dia de trabalho, as três amigas de Amanda estavam sentadas no sofá, esperando por eles.

— Finalmente — Karina explodiu de forma alegre. — Nós estamos esperando há horas.

— Cerca de vinte minutos — Lauren emendou.

— Seja como for — disse Karina com um aceno de mão. — Nós estamos entediadas. Nós estivemos sentadas nesta casa durante todo o dia. Queremos sair para jantar. Vão se preparar.

Amanda prontamente concordou, mas Justin recusou. Ele disse:

— Obrigado pelo convite, mas eu já tenho planos. Vou me encontrar com Eric, Jake e alguns caras da equipe. Na verdade — ele continuou, olhando para o relógio —, eu já estou atrasado.

Com isso, ele subiu as escadas, pulando dois degraus de cada vez. Amanda ouviu a porta do banheiro bater e o chuveiro ligar. Ela subiu as escadas até o quarto, dando os passos em um ritmo mais calmo, e começou a se vestir para o jantar.

No entanto, ela não conseguia se concentrar na tarefa por mais de dois segundos seguidos. Imagens mentais de Justin em pé no chuveiro, nu, água

fluindo sobre seu corpo, ensaboando-se, inclinando a cabeça para trás no fluxo pulsante ocupavam sua mente. Ela suspirou. Era insuportável. Ela sentiu como se seus nervos estivessem em chamas. Cada pequeno barulho em qualquer lugar da casa a fazia pular.

Esta, é claro, tinha sido a mesma rotina que ela passou quando adolescente toda vez que Justin estava no chuveiro. Ela em seu quarto, ouvindo a água bater no piso do box, imaginando o que ele deveria estar fazendo lá em qualquer momento, e como ele estaria ao fazê-lo, enquanto o corpo dela ficava corado pelo calor que seus pensamentos geravam.

Mas isso foi quando ela era uma adolescente crivada de hormônios. Ela era uma mulher adulta agora. Aparentemente, a parte crivada de hormônios não mudou muito, no entanto. Ela não podia acreditar que estava se comportando assim.

Ela ouviu o chuveiro desligar assim que terminou de se vestir e abanou o rosto corado.

É uma pena que eu não tenha uma pia no meu quarto, ela pensou ironicamente.

Eu definitivamente poderia usar alguns respingos de água gelada agora mesmo.

Amanda endireitou as roupas e abriu a porta do quarto, com a intenção de descer as escadas e encontrar as meninas. Naquele exato instante, Justin saiu do banheiro, seu peito brilhando com vapor e uma toalha enrolada na cintura.

Que pena essa toalha, ela pensou com tristeza antes de ser capaz de se conter e ter seus pensamentos maliciosos em xeque.

A voz profunda de Justin penetrou seus pensamentos.

— Se você continuar olhando para mim assim, vamos ter um problema.

Amanda tentou respirar fundo, mas conseguiu apenas inspirações rápidas. Rápidas e cheias de seu cheiro masculino limpo que não estava fazendo nada para acalmar os hormônios em seu interior.

— Eu não sei do que você está falando — disse ela sem fôlego.

Justin se aproximou com um brilho predatório em seus olhos cor de café. Os pés de Amanda recuaram até que ela acabou em seu quarto novamente. Ela só parou quando se encontrou plana contra a porta do armário. Justin continuou seguindo em frente até que menos de uma polegada separasse seus corpos. Seus dedos roçaram a mão dela antes que ele a erguesse e gentilmente guiasse as pontas dos dedos dela ao longo da borda de sua toalha na junção onde se dobrava em si mesma em sua cintura, como se ele fosse

um mestre de marionetes sedutor, e ela, sua marionete impertinente.

— Eu acho que você sabe do que estou falando — disse ele em um tom baixo e rouco —, mas se você quiser, eu posso te mostrar.

Sim!

Seu cérebro gritou.

Por favor, me mostre. Por favor, com açúcar por cima.

— Amanda. — A voz profunda e grave de Justin transmitiu uma intensidade sensual crua. Amanda inclinou a cabeça para cima, olhando diretamente nos olhos dele. Ele abaixou a cabeça até que seus lábios mal tocaram sua orelha, e então sussurrou com voz rouca: — Você quer que eu mostre a você?

O coração de Amanda estava tão acelerado que ela não tinha certeza se algum dia voltaria a uma velocidade normal. Arrepios estalaram por todo o seu corpo quando ela estremeceu com arrepios que se espalharam do topo de sua cabeça até as pontas dos dedos dos pés. Seus dedos se arrastaram ao longo do contorno da toalha sem a ajuda dele quando uma batida aguda veio da porta aberta.

— Toc, toc — Karina falou em voz alta enquanto dava a volta no canto do quarto de Amanda.

Tanto Justin quanto Amanda se viraram para ela.

Seus olhos dançaram com diversão quando ela olhou entre Amanda e Justin.

— Estou interrompendo?

— Não. Estou pronta para ir — Amanda respondeu sua amiga, sua voz soando estranhamente alta enquanto ela se movia em torno de Justin e um arrepio de consciência percorria seu corpo.

— Leve todo o tempo que você precisar. — Karina riu, dando um sorriso travesso a Justin antes de descer as escadas.

— Nós não terminamos aqui — Justin disse com um sorriso sexy quando Amanda saiu do quarto seguindo diretamente atrás de sua amiga.

Amanda não tinha certeza se suas palavras eram uma ameaça ou uma promessa, mas, de qualquer forma, o corpo dela concordava muito com essa afirmação. Agora ela só tinha que continuar tentando convencer sua mente e seu coração.



Capítulo

15

Karina, Lauren, Sam e Amanda sentaram-se alegremente na última mesa vaga do Café da Sue Ann, observando com interesse o resto do movimentado salão. Amanda tentou ver através dos olhos de suas amigas. O restaurante parecia exatamente o mesmo de sempre. Uma dúzia de mesas ficava em ângulos confortáveis ao redor do chão polido, cada uma coberta de toalhas de mesa ecleticamente descombinadas.

Prateleiras cobriam a parede dos fundos, exibindo artesanato local e lembranças pessoais de Sue Ann. Fotos pontilhavam o resto das paredes, retratando acontecimentos, locais importantes e residentes que eram especiais para Sue Ann ou Hope Falls. Amanda viu uma foto de si mesma com os pais de quando tinha cerca de seis anos de idade. A poucos metros à esquerda dela, ela viu uma foto de Karina e sua avó, Renata, muito mais jovens.

Muito parecido com tantos lugares em Hope Falls, o Café da Sue Ann irradiava uma vibração forte e acolhedora de lar. Naquela noite, todas as mesas estavam cheias de grupos barulhentos de pessoas felizes e tagarelas, aumentando ainda mais a atmosfera convidativa.

— Uau — observou Karina. — Além de JT's Roadhouse, esta é a coisa mais próxima da vida noturna que Hope Falls tem a oferecer. É uma festa normalmente aqui.

Lauren sorriu.

— Honestamente, é bom estar de volta a Sue Ann. Realmente parece que estou em casa.

— Bem, estou muito animada por ter tomado a decisão de ignorar o fato

de que estou treinando e, para esta noite, vou aproveitar um pouco da deliciosa comida caseira da Sue Ann — disse Sam entusiasmada.

Amanda entrou na conversa.

— Bem, se todas nós estamos listando as coisas pelas quais estamos felizes, deixe-me colocar que é fantástico estar aproveitando uma noite com minhas melhores amigas.

Todos eles ecoaram esse sentimento e começaram a estudar o cardápio.

— Oh, rosbife — Sam entouou vigorosamente. — Ou chili, com queijo e cebola.

Karina entregou-lhe um guardanapo, e Sam devolveu um olhar interrogativo.

— Para a baba — esclareceu Karina.

Todas riram, incluindo Sam, que respondeu:

— Ei, tente quase nunca comer nada além de verduras e peixe grelhado por dez anos e ver qual é a sua reação ao pensamento de um grande e suculento cheeseburger e um shake de chocolate.

Antes que Karina respondesse de forma espirituosa, Kelly King foi até a mesa delas, carregando um bloco de pedidos e usando uma camiseta elástica que se moldava à cada curva e uma calça jeans que parecia ter sido pintada em sua pele. Seu cabelo loiro e descolorido destacava-se em forte contraste com o falso bronzeado que rivalizava apenas com o blush e a sombra que pareciam ter sido aplicados com brochas em vez de pincéis cosméticos.

— Posso anotar seus pedidos? — ela perguntou indiferente.

— Onde está o seu chiclete? — Karina perguntou em um inocente tom de voz. Kelly deu a ela um olhar desdenhoso.

— O quê?

Karina encolheu os ombros.

— Eu não sei. Você apenas parece que deveria estar mascando chiclete. De alguma forma, parece completar a imagem.

Amanda se encolheu ao ver a Kelly, que estava dois anos à sua frente na Hope Falls High. Amanda nunca se importou com ela por várias razões, exceto pelo fato de que Justin a tinha namorado de vez em quando. Claro, não era como se ela fizesse parte de um clube exclusivo. Justin tinha saído com a metade da Hope Falls High — e a metade restante era do sexo masculino.

Mas Kelly tinha sido diferente das outras garotas. Enquanto a maioria das conquistas de Justin tentava agradar a Amanda como uma forma de

solidificar ainda mais seu vínculo com Justin, Kelly adotou uma abordagem diferente.

Quando Justin estava no ambiente, com certeza, ela era toda sorrisos e doçura. Mas no instante em que Justin saía, mesmo que fosse para pegar um refrigerante, ela tratava Amanda como se fosse um inseto asqueroso para ser esmagado. E então havia o hábito muito irritante de gritar quando via Justin, um som fino e agudo com uma cadência distinta.

— Oooooo, Justin! — Isso fazia a pele de Amanda se arrepiar.

Kelly não se importava com Amanda e o sentimento era tão mútuo agora quanto no ensino médio.

— Vocês vão fazer seus pedidos ou o quê? — Kelly suspirou dramaticamente e bateu o lápis impacientemente contra o bloco.

Karina ficou pensativa.

— Hmmm. Bem, eu sei com certeza que Sam vai querer o brócolis cozido no vapor e o prato de salmão grelhado. Quanto a mim...

— Salmão é o cacete! — Sam riu.

Kelly não pareceu divertida, dizendo categoricamente:

— Não temos isso.

Karina encolheu os ombros.

— Tudo bem.

— Olha, eu tenho outros clientes. — Kelly começou a bater o pé com impaciência. — Vocês vão pedir ou o quê?

— Whoa, de onde vem essa hostilidade? — Karina comentou com falsa inocência antes de cantarolar: — Eu sinto um cheiro de 5 por cento de gorjetaaaa...

Amanda correu para acalmar as coisas.

— Desculpe, Kelly, estamos prontas. Vou comer o frango assado com purê de batatas e um chá gelado.

Kelly revirou os olhos para Amanda, sem nenhuma razão em particular, e Amanda sentiu seu aborrecimento começar a aumentar. Sem anotar o pedido de Amanda, ela se virou para Lauren.

— E para você?

Lauren sorriu do jeito que ela sempre sorria para seus inimigos. Alegrementemente, mas com uma navalha de gelo por baixo.

— O mesmo — ela disse docemente. — Você não gostaria de anotar?

Kelly sorriu e fez um grande show escrevendo devagar enquanto dizia:

— Claro. Aqui vamos nós. O M-E-S-M-O. Eu acho que é assim que se

soletra.

— Que pena que você não tem certeza — Lauren respondeu com falsa simpatia.

Kelly revirou os olhos, carrancuda, tomou os pedidos de Karina e Sam, então se virou e saiu sem dizer outra palavra.

— Uau — disse Karina. — Essa é realmente a coisa de que eu mais sinto falta de casa se eu tivesse que escolher uma coisa. Forçada a analisar, eu tenho que dizer que nossa popularidade é a parte mais charmosa de estar em casa em Hope Falls. Fãs adoradores não conseguem igualar esse tipo de amor.

— Oh, ela ainda está com ciúmes de Amanda — afirmou Lauren.

— Ciúmes? — Amanda zombou. — Eu não acho que ela tenha ciúmes de mim. Ela só me odeia.

— Certo. Porque ela está com ciúmes — Lauren insistiu placidamente. — O que mais poderia haver por trás de uma resposta antagônica tão imediata e intensa? E especialmente quando um homem está envolvido? Isso é ciúme, minha amiga.

Amanda olhou para onde Kelly estava ajudando um cliente com um pedido para viagem no balcão.

— Talvez ela só me ache irritante.

Sam fez uma careta, olhando para a porta.

— Ah, não. Por falar em aborrecimento, acho que estamos prestes a receber o refrão de seu slogan favorito.

Amanda se virou para Sam.

— O que você...

E o mistério foi resolvido quando um grito alto soou:

— Ooooooooo, Justin!

Amanda girou a cabeça bem a tempo de ver Kelly se lançar alegremente sobre Justin, envolvendo os braços em volta do pescoço e as pernas ao redor da cintura dele, plantando um grande e suculento beijo direto em sua boca.

A náusea tomou conta dela com a força das ondas de maré alta enquanto ela girava de volta em seu assento. Inspirando pelo nariz e expirando pela boca, Amanda fez o melhor que pôde para acalmar a sensação de enjoo que passava por ela. Ela sabia que não estava fazendo um ótimo trabalho em esconder sua reação. Seu rosto estava apertado, sua boca estava pressionada em uma linha fina e sua respiração soava como se estivesse sendo filtrada através de uma máscara de mergulho.

Esticando a mão, Lauren cobriu o braço de Amanda.

— Você quer ir?

Amanda engoliu em seco, com um nó na garganta, ainda sentindo-se enjoada.

— Não, eu estou bem.

Os olhos de Lauren cortaram os ombros de Amanda em direção a Kelly e Justin.

— Uau. Parece que ele está tentando se livrar de um macaco-aranha.

Não sendo capaz de resistir, Amanda virou a cabeça ligeiramente, olhando por cima do ombro. Para seu imenso alívio, realmente parecia que Justin estava fazendo tudo o que podia para se livrar de Kelly, mas ela estava segurando-o como se sua vida dependesse disso.

Lauren balançou a cabeça enquanto olhava como se estivesse testemunhando um acidente de carro que ela não conseguia parar de observar.

— Ela está presa a ele como superbonder. Ele poderia esticar os braços para o lado e tentar voar para longe como um pássaro. Aquela garota não vai a lugar algum.

Amanda voltou sua atenção para sua mesa de amigas, não querendo testemunhar a exibição carinhosa de Kelly.

Ela conseguiu se concentrar parcialmente na conversa fiada das suas amigas, mas toda a sua inteligência estava focada em não prestar atenção à reunião acontecendo atrás dela. A próxima coisa que ela sabia, Kelly estava de volta à mesa delas, dizendo em um tom doce e enjoativo:

— Você não parece que está se sentindo muito bem, Amanda. Você está branca como um fantasma e parece... suar frio. Eu posso colocar sua comida pra viagem e você pode ir embora.

Lauren olhou para ela, incrédula.

— Você está brincando comigo, Kelly?

— Não. Olhe para ela. — Kelly acenou com a mão para Amanda. — Estou tentando ajudar sua amiga.

— Não faça joguinhos, King. Nós sabemos que você quer que Amanda vá embora porque Justin está aqui — Lauren entouou secamente.

Karina disse, fingindo um tom prestativo:

— Mas, Kelly, quanto à sua preocupação com a nossa amiga... Não se preocupe. Justin está ficando na casa de Amanda e ele está cuidando muito bem dela.

Isso era obviamente uma novidade para Kelly, porque ela deixou seu

disfarce de menina malvada escorregar por um momento. Suas verdadeiras emoções se manifestaram enquanto ela visivelmente empalideceu, e a dor apareceu em seus olhos. Este lapso momentâneo foi de curta duração, no entanto, e ela devolveu para Karina.

— Eu odiei o seu último álbum. — Então Kelly voltou para Justin e sua equipe.

Karina balançou a cabeça, fazendo com que sua longa juba negra e lustrosa brilhasse. — É só o amor, sabe? Comovente.

Exatamente nesse momento, as pessoas na mesa ao lado do Quarteto Fabuloso se levantaram e saíram, e o coração de Amanda pulou quando ela ouviu Justin e os caras indo em sua direção.

Kelly correu na frente deles e bloqueou o caminho, dizendo:

— Ah, não, vocês não querem essa mesa. Uma melhor estará vaga em breve.

Justin correu em volta dela, sentando-se na cadeira que ficava mais próxima de Amanda, piscando para ela. Então ele se virou para Kelly e disse alegremente:

— Kelly, esta mesa está bem. Nós vamos ficar ótimos aqui. Não se preocupe.

Kelly começou a se afastar com raiva, mas Karina pegou seu braço.

— Oh, Kelly, querida — ela disse docemente. — Apenas um lembrete. Eu tenho uma visão perfeitamente clara do balcão onde os pratos são colocados para fora e todo o caminho que você vai tomar ao trazê-los para a nossa mesa. Nada de gracinhas. E só por precaução, que tal você ficar na minha linha de visão o tempo todo até que nossa comida chegue à nossa mesa? Nada de pequenas viagens de volta para a cozinha.

Kelly franziu o cenho para ela sombriamente.

— Você não pode me dizer o que fazer.

Karina encontrou sua carranca com um sorriso brilhante.

— Verdade. Mas eu posso ter uma boa e longa conversa com Sue Ann sobre a maneira como fomos tratadas aqui esta noite e sobre a maneira que você tinha sua língua no meio da garganta de Justin, à vista das outras mesas, que, muito provavelmente, preferiam que você gastasse seu tempo enchendo seus copos de água, em vez de jogar hockey de amígdalas em público.

O rosto de Kelly se contorceu quando ela revirou os olhos. Sam disse:

— Cuidado. Você faz isso demais. Pode acabar ficando assim.

De repente, o comportamento sombrio de Kelly teve um efeito

estimulante. Ela disse:

— Você quer que eu fique onde você possa me ver? Tudo bem.

Então ela se virou para a mesa de Justin e se inclinou na frente dele, jogando a cabeça para trás de um jeito despreocupado, que pressionou seus seios na direção do rosto de Justin, quase ao nível dos olhos, enquanto gritava com o quanto estava feliz por ele estar de volta à cidade.

— Deus, esse som é como unhas no quadro-negro. — Os ombros de Karina tremeram.

— Nós podemos ir — Lauren ofereceu novamente.

Por mais que Kelly estivesse lhe dando nos nervos, e a proximidade de Justin a estivesse colocando em sobrecarga sensorial, Amanda sabia o que tinha que fazer. Ela ia ficar e comer. Depois iria embora.

— Não, está bem.

Virando a cadeira um pouco para que Justin e Kelly não estivessem em sua linha de visão, Amanda tentou se concentrar em aproveitar a noite com suas amigas.

Em pouco tempo, Kelly estava de volta à sua mesa.

— Aqui está a sua comida — disse ela hostilmente para Karina. — Isso está de acordo com seus padrões, Alteza?

Karina não mordeu a isca.

— Finalmente, o respeito que mereço. Da próxima vez, lembre-se de se curvar diante da realeza.

A mandíbula de Kelly apertou e sua cabeça parecia prestes a explodir antes que ela girasse em seu calcanhar, resmungando palavrões em voz baixa.

Amanda começou a comer antes que as outras três tivessem desembrulhado os talheres de seus guardanapos.

— Muita fome? — Lauren brincou.

Sam acrescentou com uma risada:

— Uau, e eu pensei que estava desesperada por uma refeição caseira.

Amanda deu de ombros.

— Eu não tenho comido muito.

Era a verdade, mas não era a razão pela qual ela estava enchendo sua boca tão rápido que parecia que estava em uma competição alimentícia.

Karina, Sam e Lauren trocaram olhares e, então, sem dizer uma palavra, todas começaram a enfiar comida na boca o mais rápido que podiam. A angústia de Amanda em relação à atitude de Kelly foi temperada por sua gratidão por ter grandes amigas. Elas sempre a apoiavam, como evidenciado

pelo fato de estarem ingerindo suas refeições como lenhadores que não comiam há uma semana. E quando suas barrigas estavam cheias, elas a empurraram para fora de lá como se o lugar estivesse em chamas, deixando para Kelly apenas uma moeda presa dentro de um copo de cabeça para baixo, com um pouco de água dentro como gorjeta.

Ela ouviu Justin chamando seu nome quando saiu pela porta, mas fingiu não ouvir. Ele estava revendo seus amigos e ela não queria que ele interrompesse sua noite por causa dela. Ele não fez nada de errado. Não era sua culpa que ver Kelly o adulando a deixasse enjoada.

Isso era problema dela. Assim como era problema dela que, se Karina não os tivesse interrompido no quarto de Amanda, ela tinha certeza que estaria na cama com Justin agora. E ela ainda tinha *namorado*. Um com quem ela não conversava desde que ele deixara o serviço memorial do seu pai mais cedo, mas ainda assim...



Capítulo

16

*N*a manhã seguinte, Amanda olhou para o teto, sabendo que era hora de encarar o dia. Como de costume, ela se mexeu e se virou a noite toda, incapaz de alcançar um momento de paz. Toda vez que ela começava a adormecer, o guincho de “Oooooo, *Justin!*” bombardeava sua consciência, repetindo uma e outra vez.

Para ser completamente justa, não foi apenas Kelly que a manteve acordada. Amanda também estava se sentindo culpada pelo fato de que ela e Trent ainda estavam tecnicamente juntos e ainda assim ela esteve a segundos de tirar a toalha de Justin. Ela sabia que precisava romper com Trent, mais cedo ou mais tarde. Então, ela pensou em estar solteira. A próxima coisa que aconteceu foi a imagem de Justin aparecendo de volta em sua cabeça. O que, por sua vez, fez com que ela começasse a se preocupar com o quão apegada estava ficando a Justin, apesar de seus melhores esforços. E isso a levou de volta a ouvir Kelly guinchando.

Era um círculo vicioso.

Esta manhã, ela se viu com os olhos turvos, mal-humorada e ressentida. Mas mais do que tudo, sentia falta do pai. Quando ela se sentou na cama e seus pés bateram no chão de madeira, ela estremeceu enquanto puxava o moletom, que tinha subido sobre suas panturrilhas. Quando seus dedos roçaram o tornozelo, outra onda de perda e tristeza se espalhou. Anos atrás, ela havia perdido um dos pertences mais preciosos que possuía, uma tornozeleira de prata que Justin lhe dera no último Natal em Hope Falls. Ela ainda sentia falta da sensação dela contra sua pele.

Lágrimas se acumularam em seus olhos enquanto ela se levantava e se

arrastava miseravelmente pelas escadas, desesperada por uma xícara de café. Ela tentou se livrar da tristeza esmagadora que sentia; era apenas uma peça de joalheria.

Quando ela entrou na cozinha, viu que era a última da casa a encontrar o caminho até lá naquela manhã — um testemunho de sua noite sem dormir. Tropeçou até a cafeteira e se serviu de uma xícara da bebida fresca e fumegante. Ela tomou um longo e glorioso gole do elixir mágico enquanto se arrastava até a mesa da cozinha, colocando-a sobre a mesa, desabando com força na cadeira em frente a ela e colocando a cabeça entre os braços cruzados sobre o tampo.

— Noite difícil? — Justin perguntou, parecendo preocupado.

— Tudo bem — ela murmurou.

— Você tem certeza? Você não parece tão bem.

Amanda levantou a cabeça para olhá-lo enquanto afastava o cabelo do rosto.

— Obrigada.

— Eu não quis dizer... eu só quis dizer... — Justin tropeçou em suas palavras.

Karina levantou a mão, indicando para Justin que ela iria lidar com isso antes de alcançá-la e dar um tapinha no braço de Amanda.

— Eu acho que o que Justin quer dizer é que você parece um figurante de *The Walking Dead*.

Amanda sorriu com a descrição de Karina enquanto se levantava na cadeira da cozinha, tentando projetar uma aura de dignidade tão refinada quanto possível, usando calças de moletom, pantufas de coelhinho e uma camiseta do tipo “Eu <3 Nerds”.

— Eu só não dormi muito. Isso é tudo.

Justin se inclinou para frente com preocupação em seu olhar de chocolate.

— Eu tentei conferir como você estava quando voltei ontem à noite, mas sua porta estava trancada.

Amanda estava tendo dificuldade em se concentrar em uma coisa boba como palavras com o cheiro que era exclusivamente de Justin flutuando no ar. Era um aroma fresco e leve que sempre fez Amanda derreter. Forçando-se a se concentrar, ela deixou o que ele disse ser absorvido.

Ela deve ter perdido o som de sua batida quando tentava abafar o som agudo da voz de Kelly tocando música nos fones de ouvido. O que ajudou, mas não muito.

— Conferir. — Karina sorriu. — É assim que as crianças estão chamando hoje em dia? — No canto do olho de Amanda, ela viu Lauren golpear Karina com uma luva de forno.

Os lábios de Amanda se ergueram em um sorriso completo, já se sentindo melhor do que estivera alguns minutos atrás. Justin sorriu de volta para ela. Era o # 243, o sorriso dele, eu-estou-tão-feliz-de-ver-você-sorrir. Aquele sempre acertou Amanda no peito.

— Oh, bom. Você está recuperando um pouco de cor — Sam disse com alívio enquanto estudava o rosto de Amanda. — Você estava me assustando por um minuto. Eu não vi você tão pálida desde que tentamos esquiar no Pico do Suicídio.

— Oh, meu Deus! — Os olhos de Amanda se arregalaram de horror. — Eu não posso acreditar que me esqueci disso. Eu quase quebrei meu pescoço tentando esquiar no Pico do Suicídio.

Sam gemeu.

— Eu sei. Pensei que tinha te matado.

Karina acenou com a cabeça enquanto respirava pelos dentes.

— E você parecia branca como uma folha. Eu não achei que fosse possível que sua pele realmente ficasse mais pálida do que é, mas quando eu corri para o quarto do hospital e vi você deitada na cama, você estava praticamente transparente.

Lauren esfregou as pontas dos dedos contra a testa como se estivesse evitando uma dor de cabeça.

— Ai, cara. Acho que nunca estive tão assustada quanto naquele dia em que Kar e eu recebemos a ligação do seu pai.

Karina acrescentou:

— Sim, Amanda, você tem oficialmente a distinção de ser a primeira e única membro do Quarteto Fabuloso a mandar uma equipe de busca e resgate atrás dela.

Amanda ficou em silêncio.

— O que você quer dizer? Eu estava com Sam quando caí e desmaiei. Eles não chamaram uma ambulância?

Sam deixou cair o rosto nas mãos e sacudiu a cabeça.

— Nós estávamos todos tão felizes quando você acordou que acho que não entramos nos detalhes de como tiramos você da montanha. Sim, A Busca e salvamento foi chamada.

Isso tudo era novidade para Amanda.

— O que aconteceu?

Sam sentou-se e suspirou como se só pensar nisso fosse muito para absorver.

— Ok, então, depois que tomamos a decisão incrivelmente imprudente de esquiar no Pico do Suicídio, como seu pai nos proibiu especificamente de fazer, cheguei ao fundo, sentindo-me incrivelmente orgulhosa de mim mesma. Eu me virei para você, e você estava longe de ser vista. Sério. Em lugar algum.

— Eu observei o horizonte. Gritei seu nome. Eu estava completamente louca. Esquiei no Snack Shack o mais rápido que pude, mas lembro que o pânico estava deixando meus movimentos desajeitados, e eu senti como se estivesse tentando correr debaixo d'água.

— Quando finalmente cheguei lá, eles enviaram a equipe de busca e salvamento e ligaram para Parker. Deus, eu estava com tanto medo do que seu pai ia dizer, como ele iria olhar para mim. Eu pensei que ele gritaria comigo por dias e depois nunca me deixaria ver você de novo. Se eles te encontrassem.

— Bem, ele chegou lá quando estavam puxando você da montanha e te colocando em uma ambulância. Você teve sua queda interrompida por uma árvore e sua perna foi quebrada. Honestamente, é um milagre você ter caído do jeito que caiu contra aquela árvore, porque você poderia ter quebrado o pescoço.

Amanda sacudiu a cabeça, maravilhada.

— Uau, eu sinceramente não me lembro de nada disso. É tudo tão nebuloso.

Sam assentiu.

— Sim, no momento em que você acordou, eles já começaram a te encher de analgésicos. Acredite em mim, teria sido uma experiência muito menos agradavelmente nebulosa se isso não tivesse acontecido. De qualquer forma, quando seu pai correu, eu comecei a chorar, e eu estava tentando me desculpar e explicar tudo ao mesmo tempo, mas eu estava apenas chorando e gaguejando. Em suma, eu estava um caco. Então, bem no meio da minha grande e complicada explicação de confissão-barra-desculpa, ele me parou com um abraço e disse: “Não se preocupe, Sammi. Minha garota é muito mais dura do que você imagina”. Eu fiquei tão aliviada. Ele até fez sinal para eu ir na ambulância com vocês, o que era incrivelmente generoso. Ele era tão bom.

Amanda assentiu com tristeza.

— Eu nem estava consciente o bastante na ambulância para lembrar que ele estava lá.

Justin sorriu e falou com calma e seriedade:

— Bem, os analgésicos estavam tomando conta de você. Parker estava mais concentrado em consolar a mim e a Sam.

— Você...? — Amanda ficou chocada. — Você estava lá?

O olhar de dor nos olhos de Justin fez o coração de Amanda vibrar.

— Sim. A ligação veio enquanto estávamos limpando as trilhas. Eu ouvi o som do rádio ao mesmo tempo que Parker. Naquele momento, eles nem tinham te encontrado ainda. A única informação que tivemos foi de que houve algum tipo de acidente no Pico do Suicídio, que você estava desaparecida e que eles estavam enviando busca e salvamento. E... eu não aceitei bem. Eu me inclinei e vomitei o almoço inteiro que eu acabara de comer. Você ainda me deve um sanduíche de carne assada e batatas fritas, a propósito.

Amanda sorriu enquanto se agarrava a cada palavra dele, oscilando entre a descrença e o desmaio.

— Quando me levantei, percebi que Parker iria embora, correndo de volta pela trilha em direção à caminhonete. Eu fiquei tão chocado ao vê-lo parado ali, ele não saiu. Ele olhou para mim por uma fração de segundo e então acenou com a cabeça, apenas uma vez, rapidamente, como se tivesse tomado uma decisão, e disse: “Sim. Vamos. Vamos pegar a nossa garota.” Aquela viagem de caminhonete até o final do Pico do Suicídio foi a mais longa da minha vida. Nós não sabíamos se você estava bem. Nós não sabíamos se você estava viva. Eu estava apenas... entorpecido. Não acho que sequer comecei a respirar novamente até que paramos e vimos você sendo carregada naquela ambulância.

“Toda a cena foi surreal. Você estava drogada, Sam estava chorando, e eu estava apenas parecendo um zumbi. De todo o trajeto até o hospital, lembro-me apenas de ter segurado o seu pé bom, o da perna que não estava machucada. Era como se eu não pudesse acreditar que você estava bem a menos que eu estivesse tocando você e pudesse sentir você, sólida e real sob minha mão. Então eu apenas segurei seu pé e agradei a Deus que você estivesse usando suas meias de sorte do Garfield.”

Os olhos de Amanda se arregalaram ainda mais.

— Você se lembra das meias que eu estava usando? — ela perguntou,

lutando para manter a voz natural, embora pudesse sentir sua garganta sufocando com lágrimas.

Justin sorriu, e desta vez não era seu sorriso patenteado #207, o sorriso não-me-odeie-porque-sou-irresistível. Não era #421, o eu-sou-tão-sexy-você-não-pode-resistir-aos-meus-feitiços. Não era nem mesmo um dos seus favoritos pessoais, o #67, o eu-sei-que-o-que-eu-acabei-de-dizer-foi-impertinente-mas-o-que-posso-fazer-eu-sou-um-malandro.

Não. Esse sorriso era seu favorito. Era o seu melhor sorriso. Era o #1, o sorriso sem-segundas-intenções-apenas-irradiando-pura-felicidade.

Seus olhos castanhos se encontraram com os dela quando ele disse:

— Eu me lembro de tudo.

Amanda não conseguia falar. Ela não conseguia nem pensar. Tudo o que ela podia fazer era sentir as emoções que estavam batendo nela com a força de um caminhão.

Depois de vários momentos de silêncio, Karina falou:

— Uau. Essa foi a história mais estranhamente romântica que eu já ouvi.

Lauren sorriu e Sam e Amanda riram.

— Estou falando sério — disse Karina com sinceridade. — Se eu fosse uma cantora country, meu próximo single seria *“Agradeço a Deus que você estava usando suas meias do Garfield”*.

Todos riram, e a conversa voltou-se para o que o resto da letra poderia ser e se Karina poderia ou não lançá-la nas paradas do país. Enquanto Amanda sorvia seu café, sua mente continuava ouvindo a voz de Justin em sua cabeça.

“Lembro-me de tudo.”

Isso tinha que significar alguma coisa. Certo?



Capítulo

17

Justin vagueou sem rumo pela rua principal, observando o ambiente e fazendo o melhor para colocar a cabeça em linha reta.

Quando ele saiu de Mountain Ridge uma hora atrás, ele não tinha nenhum destino específico em mente, mas então percebeu que, sem a intenção consciente, ele estava indo em direção aos campos de atletismo juvenil no extremo norte da cidade.

Fazia perfeito sentido. Toda essa volta ao lar foi para enfrentar seu passado — o bom, o ruim e o feio. Ele veio aqui, obviamente, para homenagear Parker, e isso estava solidamente na coluna do “bom”. Ele enfrentou o mal e o feio quando fez seu discurso no serviço memorial na semana passada e isso estava longe de ser fácil. Mas ele fez o que precisava fazer. Ver Amanda era uma sensação mista. Definitivamente havia algo entre eles, mas ela estava se segurando. Ele também estava.

Amanda anunciou depois do café da manhã que ia passar o dia arrumando o quarto de Parker. Todos, incluindo ele próprio, se ofereceram para ajudá-la ou até mesmo para fazer companhia, mas ela recusou educadamente. Justin tinha reconhecido o olhar que vira em seus olhos azuis marinhos. Era algo que ela precisava fazer sozinha. Ele definitivamente conhecia esse sentimento.

Depois de passar as primeiras horas do dia checando a equipe em Mountain Ridge para se certificar de que estavam dentro do cronograma, Justin tinha descoberto que eles estavam milagrosamente adiantados em quase uma semana. Toda a equipe parecia estar trabalhando em dobro,

possivelmente em homenagem à memória de Parker ou em apoio a Amanda. De qualquer maneira, Justin ficou com muito pouco por fazer.

Então, sua mente enchera o tempo pensando em Amanda e o que deveria ser a coisa certa a fazer naquela situação. Depois de várias listas de prós e contras, ele começou a enlouquecer e decidiu que precisava sair dali por um tempo.

Foi assim que ele acabou indo em direção aos campos.

Quando ele era um garoto no ensino fundamental e médio, disciplina e ordem não eram coisas altamente valorizadas em sua casa. Em vez disso, o caos reinava. Todos os dias que Justin tinha acordado era um giro da roleta sobre como sua vida seria naquele dia. Seu pai ficaria sóbrio e se comportaria de forma relativamente normal? Haveria comida na cozinha para comer? As luzes estariam funcionando quando ele ligasse o interruptor? A água viria saindo da torneira quando ele girasse o registro? Quando ele entrava na sala de estar, estaria vazia ou lotada de pessoas que seu pai trouxera para casa depois de se encontrar no bar na noite anterior, que agora estariam dormindo com os efeitos da festa que trouxeram para casa? Mais assustador de tudo, o dia iria trazer algum outro evento fora de controle que ele não tinha absolutamente nenhuma maneira de prever?

Todas as manhãs, todas essas perguntas e mais haviam atormentado a mente jovem de Justin. Foi assim que ele começou o dia. Havia coisas que ele não tinha como saber, coisas sobre as quais ele não tinha nenhum controle. Controle e ordem. Aquilo era o que Justin tinha desejado mais que tudo. Mais que comida, mais que água, às vezes até mais que ar. Ele ansiava por previsibilidade e estrutura.

A mãe de Justin havia partido quando ele ainda era um bebê. E Justin havia aprendido, desde muito cedo, que esperar que o pai fosse capaz de prover era perda de tempo.

O próprio Rick Barnes encorajara essa filosofia. Desde o momento em que Justin tinha cerca de três anos de idade, o suficiente para derramar cereal em uma tigela, Rick tinha deixado que ele se virasse sozinho. Ele tinha orgulho disso. Mesmo. Quando um dos frequentadores assíduos de uma noitada do seu pai tentava preparar o café da manhã para Justin, tagarelando sobre ele e fazendo alarde — provavelmente porque pensaram erroneamente que conseguiria pontos com Rick — seu pai sempre lhes dizia:

— Deixe o menino se virar. Ele sabe como se defender sozinho.

Justin poderia jurar que ouvia uma nota de orgulho sempre que essas

palavras deixavam a boca de seu pai. Era como se na própria avaliação de Rick, sua brilhante realização parental tivesse criado uma criança que não precisava dele. Considerando a aptidão de seu pai para a paternidade e sua preferência pelo álcool, pode ter sido apenas uma autoconsciência aguda.

Qualquer que fosse o caso, Justin aprendeu cedo que não era prudente depender de ninguém além de si mesmo. Ele descobriu que precisava aprender a ser disciplinado e auto-suficiente se quisesse viver uma vida de calma e ordem.

Isso tudo era bom na teoria, não tanto na prática. Algumas crianças de seis anos de idade podem se tornar completamente motivadas com coisas como cronograma, higiene, lição de casa e saúde, mas Justin estaria disposto a apostar que a maioria delas não era. A autodisciplina era algo que precisava ser ensinado. Pelo menos foi no caso de Justin. E ele obviamente não recebeu essas lições do pai.

Onde ele encontrou essas ferramentas foi no atletismo juvenil. Todo esporte que eles ofereciam, ele jogava. Ele não percebeu, até que ficou mais velho, que esportes organizados para crianças eram realmente caros, porque ele nunca tinha sido convidado a pagar. O departamento de Parques e Recreação lhe dera um passe livre para equipe após equipe.

Como adulto, ele veio a encarar o fato de que isso deveria ter sido um pequeno gesto por parte da cidade. Provavelmente foi uma maneira de difundir a culpa e o desconforto que devem ter sentido por deixá-lo em uma situação doméstica que todo mundo sabia que era horrível, sem tomar medidas para melhorá-la. Era a maneira de Hope Falls ficar de olho nele.

Mas, gesto culpado ou não, foi a única coisa que deu a Justin as ferramentas críticas para a sobrevivência com as quais ele contava até hoje. A disciplina para manter um regime de treino, o autorrespeito de manter seu equipamento limpo e em boa ordem, o respeito adequado pela autoridade na forma de seus treinadores e, por último, a responsabilidade de fazer parte de uma equipe e a responsabilidade inerente àquilo.

Foi também o único lugar em que ele se destacou. Não importa que esporte fosse, Justin sempre dominava. Ninguém, nem mesmo seu pai, conseguira tirar isso dele.

Quando ele contornou a última curva antes dos campos de atletismo aparecerem, já podia ouvir o barulho da multidão e os assobios, as palmas e as vozes excitadas que sempre associava aos jogos. Claro, ele nunca teve um pai na arquibancada para assisti-lo ou ter orgulho dele, mas mesmo assim os

aplausos e entusiasmo dos amigos e familiares dos outros jogadores ressoaram nele, e ele nunca deixou de sentir antecipação quando os ouviu. Como uma resposta pavloviana, ele podia sentir a felicidade crescendo nele, mesmo agora, enquanto ouvia os aplausos.

Ele andou até o fundo da multidão e encostou-se no tronco de uma árvore alta. Ao contrário do campo de futebol do ensino médio, não havia arquibancadas permanentes no parque de atletismo juvenil. Em vez disso, os pais se reuniram nas bordas do campo com cobertores ou cadeiras portáteis. Para os menos preparados na multidão, que hoje incluíam Justin, isso significava um longo período, fosse de pé ou sentado diretamente na grama e na terra. Justin não se importava em ficar de pé.

Enquanto observava os meninos manobrando para cima e para baixo no campo, ele foi atingido por algo estranho. Um dos atletas, um garoto que era mais alto do que o resto dos jogadores no campo (todos pareciam ter cerca de seis anos), tinha o nome Barnes em sua camisa.

Claro, não é como se Barnes fosse um sobrenome raro — nem um pouco. Mas na pequena cidade de Hope Falls, era um pouco de coincidência. Ele apostaria que o menino provavelmente era confundido com um parente de Justin e Rick Barnes regularmente e fez uma careta de simpatia pelo jovem garoto. Afinal, ele cresceu com o estigma de estar relacionado com Rick Barnes. Ele sabia em primeira mão como isso doía. Não era algo que ele desejaria a uma criança pobre e inocente. Se Justin fosse um dos pais do garoto, ele provavelmente consideraria mudar-se para o mundo anônimo, onde o nome Barnes era comum e não trazia nenhuma mancha.

Quando o jogo terminou, Justin fez o seu caminho em direção ao campo. Desde que ele estava aqui, imaginou que devia parar e dizer olá ao seu antigo treinador.

Quando estava se aproximando do campo e os jogadores estavam juntando suas coisas, notou que o garoto vestindo a camisa Barnes estava olhando para ele com uma expressão estranha. Antes que tivesse tempo de tirar qualquer conclusão do motivo pelo qual o garoto estava olhando para ele tão estranhamente, a expressão do menino mudou. Como um interruptor ligado em um holofote interno; seu rosto de repente se iluminou.

O garoto abriu a boca e, para surpresa de Justin, gritou a plenos pulmões:
— Meu irmão está aqui! Treinador! Meu irmão está aqui! Meu irmão veio me ver!

Justin pensou que era estranho que o garoto parecia estar olhando em sua

direção quando disse isso. Virando-se, ele verificou por cima do ombro para dar uma olhada em quem recebia a atenção exagerada do garoto. Não havia ninguém lá. A multidão havia diminuído consideravelmente.

Quando Justin voltou a olhar para frente novamente, viu que o menino Barnes estava se movendo em direção a ele e que tinha ambas as mãos pequenas em torno de uma das grandes do treinador, arrastando-o junto também. Ele ainda estava falando animadamente sobre seu irmão.

Caramba, pensou Justin. Esse irmão deve ser um cara e tanto.

Justin não queria se intrometer na reunião de família, então parou e casualmente encostou-se a outra árvore. Ele imaginou que apenas esperaria alguns minutos enquanto o treinador encontrava o irmão do seu jogador e depois diria um rápido oi. Quando o garoto puxou o treinador para ficar bem na frente de Justin e depois parou lá, Justin congelou.

Ok, isso é estranho, pensou Justin, enquanto tentava fazer a quantidade adequada de contato visual para a situação, para não parecer estranho. Então, novamente, qual é a quantidade apropriada de contato visual aqui? Demais parece intrusivo. Muito pouco parece artificial. Justin percebeu que talvez não houvesse uma etiqueta social apropriada para essa situação específica.

— Viu? — O garoto se entusiasmou com o treinador Neal, vibrando de excitação. — Eu te disse que meu irmão estava aqui. Esse é meu irmão!

O treinador riu e deu um tapinha no ombro de Justin. Olhando para o garoto empolgado, o treinador disse:

— Noah, eu conheço seu irmão muito bem. Eu costumava ser treinador dele também. Não é verdade, Justin?

Os olhos de Justin se estreitaram em confusão quando ele olhou para seu ex-treinador. Sentia-se como às vezes acontece em sonhos, como se o mundo e todas as pessoas nele estivessem operando por meio de um conjunto de regras misteriosas que todos sabiam, exceto por ele. Inferno, ele sempre se sentiu assim quando estava acordado também, mas nunca nesse grau.

— De quem é o irmão? — perguntou ele ao treinador.

O treinador Neal hesitou por um momento, parecendo inseguro, como se não conseguisse descobrir se Justin estava brincando ou não. Mas depois dessa pausa inicial, ele avançou, embora não de maneira tão confiante.

— Noah é... ele é seu irmão, Justin. — Ele olhou para a criança que, naquele momento, confundiu Justin ainda mais, jogando os braços em volta de sua cintura.

Os braços de Justin voaram no ar como em rendição.

— O que...? — ele começou, mas então o garoto foi distraído novamente por um carro que estava parando no estacionamento e o homem que estava saindo dele.

— Papai! — ele gritou, correndo naquela direção. — Justin está aqui! Ele veio me ver. Por que você não me disse que meu irmão estava vindo me ver?

E com isso, Justin se virou e viu o menino — Noah, de acordo com o treinador Neal — lançar-se nos braços de alguém que Justin não tinha visto em mais de quinze anos e nunca planejou ver novamente nesta vida. Rick Barnes. Seu pai.

Justin ouviu as pessoas falando sobre experiências fora do corpo, mas essa foi a primeira vez que ele teve uma.

Justin esperava sentir raiva, até ódio, crescendo dentro dele enquanto observava a aproximação de seu pai, mas a situação surreal que se desenrolava ao redor dele parecia tê-lo entorpecido completamente. Claro, nos anos desde que ele viu seu pai, ele imaginou vários cenários para o que poderia acontecer se seus caminhos se cruzassem em algum momento. Basta dizer que o atual nunca esteve entre as opções.

Ele se virou para o treinador.

— O que diabos está acontecendo? Meu pai teve outro filho? Quem achou que seria uma boa ideia?

O treinador Neal parecia mais desconfortável do que uma freira em um bordel. Mas para seu crédito, ele conseguiu manter uma sensação de calma que era praticamente a única coisa que mantinha Justin ancorado à realidade naquele momento. Ele rapidamente trouxe Justin até a velocidade sobre os fatos relevantes antes de Rick e Noah chegarem até eles.

— Não muito tempo depois que você partiu, seu pai conheceu e se casou com a mãe de Noah. Ela não era como as mulheres de sempre. Ela era realmente uma boa moça. Ela morreu dando à luz Noah seis anos atrás, e seu pai, sabendo que ele era a única pessoa ali para cuidar de Noah, ficou sóbrio. Ele realmente mudou de vida. Não acredito que ninguém tenha lhe avisado sobre isso.

Justin deu de ombros, tentando parecer que não se incomodava.

— Eu não estou surpreso com isso. Eu não fiquei em contato com ninguém aqui. Estou chocado pra caramba com fato de que ele poderia passar dois dias sóbrio.

— Cinco anos e meio, na verdade. — A voz de Rick Barnes fez todos os músculos do corpo de Justin ficarem tensos.

— Bom para você. — Justin ouviu a tensão em seu próprio tom e se sentiu como um idiota. Ele podia não ter absolutamente nenhum respeito por seu pai, mas o garoto não merecia sua atitude.

Justin olhou para cima, na esperança de obter uma assistência com esta conversa estranha do treinador, mas ele viu que o homem tinha sumido assim que Rick chegou.

Ótimo. Rick parecia tão desajeitado e inseguro sobre o que dizer em seguida, como Justin se sentia.

— Então, suponho que você esteja na cidade para o funeral de Parker Jacobs — afirmou com naturalidade.

— Engraçado, eu não vi você lá — retrucou Justin. Então, olhando para o garoto, ele respirou fundo. — Foi um bom serviço.

Rick assentiu.

— Eu soube.

Os dois homens ficaram ali, no silêncio constrangedor, até que finalmente Rick disse: — Bem, foi bom vê-lo. — E se virou para ir embora, a mão de Noah na dele.

Noah tirou a mão do aperto de Rick, incrédulo.

— Espere. Nós não podemos ir ainda. — Ele se virou para Justin. — Quando você vem visitar? — O ímpeto do garoto cresceu enquanto ele continuava falando a uma milha por minuto. — Sim. Venha. E você pode ver meu quarto.

Justin e Rick estavam ambos sacudindo suas respectivas cabeças contra essa ideia antes que Noah tivesse tirado a frase inteira, mas Rick foi o primeiro a falar.

— Tenho certeza de que seu irmão tem muito a fazer — disse ele com cuidado, observando o rosto de Justin.

Justin estava desmoronando. Ele com certeza não queria ir até a casa de Rick Barnes. Inferno, ele nem sabia onde Rick morava hoje em dia. Uma casa nova? A mesma casa em que ele cresceu? Isso seria ainda pior.

Ver aquele lugar, ter que processar todas aquelas memórias antigas e fazer isso na frente de uma criança? Justin sabia, sem sombra de dúvida, que ele não estava à altura disso. Não agora, depois desta bomba. Se isso acontecesse, ele precisaria de tempo para se preparar primeiro, para acalmar seus nervos.

Mas, ao mesmo tempo, ele se viu olhando para o rosto animado e expectante do garoto, e por uma razão que ele não conseguia explicar, ele não

queria desapontá-lo. Foi estranho. Dez minutos atrás, o menino era apenas um em uma multidão de crianças anônimas para ele sem nenhum significado emocional. Agora, só porque Justin descobrira que aquele pequeno estranho era seu irmão, ele se viu na estranha posição de não querer causar ao garoto qualquer desapontamento ou dor. Laços emocionais eram animais misteriosos, e Justin estava descobrindo que você poderia correr deles, mas nunca poderia deixá-los para trás.

— Deixa eu te falar — ele concedeu a Noah. — Eu não tenho tempo agora. Mas e se você e eu sairmos no sábado? Apenas nós dois — concluiu ele, olhando diretamente para Rick.

Noah olhou esperançoso para Rick, e Rick sorriu para ele. Justin ficou surpreso ao ver no rosto de Rick a mesma coisa que Justin estava sentindo — apego e um desejo de não desapontar Noah. Justin nunca poderia se lembrar de uma vez em sua própria infância que vira aquele olhar no rosto de Rick voltado para ele.

— Acho que seria ótimo — disse Rick a Noah.

Noah deu um soco no ar e gritou de alegria. Ele correu para Justin e jogou os braços em volta da sua cintura novamente. Quando ele desajeitadamente deu um tapinha nas costas do garoto, Justin se perguntou o que tinha feito. O que ele ia fazer o dia todo com esse garoto? Sobre o que falariam? O que as crianças comem hoje em dia?

Seu mundo parecia ter girado em seu eixo.

— Vamos vê-lo por volta das dez no sábado, então? — Rick perguntou a ele. Justin assentiu. — Mesmo lugar?

Rick assentiu.

— Sim. Mesmo lugar. Você se lembra do caminho de casa?

Justin soltou uma risada triste.

— Eu me lembro do caminho para a sua casa. Vamos apenas deixar assim. — Ele voltou sua atenção para Noah e suavizou-se imediatamente. — Tudo bem, Noah. Vejo você no sábado.

Justin ficou no campo e observou os dois voltarem para o carro, um contraste nas atitudes — seu pai sombriamente caminhando e seu irmão animadamente pulando ao seu lado. Seu pai e seu irmão. Droga!



Quando Justin retornou a Mountain Ridge, ele se viu feliz por não ter um carro ali. O passeio, combinado com o ar fresco da montanha, estava fazendo um bom trabalho de limpar sua cabeça. Na verdade, ele estava ansioso para uma longa noite sozinho no barracão, onde seus planos eram fazer nada mais complicado do que se deitar em seu catre e olhar para o teto. Nenhuma leitura, nenhuma música — nada para distrair do silêncio absoluto enquanto ele se esforçava para relaxar completamente e apagar todos os pensamentos de sua mente. Talvez então ele finalmente tivesse alguma clareza.

Se ele realmente conseguisse, é claro. Esse era o grande “se”. Mas, qualquer que fosse o caso, ele planejou passar a noite inteira tentando.

Infelizmente, esses planos estavam destinados a falhar. Enquanto caminhava até o barracão, viu o improvável par de Lauren e Henry esperando por ele. Os olhares nos rostos deles disseram que, qualquer que fosse a razão pela qual estavam ali, era sério.

Era estranho ter Henry, um dos maiores fãs de Justin, de pé na frente dele com Lauren, que poderia facilmente ser a presidente do Clube do Ódio a Justin Barnes. Ele se perguntou o que no mundo traria os dois juntos ali.

Sem dizer nada, Justin passou por eles até a porta, destrancou-a e gesticulou para o seu pequeno domínio.

Ele os seguiu para dentro, puxou a cadeira solitária no quarto debaixo de uma mesa improvisada, virou-a para ficar de frente para o catre e sentou-se nela. Ele moveu o braço para indicar que eles deviam se sentar no catre, o único outro assento disponível ali.

Henry se sentou sem hesitar. Lauren se abaixou delicadamente, empoleirada na beira do colchão, parecendo extremamente desconfortável.

Justin suspirou.

— Bem, eu suponho que isso não seja apenas uma visita de boas-vindas.

Lauren e Henry se entreolharam, tensos. Lauren disse com relutância:

— Justin, a questão é... Nós, hum, precisamos da sua ajuda.

Ela correu pela segunda metade da frase, incapaz de encontrar seus olhos enquanto falava.

Justin inclinou a cabeça, ele sabia que estava um pouco fora do ar depois de conhecer seu irmão, mas ele pensou que Lauren acabara de dizer que precisava de sua ajuda.

— Precisa da minha ajuda? Para quê?

Lauren olhou em volta pelas paredes vazias da sala, que continha apenas a cama e a mesa de cartas.

— Conselhos de decoração — ela entoou sarcasticamente.

Justin sorriu. Ele sempre gostou das amigas de Amanda, incluindo Lauren. Ele não podia culpá-la por sua opinião menos que estelar de seu caráter. Ele mesmo não tinha uma visão tão favorável dele.

— É sobre Amanda — Henry falou e a mandíbula de Lauren apertou.

— Olha, Lauren. — Justin respirou fundo. — Eu entendo que você não gosta de mim. Entendi. Mas eu prometo a você, eu faria qualquer coisa por Amanda e sei que você também faria. Então apenas me diga como posso ajudar.

Lauren assentiu e visivelmente relaxou.

— Você está certo — disse ela. — Isso não é sobre mim ou você. É sobre Amanda.

Henry bateu no ombro de Lauren encorajadoramente.

— Diga ao garoto o que você veio dizer, Lauren.

— Bem, para começar, quero esclarecer o que sinto por você, Justin. Eu não confio em você, essa parte é verdadeira, mas eu sei que você se importa com Amanda. Não acredito, por um segundo, que você tenha alguma coisa além das melhores intenções em relação a ela. Agora, se você tem forças para seguir com essas intenções... É aí que a minha crença em você desmorona.

Justin assentiu. Ela tocou nos medos exatos sobre si mesmo contra os quais ele lutava todos os momentos do dia. Ela não estava dizendo a ele nada que ele já não soubesse.

— Obrigado — ele disse sinceramente.

Henry riu.

— Bem, olhe lá. Vocês dois já estão se dando bem.

— Eu não iria tão longe — Lauren disse alegremente para Henry antes de se voltar para Justin. — Agora, sobre o que precisamos de sua ajuda, Justin. Preciso da sua permissão para, com Henry, fazer uma revisão completa dos livros do Mountain Ridge. Todos os registros financeiros, cada pedaço de papel e linha em uma planilha contida naquele escritório ou nesses computadores. Eu acho que algo não está certo.

— O quê? — Justin perguntou. — O que pode estar errado? Parker nunca deixaria Amanda em algum tipo de confusão.

Henry interveio:

— Não, não. Parker nunca teria feito isso intencionalmente. É verdade. Mas todo homem tem uma deficiência ou duas, especialmente quando se trata de negócios. Uma das deficiências de Parker era que ele era um pensador

grande demais. Ele tinha a visão para o lugar. Ele contratava pessoas para cuidar dos detalhes. O que me leva à sua segunda deficiência: ele confiava demais nas pessoas em geral, mas especialmente nas pessoas que trabalhavam para ele. Ele permitia que eles tivessem liberdade para fazer o trabalho deles e nunca foi muito específico para administrá-los. Se um deles quisesse passar a mão pelos olhos de Parker, ele ou ela não teria que se esforçar muito para conseguir fazer isso.

— Então há esse pequeno detalhe — Lauren terminou, seus olhos endurecendo. — Eu não gosto nem confio em Trent.

Justin não poderia concordar mais.

Lauren fez uma careta.

— Eu não tenho nenhuma confiança de que ele tenha os melhores interesses de Amanda no coração. Na verdade, suspeito exatamente do oposto. Acabei de saber que seis meses atrás, seguindo o conselho de Trent, Henry contratou o contador de Trent para ler os livros de Mountain Ridge. Suspeito muito do interesse de Trent pela propriedade, pela vontade e por pressionar Amanda a vender o quanto antes. Ele está tramando alguma coisa.

— Concordo — Henry colocou. — Eu não confio nem um pouco nessa raposa.

— Sim, eu concordo — interveio Justin —, mas o que eu não entendo é por que vocês vieram a mim. É o negócio da Amanda. Não tenho nada a ver com isso.

Henry olhou para ele estranhamente.

— Bem, filho, isso não é estritamente verdade — disse ele lentamente. — Você é proprietário de parte, lembra?

Justin passou os dedos pelos cabelos e balançou a cabeça para trás e para frente, tentando limpar as teias de aranha.

— Certo. Eu sei disso. Isso parece tão estranho. É estranho, mas ainda parece que eu trabalho para Parker. Não parece real.

Henry assentiu.

— Eu sei, filho. Você não está acostumado a possuir algo, a ter raízes. Mas é hora de se acostumar com a ideia. Manda precisa de você.

— Sim — acrescentou Lauren. — Não queremos falar com ela até que tenhamos algo definitivo. Afinal de contas, ela acabou de perder Parker, então você apareceu de volta. Seu mundo foi virado de cabeça para baixo o suficiente sem ter que lidar com isso. Além disso, pode acabar por ser nada.

A cabeça de Justin estava girando.

— Sim, claro. Vocês têm minha permissão. Qualquer coisa que precisem. Procurem por qualquer coisa. Vasculhem tudo. Não quero ninguém se aproveitando de Amanda.

Henry sorriu largamente.

— E se pudermos nos livrar de Trent enquanto estamos nisso, filho, bem, isso será apenas um bônus adicional.

Justin sorriu de volta para o velho.

— Olhe para você, Henry. — Ele riu. — Mexendo o caldeirão.

Henry riu de volta.

— Filho, você não sabe? Se você não mexer a panela, a sopa vai queimar. Você tem que mexer o caldeirão ou tudo acaba em uma grande bagunça.



Capítulo

18

Amanda desceu o caminho desgastado até o barracão enquanto o sol se punha, sua intenção clara na mente. Amanhã era o dia que ela planejava espalhar as cinzas do pai, e era muito natural que Justin fizesse parte disso. Mas ainda sentia alguma apreensão por perguntar a ele. Espalhar as cinzas de seu pai era uma coisa tão crua, pessoal e dolorosa de se fazer. Ela se sentia muito vulnerável pedindo a Justin para ir com ela.

Quero dizer, e se ele disser não?

Amanda sacudiu a cabeça. *Não seja idiota*, ela disse a si mesma.

Não é como se você estivesse pedindo a ele para ir ao baile da escola secundária. Apenas seja clara e direta.

Apesar de tudo, as palmas das mãos estavam suadas.

Subindo para a pequena varanda do barracão, ela bateu na porta.

Nada. Sem resposta.

Respire fundo, mantenha a calma e bata de novo.

Ainda sem resposta. Ela sentiu o primeiro tremor de pânico em sua barriga.

Isso não significa nada. Não significa que ele realmente foi embora.

Apesar de tudo que sua mente consciente estava dizendo a ela, seu subconsciente estava gritando um refrão que seu corpo estava respondendo:

Ele se foi. Ele foi embora para sempre desta vez.

Ela sentiu que começava a respirar com mais força e começou a andar atrás da pequena cabana para mergulhar os pés na corrente fria. Ela pensou que o choque sensorial poderia levá-la de volta à realidade.

Quando ela contornou a lateral do barracão, ouviu a voz de Justin

murmurando. O primeiro pensamento que a atingiu foi que ela precisava seriamente se controlar. O segundo pensamento que a atingiu foi:

E se ele estiver com uma garota? E se ele estiver com Kelly?

Ela não podia contar o número de vezes que o pegou saindo com garotas no riacho atrás do barracão antes mesmo de ele morar lá.

Espreitando ao redor do lado do edifício, ela se chocou ao ficar fraca de alívio.

Não era para uma garota que ele estava murmurando palavras doces. Era para Teddy.

Os dois sentavam-se no grande e plano topo da rocha que ficava atrás do barracão, observando o riacho passar. Justin estava acariciando a cabeça do cachorro e falando com ele em voz baixa.

—... um menino tão bom. Está certo. Alguém já te disse que você é o melhor cachorrinho do mundo? É verdade.

Teddy olhava para Justin com adoração e Amanda sentiu um nó na garganta. Ela foi superada com um profundo sentimento de pertencimento, de proteção, de afeição. A frase que estava correndo em um *loop* através de seu cérebro, por sua própria vontade, foi:

Meus garotos.

Oprimida com uma súbita vontade de quebrar o feitiço que estava sob controle e se sentindo muito vulnerável para falar com Justin naquele momento, ela tentou rastejar de volta para o lado do prédio com o máximo de discrição possível.

Infelizmente, não foi furtiva o suficiente para escapar do aviso de Teddy, que ou sentiu seu cheiro ou a ouviu. Emocionado com a idéia de ter as suas duas pessoas favoritas juntas, Teddy se levantou de um salto sobre o pedregulho e começou a latir no alto de seus consideráveis pulmões, abanando freneticamente o rabo.

Justin se virou e chamou:

— Amanda? Está tudo bem?

Envergonhada, Amanda continuou andando para trás enquanto murmurava:

— Hum... eu só... Você sabe... — Ela não sentiu a raiz sob o seu calcanhar até que tropeçou e sentiu-se cair para trás, o moinho de vento em seus braços, e aterrissando diretamente sua bunda com um som abafado.

Justin e Teddy desceram da pedra e foram correndo em sua direção.

— Você está bem? — Justin perguntou com preocupação genuína, apenas

uma sugestão de riso tingindo sua voz.

Teddy correu para cima dela com toda a força de um motor a vapor canino peludo, derrubando-a o resto do caminho, deixando-a deitada de costas na terra, seu rosto sendo lambido com entusiasmo pelo cão excitado.

Com relação aos aspectos de feminilidade sutil, ela admitiu para si mesma, não era seu melhor momento.

Ela lutou para voltar para uma posição sentada contra um alegre Teddy o caminho inteiro.

Justin tinha abandonado toda a pretensão de não achar a situação engraçada e estava sentado no chão ao lado dela, rindo com vontade.

Ele puxou Teddy em direção a ele para lhe dar algum espaço e colocou a palma da mão contra as costas dela para ajudar a alavancá-la para uma posição sentada. A essa altura, ela estava se esforçando tanto que era difícil fazer isso mesmo com a ajuda de Justin.

Quando o riso diminuiu, Justin balançou a cabeça.

— Bem, seja lá o que você veio fazer aqui, eu certamente espero que valha a pena o cóccix dolorido que você vai ter amanhã.

Amanda tentou parecer casual enquanto afastava o cabelo da testa com os dedos empoeirados, esforçando-se para parecer indiferente ao dizer:

— Valeu. Eu queria saber se você estava livre para espalhar as cinzas do meu pai amanhã. Sem pressão.



A madeira rangente da cadeira de balanço era um dueto harmônico para os pássaros cantando no começo da manhã enquanto Amanda se balançava. Ela segurava a caixa de madeira esculpida que continha as cinzas do pai enquanto esperava Justin emergir do barracão, pouco visível entre as árvores mais para dentro da propriedade. Mais uma vez, ela se viu olhando para a porta do alojamento, apenas se divertindo com o conhecimento de que dentro dele estava Justin — seu Justin.

Ela suspirou.

Algumas coisas nunca mudam.

No dia anterior Amanda se fechou no quarto do pai e terminou de arrumar suas coisas. Ela deu a maioria de suas roupas para a caridade, que era o que ele queria. Guardou seu par favorito de botas, seu jeans da sorte e duas

camisas de flanela que ela simplesmente não conseguia abandonar. Ela também decidiu manter as fotos, bem como a colcha. Mas seus artigos de higiene foram todos embalados. Exceto pelo pente que ele comprou na loja de noventa e nove centavos quando tinha dez anos de idade. Aquele pente ficara em seu bolso por mais de cinquenta anos. Agora estava na mesa de cabeceira da Amanda.

Hoje, ela e Justin iriam caminhar até o local favorito de seu pai, a base da majestosa cachoeira à qual Hope Falls devia seu nome, para espalhar suas cinzas. Este era o último passo a ser realizado no ritual em torno da morte de seu pai. Depois de hoje, teria acabado mesmo. Tudo exceto pela longa e árdua tarefa de viver sem ele pelo resto de sua vida. Hoje era um dos piores dias de sua vida, mas ela teve que admitir que diminuía a dor saber que Justin era quem estaria com ela. Parecia certo.

Ela viu a porta do alojamento aberta antes de Justin sair, parecendo impossivelmente bonito. O ar deixou seus pulmões de uma vez. Como era possível que, toda vez que ela o via, fosse completamente atropelada por sua pura perfeição física como se nunca o tivesse visto antes? Ela o vira milhares de vezes em sua vida — milhares de vezes em que ele entrava em uma sala em que ela estava, ela entrava em uma sala onde ele estava ou eles se encontravam inesperadamente. E todas as vezes era exatamente a mesma coisa. Ele tirava o fôlego dela.

Sacudindo a cabeça para limpá-la, ela se levantou para se dar alguns segundos para firmar os joelhos trêmulos antes que ele chegasse em sua varanda de trás.

Enquanto subia os degraus, ele lhe deu um sorriso deslumbrante, um daqueles malditos sorrisos brilhantes que ele gostava de exhibir, que sempre deixavam seu coração batendo rápido e a transformavam em gelatina. Esse aqui era #615, o sorriso estou-aqui-para-você.

— Pronto para ir? — ela perguntou, rezando para que ele não pudesse ouvir o tremor em sua voz. Ou, se pudesse, considerasse isso como sendo emocional sobre a tarefa que eles estavam prestes a realizar.

Ele assentiu, parecendo solene.

— Estou muito honrado por ter me pedido para fazer isso com você, Amanda.

Ela sorriu tristemente.

— Pareceu certo, sabe? Com o testamento do meu pai e tudo mais. Eu sei que ele gostaria que você fizesse parte disso.

Justin sorriu e apertou a mão dela. *Respire*, ela disse a si mesma. Ele precisava seriamente parar tudo isso de ficar sorrindo, apertando sua mão e... sendo apenas lindo... ou ela nunca iria sobreviver até o fim do dia.

Enquanto caminhavam compassivamente pelas partes planas do caminho para Hope Falls e subiam nas partes mais desafiadoras, Amanda estava bem ciente da proximidade de Justin com ela, e suas mãos em várias partes de seu corpo enquanto ele a ajudava sobre pedregulhos e subidas íngremes. Ela tinha que se lembrar continuamente para se concentrar ou estaria em perigo real de cair de um penhasco.

Outra coisa além da libido de Amanda estava se desenvolvendo enquanto eles caminhavam, ela percebeu. Ela estava testemunhando a solidificação de seu antigo relacionamento, sua antiga camaradagem, seu antigo jeito fácil de ser um com o outro. Eles estavam definitivamente de volta em sincronia um com o outro, terminando as frases um do outro, compartilhando os mesmos silêncios confortáveis, rindo das mesmas piadas bobas.

Antes de Justin retornar, fazia tanto tempo desde que ela sentira esse tipo de unidade com alguém. Na verdade, se ela desse uma boa olhada em todos os seus relacionamentos, ela perceberia que nunca sentira essa sintonia com outro ser humano — incluindo suas amigas mais próximas, Karina, Lauren, Sam ou até mesmo seu pai. Sua conexão com Justin era um laço tão grande que parecia quase tangível.

Ela sabia que ele também sentia isso do jeito que os olhos dele olhavam nos dela, diretamente em sua alma. Ele lia seus pensamentos tão facilmente. Invariavelmente, as próximas palavras que saíam de sua boca depois de um daqueles olhares revelavam seus pensamentos precisos. Ela não mantinha segredos dele. Com relação a Justin Barnes, Amanda Jacobs era um livro aberto. Ela deveria ter se sentido assustada com isso, por quão vulnerável isso a tornava, mas, em vez disso, se sentia especial, valiosa. Ela sabia que Justin nunca usaria as verdades que lia em seus olhos para prejudicá-la. Não. Justin a machucara por sua ausência, não por suas ações.

— Então me conte mais sobre o Alasca — disse Amanda, curiosa. Agora que ela estava sentindo a força total de sua antiga conexão, de repente pareceu nada menos do que estranho que houvesse uma grande parte de sua vida sobre a qual ela não sabia quase nada.

— Alasca — Justin respondeu pensativamente. — Vamos ver. É fácil se perder lá em cima. Ninguém faz muitas perguntas.

— Por que você estava tentando evitar perguntas? — Amanda perguntou.

— Não é como se você estivesse fugindo da lei.

Justin respirou fundo, fazendo com que o material em seu moletom gasto puxasse o peito musculoso e a garganta de Amanda secasse com a visão.

— Isso pode ter sido mais fácil. Mais claro. Motivo da fuga: infringiu a lei. Objetivo: ficar livre. Do jeito que as coisas aconteceram, eu não tinha respostas fáceis sobre o motivo de estar lá, então era melhor não fazer as perguntas, em primeiro lugar. Além disso, não ter que encontrar uma resposta para outra pessoa significava que eu nunca tive que pensar demais em responder a essas perguntas também. Não sei se isso foi bom ou ruim.

Amanda continuou em silêncio por um tempo, absorvendo isso. Foi a primeira vez que ela considerou que Justin poderia estar sofrendo também em seus anos separados. De alguma forma, ela sempre o imaginou despreocupado, vivendo bem sua vida sem ela, possivelmente esquecendo por completo que eles tinham se conhecido. Essa era uma maneira masoquista de multiplicar sua própria dor, e ela se entregou descaradamente.

Mas agora, diante de evidências diretas que contradiziam a fantasia muitas vezes repetida de todos os bons momentos que Justin deve ter tido sem ela, ela descobriu que não gostava de sua tristeza. Não. Isso a deixava triste. Ela preferia que ele tivesse passado dez anos felizes, do que dez anos confusos e miseráveis, mesmo que aqueles anos tivessem se passado sem ela.

Pelo resto do caminho, nenhum deles falou. Ela não tinha ideia de por que o gato tinha comido a língua de Justin, mas Amanda estava quieta porque sua energia estava sendo usada para fazer uma redefinição de suas concepções do estado de espírito de Justin, tanto no passado quanto no presente. Talvez ele estivesse fazendo o mesmo. Ou talvez não. Era incrível para ela como duas pessoas podiam ser tão conectadas, ainda que em alguns assuntos não tivessem absolutamente nenhuma ideia do que estava passando pela mente da outra pessoa.

Ela ainda estava um pouco em estado de fluxo mental quando eles contornaram a última curva e a visão impressionante de Hope Falls se abriu diante deles. Amanda estivera ali muitas vezes, mas nunca deixou de se impressionar com a beleza das cataratas. Cordas entrelaçadas de água corriam ao redor de pedras e desciam ao lado de uma encosta verdejante, se juntando finalmente em uma única corrente vertical que descia direto para o canto mais distante de Hope Pond.

Amanda não podia contar o número de vezes que ela e o pai tinham feito piqueniques ali.

Algumas de suas melhores conversas tinham sido ali.

Especialmente nas dolorosas semanas e meses depois de perder sua mãe, aquele lugar tinha sido um bálsamo de cura para ela. Amanda não era o tipo de pessoa que se abria facilmente sobre seus sentimentos quando criança, até mesmo para seu pai. Ela ainda achava que conversar sobre emoções dolorosas era desconfortável, mas, quando criança, essa qualidade era ainda mais pronunciada. Quando ela se sentia magoada ou ameaçada, ela se retirava para dentro de si como uma tartaruga protegida por sua casca dura.

No entanto, seu pai, em toda a sua sabedoria, devia saber o quão perigoso seria deixá-la manter sua dor engarrafada por dentro, como ela seria venenosa se continuasse a internalizá-la. Então ele gentilmente cutucou, manteve a campanha por meses, nunca pressionando-a, mas continuando a cutucar a porta que ela mantinha firmemente fechada em suas emoções, pouco a pouco, encorajando-a a abrir.

As caminhadas para Hope Falls foram uma ferramenta importante em suas tentativas de fazer com que a pequena Amanda falasse com ele sobre o que ela estava passando. Devido ao fato de que era mais do que uma caminhada de duas horas em cada sentido, mais o tempo que levaram para preparar o piquenique com todas as coisas favoritas de Amanda, isso lhes dava bastante tempo ininterrupto para conversar. Foi o que finalmente a levou a baixar a guarda o suficiente para se abrir para ele e, na verdade, foi o começo do que se tornou uma das marcas de seu relacionamento — o fato de que ela poderia dizer qualquer coisa para ele e nunca se sentir julgada, apenas apoiada.

Agora, como adulta, quando Amanda fez essa caminhada na esteira da morte de seu pai, ela foi atingida por algo que nunca lhe ocorrera antes. Seu pai deve ter sofrido terrivelmente por sua mãe naqueles primeiros dias após sua morte, mas seu foco estava em Amanda, em seus sentimentos. A julgar pela dificuldade da última semana e meia para ela, ela não achava que poderia ter sido tão forte quanto ele, dadas as mesmas circunstâncias.

Justin e Amanda entraram na beira da lagoa, na margem oposta, de onde as cachoeiras desaguavam na água serena. Ela segurou a caixa de madeira esculpida à sua frente, ela e Justin a olharam, e depois um para o outro. Eles pareciam compreender intuitivamente que não havia nada que pudesse ser dito que aumentasse a gravidade ou o significado da ocasião. Este era um momento destinado a ser sentido, não falado.

Amanda abriu a caixa e estendeu-a ao vento. As cinzas de Parker se

espalharam pelo lago, algumas delas sendo dobradas pelas quedas do outro lado da água, algumas flutuando no céu e sendo levadas pela brisa. De repente, Amanda sentiu um grito de lágrimas na garganta. A dor a apunhalou de forma tão intensa que ela involuntariamente se dobrou, soluços acumulando em seu corpo. Em uma parte de sua mente, ela entendeu que os gritos e choros que ouvia vinham dela, mas sentia que estava acontecendo inteiramente fora de si, fora de seu controle.

Ela sentiu a mão de Justin esfregando suas costas e o ouviu dizer:

— Sinto muito, Amanda. Eu sinto muito.

Isso a trouxe de volta à realidade, e ela se virou para ele e o afastou com raiva. Ela não tinha ideia de onde o sentimento estava vindo.

— Você sente muito? — ela chorou.

Agarrando os braços para firmá-la, ele repetiu:

— Sim. Eu sinto muito.

— Sério? — Amanda tentou se afastar, mas as mãos de Justin se apertaram em torno de seus braços. Sentindo-se completamente fora de controle, com raiva, as mãos de Amanda se fecharam e ela começou a bater no peito de Justin enquanto soluçava. — Você realmente sente muito? Como você pode sentir? Você foi embora, minha mãe foi embora, Lauren, Karina e Sam foram embora, e agora ele foi embora! Todos partem. Como você pôde me abandonar assim? Como pôde? Como você pôde me deixar?

Justin continuou a segurá-la quando ela o socou de novo e de novo até que finalmente sua raiva cedeu, deixando apenas lágrimas amargas que ela continuou a derramar. Quando toda a energia foi drenada, ele a envolveu em seus braços, apoiando o queixo no topo de sua cabeça.

Quando ele a puxou para perto, os braços envolvendo-a com força, Amanda percebeu que se encaixava perfeitamente ali, como se lembrava; seus corpos como duas peças de quebra-cabeça sem falhas. Em puro instinto, ela aninhou sua testa no lugar no pescoço de Justin, o lugar que ela amava, onde seu pescoço, seu peito e seu ombro se encontravam, formando o nicho perfeito. Incontáveis vezes, ela olhara para aquele lugar e sonhara em se aconchegar em seu abraço e encaixar sua cabeça nele. Toda vez que ele lhe dava um abraço platônico, ela fantasiava sobre isso se transformar em um abraço apaixonado, beijando aquele ponto.

E agora, ele estava segurando-a como ela sempre sonhou, ela não sentiu êxtase, nem alegria, nem amor, mas, sim, raiva e traição. Estas emoções, enterradas por tanto tempo, precipitaram-se para a superfície quando a

finalidade do falecimento de seu pai penetrou sua consciência.

— Eu te amei tanto. — Ela engasgou com as lágrimas. — Como você pôde simplesmente partir? Sem me dizer adeus? Como você pôde me abandonar assim? Você não se importava comigo?

Justin soltou uma risada, sua voz rouca.

— Me preocupar com você? Você está brincando comigo? Você era, você é a única pessoa importante no mundo para mim. Você e Parker eram tudo para mim. Vocês eram literalmente as únicas duas pessoas no mundo com quem eu me importava ou que se importavam comigo. Eu pensei em você todos os dias desde que parti. Eu senti tanto a sua falta que às vezes pensei que ficaria louco.

Amanda respirou fundo quando recuou, surpresa.

— Bem, por que você foi embora? Se eu era tão importante para você, como você poderia fazer isso comigo?

Justin olhou diretamente em seus olhos, sua mandíbula se encolheu.

— Parker me mandou ir.

Amanda olhou para Justin em um silêncio atordoado, incompreensível por algumas batidas.

Ela ouviu as palavras que ele falou, sim. Foi o significado por trás delas que ela estava tendo dificuldade em entender. Seu pai havia dito a Justin para ir embora? Seu pai tinha sido a causa de um dos eventos mais dolorosos em sua vida? Seu amado pai causou essa agonia? Impensável.

— O que você quer dizer com meu pai mandou? — perguntou Amanda, desconfiada. Talvez ela tenha entendido mal.

Agora era a vez de Justin parecer confuso.

— Ele nunca disse a você?

Onde a dor e a agonia tinham acabado de preencher seus membros, agora ela se sentia entorpecida, quase como se sua cabeça fosse flutuar para longe de seu corpo. Puxando para fora de seu aperto, ela balançou a cabeça em frustração.

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

Justin disse devagar:

— Bem, cerca de dez minutos depois de você sair do barracão naquela noite, Parker entrou. Ele não me olhou nos olhos. Tirou minha mochila do gancho da parede e jogou na cama. Olhou para ela por alguns segundos e depois se virou para sair. Ao sair, ele disse: “Filho, arrume suas coisas. Vá embora de manhã. Eu não quero ver você nesta propriedade novamente.”

Essas foram as últimas palavras que ele falou comigo.

Amanda ouviu a voz dele ficar rouca de emoção quando ele proferiu a última frase.

Chocada, ela respondeu:

— E você simplesmente obedeceu? Você não perguntou por quê?

Justin sacudiu a cabeça.

— Eu tive uma boa idéia do porquê.

— Você ainda poderia ter dito adeus para mim.

Justin olhou-a no rosto quando ele disse devagar e com grande consideração:

— Eu pensei que você tinha pedido a ele para vir me dizer para ir embora.

Essa afirmação atingiu Amanda como um soco no estômago. A ideia de que Justin poderia estar sob a impressão, não importa o que tivesse acontecido entre eles, que ela iria querê-lo fora de sua vida era impensável.

— Eu nunca... eu não poderia... Por que você achou isso?

— O que mais eu deveria pensar? Como ele saberia que algo havia acontecido entre nós? Se você não disse a ele e disse que queria que eu fosse embora, por que ele me pediu para ir?

Amanda pensou, ela se lembrava dos detalhes daquela noite como se fosse ontem.

— Eu nem falei com ele naquela noite. Eu corri direto para o meu quarto. Não contei nada sobre isso até o dia seguinte, e então você já tinha partido.

De repente, tudo ficou claro e Amanda viu exatamente como deveria ter acontecido. Todo o cenário se desenrolou em sua mente como se estivesse vendo em uma tela grande no cinema.

— Ah, não. Não, Justin. Eu sei o que aconteceu. — Ela respirou. — Eu corri para fora do alojamento de sutiã, segurando minha camisa e chorando. Ele deve ter me visto.

— Ele viu você... e pensou que eu... — Justin continuou, pegando o fio, seu rosto perdendo a cor. Ele colocou uma mão sobre o estômago. — Ele deve ter pensado que eu tentei... Que eu... tentei me forçar em você. Oh, foda-se, ele realmente achou que eu...

— Justin, não. Não. Mesmo se ele pensasse isso, foi apenas até a manhã seguinte. Eu contei a ele toda a história. Todos os detalhes sórdidos e humilhantes. Você sabe que eu nunca conseguia esconder nada do meu pai. Ele sabia que era tudo da minha parte, que você não tinha feito nada, que até

os sentimentos eram todos unilaterais.

O resto das peças do quebra-cabeça se encaixou, revelando o quadro geral.

— Esse deve ter sido seu raciocínio por trás de mudar seu testamento, como uma maneira de nos unir de novi. Você se lembra que Henry disse que meu pai estava procurando por você há anos? Quando ele descobriu a história verdadeira, descobriu como estava errado, ele tentou consertar tudo.

A testa de Justin franziu:

— Você acha que sim?

— Sim. Tinha que ser. Ele não deve ter me dito porque não queria que eu tivesse falsas esperanças. Porque ele sabia... ele sabia o quanto eu te amava.

Justin olhou para ela, seus olhos perfurando sua alma.

— Você sabe, Manda — ele disse suavemente, dando um passo para frente e olhando para ela intensamente —, você não era a única que estava apaixonada.

De repente, todas as células do corpo de Amanda estavam formigando. Sua respiração era superficial, suas bochechas estavam quentes e seus pensamentos estavam confusos. Ninguém além de Justin jamais conseguira colocá-la nesse estado, muito menos do jeito que Justin conseguia — imediatamente, e com apenas uma palavra ou um olhar.

A próxima coisa que ela percebeu foi que o momento que ela esperou por toda a sua vida — ou pelo menos desde que tinha cinco anos — estava acontecendo. Seus lábios estavam nos dela. Urgentes. Desesperados. Seus braços estavam ao seu redor, e ela sentiu seus próprios braços em volta de seu pescoço enquanto sua boca encontrava sua necessidade com seu próprio desejo igualmente desesperado. Ela sentiu a língua dele entrar em sua boca com eletricidade que sacudiu seu núcleo.

Ele a reivindicou com o beijo dele. Quebrou-a com o poder de sua intensidade. Enquanto sua língua explorava avidamente os recessos de sua boca, ela o encontrou lambida a lambida. Suas mãos apertaram em punhos enquanto ela agarrava o moletom dele. O beijo enviou uma espiral de êxtase por todo o corpo dela.

Amanda ouviu um gemido necessitado rasgar de dentro dela quando Justin começou a beijar seu pescoço, sua língua arrastando pequenos círculos sobre sua clavícula. Ela sentiu o calor da excitação de uma forma que nunca experimentara. Os dedos de Justin deslizaram por baixo da blusa dela, acariciando sua cintura e arrastando seu caminho tentador pelas costas,

deixando caminhos chamuscados de calor em sua esteira. Amanda nunca teve um prazer carnal tão puro a partir de um beijo. Apenas ter as mãos de Justin em seu corpo, sua boca em sua pele, era melhor do que qualquer sexo que ela já teve, mesmo com Trent.

Trent!

O pensamento do nome de Trent a trouxe de volta à realidade, e sua mente vagou com confusão. O que havia no tópico ou na presença de Justin que a fazia esquecer completamente a existência de Trent?

— Eu não posso fazer isso. — Ela respirou quando se afastou de seus lábios intoxicantes. Os profundos olhos castanhos de Justin procuraram os dela.

— O quê? Por quê?

— Trent — ela protestou fracamente. — Eu não posso.

— Você está falando sério? — Justin levantou a cabeça e olhou para ela como se ela devesse estar em um hospício.

Amanda assentiu; sua respiração ainda agitada. Ela sabia que parte do motivo pelo qual estava parando era Trent. Mas outro motivo era a autopreservação. Ela tinha passado por tanta coisa nas últimas semanas, e se o beijo que acabaram de compartilhar era qualquer indicação do que levar as coisas mais adiante com Justin seria, Amanda estava absolutamente certa de que ela nunca se recuperaria se ele fosse embora novamente.

Ela só precisava de espaço. Para colocar a cabeça em linha reta. Para tentar processar... tudo.

Depois de vários momentos, Justin assentiu e lentamente tirou as mãos de baixo da blusa dela. Ela também o soltou e começou a duvidar de sua decisão de pisar no freio.

— Você está pronta? — ele perguntou, subindo para a primeira pedra para voltar para o topo da montanha.

— Sim — Amanda assentiu e seguiu-o.

Enquanto seguia atrás de Justin, olhando para suas costas poderosas e longas e seguras passadas, seu corpo estremeceu em uma excitação sem resposta. Ela devia ter cometido o maior erro ou tomado a decisão mais inteligente de sua vida.

Enquanto Justin segurava um galho baixo para deixá-la passar, seus bíceps protuberantes estavam delineados no material fino de algodão que os cobria e a boca de Amanda começou a se encher de água. Com a resposta de seu corpo, as escalas em sua mente estavam se inclinando para acreditar que

tinha cometido o maior erro. Quando ela passou por ele, seu cheiro almiscarado de terra subiu por suas narinas e causou uma profunda puxada em seu núcleo.

Sim. Maior. Erro. Da. História.



A piece of crumpled, light-colored paper with a torn edge, centered on a white background. The word "Capítulo" is written in a large, black, serif font, and the number "19" is written below it in a smaller, black, serif font.

Capítulo

19

— Eu, por meio deste, chamo a ordem para a primeira reunião do Clube do Livro do Quarteto Fabuloso, do qual cada um dos indivíduos atualmente presentes é um membro fundador — entoou Karina solenemente.

Depois de um dia emocional, isso era exatamente algo que o médico receitaria. As quatro meninas estavam sentadas na sala de estar de Amanda, bebendo vinho e rindo, e Karina teve a ideia de começar um clube de livros como uma forma de manter todas em contato. Mesmo em cidades diferentes, eles podiam usar a tecnologia para se conectarem e conversar em tempo real, e era uma maneira de saber que as quatro iriam estar juntas, pelo menos virtualmente, uma vez por mês.

— Como a ideia deste clube do livro foi proposta apenas há quinze minutos, podemos deixar de ter um livro sobre o qual discutir essa vez — disse Lauren severamente —, mas no futuro, realmente precisamos ter um livro. Nós não queremos que isso se transforme em um daqueles “vinhos e lágrimas”, “coquetel e reclamação”, “bebida e lamento”.

— A gente entendeu — interrompeu Karina.

Lauren continuou:

— Os encontros que outras mulheres têm sob o disfarce mais fino de chamá-lo de clube do livro. Somos melhores que isso.

— Oh, sim. — Sarcasmo atou o tom de Karina quando ela tomou um grande gole de vinho de seu copo. — Somos muito melhores do que isso.

— Bem, nós somos — continuou Lauren, implacável —, e vamos provar isso todos os meses quando exercitarmos nosso intelecto lendo um livro e depois discutindo-o como adultas civilizadas. — Ela fez uma pausa antes de

sorrir perversamente. — Depois disso, claro, vamos beber e fofocar até desmaiarmos. Mas não antes de falarmos sobre a obra literária que é a base sobre a qual nosso encontro social foi construído.

— Porque somos melhores que isso — Karina entoou com uma voz falsa e séria.

— Sim. Nós somos. — Lauren tomou um gole de seu vinho sem pedir desculpas.

— Bem, este mês, não temos um livro — disse Sam com uma antecipação transparente, tomando o menor gole de seu vinho. — E eu estou treinando, então eu não posso nem mesmo entornar o vinho na mesma velocidade que as senhoras. Então isso significa que eu tenho que ficar bêbada de fofoca. — Ela esfregou as mãos juntas em alegria. — Quem é a primeira? Quem tem alguma sujeira suculenta?

— Tenho uma ideia melhor — disse Karina maliciosamente. — Que tal um bom e velho jogo de Verdade ou Desafio?

— Oh, sim! — Amanda exclamou imediatamente.

— Eu topo! — Sam e Lauren responderam em uníssono.

— Eu vou primeiro. — Amanda levantou a mão como se estivesse na escola. — Eu tenho um para Karina. Mas primeiro algumas regras básicas. Nada do que é dito aqui sai da sala.

— O que acontece no clube do livro fica no clube do livro — concordou Sam.

— Concordo — Lauren entrou na conversa.

— Você sabem que eu estou de acordo. Não quero minhas histórias nos tabloides — Karina terminou.

— Ok, então estamos todas dentro. — Amanda levantou a taça de vinho.

Deixando o vinho no chão, Amanda esfregou as mãos conspiratoriamente.

— Tudo bem então, Srta. Karina. Aqui está a minha pergunta para você. Quem é a pessoa mais famosa com quem você já se envolveu?

O rosto de Karina parou por um momento, parecendo um cervo diante de faróis com uma expressão totalmente vazia.

— Ninguém. Caras da indústria não são pra mim. Eu gosto de ser a mais vaidosa em meus relacionamentos, muito obrigada.

O queixo de Sam caiu.

— Então você quer dizer que você literalmente esteve no status de estrela pop todo esse tempo e nunca tirou proveito desse fato para ter um encontro

com algum gostoso do Top 10?

Karina balançou a cabeça com o que, na opinião de Amanda, era uma expressão quase inocente demais. Amanda estava prestes a continuar, e talvez até apontasse um dedo acusatório na direção de sua amiga, mas Karina falou rapidamente:

— Ninguém digno de nota. E você, Sam? Você é famosa. Você também anda constantemente com a elite.

Sam bufou.

— Oh, por favor. Eu sou bem conhecida na minha área. Não é a mesma coisa que você. Você está constantemente em capas de revistas, com fotos tiradas por tabloides.

Karina gemeu.

— Que parte disso soa atraente?

Sam encolheu os ombros.

— Bem, você é rica. Isso é algo que muitas pessoas adorariam ser.

— Há muitas maneiras de ganhar dinheiro. — Karina sacudiu a cabeça solenemente. — A fama não é tudo que parece ser.

— Bem, então — Amanda emendou sua pergunta. — Quem você diria que foi o amor da sua vida? Famoso ou não?

Karina soltou uma baforada de ar enquanto se recostava nas almofadas macias do sofá cinza e colocava os pés sobre ele.

— Sério, eu nem sei. Isso não é triste? Quero dizer, eu namorei caras. Eu até amei alguns deles. Eu namorei meu primeiro agente por dois anos. Eu definitivamente o amei enquanto estávamos envolvidos. Mas o amor da minha vida? Essa frase parece épica. Nenhum dos meus relacionamentos teve aquele épico “eu não posso viver sem você”.

No entanto, Amanda levantou o dedo indicador com otimismo.

Karina riu.

— Ah, sim, minha querida otimista. Esqueci de acrescentar “ainda” ao final dessa frase.

— Ainda há tempo. Você é jovem — continuou Amanda, amando o tempo que passava com suas três melhores amigas no mundo.

Karina encolheu os ombros.

— Eu não sei. Eu acho que talvez eu não esteja conectada dessa maneira. Eu nunca amei um cara tanto quanto amo música. Eu acho que talvez seja o meu destino. Talvez a música seja meu grande amor.

— Bem, então, eu tenho uma alternativa — disse Lauren com um sorriso

malicioso. — Se você não teve um grande amor, quem foi seu melhor sexo?

— Wooo! — Amanda gritou. — Olhe para Lauren, trazendo a safadeza.

Karina riu.

— Vocês estão brincando, pessoal? Foi meu primeiro agente. Por que mais vocês acham que durou dois anos? Embora eu ache que isso prova o meu ponto, porque quando eu tive a chance de deixá-lo por um agente melhor, eu fiz isso sem pestanejar. Música primeiro.

Amanda virou a mesa, girando a garrafa metafórica na direção de Lauren.

— Bem, eu coloco essa pergunta de volta para você, Lauren. Melhor sexo. Da vida.

Os olhos de Lauren se levantaram em direção ao teto, parecendo procurar em sua memória. Ela riu ironicamente.

— Uau, eu acho que não poderia ter sido tão impressionante se eu preciso pensar muito sobre isso. Mas eu tenho que dizer, se preciso pegar, trocadilho intencional, apenas uma pessoa, então eu acho que teria que ser meu namorado de faculdade, Tad.

— Tad? Sério? — Karina perguntou.

— Sim, e ele era exatamente o que você poderia esperar que alguém chamado Tad fosse. Família de dinheiro velho, enorme apartamento em Manhattan, casa nos Hamptons. Quando eu estava com ele, senti que fazia parte desse mundo. Eu senti como se eu pertencesse ao meio. Me senti poderosa. Linda. Rica. — Lauren sorriu maliciosamente. — Vamos apenas dizer que ele traduziu o sentimento para o quarto.

Karina sorriu maliciosamente.

— Quem sabia que Lauren era uma garota de alta manutenção?

Lauren jogou a cabeça para trás e riu.

— Não é? Eu nem vou negar isso. Eu gosto das coisas boas. Eu sempre soube disso sobre mim mesma. Só que foi apenas na faculdade que descobri que o dinheiro era na verdade afrodisíaco.

— Sam, é a sua vez — disse Amanda. — Quem foi o seu melhor? O sexo mais inacreditável de todos os tempos?

— Bem... — Sam começou devagar e depois baixou a voz. — É meio difícil de dizer.

— Hmmm... — disse Karina, inclinando a cabeça para um lado como um cachorrinho curioso. — Isso porque todo o seu sexo tem sido igualmente medíocre ou porque todo o seu sexo tem sido igualmente alucinante?

— Bem. — Sam enterrou o rosto no travesseiro que ela segurava no colo

e suas palavras foram murmuradas enquanto ela admitia. — Isso seria porque todo o meu sexo tem sido igualmente inexistente, na verdade.

Karina, Amanda e Lauren se olharam com expressões de confusão.

— Espera. Você está dizendo o que eu acho que você dizendo? — perguntou Lauren.

Sam suspirou e soltou o travesseiro do rosto dela.

— É um pouco... muito embaraçoso, na minha idade. Mas é que com meu treinamento e tudo, meu treinador é tão rigoroso e exigente que eu nunca tive a chance de desenvolver um relacionamento.

— Ok, só para esclarecer, você nunca teve um namorado? — Karina perguntou em uma tentativa de esclarecer.

— Não — afirmou Sam. — Nunca tive tempo. Nunca tive a liberdade.

— Entãooooo — Karina alongou a sílaba e deixou Sam com muito espaço para interromper. Quando ela não o fez, Karina terminou. — Você *nunca* fez saliência?

Sam sacudiu a cabeça tristemente.

— Whoa! — Karina exclamou, batendo palmas. — Isso é uma dedicação séria ao seu esporte, pessoal.

Sam soltou um sopro de ar forçado.

— acredite em mim, não é isso. Quero dizer, acho que foi assim que começou. Mas não é como se eu tivesse decidido intencionalmente fazer assim. Não é como se o esporte fosse um sacerdócio ou algo assim. Você não tem que fazer um voto de castidade. Na verdade, vocês deviam ver a Vila Olímpica. Central do amasso.

— Bem, tudo bem, então — interveio Karina. — Não é como se você não tivesse tido a oportunidade.

— Não! — Sam exclamou. — Eu não estou querendo perder minha virgindade em uma bebedeira pós balada. Eu quero me apaixonar. Não deveria ser esse o requisito mínimo?

Lauren e Karina riram com ceticismo, mas Amanda saiu em defesa de Sam.

— Claro que deveria ser. Ignore essas duas.

Lauren deu de ombros.

— Não é que eu não entenda o que você está dizendo, Sammi. Só estou preocupada com o fato de que, neste momento, você pode estar colocando muita pressão e expectativa numa experiência que provavelmente não vai corresponder às expectativas.

Sam assentiu enfaticamente.

— Sim. Eu sei. Eu estou bem ciente disso. Mas acredite, minhas expectativas nem são tão altas. Neste momento, gostaria de estar com alguém com quem me importe. E que se importe comigo.

— E deveria ser assim mesmo — Amanda concordou.

— Concordo — disse Karina. — Se eu pudesse, provavelmente retomaria parte do sexo que tive com pessoas com as quais eu realmente não me importava. — Um sorriso perverso se espalhou por seu rosto. — Mas apenas algumas delas...

— Ok, Amanda, agora você — Lauren interrompeu — Quem foi o maior e mais alucinante sexo de toda a sua vida?

Amanda sentiu seu rosto esquentar como se tivesse engolido uma pimenta enquanto se inclinava para mais perto, fazendo com que as outras meninas se inclinassem também.

— Eu posso te dizer quem quase foi. Justin. Esta tarde.

Os maxilares de todas as três caíram.

— O que aconteceu? Conta! — Karina deixou escapar.

Amanda sacudiu a cabeça, mas não para dizer que não ia contar. Em vez disso, foi para limpar a nebulosidade e trazê-la de volta à terra.

— Ainda estou em estado de choque, honestamente. Justin e eu subimos para Hope Falls esta tarde...

— Oooh la la — interpôs Karina.

— Para espalhar as cinzas do meu pai — terminou Amanda.

— Ok, talvez eu tenha sido prematura com os efeitos sonoros — disse Karina timidamente.

— De qualquer forma, as coisas ficaram muito quentes e emocionais. Nós dois acabamos admitindo o que sentíamos um pelo outro e, então, de repente, ele estava me beijando.

— Isso! — disse Karina, dando um soco para a frente e puxando o cotovelo para a cintura em um gesto de vitória. — Que tipo de beijo? De língua?

Amanda assentiu enfaticamente.

— Oh, sim, houve língua. E mãos bobas, e migração pelo pescoço, e todas as coisas que os melhores beijos têm.

— Então, o que parou vocês?

— O que você quer dizer?

Karina bufou.

— Bem, esse não é o tipo de beijo que acaba quando ambas as pessoas se afastam, apertam as mãos e dizem: “Oh, sim, obrigada por esse beijo perfeitamente útil”. Esse é o tipo de beijo que está levando a algum lugar a menos que algo pare. Então, o que parou?

Amanda pareceu melancólica.

— Eu parei — ela admitiu —, quando me lembrei que tenho namorado.

— Sério? Por causa de Trent? — Karina fingiu náusea exagerada. — Por que você não pode ter acabado de me dizer que foi porque vocês de repente vomitaram na boca um do outro? Isso teria sido menos repulsivo.

A boca de Amanda caiu em choque e seu rosto fez uma careta de desgosto.

— Ok, em primeiro lugar, isso é nojento. E em segundo lugar, ele é meu namorado. Eu pareço continuar esquecendo esse fato, mas é, você sabe, um fato — ela terminou sem jeito.

Revirando os olhos dramaticamente, Karina descartou o argumento de Amanda.

— Deixando de lado a questão da nomenclatura, talvez seja necessário considerar a conveniência de ele continuar nesse papel se, como você mesma admite, vive esquecendo-se dele. Quero dizer, pense nisso por um momento. Você realmente passa por longos períodos em que o próprio fato de sua existência é completamente ignorado. Não é você, Amanda. Você é uma das pessoas mais leais, se não a mais leal, que conheço.

Sua amiga estava certa, mas isso não significava que Amanda gostasse de ter um espelho colocado na frente dela.

— Eu sei. E nunca pensei em mim mesma como o tipo de pessoa que deixa seu companheiro por outra pessoa.

Lauren respondeu com uniformidade e razão:

— Ok, então não pense nisso como deixar Trent por Justin. Tire Justin da equação inteiramente. Se ainda assim você estiver ambivalente em relação a Trent, em qualquer circunstância, precisa pensar em abandoná-lo.

— Bem... — Amanda considerou o conselho de sua amiga. — Esse é um argumento bastante decente.

— Eu costumo fazer isso às vezes — Lauren brincou.

— Você sabia que eu guardei o bilhete? — Amanda perguntou. Agora que ela abriu a lata-de-Justin com suas amigas, ela achou difícil colocar a tampa de volta.

— Que bilhete? A nota que ele deixou no seu beliche? — Sam exclamou

incrédula. — Por que você se tortura assim?

Amanda levantou o ombro esquerdo.

— Foi a última coisa que ele me deu.

— Awwwnn — Karina e Sam entoaram em voz alta.

— Oh, não — Lauren cortou-as secamente. — Não vamos encorajar esse comportamento insalubre com “awwnnn”. Amanda, suba as escadas e pegue o bilhete. Esse pedaço de papel teve muito poder sobre você. Esta noite é a noite em que você se liberta. Você vai queimá-lo.

Os olhos de Amanda se arregalaram e seu coração parecia bater contra suas costelas. — Eu não posso.

— Claro que você pode — Lauren disse confiante. — É simples. Você apenas dá um passo de cada vez. O primeiro passo é: vá e pegue o bilhete. Mais tarde, daremos o próximo passo. Agora, tudo que você precisa fazer é conseguir. Você pode fazer isso, certo?

Amanda ficou sentada, imóvel. Agora ela realmente queria fechar a tampa naquela admissão.

Karina aproveitou a oportunidade para dizer:

— Isso está ficando pesado. Obviamente, o que precisamos é de mais bebida. — Quando ela encheu os copos de novo, comentou: — Eu diria que essa rodada de Verdade ou Desafio com vinho é um bom começo. É o seguinte, meninas. Nas tantas vezes em que brincamos disso quando éramos adolescentes, vocês nunca notaram que nunca chegamos à parte do “desafio”? Eu acho que essa é a resposta para o problema de Amanda.

Amanda franziu a testa, intrigada, mas Lauren pegou a ideia de Karina imediatamente.

— Ah, bom ponto — disse ela em triunfo. — Amanda Jacobs, eu te desafio. Eu desafio duplamente você a ir lá para cima e pegar aquele bilhete.

Amanda suspirou, se sobressaltou e subiu as escadas.

Ela trouxe de volta o bilhete e o desdobrou para as outras três verem.

Estava amassado e bem gasto. Obviamente, tinha sido aberto muitas centenas, se não milhares, de vezes ao longo dos anos.

Lauren olhou para o bilhete com suspeita.

— Com que frequência você o abre e olha pra ele?

Amanda disse:

— Às vezes.

Lauren ergueu as sobrancelhas e olhou para baixo.

Amanda suspirou.

— Bem. Então, eu acho que meio que... um... durmo com ele debaixo do meu travesseiro?

— Isso é uma pergunta? — A sobrancelha de Lauren se levantou.

Amanda sacudiu a cabeça em derrota.

— Não. Eu durmo com ele debaixo do travesseiro, ok? O que você quer de mim?

Lauren suspirou.

— Uau. Eu posso ver que temos algumas conversas para ter primeiro.

E elas conversaram — todas elas, sobre qualquer coisa e tudo, até as primeiras horas da manhã. Até que caíram incontrolavelmente em um sono profundo, encharcado de fofocas e vinho, e nunca chegaram a queimar o bilhete.



Capítulo

20

A manhã de sábado amanheceu clara e alegre, e Justin sentiu instintivamente que era um bom dia para novos começos. Hoje era o dia em que ele iria sair com Noah. E esta manhã ele ia ver como Amanda estava indo depois do que parecia ser uma noite muito divertida ou realmente difícil.

Antes do amanhecer, quando Justin tinha ido pegar um copo de água por volta das quatro da manhã, ele encontrou Amanda, Lauren, Karina e Sam esparramadas em vários lugares no chão e sofás da sala, um fogo quase apagado e o cômodo esfriando.

Enquanto atravessava para o armário de roupas de cama para pegar cobertores para cobri-las, viu um pedaço de papel na mão de Amanda e dirigiu-se a ela para investigar. Ele puxou-o da mão dela, segurando-o até a escassa luz do fogo agonizante.

Seus olhos se arregalaram. Era o bilhete que ele escreveu para ela na noite em que ele havia partido dez anos atrás.

Amanda. Esqueça de mim. Justin.

Ele não podia acreditar no que estava lendo. Não se lembrava de seu eu de vinte e dois anos ser tão idiota. Ele devia estar sofrendo muito, para ser tão duro na mensagem. A idade o amadurecera e amaciara e, de repente, ele não suportava olhar para o papel por mais um minuto. Ele também não queria Amanda olhando para ele. Não queria pensar no fato de que alguma vez ele havia existido. Pensou em queimá-lo no fogo minguante, mas por alguma razão não conseguiu.

Em vez disso, ele o amassou e enfiou no bolso antes de pegar alguns

cobertores, cobrir todo mundo e sair em silêncio.

Folhas de pinheiro em forma de agulha rangiam sob suas botas enquanto ele fazia a curta caminhada da porta da frente do alojamento para a varanda dos fundos de Amanda. Justin teve que admitir que estava se sentindo um pouco desequilibrado. Quando ele pensou naquele beijo — aquele beijo incrível e perfeito —, parte dele sabia que ele e Amanda pertenciam um ao outro.

Ele sabia agora que Amanda não tinha sido a responsável por mandá-lo embora. Embora Parker tivesse sido duro, quando Justin olhou para trás, as ações de Parker mostraram o quanto ele realmente amava Justin. Se tivesse pensado que qualquer outro homem havia machucado Amanda, Justin sabia que Parker o mataria. Pela primeira vez, Justin sentiu uma pequena faísca de esperança de que ele e Amanda pudessem ficar juntos.

Era quase assustador demais pensar, como se ele estivesse na beira de um penhasco que ele realmente queria pular, então ele não permitiu que os pensamentos se prolongassem em sua cabeça. Ele não queria correr o risco de se apegar à ideia de que algo poderia acontecer entre eles apenas para ficar arrasado se ela decidisse ficar com Trent.

Da maneira que Justin via, Trent era um idiota descartável. Mas Amanda os impediu de ir mais longe ontem por causa daquele idiota descartável. Além disso, Trent tinha outro detalhe que o incomodava. Ele se parecia exatamente com o cara que Amanda havia colocado nas paredes quando adolescente.

Mas ele não a via do jeito que Justin a via. Ele não a amava do jeito que Justin a amava. Eles não tinham a conexão que Amanda e Justin tinham.

A única coisa que Justin não queria fazer era forçar Amanda. Ela passou por tanta coisa no último mês que a última coisa no mundo que ele queria era fazê-la se sentir ainda mais sobrecarregada. Ele esperou mais de uma década para estar com ela. Poderia esperar um pouco mais. Até que ela estivesse pronta.

Ao subir na varanda dos fundos, ele inspirou profundamente enquanto os aromas celestiais de massa de pão e bacon fritavam através da madeira e do vidro. A cortina que cobria a janela da porta dos fundos foi aberta e, através da pequena fresta, ele viu Amanda. Ela parecia um anjo.

Justin não tinha certeza se iria ficar imune à sua reação visceral cada vez que a visse; a nuvem despenteada de cabelos sedosos e dourados cercando sua cabeça como um halo, sua pele perfeita e leitosa, seus

surpreendentemente grandes e claros olhos de safira, e o toque pálido de rosácea que coloria suas bochechas e lábios. Toda vez que ele via o rosto dela, ele tentava estender a mão e roçar as pontas dos dedos ao longo do queixo dela, porque ele simplesmente não conseguia se convencer de que ela era real.

Amanda olhou para cima e abriu a porta, gesticulando para ele entrar.

— Bom dia, flor do dia. — Ele usou a mesma saudação que tinha usado inúmeras vezes quando eles estavam crescendo.

Ela sorriu, um brilho de reconhecimento iluminando seus olhos azuis.

— Está um dia maravilhoso — disse Amanda enquanto continuava a mexer o bacon. — O que está aprontando? Talvez vá levar outra donzela jovem e desavisada para uma caminhada para depois provar sua língua?

— Você é a única donzela jovem e inocente na minha mira — ele respondeu no mesmo tom de provocação, terminando com uma piscadela.

Amanda riu, mas ele ficou feliz em ver um rubor se erguer em suas bochechas.

— Sério, quais são seus planos para hoje? Estamos adiantados, o que é incrível, mas isso deixa tempo livre.

Com tudo o mais acontecendo Justin não tinha sido capaz de dizer a Amanda sobre Noah, e ele realmente queria que ela soubesse.

— Na verdade, vou fazer algo hoje que nunca pensei que faria.

O lado direito dos lábios de Amanda se inclinou da maneira que fazia quando ela estava intrigada.

— O que você vai fazer?

— Quando eu estava na cidade há alguns dias, parei para dizer olá ao treinador Neal e fui apresentado a outra pessoa que estava muito ansiosa para me ver. Meu irmão.

— Você não conhecia Noah? — A curiosidade de Amanda se transformou em surpresa. — Por quê não?

— Eu nem sabia que ele existia.

Com isso, Amanda largou o garfo que estava usando para virar o bacon enquanto engasgava.

— Como isso é possível? Quer dizer, eu sei que você esteve fora de contato comigo, mas acho que apenas presumi que seu pai teria lhe dito que você tinha um irmão. Isso é uma grande notícia.

— Ele não sabia como entrar em contato comigo. Eu não queria que ele soubesse.

Amanda colocou a mão sobre o peito enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro em câmera lenta.

— Uau. Isso é tão estranho. Deve ter sido tão estranho descobrir isso.

— Foi — Justin concordou. — E agora eu devo passar o dia com ele hoje. Com Noah. Eu nem sei por onde começar. O que as crianças gostam de fazer?

— Bem. — Amanda inclinou a cabeça, e o movimento fez Justin querer beijar o declive de seu pescoço nu com tanta força que sua boca ficou molhada. — Eu realmente não conheço Noah, mas ele parece ser um garoto muito fácil. Por que você não pergunta a ele o que ele quer fazer quando pegá-lo? Talvez ele goste de ir a Tahoe. Há muito mais a fazer lá. É um seleção muito mais ampla de atividades do que ficar aqui e fazer caminhadas ou comer na Sue Ann.

Justin riu.

— Bem, essas podem ser nossas únicas escolhas, porque é uma longa caminhada até Tahoe daqui.

Amanda acenou com isso.

— Não seja ridículo. Apenas pegue a caminhonete.

— Você tem certeza? — Justin não queria abusar de Amanda, mas seria muito mais fácil manter a criança entretida se ele realmente tivesse um transporte.

— Absolutamente! — exclamou ela. — Você não pode deixar que o primeiro dia que passa com seu irmão seja andar por Hope Falls a pé. Você quer impressionar seu irmão mais novo.

Justin inalou profundamente pelo nariz.

— Sim, eu não acho que tenha nada disso.

Amanda sorriu.

— Eu estava na idade de Noah quando conheci você. Eu me lembro do que pensei quando te vi. Eu te adorei. Você vai ficar bem.

Suspirando apreensivamente, Justin assinalou:

— Mas eu era uma criança também. E se houver algum tipo de aperto de mão secreto que você esquece quando é adulto? Ele poderia pensar que eu sou um nerd.

Amanda riu.

— Justin, sério, o que me fez adorar você não teve nada a ver com algum mundo de garotos mágicos que nós dois habitávamos para que você conhecesse o segredo. Foi porque você era você. Apenas seja você e não há

como ele não te adorar.

Eles ficaram em silêncio enquanto Justin absorvia isso.

— Talvez não use a palavra “nerd” — terminou Amanda, e os dois riram. Apenas ouvir o doce som da risada de Amanda fez Justin se sentir melhor imediatamente.

A tensão foi quebrada. Ele estava pronto para enfrentar qualquer desafio, incluindo se aproximar de seu irmãozinho. Amanda sempre teve esse efeito sobre ele. Apenas estar perto dela fazia Justin se sentir invencível, como se ele pudesse enfrentar o mundo.

Saindo da sala, Amanda chamou por cima do ombro:

— Eu vou pegar as chaves para você.

Quando Amanda saiu, Teddy perdeu o interesse em seu projeto anterior, que era implorar pela comida que ele cheirava enquanto ela cozinhava. Ele andou animadamente até Justin para cumprimentá-lo. Enquanto Justin coçava a cabeça e desgrenhava as orelhas, Teddy ficava cada vez mais excitado e brincalhão.

— Oh, você quer brincar, não é, garoto? — Justin riu, empurrando a cabeça do cachorro para frente e para trás levemente enquanto Teddy brincava mordiscando suas mãos e se empenhava ao redor de suas pernas. Justin forçou uma investida para a frente, fazendo Teddy pular para trás, estocando e latindo alegremente para Justin, abanando o rabo.

Teddy então galopou em direção a Justin, de pé em suas patas traseiras quando ele chegou a ele, as patas dianteiras pousando no ombro de Justin. Justin o agarrou em um abraço de urso e os dois rapidamente acabaram no chão, brigando alegremente.

Amanda voltou correndo para a cozinha, sem fôlego.

— O que há de errado? O que está acontecendo? — ela perguntou ansiosamente.

— Nada — Justin disse, enquanto ele e Teddy continuavam a brincar. — Apenas um pouco de esporte de combate. É uma coisa de homem. Você não entenderia. — Teddy latiu alto e Justin riu. — Viu? Ele concorda comigo.

Alarme soou na voz de Amanda.

— Não, Justin, não brinque com ele assim. Sério, ele é velho demais para brincar assim. Ele vai se machucar.

Justin olhou para Teddy, chocado.

— Você ouviu o que ela disse, garoto? Muito velho? — Teddy latiu em afirmação que, sim, ele ouviu o insulto. — Nós vamos aceitar isso, garoto?

Vamos deixá-la te chamar de velho? — Teddy latiu sua desaprovação da ideia. — Vamos mostrar a ela o velho. Vamos pegá-la! — Justin chamou, e ele e Teddy correram em direção a Amanda.

Amanda gritou quando olhou para a direita, depois saiu para uma rota de fuga quando Justin e Teddy a atacaram.

Logo, os três estavam correndo pela cozinha em círculos, rindo, empurrando, lutando, até que ele acabou encurralando Amanda contra o balcão. Ambas as mãos dele descansaram em ambos os lados dela, prendendo-a no lugar.

Seus olhos azuis brilhavam para ele quando ela riu e se contorceu em seus braços. Justin moveu as mãos para a parte inferior das costas e puxou-a contra ele. No momento em que ele o fez, a energia lúdica entre eles mudou. Suas curvas suaves se encaixaram perfeitamente contra seu corpo duro, que estava ficando mais duro a cada segundo.

O coração de Justin bateu no peito quando os dedos dele se espalharam pelas costas de Amanda. Seus delicados dedos se esticaram e se agarraram a seus ombros enquanto ele descansava sua testa contra a dela. O calor doce de suas respirações rasas abanou seu rosto enquanto ele murmurava:

— Droga, você se encaixa tão bem em meus braços.

— Justin — ela sussurrou como um apelo, inclinando a cabeça para trás e fechando a lacuna entre os lábios pouco antes da fenda da porta da frente bater, explodindo a bolha íntima em que estavam.

— Ursinha! É de pão de canela assando que eu sinto o cheiro? — a voz estrondosa de Henry chamou da entrada.

Justin recuou, recuperando o fôlego e tentando reunir seus pensamentos; ele viu Amanda tentando fazer o mesmo.

— É melhor eu sair daqui antes que Henry veja... isso — Justin disse, apontando para sua ereção lutando agressivamente contra seu zíper.

— Santo Deus. — Os olhos de Amanda se arregalaram no que parecia ser uma apreciação enquanto ela olhava abaixo do seu cinto.

Sua inspeção visual só fez as calças dele ficarem mais apertadas, então Justin rapidamente pegou as chaves que ela jogou no balcão e sorriu para ela quando saiu pela porta dos fundos.

Enquanto caminhava até a caminhonete, seu peito se apertou com o pensamento de que, se eles estivessem juntos, se esta fosse a casa deles, essa aconchegante e matutina rotina poderia ser sua toda manhã. Sua vida poderia ser assim.

Parecia quase incrível demais se atrever a pensar.



Capítulo

21

*A*manda andou pela sala de estar de Renata Blackstone, admirando todas as lindas cestas, tapetes e peças de arte expostas em prateleiras e paredes.

Já fazia uma década desde que ela estivera na casa da avó de Karina e esquecera o talento da artista Renata Blackstone. Na verdade, como adolescente, ela possivelmente não tinha sido capaz de apreciar a profundidade da habilidade da mulher e a verdadeira arte que entrava em cada peça que adornava sua casa.

Renata entrou na sala e as quatro garotas a cumprimentaram. A avó de Karina era uma mulher alta e formidável. Ela tinha brilhantes olhos negros como ônix e longos cabelos negros que usava na mesma trança desde antes de Amanda nascer. Amanda notou pela primeira vez que sua trança agora estava com uma quantidade significativa de fios cinza. Ela se perguntou se Karina notara a mesma coisa ou se estava particularmente sensível agora à ideia da fragilidade de seus idosos por causa da morte de seu pai.

Depois de trocar saudações, Renata apontou para o sofá e as quatro meninas sentaram-se. Renata relaxou em um sofá, claramente se preparando para uma agradável e longa visita.

Amanda sempre se sentira à vontade e se sentia em casa ali, onde Karina crescera. Embora Renata fosse uma mulher formal e não fosse dada a demonstrações emocionais, ela também tinha uma maneira calorosa e não era de julgar.

— Amanda, eu não tive a chance de falar com você no velório do seu pai — ela começou — e eu queria dizer-lhe pessoalmente o grande homem que

ele era, o quanto ele fez por essa comunidade.

— Muito obrigada — respondeu Amanda sinceramente. — Papai amava Hope Falls com todo o seu coração, e eu sei que ele respeitava tremendamente o seu trabalho na comunidade. Ele teria ficado honrado em ouvi-la dizer isso.

Dando um leve e elegante aceno de reconhecimento, Renata perguntou:

— Como você está levando?

Uma onda de melancolia tomou conta de Amanda, fazendo com que um sorriso triste se fixasse em seu rosto.

— Bem, a primeira semana foi tortura. Eu não sabia honestamente como eu iria passar por isso, muito menos como reunir o suficiente para dar continuidade à minha vida e administrar o negócio.

Ela parou, precisando de um momento para recolher seus pensamentos. A gratidão encheu seu coração quando ela olhou para Karina, Lauren e Sam.

— Mas então sua neta apareceu com Sam e Lauren, e eu me sinto muito mais no controle desde então. Eu tenho começado a sentir que as coisas vão ficar bem.

— Além disso, Justin está de volta — Karina disse com naturalidade.

Amanda corou. Ela realmente não queria entrar em uma discussão sobre sua vida amorosa com a avó de Karina.

Renata se endireitou ainda mais, o que foi uma façanha impressionante, e cruzou as mãos no colo.

— Sim, eu ouvi que o jovem estava de volta. Eu posso ver pelo seu rosto que ele ainda é importante para você.

— Ele é — admitiu Amanda. — E agora posso dizer sem sombra de dúvida que ele sempre foi e sempre será. Tê-lo por perto foi uma experiência muito reveladora.

— Se não fosse por uma toalha, seria ainda mais reveladora — Karina riu.

O queixo de Amanda caiu e suas bochechas arderam.

— Karina!

— O quê? — Karina riu, acenando com a mão em desdém. — Ela é minha avó. Você acha que ela não sabe como eu sou?

Renata deu um pequeno meio sorriso.

— Você acha que é com Justin que você deveria estar? Ele é seu destino?

Amanda afastou o cabelo da testa e riu baixinho.

— Hum... eu não sei. Quer dizer, se dependesse de mim, eu diria sim. Já

li livros suficientes e vi filmes suficientes para conseguir identificar o final a um quilômetro de distância: ele é o escolhido. Mas esta é a vida real, e há muitos fatores a considerar. Eu não tenho certeza se ele está planejando ficar por muito tempo. Então essa é uma grande consideração.

— Você deveria simplesmente perguntar e não parar até que ele lhe dê uma resposta direta.

— É o que eu continuo dizendo! — Sam exclamou.

Amanda sacudiu a cabeça.

— Não. Não dar a ele espaço suficiente foi como essa bagunça começou em primeiro lugar. Estou determinada a deixar o rio seguir seu curso desta vez. Além disso, Sam, ao contrário do que você pode pensar, nem toda interação tem que ser uma competição.

Sam sorriu.

— Ah, mas como você vai saber quem é o vencedor?

— Minha única definição de vencer aqui é que eu preserve minha sanidade e, se possível, minha dignidade. Qualquer outro aspecto está fora do meu controle.

Aprovação irradiava do rosto expressivo de Renata.

— Sim, é isso mesmo. É uma boa atitude para ter. O amor é como os espíritos poderosos que habitam Cave Rock, os bebês da água. Muito poderoso, mas esse poder pode ser usado para curar ou destruir. Qual curso será tomado depende do respeito e da deferência mostrada. Se você demonstrar respeito ao amor como você faria com os Bebês da Água, então ele poderá fazer com que sua vida floresça e lhe traga grande abundância. Mas se você tentar capturar o amor e usar seu poder para seus próprios fins, então também pode ser a causa da sua ruína. Sim, Amanda, é melhor deixar o seu amor seguir seu curso, seja qual for.

Amanda sabia que Renata estava certa. Pena que era mais fácil dizer do que fazer.



Capítulo

22

Justin parou na frente de sua casa de infância e esperou um momento antes de desligar o motor. Ele encarou a fachada da casa sem acreditar por um momento. Olhando para cima e para baixo da rua, ele se certificou de que estava no lugar certo. Ele até voltou a verificar o número da casa. Sim. Aquela era definitivamente a casa em que ele cresceu, embora não se parecesse em nada com o lixo caindo aos pedaços para o qual ele voltava todos os dias.

Esta estrutura tinha a mesma forma geral e contorno, mas estava coberta de tapume novo e ostentava uma nova camada de tinta brilhante. O telhado, que caía e vazava na época de Justin, agora era forte, reto e coberto de novas telhas.

O jardim da frente estava cuidadosamente arrumado e havia até um pequeno canteiro de flores debaixo da janela da frente, ao lado da pequena varanda.

Era uma casa que Justin teria se orgulhado de admitir que era sua, quando criança, em contraste com o que a realidade tinha sido, que era nunca permitir que uma carona o deixasse em qualquer lugar dentro do raio de um quarteirão do local por vergonha e para evitar a humilhação.

Bem, ele raciocinou enquanto desligava o motor e saía da caminhonete, Rick Barnes era um mestre de obras de profissão. Claro, ele nunca trabalhou como um quando Justin estava crescendo. Ele vivia de pequenos e estranhos trabalhos. Mas Justin imaginou, se ele estivesse realmente sóbrio como dizia estar, ele poderia estar mantendo um trabalho de construção estável, assim como ter feito a maior parte deste trabalho sozinho. Justin odiava admitir,

mas parecia muito impressionante.

A cada passo que tomava para o caminho da frente, ele sentia medo em sua intuição sobre a ideia de ver seu pai, mesmo pelos poucos segundos que levaria para pegar Noah e seguir seu caminho. Por alguma razão inexplicável, ele estava mais nervoso andando até a porta da frente do que quando pegou Kelly King para o baile de formatura, e sua mãe era uma advogada intimidadora que não simpatizava com Justin. Ele já estava planejando sua ação se Rick tentasse convidá-lo quando a porta se abrisse antes que ele fizesse a metade da caminhada.

Noah foi correndo em direção a ele como se tivesse mola nos pés. Rick Barnes seguiu Noah mais devagar. Ele sorriu para Justin, parecendo igualmente inseguro sobre como proceder, e gesticulou para o quintal e frente da casa.

— Parece bem diferente, hein? — perguntou, e Justin pôde detectar uma leve nota de orgulho em sua voz.

Justin olhou ao redor do quintal friamente.

— Parece o mesmo para mim.

Por alguma razão, Justin não conseguia dar a seu pai a satisfação de seu reconhecimento.

Ele pensou que sentiria uma pequena pontada de triunfo no olhar ferido que penetrou os olhos de seu pai, mas em vez disso tudo o que ele sentia era vazio, beirando a culpa.

Não. Que se dane ele!

Justin se repreendeu.

Ele tinha o direito de dar a Rick Barnes muito mais do que aquela pequena alfinetada.

De qualquer maneira, ele achou que era melhor simplesmente sair de lá. *Se uma coisa não havia mudado*, ele pensou consigo mesmo e fez uma careta quando subiu de volta na caminhonete com Noah, *é que meu pai traz o pior em mim. Sempre foi assim, sempre será.*

Justin se virou para Noah, que estava sentado ao lado dele no banco do passageiro, e quis se livrar dos efeitos de seu encontro com o pai. Ele colocou um largo sorriso no rosto e rezou para que Noah não o reconhecesse pela falsa e forçada alegria que era.

Ele não tinha nada com que se preocupar, no entanto, já que Noah estava zumbindo como uma abelha com tanta excitação e entusiasmo que ele provavelmente não teria notado se Justin estivesse chorando no banco do

motorista. Ele parecia estar consumido em seu próprio mundo de felicidade, e Justin tinha que admitir, era meio contagiante.

— Então, eu estava pensando — Justin começou — que, a menos que você tenha alguma outra coisa em mente que gostaria de fazer, poderíamos ir até Tahoe. Isso soa bem?

— Tudo bem! — Noah exclamou, bombeando o punho no ar. — Fiquei tão animado ontem à noite que não consegui dormir. Eu apenas continuei observando a janela para que a luz viesse — Noah disse a ele.

— Eu também — Justin mentiu.

Bem, era uma meia verdade. Na verdade, Justin tinha sido incapaz de dormir na noite anterior, mas as lembranças do doce sabor dos lábios de Amanda, a sensação suave de sua pele sob as mãos e os sons que fazia quando se derreteu contra ele foram o que lhe roubou seu sono.

— Este vai ser o melhor dia de todos os tempos. — Noah entusiasmado, balançando em seu assento com emoção, olhava pela janela para as árvores que passavam.

Justin estava começando a perceber que Amanda estava certa — ele realmente não tinha nada com que se preocupar. Esse garoto não iria julgar seus esforços para se conectar. Ele estava simplesmente tão feliz de estar com ele, que havia um brilho suavemente perdoador sobre quaisquer erros que Justin pudesse cometer. Com admiração, Justin percebeu que o brilho era amor. Esse garoto, que ele mal conhecia, o amava.

Para alguém como Justin, alguém que vivera uma existência emocionalmente isolada por quase uma década — inferno, mais tempo do que esse garoto tinha de vida — era uma sensação estranha ser o objeto de uma devoção tão ofuscante e pura. Mas Justin percebeu como última de sua série de revelações cada vez mais chocantes, que gostava. Ele gostava muito disso.



— Eu ganhei — Noah disse alegremente, correndo para recuperar sua bola de golfe colorida debaixo do moinho de madeira onde tinha ido para o buraco.

— Com certeza ganhou — Justin riu. — Eu sou péssimo nisso. Como você ficou tão bom?

— Sou muito habilidoso — disse Noah solenemente.

Justin, lutando para manter a cara séria, assentiu para Noah com igual solenidade.

— Concorde — ele entoou.

— E também... — Noah sorriu maliciosamente. — ... eu posso dizer que você está me deixando ganhar. Mas eu não me importo, porque ainda é divertido.

Justin riu.

— Você é um cara muito esperto. Mas falando sério. Você é muito bom nisso. Como ficou tão bom?

— Papai me leva — disse Noah. — Ele me leva quando eu recebo boas notas ou quando é meu aniversário.

— Oh — disse Justin —, isso é ótimo.

Claro que Rick o levava, Justin se repreendeu. Ele estava tendo dificuldade em reconciliar o retrato que Noah estivera sem querer pintando de Rick durante todo o dia por meio de comentários improvisados — um Rick atencioso, carinhoso, confiável, financeiramente estável, dono de um carro e, acima de tudo, sóbrio. O Rick que Noah conhecia e a imagem que Justin ainda tinha dele eram dois indivíduos completamente diferentes.

— Às vezes, quando é realmente especial, papai me leva para a Sala da Floresta e nós pegamos comida do bufê e perguntamos à garçonne se podemos sentar onde você pode olhar para o lago. Às vezes o sol está se pondo e o céu está roxo e laranja.

— Isso soa ótimo — Justin tentou parecer feliz, embora o pensamento de levar seu irmão para algum lugar que traria mais histórias de “papai e eu” soasse tão atraente para Justin quanto um tratamento de canal.

De repente, a inspiração aconteceu. Ele sabia que as chances de que seu pai levasse Noah para Reno eram menores do que ali em Tahoe, porque Reno costumava ser o principal lugar para o qual ele desapareceria para se entregar à bebedeira. Se ele levasse a sério sua recuperação, provavelmente não seria uma boa ideia ir até lá apenas por diversão.

Justin olhou para o relógio; tempo de sobra para dirigir mais uma hora e meia e ainda estar de volta em Hope Falls ao cair da noite.

— Ei — disse Justin. — Em vez de jantar aqui, você quer dirigir um pouco mais e ir ao Circus Circus?

— Sim! — Noah respondeu, bombeando seu punho no ar.

Quando eles voltaram com seus mini-tacos de golfe, Justin não conseguiu superar o quanto Noah se parecia com ele aos seis anos de idade. Justin

sempre foi o garoto mais alto de sua classe, e depois de ver Noah no campo, ele presumiu que seu irmão também tinha esse título. Mas não era apenas a altura dele. Também eram os olhos, o sorriso e até os maneirismos do garoto que Justin reconheceu como semelhantes.

Justin não podia acreditar no poder do vínculo com Noah que ele sentia fortalecendo em sua alma e na velocidade com que ele sentia isso se formando. Não havia outra palavra para isso, exceto amor. Isso era possível? Ele já poderia amar esse garoto depois de passar um dia com ele? Essa era a magia da genética?

Justin sorriu. Ele não se importava como ou por que ele já sentia um amor fraternal, quase protetor e paternal por essa criança. Ele só sabia que sentia — e gostava disso.

— Então Circus Circus é o destino — Justin disse, sorrindo carinhosamente para Noah e bagunçando seus cabelos enquanto se dirigiam para a caminhonete.



Capítulo

23

*A*manda estava rapidamente perdendo qualquer gota de paciência que tinha deixado enquanto tentava falar com Trent. Ela não era o tipo de pessoa que perde a paciência com frequência, mas estava definitivamente se desgastando agora.

Ela organizou um bom jantar para Trent, que largou tudo e voou para a cidade depois que ela tentou terminar com ele pelo telefone. Ele implorou a ela para ouvi-lo, e talvez fosse culpa, mas ela decidiu dar a ele uma chance de se defender.

O beijo que ela compartilhou com Justin estava pesando em sua consciência, o que não era bom. Sua consciência, não o beijo. O beijo foi incrível e seu único arrependimento foi que ele aconteceu enquanto ela ainda tinha um namorado.

Amanda era uma boa garota de coração. Ela não era selvagem, mesmo quando adolescente. Ela era uma pessoa caseira. Cuidava das pessoas, como seu pai. Cuidava dos negócios. Isso fazia parte do apelo de Trent. Ele não precisava ser cuidado — ele cuidava das coisas.

Ela agora estava começando a perceber, no entanto, que as maneiras pelas quais ele a mimava — os generosos presentes, as espetaculares escapadelas de fim de semana — não eram as maneiras pelas quais ela realmente precisava ser cuidada lá no fundo. Eles eram divertidos e emocionantes. E ela deixou-se acreditar que todo um relacionamento poderia ser baseado apenas nessas coisas.

Ainda assim, ela se agarrava à imagem de si mesma como alguém que nunca — nunca — beijaria outro homem enquanto estivesse em um

relacionamento. Apesar de todas as evidências em contrário, ela ouviu a voz de Karina entoando secamente e sorriu.

Amanda sinceramente entrara nesse jantar com a mente aberta. Ela decidiu que iria ouvir Trent e ver o que ele tinha a dizer. Mas agora, tudo o que ele estava falando era o valor que ela estava perdendo por não vender Mountain Ridge. Sobre a rapidez com que poderia estar conectada com os investidores que ele já havia alinhado. Ele estava falando sobre como, se ela simplesmente vendesse, eles poderiam ficar juntos, finalmente porque Amanda estaria livre para viajar com ele.

Tudo o que ele estava falando era dinheiro, Mountain Ridge e viagens. Ele não estava dizendo nada sobre ela ou eles.

— Escute, Trent — ela interrompeu em frustração, jogando o guardanapo sobre a mesa. — Eu sinceramente não sei quantas maneiras existem para dizer isso ou como eu posso ser mais clara. Eu não vou vender Mountain Ridge. Nunca. Por que você não entende isso?

Trent virou a cabeça de um lado para o outro, aliviando a tensão no pescoço. Ele respirou profundamente quando disse:

— Por que você está sendo tão difícil?

Eu? Difícil? Já chega!

Ela estava decidida.

— Trent, acho que é hora de você ir. — Amanda não podia acreditar no jeito que ele estava agindo. Ela nunca deveria ter concordado em jantar com ele.

Trent falou em um tom condescendente, como se estivesse assegurando um animal encurralado, quando estendeu a mão para segurar a mão de Amanda.

— Amanda, acalme-se.

De pé, ela afastou a mão dele.

— Eu estou calma. Este jantar acabou. Nós terminamos. Você queria falar comigo. Nós conversamos. Adeus, Trent.

Amanda viu um momento de pânico nos olhos de Trent antes de ele se levantar e envolver a mão no pulso dela enquanto sua voz se elevava.

— Apenas me escute, baby!

— Saia! — Amanda tentou puxar o braço para fora de seu alcance, mas seus dedos se apertaram ao redor dela.

Seu coração estava batendo quando o medo correu por suas veias. Ela tentou se afastar novamente, mas seus dedos apertaram ainda mais quando o

olhar em seus olhos se tornou ainda mais desesperado.

— Solte. Ela. Agora — a voz profunda de Justin veio da porta atrás de Amanda.

Trent olhou por cima do ombro de Amanda e depois de volta para ela, com um olhar maníaco nos olhos.

— Só me deixe explicar. Por favor.

A seu pedido, os dedos grandes de Trent se contorceram ao redor do pulso magro de Amanda. Ela assobiou com a dor que disparou em seu braço quando ele a puxou para mais perto dele.

A próxima coisa que ela percebeu foi uma lufada de ar passando por seu rosto quando um estalo alto ecoou pelo pequeno espaço da sala de jantar. Amanda olhava como se estivesse em câmera lenta quando o punho de Justin fez contato com o rosto de Trent. Parecia um daqueles desenhos animados onde a pele do personagem se transforma em massa.

Com o golpe, Trent soltou seu aperto de ferro e Amanda recuou, tropeçando na cadeira. Ela ficou tensa enquanto se preparava para o iminente impacto de seu traseiro batendo no chão de madeira, mas antes de isso acontecer, ela sentiu-se sendo embalada em um braço forte. Em puro instinto, ela se virou para a força e segurou.

Em um piscar de olhos, Justin tinha Amanda posicionada atrás dele, seu braço segurando-a no lugar, enquanto Trent lentamente se levantava do chão, usando a mesa para alavancar.

— Amanda. — A voz de Trent estava tensa e sua mandíbula parecia um pouco torta.

Amanda sentiu a mão de Justin estremecer ao som de Trent falando seu nome. Ela podia sentir a tensão irradiando dele enquanto ele a segurava firmemente contra ele.

A voz de Justin soou mortalmente calma quando ele instruiu:

— Dê o fora daqui. Se você se aproximar de Amanda novamente, não vai se levantar tão fácil.

A respiração de Amanda estava alterada e as pernas tremiam enquanto ela se agarrava a Justin e observava os olhos de Trent divididos entre os dela e os de Justin. Ela ainda podia ver o pânico ali, o desespero. Ela pensou que ele poderia tentar mais uma vez defender seu caso, mas Justin deu um passo em direção a ele e Trent se virou, tropeçando nos próprios pés antes de correr, sem caminhar, pela porta da frente.

Quando o som da porta se fechando ecoou pelo espaço, Justin se virou e

levantou o braço de Amanda, embalando-o em sua grande mão.

— Você está bem? — ele perguntou enquanto gentilmente virava o braço de um lado para o outro, estudando-o.

— Sim — respondeu Amanda honestamente.

Ela nunca pensou que Trent fosse capaz de machucá-la. Antes daquela noite, se alguém lhe perguntasse se ele faria algo assim, ela não teria dito nada. Ela ainda não tinha certeza de onde esse comportamento tinha vindo.

Amanda não conseguia nem colocar em palavras o quanto estava feliz por Justin voltar para casa quando o fez. Quando a realidade do que tinha acabado de acontecer começou a ser assimilada, ela não tinha certeza de quão longe isso iria chegar se Justin não estivesse lá.

— Obrigada.

— Vou ligar para o Eric — Justin cortou enquanto pegava o telefone.

— Por quê? — Amanda perguntou, confusão em sua cabeça. Por que Justin queria ligar para o amigo agora?

— Precisamos informar isso e quero que ele tire fotos do seu pulso. Dessa forma, se aquele idiota decidir mostrar o rosto novamente, esta noite estará registrada — Justin explicou enquanto colocava o telefone no ouvido.

Ah, isso fazia mais sentido do que uma ligação social em um momento como esse.

Enquanto Justin explicava a situação para Eric pelo telefone, Amanda se sentou na cadeira em que quase havia tropeçado. Ela honestamente não queria que ninguém fizesse barulho por isso. Trent se fora, e ela só queria esquecer a coisa toda. Mas se arquivar um relatório era o que Justin achava que ela deveria fazer, ela faria. Porque ela confiava em Justin. Completamente.



— Você está com sono?

Justin perguntou ao voltar para dentro depois de levar Eric até a viatura. Eric havia recebido as declarações e fotografado o pulso inchado de Amanda. Justin ainda tinha adrenalina correndo por seu sistema, mas Amanda parecia exausta.

— Você pode ir para a cama. Eu vou ficar no sofá hoje à noite.

Não havia nenhuma maneira de Justin deixar Amanda sozinha ali. Ele

não sabia onde estava o resto do Quarteto Fabuloso, mas mesmo quando elas voltassem para casa, ele ainda planejava ficar.

— Hmmm. — Amanda suspirou, seus olhos olhando para cima como se estivesse profundamente em contemplação. — Eu me sinto meio sonolenta, mas você sabe o que realmente soa muito melhor do que dormir agora?

Justin sorriu. Mais vezes do que ele podia contar, os dois possuíam uma habilidade estranha de adivinhar o que o outro estava pensando, e aquela não era exceção. A cena surgiu em sua cabeça completamente formada — os dois no sofá no escuro, cobertos de mantas e a luz azul piscante da TV.

— Noite de filme?

— Sim. — Amanda sorriu, e assim mesmo, toda a raiva e estresse reprimidos que estavam se revirando em Justin se dissiparam. Ela sempre teve esse efeito sobre ele.

Ele e Amanda estavam em sincronia de várias maneiras, mas uma coisa que eles nunca tiveram foi um gosto totalmente idêntico para filmes. Ainda assim, havia alguns que eles poderiam sempre concordar. Ele colocou um deles em sua mente e decidiu testar sua conexão mental para ver se ainda acontecia nos dois sentidos.

— Você sabe em que filme eu estou pensando? — ele perguntou.

— Goonies — disse ela com toda a convicção.

Interessante... Então eles ainda tinham isso.

Ele estava feliz.

— Sim. Vou começar e pegar os cobertores — disse ele.

— Vou colocar o moletom primeiro — disse Amanda enquanto subia apressadamente os degraus.

Justin não poderia começar a estimar quantas noites este cenário exato aconteceu depois que ele se mudou para Mountain Ridge. Parker sempre se recolheu antes das nove já que começava seus dias antes do amanhecer. Embora Amanda e Justin fossem madrugadores, ambos compartilhavam a combinação única de serem também corujas da noite. O que significava que havia muitas noites de filmes, *Scrabble*, *Monopólio*, *Uno* e *Trivial Pursuit*.

Essas eram algumas de suas lembranças favoritas de todas. Apenas ele e Amanda conversando, rindo, ficando excessivamente competitivos. As doces lembranças daquelas noites o sustentaram através de alguns tempos muito sombrios e solitários ao longo dos anos.

Amanda desceu as escadas quando ele empurrou o DVD para o aparelho. Eles se acomodaram no sofá a cerca de quinze centímetros de distância.

Justin apertou o play no controle remoto e as familiares cenas de abertura do filme começaram. Aparentemente sem pensar, Amanda suspirou satisfeita e encostou a cabeça no ombro de Justin, como nos velhos tempos. Enquanto o filme avançava, ela se aconchegou ainda mais perto.

No momento em que as crianças na tela estavam bem dentro da caverna em busca de tesouros — e o filme se instalara em uma sensação de intimidade mal-iluminada por causa daquele ambiente fechado e escuro — essa mesma sensação aconchegante estava permeando a toca onde Justin e Amanda sentavam-se juntos e assistiam à história se desenrolar.

De repente, tornou-se um pouco intenso demais para Justin tolerar. Mesmo que ele tivesse decidido que não iria forçar Amanda, seu corpo tinha outras ideias. Suas calças estavam ficando mais apertadas a cada segundo. Seu corpo inteiro parecia estar em chamas, aquecido pela excitação.

Justin deu um pulo abruptamente, e pelo olhar no rosto de Amanda ela não estava esperando por isso.

— Eu preciso de uma bebida. Quer alguma coisa da cozinha? — ele perguntou rápido demais.

Os olhos azuis de Amanda o encararam com uma expressão estranha no rosto, aparentemente surpresa com o movimento súbito dele.

— Hum.. sim. Uma água, eu acho.

Quando Justin fez a curta caminhada até a cozinha, ele estava realmente desejando que, em vez de pegar uma água, pudesse tomar um banho frio. Ele precisava se refrescar antes de voltar para lá. Então, a inspiração aconteceu.

Alguns minutos depois, Justin entrou novamente no covil com uma tigela grande cheia de sorvete coberto com calda de chocolate, nozes com chantilly. De fora dos lados opostos da tigela havia duas colheres.

— O que seria a noite do cinema sem sorvete? — ele brincou.

Os olhos de Amanda se iluminaram e ela bateu as mãos na frente dela com um entusiasmo infantil. Justin pensou que era possivelmente a reação mais adorável ao sorvete que ele já tinha visto.

Voltando a sentar-se no sofá, ele entregou a Amanda a água que segurava na mão esquerda. Quando ele abaixou a tigela entre eles, viu um brilho de decepção em seus olhos.

— Sem cerejas? — ela perguntou, um pouco desanimada.

Justin teve que rir.

— Você acha que precisa me lembrar de como você é com sorvete? Você não é apenas a única pessoa que eu conheço que anseia por sorvete mesmo

quando está muito frio, mas você é obcecada por cerejas *maraschino*.

E com isso ele usou a colher para afastar a borda externa do chantilly e revelar que o interior da tigela inteira estava cercado por cerejas vermelhas e cristalizadas, provavelmente vinte e cinco ou trinta ao todo. Amanda riu deliciada, inclinou-se e deu um leve beijo nos lábios de Justin.

Ela recuou rapidamente, seus grandes olhos azuis olhando para ele enquanto respirava fundo. Os lábios de Justin queimaram com o calor do contato deles com os lábios de Amanda, por mais fugaz e casual que pudesse ter sido. E tão rápido seu corpo estava vivo novamente, a eletricidade disparando em suas terminações nervosas, seu batimento cardíaco e respiração acelerando, e seu desejo por Amanda se agitando em cada célula de seu corpo.

Ele olhou nos olhos dela e viu, pelo rubor subindo pelo seu pescoço e pelo aumento da velocidade e superficialidade com que sua respiração estava chegando, que ela sentiu a carga na atmosfera também. Com aquele milissegundo de contato, sua fachada de camaradagem casual caiu como a cortina de uma jogada ruim. De repente, suas emoções e sua conexão estavam em exibição nua e crua.

Como sendo puxados por uma força magnética, eles fecharam a pequena distância entre eles, os lábios puxando um para o outro, lentamente; a tensão crepitante no ar ficou mais espessa, quanto mais para perto se moviam.

Justin fechou os olhos, antecipando a sensação dos lábios quentes de Amanda nos dele, tão tentadoramente próximos que ele quase podia sentir o gosto. Ele achou que estava preparado para a sensação do beijo deles, mas estava errado. No momento em que seus lábios macios tocaram os dele, um violento choque de excitação percorreu-o.

Depois que Justin colocou a tigela de sorvete na mesa de centro, suas mãos se estenderam, emoldurando o rosto de Amanda. Seus polegares roçaram a pele macia de suas bochechas enquanto sua boca cobria a dela avidamente. Seus lábios se separaram e sua língua pressionou para dentro enquanto ele a explorava com posse de fogo.

As mãos magras de Amanda encontraram o caminho sob a camisa dele. Sua pele aquecida saltou sob seu toque frio. Ela alisou os arrepios que se formaram enquanto esfregava seu corpo com um desespero tentador.

Enquanto ele se alimentava da doçura de sua boca em um beijo apaixonado e drogado, os gemidos suaves de Amanda ficaram mais altos. Suas mãos se moveram para tirar a camisa de Justin, e usando cada grama de

força de vontade que possuía, ele interrompeu o beijo e olhou em seus olhos. Ele queria estar com ela mais do que já quis qualquer coisa em sua vida, mas ele não queria apressá-la. A vida de Amanda estava em um estado quase constante de agitação, esta noite não sendo exceção. A única coisa que era pior para Justin do que não estar com Amanda noite era estar com ela apenas para que ela se arrependesse.

— Não precisamos fazer nada esta noite — Justin disse enquanto seus polegares roçavam o queixo dela. — Eu amo beijar você. Nós podemos apenas nos beijar. — Sua voz estava crua de necessidade. — A noite toda.

Amanda assentiu e se inclinou para fora do toque dele. Embora Justin soubesse que tinha feito a coisa certa, a decepção ainda o inundou. Até que viu Amanda levantar a camiseta cinza macia acima da cabeça, revelando seios perfeitos e nus. A respiração de Justin ficou presa na garganta quando ela caiu no chão.

— Eu não quero apenas beijar. — A voz de Amanda tremeu e se era por nervosismo ou necessidade, ele não tinha ideia. — Eu te amo. Eu quero estar com você, Justin. Eu preciso de você.

Essas três últimas palavras selaram o acordo para Justin. Ela precisava dele. Não precisava mais pisar em ovos a respeito de seus sentimentos ou desejos pela garota sentada na frente dele, lhe mostrando sua alma.

— Quanto tempo nós temos até que as garotas voltem? — Justin se sentiu tremendo, vibrando com o desejo enquanto tentava manter a cabeça nivelada.

Um pequeno sorriso se inclinou nos lábios carnudos e rosados de Amanda.

— Algumas horas.

Justin se levantou, reunindo Amanda em seus braços, abraçando-a confortavelmente. Quando ele subiu as escadas de dois em dois degraus, ela riu e enterrou o rosto contra os músculos do peito dele.

— Aonde você vai? Eu disse que tínhamos horas antes de eles chegarem em casa.

— Vou precisar de mais do que algumas horas.

Este momento era aquele com o qual Justin tinha sonhado, esperado, torturado com antecipação sem a certeza de que algum dia ocorreria. Ele não ia passar a primeira vez juntos distraído, esperando a porta da frente abrir. Isso também era precioso. Ela precisava, merecia e exigia toda a sua atenção. E era exatamente isso que ele planejava dar a ela.

Entrando no quarto dela, ele chutou a porta de madeira para fechá-la atrás

dele quando atravessou a pequena sala em dois passos. Abaixando seu corpo, ele deitou Amanda em seu edredom azul, seu cabelo loiro se espalhando ao redor dela.

Justin se endireitou, olhando para o objeto de anos de desejos e fantasias reprimidas. O luar brilhava através da janela de Amanda e lançava um brilho etéreo em sua pele clara. Seu coração disparou enquanto ele observava seus seios cheios e cremosos subindo e descendo enquanto sua respiração crescia mais rápido e mais superficial. Ele não deixou de perceber que um tom de rosa subiu para sua pele de porcelana sob seu olhar faminto. Seus olhos voaram para os dela. A última coisa que Justin queria era que Amanda se sentisse embaraçada ou autoconsciente diante dele.

Ele ficou aliviado ao ver o olhar pesado de luxúria que o encarava de volta. Aquele rubor tinha sido causado por excitação, não por constrangimento.

Graças a Deus.

Justin se abaixou e passou os dedos pelo cócs do moletom de Amanda. Lentamente, ele o moveu pelo corpo dela, as costas de seus dedos deslizando ao longo de sua pele macia quando ele o fez.

Antes que sua calça tivesse chegado a seus pés, ele ouviu a voz de Amanda.

— Eu quero ver você também.

Um sorriso puxou a boca de Justin em sua ânsia quando ele rapidamente tirou suas botas, calças e camisa. Ele pegou um preservativo de sua carteira antes de deixá-la cair no chão. Quando ele olhou de volta para Amanda, nua diante dele, seu olhar estava trancado na área — que estava lutando por atenção — localizada abaixo da sua cintura. Ele viu os olhos dela se dilatarem e a língua rosada aparecer entre os lábios, molhando a boca em descarada aprovação do que via. Em seu sugestivo gesto, seu pênis se contraiu e ficou ainda mais pesado, pulsando de necessidade.

Tudo dentro dele estava gritando para ele afastar as pernas dela e entrar no calor úmido de seu corpo. Mas Justin sabia que se fizesse isso tudo acabaria antes de começar. Então, em vez disso, ele colocou as mãos em torno dos quadris de Amanda, puxando-a enquanto se ajoelhava ao lado da cama, de modo que ele estava posicionado entre as pernas abertas dela, seu sexo inchado e brilhante apenas a uma pequena distância.

Quando ele inalou seu perfume feminino, Justin ficou tonto de desejo. Estendendo a mão, ele passou os dedos suavemente pelos lábios úmidos dela.

Seu toque provocou um arrepio no corpo de Amanda e ela arqueou as costas enquanto seus dedos seguravam o edredom.

Mesmo que ele tenha ignorado suas próprias necessidades e ainda não tivesse recebido nem mesmo uma carícia erótica de suas mãos, este já era, de longe, o encontro sexual mais profundamente satisfatório que ele já tivera.

Inclinando-se para frente, ele arrastou beijos suaves sobre cada osso ilíaco. Seus olhos se fixaram nos dela quando ele pressionou os lábios em sua barriga trêmula enquanto seus dedos massageavam eroticamente as dobras escorregadias de seu centro. As mãos dela se abaixaram e passaram pelos cabelos dele.

— Por favor — ela choramingou, apertando os dedos contra o couro cabeludo enquanto levantava os quadris ansiosamente, encorajando-o a mover a atenção da sua boca para o sul.

Justin ficou quieto, seus dedos ainda pressionando firmemente contra seu núcleo pulsante, mas não se movendo mais.

— Por favor, o quê? — ele perguntou enquanto suavemente roçava a barba em seu queixo na parte inferior da sua barriga.

— Beije-me — disse ela, soando um pouco frustrada enquanto seu corpo se contorcia sob o seu toque.

— Beijá-la onde? — Justin perguntou com seu coração batendo irregularmente contra suas costelas, excitação correndo violentamente em suas veias.

Amanda mordeu o lábio inferior enquanto suas pernas se abriam em mais um convite.

— Aqui — ela choramingou. — Eu quero que você me beije aqui.

Justin respirou assobiando e sua mandíbula apertou com desejo em sua exibição provocativa. Mantendo seus olhos treinados nos dela, ele tirou a mão e substituiu-a com a boca. Selando seus lábios sobre sua carne macia e orvalhada, Justin acariciou descaradamente a língua contra o capuz de seu sexo. Com cada passo tentador de seus beijos sugadores, os encorajamentos de Amanda ficaram mais altos.

Precisava se revoltar através dele enquanto ele concentrava sua atenção em seu cerne distendido. Seu corpo começou a tremer quando ele aumentou a pressão de seu turbilhão. Ele moveu o dedo para a fenda escorregadia de seus lábios, correndo-o com firmeza para cima e para baixo em sua abertura. Justin continuou essa massagem erótica enquanto seus beijos de boca aberta envolviam seu calor.

Quando ele sentiu seus quadris contra a boca, Justin deslizou o dedo em sua bainha apertada e úmida e chupou o botão sensibilizado entre os dentes, achatando a língua em insistentes lambidas. Seu corpo se contorceu ao redor de seu dedo enquanto espasmos após espasmos balançaram através do corpo de Amanda. Justin ficou com ela até o último tremor percorrer seu corpo.

Sentado em seus calcanhares, Justin observou, cativado, enquanto ele puxava o dedo, brilhando com os sucos de Amanda, lentamente de seu corpo. A visão erótica enviou ondas de choque de felicidade flamejante explodindo por todo seu corpo.

Depois de rasgar o preservativo, Justin rapidamente rolou e ficou de pé ao lado da cama. Olhando para o corpo lindamente nu de Amanda, Justin levou um momento para beber a visão dela. Ao fazê-lo, sua boca se encheu de água e ele ainda podia saborear sua doçura salgada em seus lábios.

Ele imaginou esse momento inúmeras vezes em sua cabeça, mas nenhuma de suas imaginações nada se aproximara dessa realidade.



Amanda sentiu-se flutuando de volta da nuvem de felicidade. Aquela foi a mais devastadora liberação de sua vida. Ela sempre soube que estar com Justin seria incrível, mas o que ela tinha acabado de experimentar fazia o termo “experiência incrível” soar como brincadeira de criança.

O prazer entorpecedor que acabara de consumir os sentidos de Amanda ainda persistia quando ela abriu os olhos. Quando os olhos focaram, ela viu Justin, gloriosamente nu, na beira da cama. Antes que ela tivesse a chance de se sentar e tocá-lo, ele estava se movendo. Em um movimento rápido, ele a levou para o topo da cama e estava pairando sobre ela. As paredes internas de Amanda pulsavam quando ela sentiu a cabeça ingurgitada posicionada em seu núcleo.

Ela respirou fundo quando Justin se inclinou sobre os cotovelos, emoldurando seu rosto. Erguendo a mão, passou as mãos pelos lados das costelas e do abdômen e, em seguida, moveu-se para acariciar os planos duros de suas costas enquanto afastava mais as coxas, abrindo-se completamente para ele.

Olhando para as piscinas marrom-escuras de seus olhos, Amanda se sentiu dominada pela emoção que refletia nela.

— Eu te amo — Justin sussurrou quando lentamente empurrou para dentro dela.

Amanda esperara tanto tempo para ouvir aquelas palavras.

— Diga isso de novo — ela sussurrou sem fôlego.

— Eu te amo, Amanda — ele repetiu, sua voz profunda com paixão. — Eu nunca vou parar de te amar.

Prazer sacudiu através dela na invasão sensual. Seus olhos se fecharam enquanto seus dedos seguravam Justin apertado. Seus músculos ondulados se apertaram sob o toque dela. Ondas de êxtase pulsavam através dela quando o recebeu em seu corpo. Seu comprimento duro e grosso a esticou, preenchendo-a completamente.

O peso de seu corpo sobre o dela, a sensação dele enterrado profundamente dentro dela, e o amor fluindo livremente entre eles fez com que chamas de paixão surgissem nela como um incêndio descontrolado nublando seu cérebro. Amanda tentou se livrar disso. Ela queria clarear sua mente para que cada segundo fosse marcado em sua memória. Mas quando Justin começou a mover lentamente os quadris contra os dela, sua mente ficou ainda mais enevoada de luxúria.

Querendo lutar contra isso, ela abriu os olhos. Quando o fez, a boca de Justin desceu sobre a dela, reivindicando-a em um beijo cru e possessivo. O calor quente e úmido de sua boca devorando a dela. A turbulência de sua paixão encheu seu corpo, e ela se abandonou ao redemoinho de sensações em espiral através dela.

Não tentando lutar mais, ela se entregou completamente para apenas sentir, enquanto Justin a elevava a alturas que Amanda nem sabia que existiam. Seu corpo inteiro parecia estar em sobrecarga sensorial. As pontas de seus mamilos formigaram quando roçaram o peito de Justin. Uma emoção subiu por seus braços enquanto suas mãos vagavam pelas linhas de seu corpo, pelos contornos ondulados de suas costas e ao longo de seus quadris, apertando-o com força quando ele deslizou para dentro e fora dela em prazer quente e doce.

Amanda se deliciava com o calor aveludado de seu exigente beijo — sua boca e língua imitando o ato sexual. Ela combinou com sua urgência quando empurrou seus quadris para cima, buscando mais dele, tudo dele. Juntos, eles encontraram o ritmo perfeito, seus corpos em requintada harmonia um com o outro.

Amanda nunca sentira esse tipo de sincronia com ninguém antes. O sexo

vinha sendo bom, ela gostava. Mas não era nada comparado à conexão profunda de ligação de alma que ela estava experimentando com Justin.

Quando suas unhas cravaram na carne firme de seus quadris, ela sentiu sua ereção inchar ainda mais dentro dela. Ele gemeu em sua boca enquanto sua língua molhada roçava contra a dela. Abrindo os joelhos ainda mais, ela se moveu contra ele, tentando chegar ainda mais perto.

Ela se sentiu à beira do orgasmo quando Justin a penetrou mais rápido, mais forte. Uma pulsação profunda começou a vibrar de seu centro enquanto ele mergulhava em seu calor de novo e de novo. Os beijos de Justin ficaram mais implacáveis e febris enquanto eles engoliam seus gritos de intensa gratificação.

Amanda segurou Justin enquanto seguia onda após onda pulsante de puro êxtase. Um frenesi de explosões simultâneas atravessou-a em uma liberação cegante e convulsiva. Ela estremeceu, ofegando na conclusão do prazer quase intolerável que a consumia.

Ainda tremendo com os resquícios do próprio prazer, Amanda sentiu Justin endurecer no clímax. Sua boca deixou a dela quando ele enterrou o rosto em seu pescoço e puxou-a para perto dele. Seus braços se envolveram ao redor dele, seus dedos se movendo ao longo dos músculos duros como rocha de suas costas lisas e fortes, enquanto ele desmoronava em exaustão em cima dela.

O efeito vertiginoso de seu brilho ainda não havia se dissipado quando Justin começou a se afastar dela. Aumentando seu aperto, ela disse simplesmente:

— Não.

Ele se inclinou sobre um cotovelo, seus olhos marrom chocolate ao leite procurando os dela enquanto ele falava com respirações agitadas.

— Eu estou esmagando você.

— Não. — Amanda conseguiu sacudir a cabeça ligeiramente. — Eu só quero sentir você.

Inclinando-se, Justin beijou suavemente a testa de Amanda quando mudou seu peso ligeiramente. Puxando-a para perto dele, ele descansou a testa contra a dela.

Fechando os olhos, ela sentiu um sorriso de satisfação inclinar os lábios.

— Eu só quero ficar assim. Só por um pouco mais de tempo.

— Eu só quero ficar assim para sempre.

As palavras que a voz grave de Justin falou enviaram um arrepio

percorrendo sua espinha e seu coração.

Isso era tudo que Amanda queria. Estar com Justin. Para sempre.



Capítulo

24

Na manhã seguinte à melhor noite de sua vida, Amanda sentou-se à mesa do café da manhã, tomando café e trocando fofocas com o Quarteto Fabuloso. Ela as atualizou sobre os eventos proibidos para menores da noite anterior.

Elas estavam tão impressionadas, quanto ela, pelo soco de Justin e continuavam pedindo mais e mais detalhes. Lauren, Karina e Sam estavam atualmente em um debate acalorado sobre quem, entre as três, teria derrubado Trent se elas estivessem lá e não Justin.

Claro, Amanda estava apenas compartilhando os detalhes da briga, e não do ato sexual da noite anterior. Ela poderia beijar e contar, mas havia mais do que beijos para reportar. Havia também o fato de que ela ainda não podia acreditar que a noite passada não tinha sido apenas um sonho; uma invenção da sua imaginação. A única coisa que estava ajudando a fundamentá-la na realidade dos eventos era o fato de que ela estava dolorida em lugares que não tinha a mínima ideia que poderiam doer.

Ela e Justin fizeram amor quatro vezes nas últimas doze horas. Mais uma vez, antes de adormecerem na noite anterior, uma vez quando ele a acordou com beijos suaves nos seios no meio da noite, e uma vez no chuveiro, onde a salvara da horrível aranha. O mesmo banho que Amanda tinha fantasiado toda vez que o ouvira. Depois desta manhã, ela sabia que suas fantasias de um Justin gloriosamente nu, pingando de tão encharcado, não tinham sido nada perto da realidade.

Só pensar nisso causava um tremor em sua barriga e uma pulsação em seu núcleo.

De repente, Karina endireitou-se.

— Pessoal! — exclamou ela. — Eu sei exatamente do que precisamos.

As outras três olharam para ela com expectativa.

— Dia das garotas! — declarou triunfante.

A expectativa nas três faces transformou-se em perplexidade.

— Oh, vamos lá — reclamou Karina. — Esta será uma maneira perfeita de fazer algumas atividades maravilhosas, autossuficientes, empoderadoras e que aliviem o estresse. Além disso, mais tempo juntas para nós.

— Nós vamos fazer coisas de menina? — Samantha perguntou, não parecendo muito emocionada com essa possibilidade.

— Estou feliz que você tenha perguntado — Karina continuou com um floreio. — Podemos ir até Sacramento. Eu conheço um incrível spa de saúde onde podemos fazer uma aula de Zumba e depois fazer nossos cabelos, manicure e pedicure. Nós podemos receber massagens. Podemos parar para um sanduíche, então nos tornamos oficialmente senhoras que almoçam. Podemos ir às compras e dar a essa aqui... — Ela apontou diretamente para Amanda. — ... um guarda-roupas novinho em folha e condizente com adultos.

Lauren olhou para Amanda de cima a baixo.

— Eu estou dentro — ela concordou.

— Ei — protestou Amanda. — O que há de errado com minhas roupas?

Karina sorriu.

— Oh, minha cara e doce Amanda, nada para quando você está trabalhando no resort. Quando você está escalando coisas ou consertando coisas, ou, você sabe, o que quer que funcione lá que aparentemente exige que você use jeans e *All Stars* todos os dias. Mas esta é oficialmente uma nova era. Você não está apenas passando seus dias guiando turistas a cavalo.

— Na verdade, nunca fiz isso — interpôs Amanda.

— Não é importante. — Karina acenou para ela. — Meu ponto é, você não está simplesmente trabalhando no Mountain Ridge, querida. Você é a dona. Você precisa parecer a dona. E agora que você está livre do aspirante a “Saved-by-the-Bell”, alguém pode dizer Renovação pós-término?

— Renovação pós-término! — Sam aplaudiu.

— Eu odeio admitir isso, mas Karina está certa — Lauren concordou, embora menos entusiasticamente que Sam.

— Por que você odeia admitir isso? — As sobrancelhas de Karina se levantaram.

Lauren a ignorou.

— Você possui um negócio de sucesso agora. Outras pessoas, como empresas com as quais você pode querer se relacionar, levarão você tão a sério quanto você mesma. Quando você se veste todos os dias de jeans e camiseta vintage, sem maquiagem e com o cabelo preso em um rabo de cavalo, o que isso diz ao mundo é: ainda me considero uma adolescente, e você deveria me tratar dessa maneira. A imagem que você quer retratar é: Sim, eu sou casual porque eu trabalho em um negócio ao ar livre, mas eu ainda mando aqui e projeto um ar de autoridade.

— Whoa — disse Amanda, balançando a cabeça para limpá-la. — Se um nova calça pode dizer tudo isso, então eu digo: “Sacramento, aqui vou eu”.

Ela sentiria falta de Justin, mas também estava com medo de que, se suas amigas os vissem juntos, tudo o que aconteceu na noite anterior ficasse escrito em neon em seu rosto.

— Sim — comemorou Karina. — Você não vai se decepcionar. Minhas habilidades de estilo só perdem para minha arte musical.



Quando Karina se aproximou do balcão do *Capital Day Spa and Fitness Center*, em Sacramento, Amanda notou toda uma nova presença. Não foi apenas no caminho que ela andou com mais confiança, com os ombros para trás e seu passo forte e intencional. Era uma aura que ela exalava, um comando da sala que era diferente de tudo que Amanda tinha visto a amiga projetar no passado.

De repente, ela não era mais Karina Blackstone, a amiga de infância de Amanda. Bem diante dos olhos de Amanda, ela se transformou na sensação pop Karina Black, superstar.

Enquanto Amanda a observava atravessar o saguão lotado, viu cabeças se virarem em resposta à energia de Karina antes que alguém reconhecesse quem ela era. Amanda ficou impressionada. Era isso que eles queriam dizer com a expressão “poder estelar”? Amanda não ficaria surpresa. Assim que Karina virou essa chave, Amanda sentiu uma carga elétrica passar pelo ambiente.

Karina empurrou os óculos de sol para trás e sorriu.

— Eu liguei mais cedo — disse ela em um tom que era gracioso e

comandante ao mesmo tempo. — Tenho uma reserva para quatro. A turma do grupo X pela manhã e depois meio-dia de tratamentos de spa.

A jovem olhou para cima do computador, sorrindo com um sorriso discreto de atendimento ao cliente, que congelou no rosto ao ver Karina. Então, como se não pudesse confiar nos olhos, disse quase trêmula:

— Posso perguntar em que nome está, madame?

Enquanto Karina deslizava seu American Express pelo balcão, ela respondeu em um tom suave que mostrava que ela estava claramente acostumada a esse tipo de comportamento chocado.

— Karina Black.

De repente, parecia que a mulher havia perdido o controle de suas faculdades. Seus dedos tremiam no teclado, ela não conseguia encontrar a tecla certa, e, quando falou, ela estava atrapalhada e nervosa.

Amanda ficou completamente surpresa. Ela nunca viu ninguém reagir dessa maneira a Karina, e era estranho ver alguém tão confuso ao conhecer uma pessoa que ela conhecia desde a escola primária.

Sim, claro, intelectualmente, ela sempre soube que Karina era uma grande estrela. Mas isso nunca tinha sido percebido emocionalmente até que ela viu essa jovem, tão competente e friamente eficiente apenas momentos antes, completamente desfeita, se transformar em alguém que mal conseguia funcionar devido a todo o nervosismo assim que pusera os olhos em Karina.

Agora, Amanda começou a entender o preço que devia ter sobre sua amiga no dia a dia, estar cercada por pessoas que não a tratavam como ser humano, mas mais como um objeto de curiosidade. Nunca ser capaz de relaxar verdadeiramente como ela podia fazer em torno de pessoas que ela sabia que se importavam com ela pelo que era. Amanda percebeu que esse reencontro do Quarteto Fabuloso devia ter sido um alívio tão gigantesco para ela, ser capaz de baixar a guarda por estar com pessoas que realmente a conheciam e a amavam, não importava o que acontecesse.

Ser capaz de dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa, ser completa e totalmente ela mesma. Pela primeira vez, ocorreu a Amanda que isso poderia ser um luxo que Karina raramente recebia.

— Por aqui, por favor. — A mulher veio de trás do balcão e as acompanhou para uma grande sala.

Quando as quatro mulheres entraram no estúdio de exercícios em grupo com piso de madeira e forrado de espelhos, Amanda ficou surpresa com o nervosismo que sentia.

— Vamos só ficar aqui atrás, ok? Eu não quero parecer uma idiota. Karina, você é a única de nós que já fez isso antes. Como é?

— O quê? Zumba? — Karina perguntou. — Eu nunca fiz isso antes. Minha amiga Melissa ensina no Crunch on Sunset em Hollywood, e todo mundo fica entusiasmado com o quão divertido é e como é um grande alívio para o estresse. Eu vi o sinal para ele aqui da última vez que eu estava em turnê e vim para receber uma massagem, então eu pensei que seria divertido nós fazermos isso juntas.

Sam sorriu presunçosamente.

— Estou feliz, porque depois de toda aquela conversa na outra noite sobre a minha experiência romântica, ou falta dela, agora estamos prestes a fazer uma atividade que eu domino e vocês terão que me alcançar.

Lauren olhou para ela.

— Então você já fez isso antes?

Sam sacudiu a cabeça.

— Bem, não, não é exatamente isso. Mas eu sou uma atleta e isso é algo físico. Eu já venci todas vocês antes mesmo de tentar.

Karina riu.

— Nem tudo é uma competição, pequena senhorita olímpica.

Sam encolheu os ombros.

— A maioria das coisas que valem a pena fazer são.

— Acho que podemos estar nos aproximando da atitude que tornou a sua vida romântica difícil — retrucou Karina, recebendo uma careta de língua de fora como resposta.

Só então uma deslumbrante beleza latina entrou na sala, e um ar de excitação entrou no espaço com ela. Ela estava vestida com leggings pretas e um top rosa brilhante, com um casaco de flanela amarrado na cintura. Completando o conjunto havia um par de tênis rosa choque.

De repente, Amanda sentiu como se estivesse no primeiro ano e a garota mais legal da escola acabara de chegar. Felizmente, a noite passada lhe dera uma dose extra de autoconfiança. Na verdade, ela estava se sentindo como se não houvesse nada com que ela não pudesse lidar, que não pudesse encarar. Bem, exceto perder Justin... Amanda não tinha ideia de como iria enfrentar isso.

As mulheres na sala, que antes andavam por ali, conversando em pequenos grupos, ou indo para o lado, se apressaram para os lugares que tinham guardado com toalhas ou garrafas de água, e fileiras discerníveis

tomaram forma da frente para a parte de trás da sala.

Amanda notou que havia algumas pequenas discussões sobre qual era o espaço de quem, que foram rapidamente resolvidas, mas fizeram com que Sam se inclinasse e sussurrasse para as outras três:

— Viram? Eu disse que era uma competição.

A instrutora, depois de ligar o iPhone ao sistema de som, colocar um microfone no fone de ouvido e amarrar uma bandana no alto de seus longos cachos negros e esvoaçantes, correu para a frente da sala.

— Oi, pessoal. Eu sou Lily, e vou ser sua instrutora esta manhã. Esta é a primeira vez de alguém aqui? — Amanda ficou aliviada ao ver as mãos subindo pela sala, não apenas as dela e suas amigas. Havia pelo menos outras dez pessoas, na sala cheia de sessenta mulheres, e até mesmo alguns homens, que iriam tropeçar na coreografia pela primeira vez.

— Legal — Lily disse entusiasmada. — A principal coisa a lembrar é que ninguém pega tudo na primeira vez, ou mesmo na décima vez. Portanto, não se sinta mal por não conseguir acertar todos os passos. Apenas faça o seu melhor, continue andando e, acima de tudo, divirtam-se! Além disso, tente lembrar que, mesmo que seja da natureza humana sentir como se todos os olhos estivessem em você, a verdade é que todo mundo na sala está tão focado em seu próprio treino que ninguém está prestando atenção em você. Essa é a grande coisa de vir para a aula. É a única vez na sua semana que é tudo sobre você. Sem filhos, sem patrão, sem cônjuge. Ninguém quer nada de você agora. Esta é a sua hora de perder suas inibições, sentir a música e apenas dançar. Então estamos prontos?

A sala respondeu afirmativamente, mas Lily não ficou satisfeita.

Pulando para cima e para baixo e acenando com as mãos no ar, ela chamou animadamente:

— Estamos. Prontos?

A sala explodiu em gritos e berros, e até Amanda, que normalmente não era de grandes exposições públicas ou de se juntar a grupos, sentiu-se arrebatada pelo entusiasmo.

A música começou em uma explosão de batidas sincopadas, com guitarras, bateria e buzinas se misturando para formar uma melodia barulhenta que fez Amanda começar a saltar inconscientemente nas pontas dos pés antes mesmo de a coreografia começar.

Lily se colocou na frente da sala e começou a balançar os quadris com o ritmo da música. À medida que a hora avançava e as músicas mudavam tanto

no ritmo quanto no estilo, Amanda ficou surpresa com a forma como Lily quase transformou seus movimentos magicamente para combinar com a sensação da música aparentemente sem esforço.

Amanda observou os graciosos quadris e os pés de Lily se movendo e balançando, observando-a balançando a cabeça em arcos largos e graciosos que fizeram seus sedosos e pretos cachos voarem pelo ar como uma extensão de seu corpo, observando seus braços balançarem e flutuarem como se não pesassem nada, observava seus dedos enquanto eles pintavam belas imagens no ar como se para ilustrar a música — e ela estava sinceramente surpresa que ela mesma fosse capaz de comandar seu próprio corpo para fazer qualquer coisa que se aproximasse da poesia em movimento que era o de Lily. Corpo em movimento.

Mas, observando de perto os pés e as mãos de Lily, e tentando imitar apenas a colocação deles no chão e no ar — imaginando que os movimentos poderiam vir depois — Amanda estava orgulhosa em admitir que estava conseguindo uma aproximação decente dos passos de dança. Sem mencionar que ela estava tendo uma explosão. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se soltou e dançou. Era tão bom simplesmente deixar seu corpo se mover com a música.

Lauren também parecia estar se divertindo, e ela estava se dando conta das danças, julgou Amanda, mais ou menos na mesma velocidade que ela. Samantha, apesar de toda a sua grande conversa, era a única entre as quatro que mais parecia estar lutando. Seu corpo atlético lutava contra o fluxo gracioso dos movimentos, e ela estava constantemente a cerca de meio segundo atrasada. Ela nunca pareceu relaxar no ritmo da música ou abraçar a delicadeza dos movimentos. Seus passos eram mais como pisões, e quanto mais frustrada ela ficava com seu desempenho, mais problemas ela tinha.

No entanto, no extremo oposto do espectro, Karina era a única dentre as quatro que parecia ter verdadeiramente ritmo e talento natural. Todos aqueles anos ensaiando números de dança para apresentações ao vivo, Amanda raciocinou, devem ter lhe dado muita experiência de dança.

A turma continuou assim até cerca de três quartos do caminho, quando os acordes iniciais de uma canção soavam um pouco familiares. Amanda, junto ao resto da turma, começou a acompanhar entusiasticamente a coreografia de Lily até que notou que Karina estava parada ao lado dela. Amanda tocou seu ombro para ver se havia algo errado, o que parecia tirar Karina de seu curto transe e começou a dançar de novo.

Quando as letras começaram, Amanda sentiu vontade de bater a palma da mão na testa. Era a voz de Karina. É por isso que a parte de introdução da música soou familiar. Este era o último single de Karina, aquele que as estações de rádio apelidaram de “a canção do verão”. Estivera em todo o verão passado. Rádio, televisão... Até inspirou paródias e memes no YouTube. Era digitar na busca “Baby, You're the One” e provavelmente uma versão faria uma aparição lá.

*“Baby, você é o único.
Vamos nos divertir.
Tenho você em minha mente.
Penso em você o tempo todo.
É amor enviado por Deus.
Baby, você é o único.”*

Amanda, Lauren e Sam reconheceram a música como de Karina ao mesmo tempo e se voltaram para ela com rostos excitados.

Enquanto suas amigas se concentravam em sua atenção, Karina balançou a cabeça sutilmente, mas com firmeza, deixando-as saber inequivocamente que ela não queria mais nada delas naquele momento do que a aparência de frieza. No entanto, apesar de todas as três terem concordado imediatamente com os desejos de Karina, o dano havia sido causado.

Algumas pessoas na fileira à frente delas notaram a troca e se viraram para olhar. Embora ninguém tenha reconhecido Karina antes, a combinação da música e de suas amigas apontando-a através de suas respostas excitadas fez com que algumas das mulheres mais jovens na sala arregalassem os olhos, maravilhadas. Em pouco tempo, a notícia se espalhou. Por toda a sala, as pessoas se inclinavam para os que estavam ao lado deles — fazendo tentativas ruins de sutileza — enquanto olhavam para Karina e conversavam, cabeças inclinadas juntas.

Durante todo o resto da aula, as quatro puderam sentir a atenção, com foco na área onde estavam. Embora a turma fizesse o possível para escondê-lo, uma celebridade aparecer no meio deles não era uma ocorrência cotidiana, e seus olhares sorrateiros ao longo das últimas canções eram frequentes demais para não serem notados.

Enquanto as notas finais do desaquecimento e alongamento estavam desaparecendo, Karina disse:

— Assim que essa música terminar, eu vou correr e falar com a instrutora rapidinho. Se não, parecerá rude. Vocês, garotas, vêm comigo, ou eu vou ficar atolada com pessoas tentando falar comigo antes de eu chegar até ela.

Depois que a música terminou, foi um curto passeio até o sistema de som, que era onde Lily também tinha ido para tirar o fone de ouvido e pegar o iPhone. Karina se aproximou dela com um largo sorriso no rosto.

— Oi, Lily. Sou Karina — começou ela. — Eu só queria te agradecer pela ótima aula.

Lily se virou e quando seus olhos pousaram no rosto famoso de Karina, eles se arregalaram significativamente.

— Oh, meu Deus — disse ela, corando. — Oh, meu Deus. Uau. É tão bom conhecer você. — Ela riu nervosamente. — Oh, nossa. Isso deve ser o que as pessoas estavam falando no fim da aula. Eu não percebi. — Ela empalideceu perceptivelmente quando o próximo pensamento lhe ocorreu. — Eu sinto muito, se eu soubesse de alguma forma que você estaria aqui, eu nunca teria usado sua música.

Amanda se surpreendeu mais uma vez que até mesmo essa mulher, tão confiante e no controle de toda a classe momentos antes, de repente ficasse aturdida na presença de Karina.

— Não, não, eu adorei — Karina assegurou a Lily. — Obviamente, não havia como você saber e, além disso, achei incrivelmente lisonjeiro. E a coreografia foi muito divertida.

Lily olhou para cima e, embora os vestígios da timidez gerada por celebridades ainda se agarrassem às margens de seu porte, orgulho em seu trabalho e o calor e a abertura de Karina conspirou para fazê-la quase inteiramente confortável na conversa.

— Obrigada. Isso significa muito vindo de você. Eu faço a maior parte da minha coreografia.

— Bem, você é realmente talentosa — Karina assegurou —, e eu definitivamente farei questão de passar na aula toda vez que fizer uma turnê por Sacramento a partir de agora.

Lily corou com orgulho óbvio, e Karina deu-lhe um abraço e acenou um adeus amigável quando saíram da sala.

Os deveres de embaixadora de Karina estavam longe de terminar, no entanto. Logo do lado de fora da entrada do estúdio, um grupo bastante grande de mulheres reuniu-se para conversar com Karina, pegar seu autógrafo e tirar selfies com ela. O sorriso caloroso de Karina, que você

definitivamente teria que conhecê-la muito bem para poder contar, era cem por cento falso, estava em plena força durante todo o encontro.

Conforme o tempo passava e ficou claro que as mulheres estavam muito encantadas com Karina para fazer qualquer movimento para sair — e que Karina achava que seria rude interromper o encontro — Lauren decidiu resolver as coisas por conta própria e foi falar com a recepção. Como de costume, a estratégia de Lauren foi vencedora, porque quando o funcionário do spa se aproximou, disse calorosamente, mas com firmeza:

— Desculpem, senhoras. Eu preciso roubar a Srta. Black e seu grupo agora. Ela está atrasada.

Isso permitiu a Karina a graciosa saída de parecer tão desapontada com o rumo dos acontecimentos quanto elas.

Uau, Amanda pensou consigo mesma, como ela aguenta?

Claro, alguém que gostava de estar no centro das atenções ou até gostava de pessoas prosperaria nesse tipo de vida. Mas Karina não era assim. Karina gostava de ficar para trás e observar, fazendo comentários hilários que iam direto ao ponto de uma situação. Ela não era a anfitriã calorosa. Ela era a *wallflower* sarcástica. E era isso que suas amigas amavam nela.

Mas essas pessoas, todos esses estranhos que se achavam amigos porque conheciam Karina através de sua música açucarada não teriam tido a paciência ou a profundidade ou o contexto para entender e apreciar a verdadeira Karina. Portanto, a fim de agradar o público, Karina teve que colocar essa máscara graciosa e usá-la praticamente toda vez que estava perto de qualquer um que não fosse uma de suas amigas mais queridas. Quão exaustivo.



— Eu gosto disso — disse Karina, segurando uma blusa esvoaçante sob o queixo de Amanda. — Ela definitivamente iria chamar a atenção total do Sr. Justin Barnes — continuou com uma piscadela, cobrindo a parte de cima do braço, adicionando-a à crescente coleção de itens de vestuário que Karina havia coletado para Amanda experimentar.

— Diminua a velocidade — Amanda advertiu. — Temos apenas algumas horas, não dias, semanas ou meses. Eu nunca vou terminar de experimentar aquela pilha inteira.

— Oh, você vai terminar sim — disse Karina com confiança. — Você só acha que não vai porque só tem comprado por conta própria. E, sem ofensa, mas você é uma amadora. Agora você está comprando comigo, e eu sou uma extraordinária artista de deusa de compras e mudança rápida. Você vai se sair bem. — E com isso ela deu um sorriso e empilhou em mais duas blusas.

Amanda suspirou enquanto voltava a folhear a seleção.

— O que eu vou fazer quando vocês forem embora, meninas? — ela pensou tristemente em voz alta. — Vocês só estão aqui há algumas semanas, mas parece que estiveram aqui para sempre. Eu vou sentir muito a sua falta quando partirem.

Lauren, Sam e Karina trocaram sorrisos pequenos.

— O quê? — Amanda perguntou com uma risada. — O que está acontecendo?

— Bem — Sam disse alegremente —, é o seguinte. Você não vai sentir falta de nós.

Amanda não tinha ideia do que eles estavam falando. Lauren esclareceu:

— Decidimos ficar. Cada uma de nós tem nossas razões por que voltar para casa agora parece uma boa ideia...

— Espere! O quê?! Vocês vão voltar para casa? Todas vocês? — Amanda interrompeu, ela não podia acreditar no que Lauren acabara de dizer e precisava de esclarecimento.

Karina bufou.

— Bem, não é como se todas nós fôssemos comprar uma casa juntas. Isso não é uma comédia maluca. Não vai ter clima de república.

Lauren deu a Karina sua marca registrada, o meio sorriso.

— Não tenha tanta certeza.

— Touché. — Karina sorriu.

Sam continuou a história.

— Estávamos conversando ontem à noite com Sue Ann...

— Enquanto Justin estava nocauteando Trent — interveio Karina.

— E todas nós percebemos que estamos em pontos em nossas vidas em que precisávamos de um *reboot* — Sam terminou suavemente, como se ela não tivesse sido interrompida.

— Sim — explicou Karina —, não estou feliz com a trajetória da minha carreira. Eu tenho que fazer uma séria busca de alma e descobrir o que fazer sobre isso. Não só não posso fazer isso na estrada, cercada por todos os meus manipuladores, eu realmente não sinto que posso fazer isso em Los Angeles

também. Essa cidade não sou eu. Eu me diverti lá, e tenho bons amigos lá, mas agora que estou em casa, entendo que é onde eu preciso estar se vou tentar retornar a um eu autêntico. Este é o lugar que me fez. É aqui que me sinto mais como eu.

— Estamos indo para Los Angeles na próxima semana — Lauren continuou. — Eu vou ajudá-la a entrevistar corretores de imóveis para vender a casa dela lá. Então Karina está voltando para cá e eu continuo em Nova York para colocar meu apartamento no mercado e endireitar alguns negócios por lá.

— Uau. Eu me sinto como uma perdedora. — Sam riu. — Eu arrumei todas as minhas roupas antes de sair da casa do meu treinador. Eu sempre vivi com uma mala, basicamente. Eu acho que, para todos os efeitos, eu já me mudei de volta.

— Espere um minuto. Você realmente mora com seu treinador? — Karina perguntou, incrédula. — Como eu não percebi isso? Quer dizer, eu sei que você morava quando estávamos no ensino médio. Mas eu não sabia que isso ainda estava acontecendo.

— Sim. Não é a norma, mas também não é totalmente novo — explicou Sam. — Quando um atleta está longe de casa, ele pode ser vítima de solidão e depressão, o que pode interferir em seu foco e treinamento. Viver com uma família parece mais uma verdadeira casa, e isso alivia um pouco desse risco. Essa é a história oficial. E, para ser justa, acho que é uma pequena parte disso. A história real, porém, é que permite que seus treinadores fiquem de olho em você vinte e quatro horas por dia.

— Tudo para controlar você, minha querida — riu Karina, imitando o Grande Lobo Mau fingindo ser a avó da Chapeuzinho Vermelho.

— Oh, que olhos grandes você tem, vovó — devolveu Sam com uma voz de garotinha, voltando ao personagem de Karina como Chapeuzinho Vermelho.

Karina riu.

— Ah, cara. Alguns dias perto de mim e você está se tornando uma verdadeira espertinha. — Ela enxugou lágrimas falsas e fungou. — Estou tão orgulhosa.

— Bem, você pode estar brincando, mas a verdade da afirmação não pode ser negada. Estou cansada de viver a vida deles. Tenho vinte e sete anos e nunca vivi sozinha. Eu nunca escolhi minha própria mobília. Eu nunca fui ao supermercado e escolhi qualquer coisa que não estivesse na minha dieta

específica. Eu nunca escolhi ao que queria assistir na TV. Acho que nem sequer tive um quarto de hotel para mim na estrada. Eu estava tentando lembrar e tenho certeza de que sempre fui colocada com outra atleta.

“De qualquer forma, estou farta disso. Eu quero meu próprio lugar. Eu quero minha própria vida. É assustador, mas eu acho que o melhor lugar para fazer algo que é realmente assustador e que eu possa precisar de muito apoio é em um lugar que eu me sinto segura, cercada pelas pessoas que mais me amam.”

— Bem, essas definitivamente somos nós. — Amanda chorou quando deu um abraço de apoio em sua amiga.

Então ela se virou para Lauren.

— E você, Lauren? Eu pensei que as coisas estavam indo muito bem em seu negócio imobiliário em Manhattan...

— Sim, bem — Lauren disse com uma careta —, as coisas podem passar de grandes para terríveis muito rapidamente quando o seu caso com o chefe termina.

Amanda ofegou.

— Lauren, você não fez isso!

— Oh, ela fez! — Karina exclamou com alegria maliciosa. — Nossa Lauren de camisa reta e franzida tem um lado de mulher selvagem. Ela tem uma menina má dentro dela.

— Não foi tão tórrido assim. — Lauren corou. — Na verdade, provavelmente é uma descaracterização até mesmo se referir a isso como um “caso”. Foi um relacionamento. Foi um relacionamento maduro de um ano entre dois adultos que consentiram. Nós moramos juntos. Realmente, o fato de que ele era meu chefe nunca entrou em foco enquanto estávamos juntos. Nós éramos apenas duas pessoas em um relacionamento.

“Mas então eu terminei. Éramos felizes, mas faltavam coisas. Eu olhei cinquenta anos para o futuro e sabia que a minha vida não estava com ele, sabe? Então, imaginei que era melhor seguir caminhos separados antes de dedicar ainda mais tempo e esforço e ficar ainda mais inextricavelmente entrelaçados na vida um do outro.

“Bem, basta dizer que ele não viu as coisas da mesma maneira que eu. Ele é um homem poderoso. Está acostumado a conseguir o que quer. Normalmente, ele estala os dedos e tem vinte pessoas correndo para fazer o que ele quer. Dinheiro e poder tendem a isolá-lo de pessoas que dirão não para ele.

“Sem mencionar que, sendo bonito e rico, ele não estava acostumado a mulheres terminando as coisas com ele. Foi uma experiência inteiramente nova, com a qual ele estava malpreparado para lidar.

“No começo, ele simplesmente se contentou em insistir, pressionar e implorar para eu voltar. Todas essas manipulações haviam funcionado com outras mulheres no passado, quando ele queria alguma coisa. Ele não tinha motivos para acreditar que não funcionariam comigo. Mas quando não o fizeram, ele perdeu a esportiva. Ele me ameaçou.”

— Ele colocou as mãos em você? — Karina perguntou, aço em sua voz.

— Não, não. Nada disso. Ele consideraria isso abaixo dele. Mas ele tornou a vida extremamente difícil para mim profissionalmente. E quando tentei me mudar para outra empresa, qualquer outra empresa, descobri que ele havia me extorquido. Se eu quisesse trabalhar no setor imobiliário em qualquer lugar de Manhattan, teria que trabalhar para ele, e ele estava tornando isso impossível.

— O que você está descrevendo é assédio sexual. — Amanda ficou indignada. — Você poderia processá-lo.

Lauren assentiu.

— Oh, eu sei, eu sei. É o clássico assédio. E a verdade é que eu pensava em processá-lo, não por mim mesma, mas para impedi-lo de fazer o mesmo com outras mulheres. Mas a dura realidade é que é tão difícil de provar, e você fica preso no tribunal por anos.

“Quando penso em voltar a Nova York e tentar batalhar com ele, essa perspectiva é quase esmagadora. Quando penso em começar aqui em Hope Falls, é como se eu pudesse respirar de novo. Tenho certeza de que Gloria Steinem ficaria muito desapontada comigo. Mas eu simplesmente não tenho isso em mim de ser a garota-propaganda da luta contra o assédio sexual.”

— Lauren, não é seu trabalho lutar a batalha de todas as mulheres — Amanda a consolou. — Ele está tentando controlá-la, tentando mantê-la em Nova York e tentando mantê-la conectada a ele e à sua vida. Se você sente o dever de trazer um processo judicial contra ele, então isso realmente cumpre todos os seus objetivos. Você fez algo que não queria porque ele controlou suas ações. Eu acho que você precisa fazer o que é certo para você.

Lauren sorriu.

— Concorde. Além disso, percebi que em um ano de convivência com ele, descobri onde alguns dos esqueletos estão guardados. Ele é um grande fã de, digamos, contabilidade criativa. Eu tenho alguns arquivos que acho que

serão de interesse da Receita Federal. Só porque ele não vai parar no tribunal por minha causa não significa que ele não vá parar no tribunal.

— Essa é a minha menina — Karina cantou. — Lauren, eu juro. Estou feliz que esteja do meu lado na vida. Você seria assustadora de ter como um inimiga.

— Exatamente. — Lauren sorriu, satisfeita com a avaliação. — Agora, senhoras, vamos levar Amanda para experimentar essas roupas. Ainda temos o salão de beleza e manicure depois disso, sem mencionar a maquiagem. Temos um dia muito cheio pela frente.



Capítulo

25

Justin vagueou desconfortavelmente de cômodo em cômodo em sua casa de infância, tocando móveis, tentando fazer com que parecesse real para ele. A partir de agora, parecia um sonho.

É claro que, embora a forma e o layout dos cômodos fossem os mesmos, tudo o mais era completamente diferente. Quando Justin era criança, estes cômodos consistiam em paredes nuas e móveis de segunda mão incompatíveis. Agora, havia novos móveis de aparência sólida e atraentes. Havia estantes com livros e Justin até reconheceu alguns de seus antigos troféus esportivos. As fotos da escola de Noah estavam penduradas nas paredes, e Justin ficou chocado ao ver artigos de jornal emoldurados sobre si mesmo pendurados ao lado deles, artigos sobre várias conquistas esportivas e acadêmicas do ensino médio. Em uma cidade pequena como Hope Falls, não era difícil conseguir seu nome ou foto no jornal. No entanto, ele nunca teria sonhado que seu pai penduraria essas lembranças.

Ele entrou na cozinha, que, ele teve que admitir, cheirava de modo fantástico ao seu estômago roncando. O aroma de carne grelhada misturava-se com um rico perfume de melaço que Justin não conseguia identificar.

Noah pulou para ele, vestindo um avental de tamanho adulto que ia até seus pés.

— Você não pode olhar. Você não pode ver o que é antes da hora. É uma surpresa.

Justin riu. Ele não pôde evitar. Esse garoto era uma viagem.

— Ok, eu prometo que não vou olhar. Tem um cheiro delicioso, seja o que for.

— É linguiça e feijão — Noah deixou escapar, incapaz de manter o segredo por mais tempo. — É o seu favorito. Nós fizemos o seu favorito.

Rick sorriu sem jeito.

— É uma versão adulta atualizada de linguiça e feijão usando kielbasa e linguiça italiana e uma receita de feijão assado que peguei da Food Network. Eu pensei que você poderia gostar.

Justin olhou para o pai com uma expressão vazia.

— Quem te disse que era meu favorito? Onde arranhou essa ideia?

— Eu lembro que você costumava comer isso o tempo todo — disse Rick, debatendo-se. — Quase todo dia.

— Era o que eu sabia fazer — Justin respondeu categoricamente.

— Oh — foi tudo que Rick respondeu, parecendo derrotado. Ele se virou e continuou a empurrar os pedaços de linguiça ao redor da frigideira grande e plana.

— Então é por isso que era o seu favorito! — Noah exclamou como se tivesse resolvido o mistério, enquanto ele se equilibrava em um banquinho e mexia a panela de feijão no fogão, alheio à tensão entre os dois adultos.

Justin respirou fundo e tentou controlar seu humor. Ele concordou em ir jantar naquela noite porque Noah tinha convidado, uma decisão da qual ele poderia se arrepender agora, mas era o que era. Ele estava ali e precisava fazer o melhor possível.

Ser argumentativo com seu pai não era fazer o melhor possível. Quando Justin estava crescendo, Rick era um idiota alcoólatra, o que fez dele um pai horrível. Mas ele parecia estar fazendo um trabalho decente com Noah. A casa parecia boa. Noah parecia feliz e bem cuidado. Acima de tudo, Rick estava sóbrio — até onde Justin sabia. Noah parecia adorar o pai, e a opinião de Justin parecia importar para ele. A última coisa que ele precisava era ver os dois adultos importantes em sua vida, os dois homens que ele olhava como modelos, agindo estranho em torno um do outro. Justin podia ter acabado de descobrir que ele tinha um irmão mais novo, mas ele já faria qualquer coisa para protegê-lo.

— Já que vocês dois estão cozinhando, por que não coloco a mesa? — Justin ofereceu quando abriu um armário e tirou três tigelas.

Rick deu-lhe um sorriso agradecido, e Justin se recusou a encontrar seus olhos. Só porque ele não ia começar uma discussão na frente de Noah não significava que ele tinha que ser amigo de Rick. Ele simplesmente o manteria a uma distância segura para que eles pudessem manter uma trégua

desconfortável.

Como a refeição progrediu, acabou por ser muito mais fácil do que Justin previu que seria. Noah parecia feliz em preencher todo o silêncio com conversas alegres, e Justin estava igualmente feliz em ouvi-lo. Ele ouviu tudo sobre as aulas de Noah na escola, seus amigos, seu time de futebol, os jogos que ele gostava de jogar e os enredos — na íntegra — de todos os seus filmes favoritos.

Justin ficou surpreso, uma e outra vez durante todo o jantar, que cada detalhe da vida de seu irmão, o que teria sido entediante para a mente dele, se ele viesse da boca de uma criança com quem Justin não tinha nenhum relacionamento, era realmente divertido para ele. porque era sobre Noah.

Justin adorava ouvi-lo falar. Ele queria saber tudo sobre ele, com quem ele passava tempo, como sua mente funcionava, o que achava engraçado e o que o deixava triste. Justin tinha interesse.

Depois que as linguiças e feijões foram consumidos e seguidos por colheres de sorvete de baunilha, Noah implorou a Justin para ir até seu quarto para ver sua coleção de caminhões antes de dormir, e Justin alegremente obedeceu.

Quando eles entraram no quarto de Noah juntos, Justin disse:

— Tudo bem, onde estão esses caminhões?

Noah correu para o banheiro ao lado e gritou quando ele deu um pulo e bateu no batente da porta acima dela:

— Primeiro, eu tenho que colocar meu pijama, lavar o rosto e escovar os dentes. Então mostrarei seu livro e os caminhões.

Justin teve que sorrir. Quando criança, ele costumava fazer a mesma coisa quando ia ao banheiro. Ele pulava e batia na armação, fingindo que estava enterrando como Michael Jordan. Ele notou tantas semelhanças naquela noite, pequenas e grandes, que fortaleceram seu vínculo como irmãos.

Noah saiu correndo do banheiro, recém-lavado e em pijamas de algodão azul-marinho com bolas de beisebol e morcegos estampados neles. Ele correu até a prateleira e pegou um grande livro. Ele então correu e entregou a Justin onde ele estava na beira da cama antes de pular ao lado dele.

Justin passou o dedo pela capa de couro envelhecido do livro e pela encadernação em ruínas. Intrigado, ele abriu e começou a folhear as páginas.

Para surpresa de Justin, o livro era como um santuário para ele. Ele tinha fotos de Justin, mudando cronologicamente desde a infância até o ensino médio. Intercaladas com as fotografias que estavam nos documentos

escolares que ele havia escrito e retirado desde o jardim de infância, artesanato como desenhos de perus de Ação de Graças, boletins, a fita azul que ele havia ganhado no concurso de soletração de quarta série.

À medida que o álbum de recortes avançava no tempo, e chegava ao ensino médio de Justin, recortes de jornal e fotos começaram a aparecer, principalmente centrados em suas proezas atléticas. Até mesmo artigos que mal mencionavam Justin foram incluídos, com o nome de Justin sublinhado em tinta esferográfica azul, como se a pessoa que traçara a linha estivesse fazendo uma forte declaração sobre qual parte daquele artigo era realmente importante.

Justin ficou hipnotizado pelo livro. Folheou as páginas como se estivesse em transe e, quando chegou ao fim, recomeçou a partir da primeira página. No final de sua segunda viagem pelo livro, ele olhou e percebeu que Noah estava observando-o com cuidado e provavelmente estava observando todos os seus movimentos e expressões faciais enquanto olhava para cada página.

— O que é isso? — Justin perguntou, tentando deixar seu tom neutro para manter a intensidade do efeito surreal, vendo que isso estava acontecendo com ele. Ele não queria assustar Noah ou fazê-lo pensar que ele tinha feito algo errado mostrando o livro a ele.

Como se viu, Justin não tinha nada para se preocupar. Noah estava quase explodindo para compartilhar todos os detalhes com ele.

— É o seu livro — explicou ele, em puro deleite.

— Oh — Justin respondeu em um tom leve, se esforçando para deixar Noah definir o clima da conversa. — Você sabe quem fez este livro, Noah?

— Papai que fez. Ele guardou todas as coisas especiais sobre você.

Justin assentiu lentamente, ainda incapaz de processar o que diabos aquilo significava.

— Obrigado por me mostrar isso, Noah. Eu realmente gostei. Mas eu já conheço todas essas coisas sobre mim. Você sabe o que eu realmente gostaria de ver? Eu gostaria de ver seus caminhões ou seu livro.

Noah olhou tristemente para baixo.

— Não há nenhum livro meu — ele disse, não encontrando os olhos de Justin.

— Por que não?

Noah encolheu os ombros, ainda sem olhar para ele.

— Porque é só para você, porque é para coisas especiais que você fez. Eu nunca fiz nada bom o suficiente para conseguir um livro meu.

— Eu sei que não é verdade — protestou Justin.

Noah concordou, tentando o seu melhor para ser verdade, embora Justin pudesse ver a dor.

— Eu acho que você tem que ser incrível para obter um livro inteiro sobre si mesmo. — Ele deu de ombros. — Eu sou apenas regular.

Os olhos de Justin se arregalaram.

— O quê? Você é a criança mais incrível que eu conheço.

Noah balançou a cabeça, deu o assunto por terminado, e pulou da cama para a estante de livros.

— Você quer ler um livro normal pra mim? — ele perguntou esperançoso.

— Claro — Justin concordou.

Noah voltou com uma cópia de *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, e Justin leu para ele até que seus olhos se fecharam e sua respiração ficou profunda e uniforme. Quando Justin teve certeza de que Noah estava dormindo, ele pegou o livro de recortes e desceu as escadas com ele.

Noah talvez não quisesse mais discutir o livro de recortes, mas seu pai ia, gostando ou não.



— Que diabos é isso? — Justin exigiu, jogando o álbum de recortes em Rick, que parecia inseguro sobre o que dizer em seguida. Era óbvio que ele poderia dizer que Justin estava prestes a perder a calma, mas ele não tinha ideia do porquê.

— É um álbum de recortes que eu fiz para que Noah te conhecesse — Rick disse cuidadosamente, julgando a reação de Justin. — Eu queria que ele soubesse quem era seu irmão.

— Oh, ele me conhece, tudo bem — disse Justin, sua garganta estava tão apertada que parecia que alguém estava sufocando-o. Mas não era alguém, era algo... o passado. — Ele me conhece como um ideal inatingível, um deus perfeito que ele não pode esperar alcançar.

— Do que você está falando? — Rick perguntou, franzindo a testa em confusão.

— Droga. Eu acho que tudo que você sabe fazer é foder seus filhos — Justin cuspiu sardonicamente. — É realmente tudo o que você é capaz de

fazer.

O pai de Justin balançou a cabeça lentamente para trás e para frente, tristeza e fadiga pesando sobre seus ombros enquanto falava.

— Eu sei que você não acredita nisso. Você não tem razão para acreditar em mim. Mas eu fiz o melhor que pude com Noah...

— Pare — Justin o interrompeu com raiva. — O triste é que, comigo, eu quase entendo. Você fez um trabalho de merda porque você nem estava tentando. Você era um bêbado e fez o tipo de trabalho que alguém que pensa dez vezes mais sobre de onde vem a próxima bebida do que sobre o filho faria.

“Mas então você tem Noah. E é aí que fica muito bom. — A voz de Justin gotejou sarcasmo. — Você realmente tentou ser um bom pai para ele. Você realmente se esforça. Que nova experiência deve ter sido. E o que você fez? Você acabou de estragar tudo de uma maneira totalmente nova. Você conseguiu fazer aquela criança, aquela criança incrivelmente doce, amorosa, confiante, brilhante e de grande coração, sentir que nunca se compararia a alguém que nunca conheceu, que nunca seria tão bom quanto um fantasma.”

Justin fez uma pausa por um momento. Olhando para a postura derrotada de seu pai, ele quase considerou parar. Continuar com esse tiroteio cruel era quase como chutar um cachorrinho, e Justin nunca tinha sido um homem que gostava de chutar alguém quando estava caído. Mas a pressão que crescia dentro dele tomou um impulso que, de algum modo, parecia impossível de ser detida. Ele tinha que deixar sair o sentimento final que estava queimando por dentro.

— Esse é o legado que você deixou para ambos os seus filhos, pai. — A voz de Justin agora estava calma, uniforme e incomensuravelmente triste. — A certeza de que nós, cada um a seu modo, nunca será tão importante para você como algum objeto inanimado. Algum conceito abstrato. Comigo foi bebida alcoólica. Com Noah sou eu. Você nos ensinou que não importa o quanto tentássemos, nós nunca seremos dignos do amor que você livremente doa para coisas que nem são reais. E se isso é realmente o melhor que você conseguiu fazer, é ainda mais triste. Parabéns! Você deveria ser indicado como o Pai de merda do Ano.

Justin olhou para cima de seu pai em pé na frente dele quando um movimento chamou sua atenção. Ele olhou para o topo da escada e viu o rosto pequeno e assustado de Noah espiando pelo canto.

Merda.

A coisa que ele mais odiava em sua infância caótica, mais do que a bebida em si, eram todas as violentas explosões de seu pai que o álcool havia estimulado e todos os confrontos violentos de que ele tinha feito parte. E Noah havia sido poupado — até que Justin entrou em cena. Ele tinha, em um momento de raiva, trazido hostilidade e medo para o mundo de seu irmãozinho, e isso não poderia ser desfeito agora. Seu pai não tinha feito isso. Ele tinha.

Vergonha tomou conta dele. Ele sabia que deveria subir as escadas, conversar com Noah e fazer o certo. Mas ele não tinha experiência em ficar por perto e lidar com as consequências das coisas. Ele não sabia como explicar suas ações, assumir responsabilidade.

Então ele fez a única coisa com a qual ele tinha alguma experiência. Ele se virou e saiu pela porta da frente.



Capítulo

26

Justin lentamente retornou a Mountain Ridge na extremidade da cidade, tentando deixar o ar noturno limpar seus pensamentos confusos e fazê-lo parar de se sentir como um monstro. Ele balançou a cabeça e decidiu que poderia ter ultrapassado um pouco suas expectativas em relação aos poderes mágicos do ar fresco da montanha.

Nenhuma das coisas que ele costumava fazer para redefinir seu cérebro, ou sair de um estado estranho quando tinha um problema para resolver, estava funcionando. Ele tentou andar — não estava funcionando. Ele tentou dar uma volta pela natureza — não. Ele tentou fazer uma lista mental de possíveis soluções — não ajudou em nada.

A única solução que parecia meio atraente era seu velho hábito. Sair. Desaparecer. Não dizer uma palavra a ninguém — apenas ir.

O problema não vai te seguir para um novo lugar.

Mas sua tática, a ação que o serviu bem nos últimos dez anos, estava perdendo feio para a coisa que ele realmente queria fazer — que ele realmente precisava fazer, na verdade.

O que ele precisava fazer era ver Amanda. Apenas o pensamento de ver o rosto dela o fez respirar mais fácil. Seu corpo inteiro começou a relaxar. O pensamento de segurá-la, dizer-lhe o que aconteceu, fez com que seu mundo mudasse de eixo e se endireitasse novamente. Não porque ele pensasse que ela saberia o que ele deveria fazer, mas porque só por ela saber, só de ouvi-lo o fazia sentir como se não estivesse sozinho neste mundo. Não mais.

Justin contornou os fundos da casa, subiu os degraus da varanda de trás

de Amanda e caminhou até a porta da cozinha. Era assim que ele sempre entrava em casa quando era adolescente e esse ainda era o caminho que parecia mais natural para ele.

Através dos recortes de vidro na porta, ele viu uma cena que o parou imediatamente. Amanda estava de pé à mesa da cozinha, servindo vinho e conversando com Lauren, Karina e Sam, mas ela parecia tão diferente.

Ela usava um vestido preto simples que se agarrava a cada curva de seu corpo e parava no meio da coxa. Quando os olhos de Justin viajaram pelas suas pernas nuas, ele viu que ela estava usando saltos vermelhos brilhantes. O pacote inteiro era um forte contraste com os jeans e camisetas de algodão com os quais ele mais frequentemente a via. Justin também gostava muito delas. Na verdade, ele não achava que já tivesse visto uma bunda em uma calça jeans mais sexy do que a de Amanda — era como uma obra de arte. Mas vê-la assim era algo... especial. Ela parecia tão sofisticada. Ela era o epítome de uma mulher poderosa que estava totalmente no controle. Estava mais sexy do que nunca.

Seu cabelo, que ele só vira caindo naturalmente em ondas em volta do rosto ou puxado para cima em um rabo de cavalo bagunçado, ou em duas tranças sob um boné de beisebol agora estava liso, solto pelas costas, emoldurando o rosto como uma folha de pura seda loira.

E o rosto dela, que em seu estado recém-lavado padrão era facilmente a coisa mais adorável que Justin já tinha visto, estava ainda mais marcante com a maquiagem que ela usava. As manchas de água em seus olhos de safira cintilaram, e seus lábios já exuberantes pareciam mais gordos, mais deliciosos com o batom que ela estava usando. Ela tirou o fôlego dele. Ela parecia sensual.

Ele estava tão completamente sob o feitiço de sua beleza que não pegou nenhuma de suas palavras até que o som de seu próprio nome o trouxe de volta à realidade. Ele só podia ouvir trechos, mas o que ele conseguiu ouvir partiu seu coração.

— ... não sei. Às vezes, Justin... eu... me sinto mal... eu só queria... Justin não tivesse voltado.

Agora sua respiração se foi por uma razão completamente diferente da nova aparência de Amanda. O ar saiu de seus pulmões rapidamente quando sentiu aquelas palavras atingirem seu estômago como um golpe físico.

No piloto automático, ele se virou e desceu silenciosamente os degraus da varanda. Ele se sentia entorpecido, e seu cérebro estava tendo dificuldade em

processar o que acabara de ouvir, mas sabia o que tinha que fazer. Amanda não o queria ali. Ele já tinha feito uma bagunça no mundo de seu irmão no curto tempo que passara com ele. Ele não ia cometer o mesmo erro com Amanda.

Era hora de ir. Deixar Mountain Ridge, mas não Hope Falls. Ele não desistiria de Amanda, especialmente depois da noite passada. Ela era dele, quer ela percebesse ou não. Ele iria ficar na Sue Ann até conseguir que ela visse que eles pertenciam um ao outro.

Ela havia passado por muita coisa nas últimas semanas, e se precisasse de espaço, então ele poderia dar isso a ela.



Amanda foi até o balcão para se servir de mais vinho. Conversando com as amigas sobre Justin, sobre o quanto ela o amava, e sobre o quão estúpido era pensar que ela poderia ter parado de amá-lo — sim, essa era uma conversa que exigia fortificação de uma variedade de uva fermentada, com certeza.

Enquanto servia o vinho, ela olhou pela janela e encarou uma visão que a fez congelar.

— O que...? Não. De jeito nenhum. — Ela respirou quando o copo e a garrafa de vinho escorregaram de seus dedos e caíram no chão.

— Ei, esses são sapatos caros — Lauren apontou suavemente.

— O que há de errado? — Sam perguntou.

— Isso só pode ser sobre Justin — Karina fundamentou. — Se copos e líquidos estão indo para o chão em torno de Amanda, então deve ter a ver com Justin.

Amanda estava tão concentrada no que via pela janela traseira que pisou na garrafa de vinho e correu pela porta dos fundos, mal registrando os comentários de suas amigas. O que ela viu foi Justin, mochila pendurada no ombro, se preparando para desaparecer de novo, e ela não ia deixar isso acontecer. Ele não ia simplesmente sumir de novo.

Amanda correu, o mais rápido que pôde em saltos vacilantes, pelo caminho até o barracão, tentando acalmar seu coração acelerado. Ela podia sentir suas bochechas queimando quando Justin se virou para vê-la correndo em direção a ele.

Sem dizer-lhe uma palavra para, ela colocou todo o seu poder para

empurrá-lo de volta para o barracão.

— Não. Você não vai simplesmente fazer as malas e partir sem dizer uma única palavra novamente. Isso não vai acontecer. Você não vai desaparecer de novo.

Justin olhou para ela como se ela fosse louca... Ela precisava admitir que não estava se comportando como a pessoa mais sadia do mundo. Mas esse era Justin. Ele a deixava louca. Louca de luxúria, louca de desejo, louca de amor. Então, sim, no que dizia respeito a ele, ela podia ser diagnosticada como louca.

Balançando a cabeça, seu tom era reconfortante como se estivesse falando com um animal preso:

— Eu não vou desaparecer. Eu estava indo dizer adeus.

As palavras atingiram Amanda como um tiro no plexo solar. Ela cambaleou para trás enquanto suas mãos agarravam seu estômago.

— Por quê? — Ela conseguiu sufocar a dor quente que cresceu em sua garganta.

Ele olhou para ela por vários segundos antes de explicar:

— Eu ouvi você falando com as garotas. Ouvi dizer que você desejou que eu não tivesse voltado.

Justin ficou de queixo tenso enquanto lhe contava a pequena parte da conversa que ela acabara de ter com as garotas.

Amanda sacudiu a cabeça. Ela não podia acreditar que isso estava prestes a acontecer novamente devido a outro mal-entendido.

— Não. Isso não foi o que eu quis dizer; você só ouviu uma pequena parte da conversa. Eu disse que queria que você não tivesse voltado nessas circunstâncias. Eu estava conversando com as garotas sobre como eu me sentia culpada por estar tão feliz por você estar aqui. Isso tem me feito sentir tão... mal. Eu não sinto que deveria ser feliz, não tão feliz, não agora. Não quando você só voltou porque papai se foi.

As lágrimas encheram os olhos de Amanda.

Justin deixou cair sua bolsa no chão. Ele se aproximou e puxou-a em seus braços. Ela se derreteu nele, afundando em seu abraço abrangente. As mãos de Justin percorriam as costas dela. Amanda se aconchegou mais perto dele, o topo de sua cabeça encaixando-se perfeitamente na cavidade entre o pescoço e o ombro dele enquanto os braços dela envolveram firmemente sua cintura.

— Sinto muito que esta seja a razão pela qual eu voltei. Eu gostaria de

voltar anos atrás. Se eu soubesse que você não queria que eu fosse embora, eu nunca teria partido. Eu te amo.

Quando Amanda levantou a cabeça, ela pôde sentir os olhos cheios de lágrimas, sua voz estremeceu enquanto falava. Seu coração estava partido quando ela admitiu que sabia que provavelmente lhe custaria a pessoa mais importante de seu mundo. Mas ela tinha que dizer isso.

— Eu não posso fazer isso. Não posso estar com alguém em quem não posso confiar para ficar por perto durante os tempos difíceis, muito menos por causa de um mal-entendido. Não acho que você entende o que fez comigo quando foi embora da última vez. Eu chorei sem parar por semanas. Não consegui dormir. Não conseguia comer. Pensei que ia morrer. Eu não posso passar por isso novamente. Não posso fazer isso.

Justin parecia que tinha tido a alma esmagada por suas palavras. Ele pegou o rosto dela com as mãos, os polegares roçando o queixo.

— Amanda — ele murmurou. — Eu sinto muito por ter machucado você desse jeito. Você não pode começar a entender como eu sinto muito. E você está certa, cem por cento. Mas eu não ia deixar Hope Falls. Eu ia ficar na Sue Ann até convencê-la a me aceitar de volta.

Seu coração pulou de esperança.

— Sério? — ela perguntou enquanto lágrimas caíam por suas bochechas.

É claro que ela sabia que Justin nunca mentiria para ela, mas precisava de uma segunda confirmação de qualquer maneira. Justin acenou com a cabeça quando ele passou um fio de cabelo que estava grudando na bochecha dela.

— Quando eu estava crescendo, antes de morar aqui, a única maneira que eu conhecia para sobreviver era depender de mim mesmo e de ninguém mais, nunca me apegar a nada. Eu só passei por aqueles dias sombrios dizendo a mim mesmo, acreditando, sabendo que eu iria dar o fora daqui assim que pudesse, legalmente. Mas eu não o fiz. Eu não deixei Hope Falls no meu aniversário de dezoito anos. Fiquei aqui com você. Por sua causa; você me mudou. Seu amor e aceitação me mudaram. Só fui embora porque pensei que era isso que você queria. Agora que eu sei que não, não vou a lugar algum. Eu estou aqui para ficar. Você é tudo para mim. Você é minha casa, Amanda.

Ouvir as palavras com as quais ela fantasiara ouvir mil vezes saírem dos lábios de Justin fez uma represa de emoção explodir dentro dela. Não havia como descrever o que ela estava sentindo, então, em vez de contar a Justin o quanto ele significava para ela, ela decidiu mostrar-lhe. Levantando-se nas pontas dos pés, Amanda pressionou os lábios nos de Justin e infundiu seu

beijo com a última gota de paixão, amor, aceitação, alegria, luxúria e êxtase que ricocheteou através dela com a força de um tsunami. Ela gemeu na boca de Justin enquanto suas mãos deslizavam de seu rosto para traçar as linhas de seu corpo, fazendo-a estremecer com o desejo reprimido.

Neste mesmo cômodo, dez anos atrás, ela fizera praticamente a mesma coisa e foi o começo de sua queda. Agora esse beijo, hoje, era o começo deles para sempre.



Justin precisava sentir Amanda. Pele na pele. Sem barreiras. Enterrar-se profundamente dentro dela. Ele queria apagar qualquer dor, qualquer sofrimento que causara a ela. Ele precisava desesperadamente curar o sofrimento que ela suportara por causa dele.

Agarrando o material macio de seu vestido, Justin puxou-o para cima e sobre a cabeça. Quando ele o fez, Amanda tirou os sapatos e ficou diante dele apenas de sutiã e calcinha. Seu coração bateu em seu peito e suas mãos formigaram antecipando como seria tocá-la.

— Porra, você é tão bonita. — Seus olhos percorreram cada centímetro dela em um olhar faminto.

Seus cabelos sedosos e dourados caíram em cascata, passando por seus ombros até onde os montes de seus seios se eriçaram da renda dos bojos do seu sutiã; sua boca se encheu de água ao ver os botões dos mamilos cutucando o delicado tecido transparente. Seus olhos percorreram ainda mais a extensão cremosa de sua barriga trêmula, que se fundiu no cócs escalopado de sua calcinha rendada.

Um gemido primal arrancou do peito de Justin quando ele agarrou sua cintura e a puxou contra ele. Um suspiro escapou quando ele a apoiou contra a parede e começou a beijar a pele macia e flexível de sua garganta nua. Enquanto a boca dele viajou ao longo da linha lisa do pescoço dela, um fogo de excitação rugiu com urgência por ele, que mal registrou os dedos de Amanda mexendo nos botões de sua camisa xadrez e puxando-a com força. Uma vez livre de sua camisa, ele registrou o toque erótico dos dedos dela enquanto se moviam sobre seu peito forte. Quando ela colocou os lábios contra o pescoço dele e começou a sugar a pele sensível ali, ele assobiou através dos dentes enquanto sua ereção pulsava dolorosamente.

A sensação da boca molhada na base de seu pescoço acendeu o calor correndo em suas veias a níveis abrasadores. Justin dobrou seus esforços enquanto sua boca trabalhava até o colo de Amanda. Quando seus lábios alcançaram o topo de seus seios, ele colocou um rastro de pequenos beijos doces ao longo da borda, onde a pele encontrou o tecido e ele foi recompensado com o som de um suspiro suave escapando de seus lábios.

Levando as mãos para cima, ele segurou seus montículos cobertos de renda em sua palma quente. Quando seus seios endurecidos se esfregaram contra sua mão, implorando por atenção, ele começou a beliscar o mamilo com o polegar e o indicador. Com seu toque insistente, as costas de Amanda arquearam e ela enfiou os dedos pelo cabelo dele, segurando-o exatamente onde o queria, como se implorasse para que ele a tomasse... com força.

Ver seu pedido provocador fez com que cada célula em seu corpo exigisse que ele pulasse parte das preliminares, a despisse e dirigisse para dentro de seu calor úmido. Por mais tentador que isso soasse, Justin resistiu ao desejo irresistível. Nem mesmo o doce e sexy pedido de Amanda poderia forçá-lo a apressar isso.

Alcançando atrás dela, ele desabotoou sem esforço seu sutiã, deslizando-o por cima dos braços dela e lançando-o longe. Olhando para baixo, Justin bebeu a visão de seus seios nus. Estudando cada centímetro de sua pele pálida e translúcida, sua auréola rosa-clara e os botões rosados e escuros de seus mamilos erguendo-se, duros, dos centros daqueles lindos círculos.

A respiração de Amanda se aprofundou sob o calor de seu olhar, e ele viu a pele de seu peito e ombros começar a se encher com excitação ainda mais profunda. Suavemente, seus dedos delinearam o círculo de seus seios antes de suas grandes mãos começarem a apertá-los. Ele sentiu seus picos agitados pressionando suas palmas com uma necessidade urgente quando se inclinou para beijá-la enquanto os massageava, divertindo-se em sentir seu gemido e se contorcer de prazer.

Excitação disparou através dele quando ele baixou a cabeça para os seios e puxou seus mamilos duros e rosados em sua boca. Ela gemeu e se contorceu quando os lábios dele e também a língua fizeram seu trabalho. Ele segurou seus seios firmemente, um em cada palma. Enquanto prestava atenção em cada um, apertava um dos mamilos, tornando-o ainda mais sensível, sacudindo-o com a ponta dura da língua e, finalmente, levou-o à boca para sugar e morder. Ele se moveu entre eles, girando para frente e para trás até que ela estivesse gemendo, se contorcendo e implorando para que ele

mudasse as coisas.

Quando ele não o fez, sentiu o leve toque de Amanda em sua cintura, trabalhando no primeiro botão de sua calça. Quando seus dedos soltaram sua ereção, botão por botão, seu corpo se apertou com necessidade ao pensar em sentir-se sendo tomado por suas mãos e sua boca.

Ele sentiu a mão dela deslizar dentro de seu jeans agora desabotoado e libertar seu membro extremamente rígido. Prazer bateu nele enquanto seus dedos se fechavam gentilmente, mas com firmeza, ao redor de seu membro latejante. Colocando as mãos em ambos os lados do corpo de Amanda, ele se firmou contra a parede.

O olhar de Amanda estava em sua mão segurando-o com firmeza, mas sem se mover, respirando rapidamente no ritmo da respiração de Justin. Então, espiando por baixo de um manto de cílios grossos, ela olhou para ele enquanto baixava até os joelhos. Com os olhos intensamente trancados, Amanda começou a deslizar a mão lenta e suavemente para cima e para baixo em sua ereção latejante, deixando-o louco de tormento sensual.

Uma imprecação saiu de seus lábios quando ela se inclinou para frente e apertou os lábios contra sua cabeça inchada em um beijo suave. Justin não tinha certeza de quanto mais ele poderia lidar quando ela os separou e puxou-o para a sucção molhada de sua boca. Sua língua lambeu sedutoramente sua carne ingurgitada e seus lábios selaram firmemente ao redor dele enquanto movia sua boca para cima e para baixo em sua ereção latejante, aprofundando a pressão a cada movimento.

Finalmente, ele não aguentou mais. Ele a levantou e suas mãos deslizaram por sua cintura e agarraram o cócs da calcinha, puxando-a para baixo em um movimento suave. Ela se juntou ao sutiã, ficando jogados no canto, esquecidos e desnecessários.

Justin tirou os sapatos no mesmo momento em que Amanda conseguiu puxar o jeans, e ele deslizou sua calça e cueca juntos. Depois de rapidamente cuidar de levantá-la facilmente, de forma protetora, ele deu dois passos e a colocou na cama. Ela separou as pernas quando agarrou seu comprimento duro como pedra para guiá-lo em direção à sua abertura.

— Você está pronta? — ele perguntou sem fôlego.

— Estou mais do que pronta — ela gemeu. — Eu preciso de você dentro de mim. Agora.

Ele sorriu maliciosamente.

— Bem, isso é muito ruim — ele brincou. — Você só vai ter que esperar

um pouco mais.

Ele queria saboreá-la novamente. A noite passada não tinha sido perto do suficiente. Justin sabia que nunca se cansaria de Amanda.

Ele começou a beijar languidamente e lambe o estômago dela. Sua língua arrastou círculos quentes e redemoinhos enquanto ele trabalhava para baixo, tomando seu tempo. Ele escovou levemente as pontas dos dedos para cima e para baixo de seus lados enquanto beijava sua barriga, sentindo seus músculos vibrarem sob seu toque sussurrante. Ele também os deixou serpentear através de seus seios, passando pequenos arabescos em sua carne tenra que espelhava aqueles que ele estava fazendo com a língua enquanto se movia mais abaixo em seu torso.

Ele ergueu a cabeça e gentilmente afastou os joelhos dela, expondo sua carne mais tenra, que latejava e brilhava com a excitação. Ele levou um momento para beber com os olhos e apreciar como seu olhar a fez se contorcer com prazer ainda mais intenso.

Abaixando a cabeça para a parte interna da coxa, ele plantou pequenos e gentis beijos lá, levando-a até o centro dela, mas nunca chegando. Quando ele fez isso, voltou a tocar seus dedos levemente sobre a superfície de seus seios, que estavam arfando com ela de forma profunda e rápida. Seu polegar inadvertidamente roçou um de seus mamilos sensibilizados, e um grito saiu de sua garganta.

Ela desesperadamente apertou as mãos sobre as dele e as moveu para os seios, pressionando com força. Os quadris dela empurraram contra a sua boca, e ele decidiu que a torturara por tempo suficiente. Sua boca desceu sobre ela, cobrindo-a completamente. Ele começou a sugar e lambe seu botão sensível, fazendo-a gemer. Ao estimulá-la com a língua, sentiu os mamilos endurecerem ainda mais sob as palmas das mãos.

Para prolongar o êxtase, Justin fez pequenas pausas de sua atenção para seu clitóris, movendo a língua para baixo para lançar-se para dentro e para fora de sua abertura lisa.

Amanda gemeu quando apertou os quadris contra sua boca. Sua mão cavou no colchão, apertando-o com força.

Então, quando seus braços e pernas caíram fracos, satisfeitos com a conclusão, Justin olhou para o corpo dela, passando pela magnífica paisagem de seus seios, com mamilos duros, diretamente para seu rosto corado e seus olhos.

— Eu quero você. Agora — Amanda falou sem a urgência desesperada

que havia preenchido sua voz antes, mas seu comando não era menos forte.

Ele levantou-se de volta acima dela para que seus corpos se encaixassem perfeitamente. Inclinando-se, ele a beijou enquanto empurrava para dentro, sua língua penetrando sua boca no mesmo instante em que ele penetrou seu corpo.

Ela moveu as pernas de seda ao redor de sua cintura e começou a girar seus quadris no ritmo dele, um ritmo que começava devagar. Ele passou os braços ao redor dela, puxando seu corpo apertado para o comprimento do seu enquanto se movia dentro dela, sentindo a intensidade de sua conexão por todo o caminho até sua alma.



A cabeça de Amanda se moveu quando ela sentiu as investidas duras de Justin crescerem mais rápido e mais insistentes, sentindo o ritmo se aproximando de um poderoso clímax. Ela desenredou as pernas ao redor de sua cintura e colocou os calcanhares no colchão, angulando os quadris para que ele pudesse penetrá-la ainda mais.

Ela sentiu as mãos fortes dele agarrarem sua cintura quando fez isso, seus dedos cavando na deliciosa carne de sua bunda, puxando-o para ela ainda mais forte a cada vez que ele mergulhava nela.

Amanda observou o rosto e o corpo dele enquanto ele se dirigia para dentro dela novamente e quando ela podia dizer que ele estava a meros segundos de perder o controle, ela mudou o ângulo de seus quadris para que, a cada golpe, a ponta de seu pênis fosse estimulada. Seu centro de prazer interno.

Com meia dúzia de golpes nessa posição, sentiu-se começar o orgasmo. Seu corpo se contraiu ao redor dele, apertando-o ainda mais, e ela chamou seu nome em êxtase.

Ela sentiu o corpo dele apertar quando encontrou sua liberação.

Por longos momentos depois do clímax simultâneo e estremecido de Justin e Amanda, eles simplesmente se deitaram juntos, braços e pernas entrelaçados, pele brilhante exposta ao ar e secando lentamente.

Justin rolou de costas, puxando Amanda por cima dele enquanto gentilmente acariciava seus cabelos sedosos ao passo que eles respiravam juntos; seus batimentos cardíacos diminuíram e a névoa induzida pela paixão

se dissipou, ao mesmo tempo em que suas mentes gradualmente voltavam à terra.

Ele moveu seus lábios contra o ouvido dela.

— Eu te amo — ele murmurou. — Eu te amo tanto que às vezes sinto que mal posso respirar.

Amanda virou o rosto radiante para o dele.

— Eu te amo tanto — ela respondeu sem fôlego. — Eu te amo tanto que às vezes é tudo que posso fazer para não apenas deixar escapar quando estamos juntos. Parece uma parte de mim, tanto quanto respirar. Houve momentos em que eu realmente tive que morder a língua, e não deixar as palavras “eu te amo” escaparem. Tipo, oh, adivinha? O céu é azul. A chuva é molhada. Eu te amo. Apenas... tipo... listando fatos que eu sei sobre o jeito que as coisas são.

Justin riu e beijou sua testa.

— Você é tão fofa. Você pode deixar escapar a qualquer momento.

Amanda sorriu e deitou a cabeça no peito dele.

— Eu te amo, Justin — ela sussurrou enquanto traçava padrões com as pontas dos dedos sobre o peito dele.

Foi quando ela viu um pedaço de papel — um pedaço de papel muito familiar — pousado no chão no meio do barracão.

Era o velho bilhete, o que tinha vivido debaixo do travesseiro dela por dez anos, aquele que Justin deixou para ela na noite em que saiu de sua vida. Aquele que dizia: “Amanda. Esqueça de mim. Justin.” Ela presumiu que Lauren o tivesse queimado depois que ela desmaiou naquela noite bêbada e inebriante do jogo de Verdade ou Desafio.

Ela se sentou na cama e se inclinou para pegá-lo. Sim, definitivamente era o seu antigo bilhete. Com uma diferença significativa; em maiúsculas grandes e pesadas, imediatamente antes das palavras “Esqueça de mim”, Justin rabiscou a palavra “NUNCA”.

— Onde você... — Amanda olhou para cima, as sobrancelhas franzidas.

Quando ele se sentou, suas pernas longas e musculosas se debruçaram sobre o lado da cama e ele abriu a gaveta do criado-mudo.

— Encontrei isso na sua mão depois da reunião do seu clube do livro. Eu nunca quis que você lesse aquelas palavras novamente.

Amanda sentiu lágrimas, mais uma vez, formando-se em seus olhos.

— Eu planejei devolvê-lo quando eu também devolvesse isso.

Justin estendeu a mão e Amanda não acreditou no que viu. Colocada no

meio de sua grande palma estava uma delicada corrente de prata que parecia exatamente com a tornozeleira que ele tinha dado a ela como presente de Natal durante o último feriado que passara em Hope Falls. A tornozeleira que ela tragicamente perdeu e da qual sempre sentiu falta.

Seus dedos tremiam quando ela chegou e puxou-a da mão dele. Enquanto ela estudava, ela não podia acreditar como era semelhante ao original.

— Parece exatamente com a que você me deu...

— É a que eu te dei — interrompeu Justin.

— O quê? — Amanda achou que ela deveria ter ouvido mal ou talvez estivesse sofrendo de delírios pós-sexo.

— Eu encontrei no caminho na noite em que parti. Deve ter quebrado e caído do seu tornozelo quando você saiu correndo daqui. Como eu pensei que era você que queria que eu fosse embora, eu não achei que iria querer nenhum lembrete de mim. Então, eu peguei.

Amanda jogou os braços ao redor do pescoço de Justin e segurou-o com força. Seus braços a envolveram e Amanda soube que todos os avisos que as pessoas haviam lhe dado ao longo dos anos, sobre idealizar Justin como um homem perfeito inatingível que ele nunca poderia ser, estavam certos... ele era ainda melhor.



Capítulo

27

Quando o amanhecer surgiu no horizonte, Justin ouviu uma batida na porta da cabine do alojamento. Levantando-se da cama de maneira grogue, ele esfregou os olhos imaginando quem apareceria em sua porta tão cedo. Apenas uma possibilidade surgiu em sua mente. Amanda. Ela voltou para a casa para tomar banho e se preparar uma hora atrás, e ele deveria encontrá-la lá no café da manhã. Ela devia ter outros planos. Ele sorriu largamente.

— De volta para mais? — ele brincou enquanto abria a porta com expectativa.

— Mais o quê? — perguntou Lauren secamente.

Na varanda do alojamento estavam Lauren e Henry. O sorriso desapareceu do rosto dele. Ele sabia que eles só poderiam estar ali, especialmente àquela hora, porque tinham notícias sobre a auditoria — não oficial — dos registros financeiros da Mountain Ridge Outdoor Adventures.

Justin abriu a porta para que eles pudessem entrar, olhando para a casa principal. Ele não queria que Amanda descobrisse sobre essa possível situação antes que tivessem alguma evidência sólida.

Os três sentaram-se nos mesmos espaços que tinham usado alguns dias atrás, quando Henry e Lauren foram até Justin para compartilhar suas preocupações e obter permissão para ler os livros.

Recostado na cadeira, Justin passou os dedos pelos cabelos.

— O que vocês acharam?

Lauren sacudiu a cabeça.

— Nada a relatar — ela respondeu, soando mais do que um pouco

decepcionada. — Tanto quanto eu posso dizer, os livros estão limpos. Henry concorda. Se você ou Manda se depararem com algo diferente em uma data posterior, podemos contratar um contador forense que passe por tudo isso com um pente fino em um nível muito mais detalhado do que Henry ou eu estamos obviamente qualificados para fazer. Mas a partir de agora, tanto quanto posso determinar, não há nada fora do lugar.

Henry assentiu concordando.

— Eu acho que é uma coisa boa, certo? — Justin não tinha certeza do porquê, mas não parecia uma coisa boa.

Henry assentiu novamente.

— Ah, claro, claro. É ótimo.

Lauren franziu o cenho.

— Eu sei que há algo acontecendo com Trent. Eu posso sentir isso em meus ossos, e eu simplesmente não consigo descobrir o que é.

Justin sabia exatamente como Lauren se sentia, mas tentou olhar pelo lado positivo. — Bem, isso importa neste momento? Ele se foi. Amanda não quer nada com ele.

— Oh, isso importa — Lauren disse animadamente. — Ninguém tira proveito de uma das minhas melhores amigas e sai impune.

Lauren se levantou para sair e olhou com expectativa para Henry. Henry se levantou e deu um tapinha no ombro dela.

— Querida, por que você não vai na frente? Eu tenho outra coisa que preciso falar com o Justin.

Lauren parecia desconfiada, mas concordou hesitante.

— Certo. Eu te vejo em casa. — E saiu pela porta.

Henry sentou-se novamente em frente a Justin e olhou para ele com dificuldade por alguns momentos.

— Filho, eu vou trazer algo aqui que definitivamente não é da minha conta. Mas quando se chega à minha idade, você começa a perceber que muitos problemas no mundo, especialmente em comunidades e famílias, podem acontecer porque as pessoas têm medo de dizer coisas que não são da sua conta. Então eu vou falar.

Justin não tinha certeza se ele gostava de onde isso estava indo.

— Ok... então eu estou supondo que isso não é sobre o negócio ou Trent.

Henry sacudiu a cabeça.

— Não, filho. Isso é sobre o seu pai.

O rosto de Justin endureceu e ele começou a ficar de pé. Este não era um

assunto que estava aberto para discussão.

Henry colocou as mãos na frente dele em um gesto de rendição.

— Espere. Como eu disse, sei que não é da minha conta, e não espero que você necessariamente ouça o que tenho a dizer com uma mente e coração completamente abertos. Tudo que eu peço é que você tome o que eu digo no espírito que é intencional, que é amor e compreensão, e não o exclua completamente antes mesmo de ouvir o que eu quero lhe dizer. Você pode fazer isso?

O queixo de Justin ficou tenso, mas ele sabia que Henry era um bom homem que só queria o que era melhor para as pessoas. Ele sempre esteve lá para Parker e Amanda, e embora o primeiro instinto de Justin fosse mostrar a ele a porta, ele voltou a se sentar.

Quando o fez, Henry assentiu e soltou um suspiro aliviado. Então, inclinando-se para frente, ele perguntou sinceramente:

— Filho, o quanto você sabe sobre o seu avô?

A pergunta pegou Justin desprevenido. De todas as coisas que ele poderia ter previsto saírem da boca de Henry em seguida, isso certamente nunca teria feito parte da lista de Justin.

Justin sacudiu a cabeça.

— Nada — disse ele. — Eu nem sabia que tinha um. Quero dizer, claro que, biologicamente, sabia que tive um ou dois, eu acho. Mas eu nunca ouvi nada sobre nenhum deles.

Henry balançou a cabeça e bufou com desprezo.

— Bem, isso não me surpreende. Tom Barnes era o pior filho da puta em trezentos quilômetros. Parker e eu éramos crianças na mesma época em que seu pai era, você sabe. E morríamos de medo de Tom Barnes. A maioria das pessoas morria, e não apenas crianças. Ele era mau como uma cobra e sua mordida era tão venenosa. Ele era um bêbado e ele era um bêbado terrível e cruel.

Justin sentiu o peito apertar.

— Por que meu pai nunca mencionou isso para mim?

Henry sacudiu a cabeça.

— Eu não posso responder por ele, filho. Mas imagino que ele tenha se envergonhado. Além disso, pode ter sido um pouco difícil para ele falar. Seu pai estava bebendo a maior parte da sua infância, e eu sei que você foi praticamente negligenciado, e às vezes pior. Eu não quero menosprezar o que você passou, Justin. Acredite em mim. Mas, por favor, me ouça quando digo

que seu pai não era nada no departamento de “pais terríveis” comparado ao seu avô.

“Um dia, quando eu estava no mercado com minha mãe, viramos a esquina em torno de um beco e vimos Tom gritando com Ricky na frente da loja. Então Tom estendeu a mão para dar um tapa nele, e a mão de Ricky naturalmente se levantou para proteger seu rosto. Bem, isso foi tudo o que precisou para detonar o velho Tom. Ele ficou instantaneamente enfurecido.

“Ele gritou: ‘Rapaz, eu já falei sobre colocar sua mão para cima quando eu estou disciplinando você!’ E então ele agarrou seu pai pela parte de trás da cabeça e apenas enfiou a testa dele na parede. Foi difícil também. Minha mãe e eu podíamos ouvir o crack. Então, quando Ricky começou a chorar, ele fez de novo, e seu pai simplesmente caiu no chão. Foi quando Tom viu que Rick se molhou. Se foi por dor ou medo ou uma combinação de ambos, não sei.

“Então Tom o pegou pelo colarinho e o jogou na neve. Era o fim do inverno, dezembro ou janeiro. Ele o chamou de maricas e o fez voltar para casa, três quilômetros, na neve, com as calças sujas.”

Justin sentiu as lágrimas pinicando seus olhos. Lágrimas pelo pai dele? Ele achava que não tinha compaixão por Rick Barnes, não havia bondade em seu coração para o homem que tornara sua infância tão infeliz.

Henry suspirou com a lembrança antiga.

— Eu olhei para minha mãe e comecei a dizer alguma coisa, mas ela simplesmente me cortou. “É assunto deles, Henry. Não é nosso.” Ela nos apressou a sair dali. Aqueles eram tempos diferentes, você sabe. Você não se envolvia com assuntos familiares de outras pessoas.

“Mas vou dizer a você, Justin, que dificilmente houve um dia em que Ricky Barnes não fosse à escola com uma nova contusão ou um lábio ensanguentado, e mais do que alguns ossos quebrados. Todo mundo sabia o que estava acontecendo naquela casa, e ninguém impediu.

“Por que você acha que Parker perdeu a calma quando viu seu pai bater em você no JT naquela época? Ele estava com medo de que o ciclo estivesse se perpetuando.”

Estava, Justin pensou consigo mesmo. Embora até ele pudesse ver que o abuso que sofrera nas mãos de seu pai não chegava nem perto do horror que Henry estava descrevendo.

Balançando a cabeça, Henry se levantou.

— Eu não o estou defendendo, Justin. A maneira como você foi criado não era como qualquer criança deveria crescer. Não estou tentando dizer que

seu pai fez o certo com você. Longe disso. E eu sei que ele colocou as mãos em você quando não deveria. Só estou dizendo que talvez — apenas talvez — você poderia considerar a possibilidade de que ele fez o melhor que sabia e como agora, com Noah, ele está fazendo o melhor que sabe de novo. Não é perfeito. Nunca vai ser. Mas pense em até que ponto ele agiu com você do jeito que ele foi tratado enquanto crescia e o quão longe ele está agora com Noah do que ele foi capaz de fazer com você.

“Eu sei uma coisa. Pessoas que foram criadas como seu pai foi... Esse tipo de progresso não é fácil. É difícil de vencer. Para fazer o tipo de melhorias que ele fez, ele teve que lutar por todas as vitórias, com unhas e dentes. — Henry suspirou. — Eu não sei, filho. Talvez você nunca seja capaz de perdoá-lo. Talvez suas feridas sejam profundas demais. Só você pode dizer isso com certeza. Mas eu apenas pensei que essa era uma informação que você deveria ter.”

E com isso, ele se levantou, deu um tapinha no ombro de Justin e saiu pela porta da frente do alojamento e subiu em direção à casa principal. Enquanto o observava se afastar pelo caminho, ele fez algo que o surpreendeu mesmo quando se sentiu fazendo isso. Ele pegou o celular e discou o número que memorizara há mais de vinte anos no primeiro dia de aula, esperando que ainda fosse o número de sua casa de infância.

Quando ele ouviu a voz de seu pai atender o telefone, ele disse:

— Pai? É o Justin. Precisamos conversar. — E ele percebeu, quando ouviu a gratidão que tingiu a voz de seu pai quando ele concordou em se encontrar, que essa era a primeira troca que ele teve com seu pai desde que voltou para a cidade que não era colorida por raiva.

Ele não se sentia mais zangado. Ele ainda sentia tristeza, ainda sentia decepção e sabia que havia um longo caminho a percorrer antes que ele e seu pai pudessem ter quaisquer interações que Justin classificaria como positivas. Mas a raiva? Isso tinha ido embora.

Não era tudo, mas era um passo na direção certa.



Capítulo

28

Amanda olhou em volta da sala de estar e se deparou com uma visão que aqueceu seu coração: todos que ela amava reuniam-se em um cômodo. Henry estava ali, Justin estava ali e, claro, o resto do Quarteto Fabuloso — Karina, Lauren e Sam — estava ali.

Eles estavam todos juntos, em uma mudança impressionante de ritmo em comparação com eventos recentes, para celebrar uma ocasião alegre desta vez — o aniversário de Amanda.

Ela mal podia acreditar o quanto sua vida havia mudado no último mês. Sim, ela ficava maravilhada, tinha sido apenas um mês, quase no mesmo dia, desde a leitura do testamento de seu pai. O dia em que Justin voltou para sua vida.

Na semana que se passou desde que Justin havia mudado suas coisas para a casa de Amanda, oficialmente tornando-se sua casa, sua vida já tinha começado a se estabelecer em uma rotina feliz que parecia estar em vigor há anos.

Justin era um madrugador, como ela, e então ele começou a se juntar a ela em sua rotina matinal anteriormente solitária, aquela em que ela achava que nunca seria capaz de encontrar alegria novamente. Agora, eles passavam a madrugada tomando café no balanço da varanda, aconchegando-se nos braços um do outro e enrolados na manta de sua mãe, enquanto observavam o mundo se animar todos os dias. Desta forma, assim como de tantas outras, Justin estava trazendo alegria de volta para partes de sua vida que ela achava que tinham ido embora para sempre.

E, ela pensou com um leve rubor aquecendo seu rosto, esta não era a

única nova “rotina matinal” que eles estabeleceram. Justin era um madrugador em mais de uma maneira.

Seus dias estavam cheios de trabalho frenético no Mountain Ridge Outdoor Adventures enquanto eles e a equipe trabalhavam em conjunto para preparar o parque para o primeiro dia da temporada de inverno, a apenas duas semanas de distância. Eles estavam adiantados, e Amanda estava começando a sentir como se tudo estivesse bem. Ela sabia que, todos os dias pelo resto da vida, sentiria falta do pai, da voz, dos abraços e do riso. Mas ela finalmente se sentia confiante de que ela e Justin poderiam manter seu legado em Mountain Ridge.

A campainha tocou, assustando-a de seu devaneio.

— Quem é? Quem mais está vindo? — ela perguntou a Justin.

— Convidei meu pai e Noah. — Ele sorriu.

Ela sorriu de volta. Ela adorava vê-lo se iluminar do jeito que fazia quando falava sobre Noah, e agora ela teria uma oportunidade, sua primeira oportunidade, de vê-los na companhia um do outro. Ela não podia esperar.

Justin abriu a porta da frente e conduziu seu pai e um Noah muito animado.

Justin se ajoelhou na frente do garoto, sorrindo largamente.

— Ei, amigo — disse ele, dando um grande abraço em Noah e um high-five, em seguida, levantando-se e apontando para Amanda. — Venha até aqui, eu quero que você conheça uma amiga minha — disse Justin enquanto se voltava para Amanda. — Noah, esta é Amanda, Amanda, este é Noah.

— Eu a conheço! — Noah exclamou animadamente, olhando para Justin. — Ela veio na minha escola. Ela falou sobre dicas de segurança para caminhadas.

Amanda sorriu.

— Isso mesmo, eu falei. Uau. Isso foi no ano passado. Você deve ser muito inteligente para se lembrar disso. Estou impressionada.

Noah parecia orgulhoso, e Rick e Justin sorriram para ele, embora Amanda notasse que eles não se olhavam.

Amanda sorriu para Noah.

— Ei, Noah, você quer entrar na cozinha comigo e pegar um refrigerante? Acho que temos cinco ou seis tipos.

— Sim! — Noah respondeu, lançando seu punho no ar enquanto se dirigiam para a cozinha.



Justin não pôde deixar de sorrir enquanto observava seu irmão lançar seu punho no ar enquanto caminhava ao lado de Amanda.

Ele sentiu o pai se virar para ele. Justin olhou e viu que ele estava lutando para fazer contato visual.

— Obrigado por me convidar — disse Rick hesitante. — Você poderia ter me pedido para deixar o Noah. Eu realmente gostei disso.

— Eu quero você aqui, pai. — Justin disse sinceramente. — Eu quero que nos conheçamos.

Rick olhou para Justin no rosto, aliviado e esperançoso.

— Eu gostaria disso, Justin. Eu realmente gostaria disso.

Justin assentiu.

— Eu não posso prometer um começo do zero. Eu ainda estou tentando lidar com as coisas. Mas eu quero você na minha vida. Esse é o meu objetivo. Justo?

Rick Barnes assentiu, mas não respondeu. Justin ficou surpreso ao ver que era porque ele estava muito sufocado para falar. O pai que Justin conhecia quando criança não era o tipo de cara que se emocionava. Talvez ele realmente estivesse mudando.

Justin colocou o braço em volta dos ombros do pai.

—Vamos nos juntar à festa — ele disse e levou o pai até a sala de estar, enquanto Amanda e Noah, de refrigerante na mão, se juntavam a eles na cozinha.

— Puta merda! — Lauren exclamou enquanto olhava para o celular. Então, timidamente olhando para Noah, ela acrescentou: — Desculpe, Noah. Eu não vi você entrar.

Noah olhou para ela e sorriu.

— Está bem. Você é adulta. Você pode dizer isso e nem precisa colocar dinheiro no pote que vai pagar pela minha faculdade

Justin olhou para Rick, que deu de ombros.

— Eu comecei um jarro de palavrão em casa, vai para a sua faculdade. “Merda” e “cacete” me custam um dólar. “Porra” me custa cinco.

Antes que Justin pudesse processar que o homem que o criou tinha uma jarra de palavrão e estava planejando o futuro de seu filho, a atenção de Lauren voltou ao seu telefone e sua mão voou sobre sua boca.

— O que há de errado? — Amanda perguntou, indo para o lado de sua

amiga.

Virando-se para Amanda, Lauren começou:

— Ok, olhe. Eu não acho que seja um segredo que eu não tenha gostado de Trent desde o momento em que o conheci. Ele estava tão obcecado com a venda do Ridge Mountain. Não fazia sentido. Como Henry disse, ele nem sequer tinha um cavalo naquela corrida. Nunca deveria ter importado muito para ele.

“Então Henry e eu vasculhamos os livros do Mountain Ridge, mas não conseguimos encontrar nada de errado. E a princípio, depois de chegar de mãos vazias, fiquei desapontada. Um pouco deprimida, mesmo. Mas eu sabia que não podia deixar passar.

— Foi a minha própria situação, curiosamente, que me deu a ideia de como proceder. Consegui acertar o placar com meu garoto propaganda de assédio sexual, porque estava perto o suficiente dele para saber alguns segredos. Eu conhecia seus pontos fracos. Eu sabia onde ele se deixou vulnerável. Então comecei a pensar: Quem conhece Trent bem o suficiente para saber em que tipo de negócios obscuros ele está envolvido? Quem pode expor seu ventre obscuro?

“Então pedi ao meu advogado que fizesse uma verificação dele, verificação de antecedentes, finanças, a coisa toda. E ele encontrou alguém que sabia onde os corpos estão enterrados, por assim dizer. O nome dela é Helen. — Lauren fez uma pausa dramática. — A esposa dele.”

Houve um suspiro audível na sala.

— Oh, sim — Lauren continuou com os olhos arregalados. — Ele está casado há quase dez anos. Ele tem dois meninos na escola particular em Boston. O que ele também descobriu é uma pequena operação de esquema de pirâmide que está prestes a desmoronar.

“Acontece que ela conhecia alguns segredos. Claro, a única coisa sobre a qual ela não sabia nada era o relacionamento dele com você. Ela ficou muito zangada quando expliquei essa parte.

“O que nós juntamos foi que ele viu a morte de Parker como o evento mais fortuito que poderia ter acontecido com ele. Ele sabia que Parker não tinha dívidas no resort. Uma venda renderia milhões de dólares em lucro puro. Seu plano era convencê-la a vender e depois, de alguma forma, roubar o dinheiro de você, apoiando assim seu esquema Ponzi e ajudando-o a evitar a detecção por pelo menos mais um tempo.”

— Oh... meu... Deus — Amanda respirou.

Justin deu um passo ao lado dela e colocou o braço em volta da cintura dela, puxando-a contra o seu lado.

— O resultado disso é que ele acaba de ser preso. — Lauren virou o telefone, que exibia uma foto de Trent, e mostrou para o cômodo como um todo.

— Por policiais reais? — Veio a pequena voz de Noah do meio da sala.

— Sim — confirmou Lauren.

— Uau, isso é tão legal — Noah disse, admiração em sua voz.

— Eu estou com você, garoto — disse Karina quando ela estendeu a mão e deu ao irmão de Justin um high-five. — Essa foi praticamente a coisa mais legal de todas.

Amanda olhou para Justin, seus olhos azuis brilhando para ele em descrença.

— Isso é muito bizarro — disse ela. — Eu não consigo entender nada disso. Ele é casado. Ele tem filhos. Eu era uma amante. Olhe para mim. Eu pareço com o tipo de pessoa que seria uma amante?

Justin beijou o topo de sua cabeça.

— Você não era. Você não tinha ideia no que estava se metendo. Você era apenas mais uma das vítimas dele.

Ela riu trêmula.

— Okay. Acho que você está certo.

Noah correu e caiu no sofá ao lado de Justin.

— Esta é a melhor festa em que eu já estive! — Ele se entusiasmou. — Vai ter bolo?



Capítulo

29

O ar estava fresco e silencioso cerca de uma hora depois, quando Justin e Noah deram uma volta pela floresta. Na verdade, para Justin, parecia ainda mais silencioso que o normal. Nenhum chilrear dos pássaros. Nenhum vento sussurrando. Apenas o grito de seus próprios pensamentos em sua cabeça.

Ele disse a Noah que queria passear com ele para que pudessem conversar sobre o que Noah havia testemunhado em sua casa na outra noite, mas agora que eles estavam aqui, Justin não conseguia encontrar as palavras.

Ele sabia que tinha que começar a conversa.

Eu posso fazer isso, Justin disse a si mesmo, se eu puder descobrir o caminho certo para começar. As primeiras palavras perfeitas. Uma piada, talvez, para quebrar o gelo. Ou alguma conversa sobre o tempo. Esse é sempre um bom território neutro. Crianças de seis anos respondem a conversa de elevador?

— Então, sim, este é um bom tempo que estamos tendo, hein? Quente para esta época do ano — Justin tentou.

Noah olhou para ele perplexo.

Ok, Justin pensou, então isso é um não sobre a conversa sobre o clima, então. Hora de começar a pensar em uma piada.

Mas seu dilema foi interrompido quando Noah agarrou sua mão desesperadamente e parou de andar.

— Sinto muito — Noah fungou, e quando Justin olhou para ele, ele ficou chocado ao ver as lágrimas escorrendo pelo rosto de Noah.

— Você sente muito? — Justin conseguiu perguntar através de seu

choque.

— Você ficou bravo com papai porque eu te deixei bravo — Noah continuou com as lágrimas. — Eu sinto muito por ter te deixado zangado.

— Não, você não me deixou com raiva. Aqui. Vamos nos sentar. — Justin gesticulou para um tronco caído, e os dois se acomodaram nele. — É o seguinte — Justin sinceramente disse ao seu irmão mais novo. — Às vezes os adultos ficam bravos uns com os outros. As crianças também, certo? Você briga com seus amigos às vezes?

Noah assentiu pensativamente e continuou a ouvir.

— Bem, é o mesmo com adultos. Eu estava brigando com seu pai, quero dizer, nosso pai... — Justin respirou fundo. — Eu estava brigando com o papai por causa de coisas que aconteceram há muito tempo, antes mesmo de você nascer. Não foi por sua causa. Você não me deixou com raiva. Você nunca poderia me deixar com raiva.

Noah olhou para o chão.

— Mas eu ouvi você gritando com ele sobre mim.

Justin suspirou.

— Isso é verdade. Parte do motivo de eu estar com raiva do papai tinha a ver com você, mas não porque você me deixou com raiva. Foi porque eu senti que papai não estava sendo justo com você falando de mim o tempo todo. Eu senti que ele estava machucando seus sentimentos ou fazendo você se sentir como se não fosse tão importante para ele quanto eu. E isso não está certo, então isso me deixou louco, e eu gritei com ele. Mas isso não era a coisa certa a fazer. Eu deveria ter falado sobre isso com calma. E eu certamente nunca quis que você ouvisse.

“Você é um ótimo garoto, Noah. E eu te amo. Você é meu irmão. Então, se eu sinto que alguém está te machucando, mesmo que seja papai, isso me deixa realmente muito bravo.”

O rosto de Noah registrou espanto.

— Mas você é o melhor. Você é como um super-herói. Você é o melhor em tudo. É por isso que papai fala de você. Eu sou apenas uma criança normal. Eu sou bom em esportes e coisas assim, mas não como você.

Justin sacudiu a cabeça.

— Isso não é verdade. Você é o garoto mais legal de todos os tempos. Você é tão bom quanto eu, e de muitas maneiras, você é muito melhor.

Noah pareceu incrédulo.

Justin assentiu.

— É sério. Na verdade, só hoje você me ensinou como fazer algo que eu tenho lutado para ser bom em toda a minha vida.

A expressão de Noah passou de incrédula a incrédula.

— Estou falando sério — insistiu Justin. — Eu estava andando aqui com você, tentando descobrir como começar a falar com você, como explicar o que eu estava sentindo e, acima de tudo, como lhe dizer que lamento pela outra noite. Mas eu não conseguia dizer as palavras. Não consegui descobrir o jeito certo de começar. Então você me mostrou como fazer isso.

O rosto de Noah se iluminou.

— Minha professora, a Sra. Rossmore, diz que, se você quiser se desculpar por alguma coisa, você deve apenas dizer à pessoa, porque ela provavelmente sente muito, mas está com vergonha de dizer. Ela disse que você deveria dar uma fruta madura para ela, mas eu acho que você deveria fazer isso mesmo que não tenha uma fruta.

Justin sorriu.

— Ela disse que você deveria ser uma pessoa madura?

Noah assentiu.

— Sim. Isso foi o que ela disse.

O sorriso de Justin cresceu mais.

— Isso não tem a ver com frutas. Isso significa que, por dentro, você é o mais ajuizado. O mais adulto. E, garoto, quando se trata de você e de mim, eu posso ser o irmão mais velho, mas você é definitivamente o mais maduro.

Noah ainda não parecia convencido.

Justin se inclinou.

— Na verdade, eu preciso da sua ajuda com uma coisa. Você acha que consegue me ajudar?

A cabeça de Noah balançou para cima e para baixo quando ele saltou animadamente e, é claro, deu um soco no ar.

— Sim! — ele gritou.



A noite estava terminando. Todos estavam sentados ao redor da sala em grupos de dois ou três, conversando e rindo. Amanda saboreou a sensação tranquila e satisfeita que acompanhava essa parte da noite. Eles jantaram,

Amanda abriu os presentes e o bolo foi cortado. Ela sorriu quando a realidade agri-doce foi absorvida, seria perfeito se seu pai pudesse estar ali, mas ela podia senti-lo presente. Sentir seu amor.

Enquanto inspecionava a área, ela viu Justin e Noah do outro lado da sala, olhando para ela e sussurrando conspiratoriamente. Ela vagou com um sorriso.

— O que vocês dois estão planejando sem mim? — Ela sorriu para eles.

— Bem — Justin começou antes de olhar em volta. Ele levantou a voz um pouco. — Se eu pudesse ter a atenção de todos... — Ele chamou, surpreendendo Amanda, que olhou em volta, confusa. Quando o resto da sala ficou quieto e olhando na direção deles, Justin sorriu. — Noah tem algo que gostaria de perguntar a Amanda.

Ela olhou para Noah, agradavelmente esperando, mas ainda um pouco intrigada.

— Sim, amiguinho? — ela perguntou.

Noah respirou fundo e disse em voz forte:

— Você seria minha cunhada?

Amanda sentiu o choque passar por ela quando compreendeu as palavras e se virou para olhar para Justin. Quando ela girou para encará-lo, ela o encontrou de joelhos, segurando um anel para ela. Lágrimas inundaram seus olhos e suas mãos voaram para sua boca para cobrir seu suspiro.

— Amanda — Justin declarou sinceramente. — Eu te amei praticamente por todo o tempo em que te conheço. Você é a mulher mais incrível que eu já conheci. Eu poderia falar sobre o quão bonita você é, mas é algo que qualquer um pode ver apenas te olhando. O que eu quero dizer é como sinto sua falta quando estamos separados por dois minutos. Quando você entra na outra sala, eu começo a contar os segundos até você voltar. Eu quero te dizer como, toda vez que você abre a boca, eu não posso esperar para ouvir o que você vai dizer em seguida. Quero contar a você como sempre que algo acontece comigo, bom, ruim ou indiferente, a primeira coisa em que penso é que quero, preciso contar para você. As maiores coisas da vida são sem sentido sem você, Amanda. Mas as menores coisas da vida têm um significado infinito com você. Eu te amo, amor. Eu quero estar com você a cada minuto de cada dia pelo resto de nossas vidas. Exatamente dez anos atrás, você foi corajosa o suficiente para se tornar vulnerável a mim, declarando seu amor. Agora, quero fazer o mesmo por você. Amanda Jacobs, você vai me dar a incrível honra de ser minha esposa?



Justin se ajoelhou com a respiração suspensa, esperando por sua resposta. Sua mão tremia quando ela segurou em direção a ele para aceitar o anel, e alívio e alegria inundaram através dele. Quando ele colocou o anel em seu dedo perfeito, ela respondeu:

— Sim. Sim. Oh, meu Deus, sim!

Ele riu como pura alegria inundando através dele. Levantando-se, tomou-a nos braços e eles se beijaram enquanto o resto da sala vibrava e aplaudia. Então ele puxou a cabeça para trás, puxou-a para si e segurou-a o mais apertado que conseguia se lembrar de segurar alguém ou qualquer coisa.

Justin riu de novo e sentiu um brilho quente e pacífico crescendo dentro dele enquanto segurava Amanda e via o brilho alegre nos olhos de seu irmãozinho. Ok, ele pensou consigo mesmo, agora eu entendo. É sobre isso que falam. É por isso que as pessoas trabalham nisso. É isso que faz valer a pena. É isso que está do outro lado.

Era melhor do que ele jamais poderia imaginar.

Fim



Sobre a Autora

Melanie Shawn é a equipe de escritoras da dupla de irmãs Melanie e Shawna. Originalmente do norte da Califórnia, ambas migraram para o sul e agora chamam o Sul da Califórnia de casa.

Ao crescer, Melanie sempre teve a cabeça em um livro e estava sempre trabalhando em contos, manuscritos, peças de teatro e poesia. Depois de se formar magna cum laude pela Pepperdine University, ela passou a dar aulas para crianças de 2 a 8 anos por cinco anos. Ela agora passa seus dias escrevendo e cuidando de seu bebê peludo, um Lhasa Apso chamado Hércules. Em seu tempo livre, sua atividade favorita é se enroscar no sofá com aquela teimosa e engraçada série de TV a cabo em DVD (de preferência pelo menos oito temporadas de duração — uma garota precisa ter seus padrões!). Shawna sempre amou romance em qualquer forma — filme, música ou literatura. Se for uma história de amor com um final feliz, Shawna tem interesse! Ela orgulhosamente reconhece que é uma *romanceaholic*. Seus dias são repletos de escrita, sendo uma esposa, mãe também árbitro de dois adolescentes, e entregando-se à sua segunda paixão (dança!) como instrutora de Zumba. No pouco tempo livre que tem, ela se junta a Melanie em DVDs e assistem a maratonas de seus programas de TV favoritos.

Elas uniram forças para criar um mundo onde Amor verdadeiro e Felizes para sempre têm sempre um toque sexy!

Você pode acompanhar todas as últimas notícias de Melanie Shawn, incluindo novos lançamentos e concursos, em:

<http://melanieshawn.com>



NOTAS

Capítulo 2

- 1 Cidade fictícia do livro e filme homônimo em que uma cidade aparece no mundo real uma vez por ano e tem sempre a mesma aparência.
- 2 Personagem certinho do seriado “Saved by the bell”

Capítulo 4

- 1 Cidade fictícia de um programa de TV sem elementos de cidade grande e maioria branca.

Capítulo 8

- 1 Personagem do conto homônimo de Washington Irving que entra em uma floresta, adormece e acorda vinte anos depois, quando retorna para a cidade.

Capítulo 9

- 1 Tijolo em inglês